PREFÁCIOS E NOTAS
DE ANTÓNIO SÉRGIO
E HERNÂNI CIDADE

VOLUME X

SERMÕES (I)

LIVRARIA SÁ DA COSTA
EDITORA
LISBOA

Pe. ANTÓNIO VIEIRA

·OBRAS ESCOLHIDAS· VOL. X

SERMÕES (I)

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA
P.E ANTÓNIO VIEIRA
OBRAS
ESCOLHIDAS
PREFÁCIOS E NOTAS
DE ANTÓNIO SÉRGIO
E HERNÂNI CIDADE
VOLUME X
SERMÕES (I)
LIVRARIA SÁ DA COSTA
EDITORA
LISBOA

P.ᵉ António Vieira

OBRAS ESCOLHIDAS

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Autores portugueses — Autores estrangeiros

À venda:

- SÁ DE MIRANDA — Obras completas, *2 volumes*
- F. MANUEL DE MELO — Cartas Familiares, *selecção*
- JOÃO DE BARROS — Panegíricos
- TOMÁS A. GONZAGA — Marília de Dirceu e mais poesias
- DESCARTES — Discurso do Método, Tratado das Paixões da Alma
- DIOGO DO COUTO — O Soldado Prático
- FREI LUÍS DE SOUSA — Anais de D. João III, *2 volumes*
- HOMERO — Odisseia, *2 volumes*
- FREI ANTÓNIO DAS CHAGAS — Cartas Espirituais, *selecção*
- M.me DE SÉVIGNÉ — Cartas Escolhidas
- ANTÓNIO FERREIRA — Poemas Lusitanos, *2 volumes*
- HEITOR PINTO — Imagem da Vida Cristã, *4 volumes*
- FRANCISCO RODRIGUES LOBO — Poesias, *selecção*
- MARQUESA DE ALORNA — Poesias, *selecção*
- MARQUESA DE ALORNA — Inéditos, *selecção*
- FILINTO ELÍSIO — Poesias, *selecção*
- LA BRUYÈRE — Os Caracteres
- AFONSO DE ALBUQUERQUE — Cartas, *selecção*
- FRANCISCO XAVIER DE OLIVEIRA — Cartas, *selecção*
- GIL VICENTE — Obras Completas, *6 volumes*
- BOCAGE — Poesias, *selecção*
- AMADOR ARRAIS — Diálogos
- HOMERO — Ilíada, *3 volumes*
- JOSÉ DA CUNHA BROCHADO — Cartas, *selecção*
- DIOGO DE PAIVA DE ANDRADA — Casamento Perfeito
- FRANCISCO RODRIGUES LOBO — Corte na Aldeia
- JOÃO DE BARROS — Décadas, *selecção, 4 volumes*
- DIOGO BERNARDES — Obras Completas, *3 volumes*
- CANCIONEIRO DA AJUDA — *volume I*
- CAMÕES — Obras Completas, *5 volumes*
- FREI LUÍS DE SOUSA — Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, *3 volumes*
- DIOGO DO COUTO — Décadas, *2 volumes*
- HOMERO — Poemetos e Fragmentos
- FONTES MEDIEVAIS DA HISTÓRIA DE PORTUGAL — *volume I*
- LUÍS A. VERNEY — Verdadeiro Método de Estudar — *5 volumes*
- BERNARDIM RIBEIRO — Obras Completas, *2 volumes*
- P.e ANTÓNIO VIEIRA — Obras Escolhidas — *volumes I a X*
- JOÃO DE BARROS — Crónica do Imperador Clarimundo, *3 volumes*

A seguir:

- P.e ANTÓNIO VIEIRA — Obras Escolhidas — *volume XI*

Cada volume 25$00 — Tiragem especial de 100 ou 200 exemplares, numerados e rubricados, 90$00

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

•

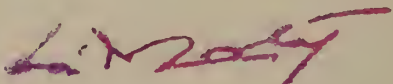
P.e António Vieira

OBRAS ESCOLHIDAS

com prefácios e notas de

António Sérgio

e **Hernâni Cidade**

•

VOLUME X

SERMÕES (I)

LIVRARIA SÁ DA COSTA — EDITORA
Rua Garrett, 100-102 LISBOA

PREFÁCIO

Vão três volumes de sermões coroar a série — Obras Escolhidas — *que do P.*e *António Vieira se inserem na* Colecção Clássicos Sá da Costa. *Iniciada por dois volumes de* Cartas, *de estilo mais familiar e menos ordenada estrutura, muitas delas mesmo escritas na fluência da conversa familiar, termina com a selecção de sermões, todos construídos e acabados com o esmero exigido pela solenidade em que cada um se integrava, como sua peça de maior efeito.*

São constituídos os três volumes: o I pelos sermões que respeitam à política e à guerra, primeiro no Brasil, onde o orador, muito jovem ainda, não tardou a aproveitar ensejo de demonstrar o seu interesse pela coisa pública, depois na Metrópole, onde foi a voz mais eloquente na grave crise da Restauração; o II pelos sermões que pregou como missionário no Brasil, onde largamente exerceu

essa actividade, e ainda em Portugal, aonde ela o trouxe em demanda de providências que lha facilitassem; finalmente, o III será formado por sermões que nos dêem o pregador de eloquência mais despreocupada dos contingentes interesses pragmáticos, ou porque sobretudo consagrada aos mais altos interesse das almas ou porque mais empenhada no objectivo de artisticamente fascinar os espíritos, pela pirotècnia das criações do engenho barroco.

O leitor desta Colecção *que tenha acompanhado, volume por volume, a série consagrada a Vieira, está mais do que suficientemente habilitado a iniciar a leitura desta primeira selecção de sermões, com pleno conhecimento do orador, clara previsão dos temas que ele irá tratar e do modo como o fará. Já sabe que Vieira é um dos homens do seu tempo, que, talhados para a acção, mais complacentemente se sentem envolvidos em suas intrigas e dramas, seus excitantes alvoroços e suas depressivas desilusões. A série de sermões que vai ler fàcilmente prevê que palpitem da vida do século, neles repercutam as grandes emoções de uma época de profunda crise política, económica e militar, e até o não surpreenderá, pois se trata de obras de Vieira, sentir aqui e ali, não em repercussão, senão em seu foco*

gerador, a sugestão ou a defesa de iniciativas que tentam a solução de mais de um problema da vida pública.

É preciso dizer que para esta como conversão da chamada cadeira da verdade *em poltrona de conselheiro de Estado ou de procurador às Cortes, não concorria apenas, com o temperamento insofrido de homem de acção, a gravíssima situação aflitiva da Pátria, que justificava todas as inquietações e intervenções. Era também estímulo poderoso o hábito do comentário político do alto do púlpito, aliás sempre muito mais perto do homem do que de Deus... A mistura, em tal lugar, do efémero e do eterno, do relativo e do absoluto, das mais altas inquietações da alma com os mais voluptuosos prazeres do espírito, adequadamente se combinava com os aspectos contemporâneos do culto religioso. Na festa do templo barroco, em sua arquitectura carregada de complicada ornamentação, era bem que o fulgor das imagens e palavras, a harmoniosa cadência das cláusulas, a subtil filigrana dos conceitos, completassem os finos prazeres sensuais de aromas do incenso, música dos motetes, brilhos de luzes, faulhando de velas, reflectidos de oiros, pratas, pedras preciosas, lhamas e brocados. Tudo isto prendia à terra,*

constituía ambiente propício a tratar de seus negócios.

Depois, era o púlpito a única tribuna com certa liberdade, em tempo em que nem instituições parlamentares, nem salas de conferências, nem tertúlias de clubes ou salões, nem ambientes excitantes de botequins podiam altear, avolumar, comunicar a público mais largo do que os interlocutores de recolhido diálogo, os comentários críticos à vida pública. Quanto se não pudesse dizer do alto da tribuna sagrada, só no pasquim clandestinamente afixado no muro ou à porta da igreja encontrava meio de momentânea, explosiva expansão.

Conta o «Mercúrio Português», dos nossos primeiros periódicos, redigido pelo Dr. António de Sousa de Macedo, que, «festejando-se na Corte, aos 21 de Agosto de 1663, os anos de S. M., pregando na Capela Real o P.e António de Sá, da Companhia, e parecendo que em algumas palavras picava o governo, como alguns pregadores costumam, *se disse que seus superiores o queriam mandar da Corte; ao que acudiu o Conde de Castelo Melhor, pedindo-lhes com toda a instância o não mandassem; e para maior segurança de que o não fizessem, lho encomendou S. M. por um decreto firma-*

do de sua real mão, afirmando que gostava muito de o ouvir e que queria que os pregadores falassem com toda a liberdade.»

É verdade que o Mercúrio, *registando a régia vontade, vai prudentemente aconselhando o orador «a que use da liberdade nos termos devidos a tão grande lugar, sem se fiar desta permissão, porque nem sempre as horas são umas, e sempre é bom ir pelo seguro»; mas não fica menos em evidência o hábito do comentário à vida pública e à actividade governativa, na tribuna em que Vieira fulgurou, na integral radiação da sua irrequieta personalidade.*

Já se pode adivinhar que o fez pelo seguro, *enquanto o próprio D. João IV lhe utilizava o talento, a cuja virtude expressiva costumava chamar a* lábia. *Mais tarde, porém, quando, pela morte do real amigo, lhe faltou o apoio da Corte, uma vez por outra, abandonando cautelas e conveniências, ateou com suas palavras malquerenças que seus próprios actos políticos provocavam. A sua expulsão do Brasil, tal como a sua prisão e condenação pelo Santo Ofício, em Portugal, tal como a própria frieza de D. Pedro, não derivaram apenas da sua acção, mais de uma vez discutida, contrariada, menoscabada, e nem sempre coroada*

de êxito que nela mostrasse a clarividência; em larga medida lhe advieram também da sua palavra sempre viva, com frequência mordente e desassombradamente flageladora e — diga-se também — uma vez por outra lisongeira até à provocação da desconfiança...

Entretanto, porém, sob a égide real, é de admitir que num ou noutro ensejo o tema do sermão lhe não surgisse no espírito, ou pelo menos se não desenvolvesse no púlpito, sem prévia combinação com o Rei ou seu consentimento. Um sermão como aquele em que procura atrair ao trono oscilante do fundador da dinastia brigantina o apoio dos que continuavam a pôr no regresso de D. Sebastião toda a esperança da salvação nacional, ao mesmo tempo que justificar perante os Portugueses impacientes não se houvesse mais cedo tentado a Restauração e explicar se mantivesse em vigor muito da legislação filipina, um sermão como este, dizíamos, referindo-nos ao Sermão dos Bons-Anos, *tem todo o aspecto de comunicação do pensamento real pelo único órgão que no tempo desempenhava a função mais tarde a cargo do fundista do jornal do governo. O mesmo dizemos daquele outro sermão, que por falta de espaço não podemos inserir, pregado a respeito de S. Roque. Nele*

preconiza a providência, tão contrária ao fanatismo anti-judaico, de utilizar dinheiro da gente de nação para defesa da economia nacional e resistência do País, na Europa, contra a Espanha, e no Ultramar, contra a Holanda (1). Nem terá outra explicação o pregado na Igreja das Chagas, quando, na véspera da reunião das Cortes, cumpria incitar o Clero, a Nobreza e o Povo a esquecer privilégios, pôr de parte isenções, superar dificuldades, para aceitar o sacrifício que a Nação em guer-

---

(1) Vale a pena, visto que o Sermão não pôde ser inserto, dele oferecer ao leitor um aspecto, ao menos, da sua substância histórica :

«Baste por único fundamento, na suposição e circunstâncias do tempo presente, que em todo o passado, Castela e Portugal juntos não puderam prevalecer, assim no mar como na terra, contra Holanda ; e como poderá agora Portugal só permanecer contra Holanda e contra Castela? Em defesa do zelo que isto duvida e teme, se deterá um pouco a nossa apologia contra os juízes portugueses (se é que verdadeiramente o são), tão confiados e bizarros que impugnam como descrédito os que supõem a necessidade e representam o remédio».

O remédio repelido era a aceitação do dinheiro judaico. A defendê-lo escreve Vieira, referindo-se em primeiro lugar a quem dele é portador — ou seja a si próprio nas alusões a S. Roque, tomado como espia ao regressar de Itália a Monpelher, sua pátria :

«Mas se S. Roque era o remédio único da sua pátria e os Franceses eram tão zelosos dela, porque o perseguem, porque o acusam, porque o condenam? Isto é zelo da pátria?! — Sim. O zelo não tem mais obrigação que de ser bem intencionado [...] os Franceses, cuida-

ra de todos exigia. Finalmente, o Sermão pelo Bom Sucesso das nossas armas, *pregado quando D. João IV havia partido para o Alentejo, a estimular a campanha amortecida, esse todo estremece num apelo suscitado pela angustiosa situação interna e externa da Pátria. Urgia levantar — pensava o Rei e pensava o seu conselheiro mais íntimo e admirado — urgia levantar, diziamos, por decisivos e retumbantes feitos militares, a* opinião, *a confiança dos Estados europeus nas possibilidades de*

---

vam [...] que em S. Roque lhes vinha o perigo e em S. Roque vinha-lhes o remédio. Quantas vezes sucede isto no Mundo?»

Pelo que respeita ao remédio, depois de defender com textos vários a sua aplicação, fala da sua eficácia. Tendo-se construído com dinheiro judaico a frota mercantil, «Aqui se viu o milagre da Providência. Apareceu a frota mercantil do Brasil defronte de Recife, a que por sua fortaleza pudéramos justamente chamar a Rochela da América, e à ostentação sòmente do número de seus vasos, sem morte de um homem, se renderam dezassete fortes reais, guarnecidos de sobeja infantaria, abastecidos de munições de boca para dois anos e de guerra para muitos, e em espaço de três dias se recuperou o que se não podia caminhar pacìficamente em muitos meses e se tinha ganhado a palmos em vinte e quatro anos. Ao princípio não creu tal milagre o Mundo ; mas estes foram os fins maravilhosos daquela única Companhia Mercantil, que, havendo mais de quarenta anos que cessou a causa por que foi instituída, é tão útil, importante e necessária, que ainda se conserva e conservará por muitos».

êxito do movimento restaurador, ao mesmo tempo que sacudir o comodismo egoísta dos optimistas apáticos, como a inacção dos que o pessimismo deprimia. E também cumpria a ele, pregador, acender a fé na vitória pela protecção de Deus à justiça da causa nacional, apesar da superioridade numérica do inimigo e das más condições do tempo invernoso. Nem falta o apelo àqueles a quem a nobreza do sangue herdado mais impunha a obrigação de o manter ilustre, pela renovação dos heroísmos ancestrais.

«Com os ossos do grande Afonso de Albuquerque dizia el-rei D. João III que tinha segura a Índia. E se estava segura a Índia com os ossos mortos de um capitão, quanto mais seguro estará Portugal com o sangue vivo de tantos! Todos os que morreram nas Conquistas de Portugal, vivem hoje no sangue dos que assistem à defesa dele». (Pág. 248).

No que respeita aos processos por que o orador seiscentista estrutura o seu discurso, também o leitor já foi lùcidamente informado pela magistral lição de Prefácio de António Sérgio ao I volume das Cartas, pág. XXIX a XLIX. Inútil acrescentar-lhe quanto não seja, além de uma ou outra rápida nota, a indica-

ção de alguns exemplos típicos em que poderá verificar a doutrina ali exposta.

É sabido, na verdade, que toda a parenética de Vieira decorre de um princípio que para os homens de Seiscentos constitui postulado de âmbito amplissimo: Deus vigia a obra da sua Criação, remediada pela obra da Redenção cumprida por seu Filho Unigénito. O texto do Velho Testamento, *de divina inspiração no essencial como nos pormenores, não é apenas uma prefiguração do* Novo Testamento, *senão que constitui também a profecia de toda a história posterior do Mundo Cristão, pelo menos nos episódios que se julguem mais ligados à realização da economia da Redenção do Homem.*

O postulado não é exclusivamente seiscentista — notemo-lo — mas acentuou-o fortemente a reacção tridentina, que informa a mentalidade peninsular do século, e favorecem-no, naturalmente, hábitos de escola, que, de costas voltadas a Descartes e às suas exigências de rigor no caminho dialéctico, aceitavam sem protesto o erguer catedrais de silogismos sobre puras metáforas, num esforçado engenho que mais consistia no encadeamento de relações que para o pensamento sério e reflectido eram inexistentes, do que na funda-

mentação da premissa maior em realidades da natureza física ou moral, na própria positividade do texto escriturário sèriamente interpretado, além de na força dos nexos lógicos de que derivasse a conclusão.

Deste providencialismo peculiar nenhum outro trecho poderíamos apresentar mais característico do que o célebre Sermão pelo bom sucesso das nossas armas contra a Holanda. *A audaciosa veemência do seu tom confere-lhe uma sinceridade de que não é lícito duvidar. Nele a invocação dos textos bíblicos tem a função de autorizar por estranhezas e queixas que contra procedimentos de Jeová ressoam no* Velho Testamento, *as estranhezas e queixas análogas do patriota português e do missionário católico, que milhares de anos depois as colhe intactas, na intensidade e no significado. A convicção de que a Deus cumpria proteger a causa católica que o seu povo defendia, longe de lha dissiparem as vitórias holandesas, antes lha exacerbam, na angústia de um apelo e na amargura de um despeito que quase diríamos de titã revoltado. Não apenas é Deus injusto na indiferença perante os trabalhos da colonização; abandona imprudentemente ao herege calvinista as conquistas dos seus missionários. Os profetas bíblicos, sacudi-*

dos por emoções análogas, fornecem ao pregador, volvidos milhares de anos, expressões de análoga irreverência, que não é muito rompa nos mesmos afectos quem se vê no mesmo estado — *diz Vieira.*

Através da mentalidade expressa neste sermão, continua intacto o conceito bíblico da divindade, que é o do pescador da Póvoa ou da Nazaré, quando apostrofa, no trágico desvario dos naufrágios, os santos que, podendo e devendo fazê-lo, *segundo sua lógica, lhes não defendem das vagas os parentes e amigos.*

«Tantos serviços vos tem feito esta gente pervertida e apóstata, que nos mandastes primeiro cá por seus aposentadores, para lhe lavrarmos as terras, para lhe edificarmos as cidades, e depois de cultivadas e enriquecidas lhas entregardes? Assim se hão-de lograr os Hereges e inimigos da Fé dos trabalhos portugueses e dos suores católicos? [...] *Eis aqui para quem trabalhamos há tantos anos! Mas pois vós, Senhor, o quereis e ordenais assim, fazei o que fordes servido. Entregai aos Holandeses o Brasil, entregai-lhes as Índias, entregai-lhes as Espanhas (que não são menos perigosas as consequências do Brasil perdido), entregai-lhes quanto temos e possuímos (como já lhes entregastes tanta parte), ponde em suas mãos o Mundo; e a nós, aos Portugueses e Espanhóis, deixai-nos, repudiai-nos desfazei-nos, acabai-nos.* [...] *mas pode ser que algum dia queirais Espanhóis e Portugueses, e que os não acheis. Holanda vos dará os apostólicos conquistadores, que levem pelo Mundo os estandartes da cruz; Holanda vos dará os pregadores evangélicos, que semeiem nas terras dos Bárbaros a doutrina católica e a reguem com o próprio sangue: Holanda defenderá a verdade de vossos Sacramentos e a*

autoridade da Igreja Romana ; Holanda edificará templos, Holanda levantará altares, Holanda consagrará sacerdotes e oferecerá o sacrifício de vosso Santíssimo Corpo ; Holanda, enfim, vos servirá e venerará tão religiosamente, como em Amsterdão, Meldeburgo e Flisinga e em todas as outras colónias daquele frio e alagado inferno se está fazendo todos os dias». (Pág. 62).

Quem assim exprime o seu despeito de filho que se crê injustamente abandonado, não se estranhará que, no decorrer do familiar desabafo, transite para atitude de amigo que deseja evitar ao amigo imprudências de que venha a arrepender-se:

«Para que é fazer agora valentias contra ele, [o coração] se o seu sentimento e o vosso as há-de pagar depois? Já que as execuções de vossa justiça custam arrependimentos à vossa bondade, vede o que fazeis antes que o façais, não vos aconteça outra». (Pág. 66).

Creio não se poder duvidar: a mentalidade do pregador mergulhou aqui profundamente na mais baixa e espessa camada do providencialismo nacional — que era ainda o dos Profetas bíblicos. Isso lhe encheu a voz de vibrações espantosas, de uma veemência que seria sacrílega, se não fora a mais impressionante explosão de amor e confiança despeitados, de patriota e crente. Mas igualmente isso constitui o objecto do frio e irónico reparo crítico: na fé católica do seiscentista português,

nenhuma influência se sente daquela revolução mental, pela qual Galileu e Newton, Descartes e Leibniz conferiam ao intelecto humano sobre a natureza um domínio que era fonte da orgulhosa emancipação viril em que alvorece a mentalidade moderna. O seu providencialismo era o da criança ao colo do pai temido e amado, muito próximo e familiar, permitindo a zanga, a caramunha, o conselho — e também o jogo...

***

E há, na verdade, muito de jogo no tratamento por Vieira dos textos sagrados. Era uma das formas da actividade mental dum século sem profundos problemas de carácter religioso, social ou moral, nos países em que se tivesse estabelecido real ou aparentemente, ou na zona mais íntima da consciência ou apenas no plano da sociabilidade dos espíritos, uma larga comunhão ideológica e sentimental. De aí deriva uma literatura e uma arte, uma ciência e uma filosofia a uma distância muito grande das que lá por fora a pouco e pouco se iam encaminhando, em total convergência, para a revolução mental que, primeiro nos domínios do pensamento e

logo nos da imaginação literária e artística, suscitam a convulsão formidável que na França havia de gerar o mundo contemporâneo.

Mas atentemos na parenética de Vieira e no que ela exprime do pensamento e dos hábitos mentais, seus e dos contemporâneos.

É lógico que em ambiente católico e do alto da cadeira evangélica os exemplos mais autorizados se peçam aos Livros Sagrados. Assim a necessidade de castigar os responsáveis dos desastres militares da Baía, encontra apoio na Bíblia, onde não faltam exemplos de severo rigor. «Como se alentará [o soldado] a padecer os trabalhos e perigos de uma campanha, se vê premiado a Jacob que ficou em casa, e sem prémio a Esaú, que correu os montes?» À desculpa de que se não hão-de matar os homens (pelo castigo que puna as covardias) «em tempo que os havemos tanto mister» (pág. 91), responde com o exemplo do dilúvio universal, castigo de que não ficaram senão os filhos de Noé para restaurar o Mundo. «Não é miserável a república onde há delitos, senão onde falta o castigo deles; que os reinos e os impérios não os arruínam os pecados por cometidos, senão por dissimulados.» (Pág. 92).

De igual modo, com o texto sagrado nas mãos, se faz a justificação da escolha do momento da revolução restauradora, da manutenção de parte da legislação filipina, da utilização do dinheiro judaico para fins cristãos: «Alcançar a Fé as vitórias e pagar a Infidelidade o soldo, ah que cristandade tão política!»

Mas não é preciso fazer o inventário de todos os exemplos, tanto mais que Vieira se não contenta de tão pouco, — e tão simples — para poder evidenciar as singularidades do seu engenho. São mais reveladores dos talentos que no tempo constituem maior motivo de orgulho, aqueles exemplos bíblicos, explicativos, justificativos ou exaltantes, que só por subtileza de engenho podem ser utilizados. Assim o de Maria Madalena, procurando a Cristo e não o encontrando, senão quando se propõe erguê-lo nos próprios braços, tal como o povo português, esperando o Encoberto *e só o achando em D. João IV, quando anàlogamente se dispôs a erguê-lo e mantê-lo com suas próprias forças. (Pág. 156).*

Mas se ainda aqui o símbolo não precisa de forçada adaptação das circunstâncias, já assim não acontece no exemplo procurado para incitar a Filipe IV de Espanha, que então nos governava, a vestir e calçar os solda-

dos do Brasil, miseràvelmente nus. Cristo — diz Vieira — «tanto que se viu com o título de rei sobre a cabeça, não só os vestidos exteriores, senão a túnica interior deu aos soldados; e não aos soldados que defendiam a Fé, senão aos soldados que crucificavam a Cristo...» (Pág. 101). E a frase: Timui eo quod nudus essem et abscondi, *eis a desenvoltura com que a parafraseia: «Escondi-me em um mato, temi a morte, não quis pelejar com os Holandeses, porque, quando olho para mim, vejo-me despido e não quero dar o sangue por quem me não dá de vestir.» (Pág. 102).*

Como se vê, quando Vieira, no Sermão da Sexagésima, *repreende os oradores contemporâneos por* torcerem *os textos e os* arrastarem *para significações que não são as suas, não estava isento de culpa: podia exemplificar o que censurava com escritos de sua lavra...*

Em todos estes passos, porém, nos de significado próprio ou forçado, se verifica o processo universal de exaltar, estimular ou repreender uma acção com exemplo a que o consenso confere singular autoridade. Há, porém, para a utilização de texto, uma outra finalidade que é novo ensejo de exercícios de engenho lúdico, à custa da gravidade da palavra que se crê divinamente inspirada. Consiste

ela na aplicação, por exemplo, a juízo de valor, a previsão de acontecimento em curso, de texto que refira caso que pareça análogo — ou de que se force a analogia.

Por exemplo: porque é que a vitória de Portugal sobre Espanha tem maior mérito do que a que sobre o mesmo país obteve a Holanda?

Nada mais claro e simples. É escusada qualquer atenção a causas sociais ou políticas, económicas ou morais. Dispensa de tais congeminações o saber-se que David pôs no Templo, a rememorar a gloriosa vitória que obtivera sobre Golias, não a funda com que de longe *o derribara, senão a espada com que o degolou* de perto.

Na Baía, depois dos sofrimentos da guerra e da ocupação holandesa, não há-de faltar a alegria da vitória, pela recuperação de Olinda, de Pernambuco. Pois não representa Olinda a bíblica Raquel, desejada por Jacob? E não a obteve este depois de sete anos de posse de Lia — a mais velha e menos bela, símbolo da cidade do Salvador, capital de Estado? (Pág. 41).

O Brasil sofre os vários males do conflito, mas um sobretudo o aflige — ser o campo onde se cevam as cobiças da Metrópole. Por-

que o aflige mais do que os outros? Pelo mesmo motivo que também a Cristo mais o afligiram os suores do Horto do que os açoutes da Coluna ou os tormentos da Cruz: foi no Horto que ele precisou da assistência de um anjo. «Suou pela saúde, pela vida e pela glorificação dos homens. E que haja de suar eu para que outros vivam! Que haja de suar eu para que outros triumfrem! [...] É um transe tão apertado que até o coração de um Homem--Deus parece que há mister que venha um anjo do Céu a o confortar, que não há forças na natureza nem cabedal para tanto.» (Pág. 109).

Console-se, porém, o Brasil, lembrando esta outra alegoria: o seu restaurador, Conde de Montalvão, começou por visitar os enfermos do Hospital, como Cristo, ainda no ventre materno, a família enferma do Baptista. E como Cristo restituiu à Humanidade, no sacramento da Eucaristia, a carne e o sangue que dela assumira (Pág. 110), assim o deverá fazer aquele que vai salvar a colónia: «Tudo o que der o Brasil, para o Brasil há-de ser; tudo o que se tirar do Brasil, com o Brasil se há-de gastar — sugere-lhe o orador.

Assim Vieira joga com os textos sagrados. Assim argumenta perante os seus ouvintes. A mera analogia constitui explicação suficiente

e dispensa a prova exigida pela razão. E a analogia forja-a o engenho, habilíssimo prestedigitador de textos, quando ela não exista.

Mas prossigamos: a analogia real ou engenhada *é, em todos estes casos, meramente* fortuita. *Mas pode ser, para o providencialismo do jesuíta,* predeterminada por Deus, *minuciosamente atento aos destinos do Homem e do Português, seu obreiro na evangelização do Mundo. Um facto histórico tal como a vitória dos Portugueses da Baía contra os Holandeses sitiantes, não apenas tem sua explicação na protecção divina: está prefigurado, circunstância por circunstância, na vitória de Jerusalém no cerco que lhe pôs Senaquerib.* Protegam urbem hanc et salvabo eam propter me et propter David, servum meum, *«antevia e descrevia pontualmente», no sentido oculto das palavras, a protecção em atenção a Santo António, de uma cidade por edificar, numa terra pro descobrir.* Antevia e descrevia pontualmente *são palavras de Vieira. O leitor recorde as páginas do* Prefácio *de A. Sérgio, já citado, e verá como tais circunstâncias são evidenciadas umas, forjadas outras pelo hábil* jongleur *de textos que é o orador seiscentista, adestrado triunfador em todas as sabatinas da*

escola, que em tal adestramento punha tanto empenho.

Mas é tudo? Não é tudo ainda. O orador aqui confrontou dois acontecimentos históricos cumpridos. Há, porém, casos em que um deles está em curso. Bastará então buscar no análogo da Bíblia o lance que falta no contemporâneo, para obter certezas quanto ao teor de desenlace. Ouçamo-lo:

«*Finalmente, os dois últimos fundamentos que temos para esperar vitória, são as acções contrárias e as nossas. Isto que agora direi parece que toca em arte de adivinhar; mas se é mágica, a Sagrada Escritura ma ensinou. Primeiramente digo que os nossos opositores hão-de ficar vencidos; porque quando vieram com o seu exército, ficaram da banda de além e não passaram o rio. Vai a prova.*

Estava Timóteo, capitão general dos Amonitas, com o seu exército da banda de aquém de um rio esperando pelo exército de Judas Macabeu, que marchava contra ele, e disse assim a seus capitães: Cum appropinquaverit Judas, et exercitus ejus ad torrentem aquæ: «*quando Judas e seu exército chegar à ribeira*», si transierit ad nos prior, non poterimus sustinere eum: «*se passar desta banda do rio, é sinal que lhe não poderemos resistir*»; si autem timuerit transire et posuerit castra extra flumen: «*porém, se ele recear passar e aquartelar o seu exército da outra parte*», transfretemus ad eos, et poterimus adversus illos: «*passemos o rio da outra banda, porque é sinal que os havemos de vencer*». *Assim o disse Timóteo e assim aconteceu; porque, passando Judas primeiro o rio, foram vencidos os Amonitas*». *(Pág. 250 e 251).*

Bom prognóstico para Vieira. O Espanhol

não passou o Guadiana: logo, ficaria vencido. Passemo-lo nós a buscá-lo a ele: será a garantia de maior vitória. Estratégia simples, como se vê. Mas P.[e] *Vieira insiste:* «como a matéria é nova, e ao parecer difícil, *quero acrescentar uma outra prova.*» *De que natureza é esta prova? De ordem militar, social, moral, política, económica? É desnecessário. Basta outro passo bíblico, outra* analogia. *Não vale a pena transcrevê-la, porque esta nos basta para medir até onde vai a confiança desta genial criança que, aconchegada no seio do seu Deus — Deus segundo seu ultrapassado conceito — ora se queixa e protesta, ora confiadamente brinca e joga, e joga ainda como as crianças, tomando muito a sério, por auto-sugestão, as peripécias do jogo.*

Não deixemos de o notar: embora predominantemente o faça, não é apenas com o texto bíblico que o pregador constrói o seu discurso. Já sabemos da sua adesão às profecias nacionais e à utopia, nelas radicada, do Quinto Império, para que possamos a priori *admitir que não faltará em sua parenética esse elemento ideológico. Na Astrologia também já notámos que tem a fé comum aos seus contempo-*

râneos, mesmo dos mais esclarecidos. Tem ela sua projecção no Sermão dos Bons-Anos, *mas aí figuradamente: Cristo é, na circuncisão,* cometa abrasado e sanguinolento, *porque sobe nele a nossa humanidade ao Céu, como na formação dos cometas (na Astronomia do tempo) ao Céu se erguem as exalações da Terra. (Pág. 156). Como pode com tal horóscopo, prometedor de calamidades, garantir Bons-Anos? — Eis uma das dificuldades que o seu engenho vai erguendo, para gozar a vaidade de contra elas triunfar, a fulgurantes golpes de engenho...*

A Mitologia, a História Universal, a Ciência, a Técnica, tudo a sua cultura põe em contribuição para a construção dos seus Sermões, e de tudo o leitor verá exemplos curiosos, todos acreditando do enciclopédico saber, que põe na sua actividade intelectual todo um largo, vivo, crepitante bulício, permanente fonte de interesse da sua oratória. Isso a compensa dos defeitos ou excessos do seu barroquismo, que António Sérgio tão perfeitamente caracterizou em termos que não é preciso repetir.

Será preciso dizer que este pensamento que tanto se compraz em transcendentes congeminações, não perde um momento de atenção à

realidade imanente? É paralelo nele o cuidado com que, na indagação das relações entre as circunstâncias do facto histórico e do episódio bíblico, miùdamente lê o texto e observa a realidade. Da realidade política dos seus sermões apontamos o que basta na nota que a cada um precede, mas muito mais o leitor neles encontrará; e não apenas a congérie dos sucessos e dos incidentes, mas os próprios juízos, apaixonados às vezes, de quem os vive com espírito e nervos, integrado como participante no drama empolgante, como se pode verificar relendo o Sermão da Visitação, *ou o* Sermão pela vitória das nossas armas. *São eles, entre outras peças políticas, tão presos ao circunstancial, que se sente que, no púlpito onde eram pregados, é único meio de o superar a fuga para o transcendente, de que o seu pensamento, como dum foco, tudo via derivar, tudo para ele refluindo. Fuga, porém, que o não impede de emitir sentenças que se fica espantado de ver formuladas num púlpito cristão:*

> *«Pois se o inimigo quando ganha dá mortes de barato, se quando consegue o intento, se quando se vê vitorioso, sabe cortar cabeças; nós, que sempre perdemos, e nem sempre por falta de poder, porque não atalharemos as novas perdas com castigo exemplar de quem for a causa?» (Pág. 91).*

Salientaremos ainda como, ao menos uma vez, a alegoria bíblica não dispensa o realismo da explicação histórica. É o que pode observar-se ainda no Sermão dos Bons-Anos, *em que o momento oportuno da revolução restauradora não se contenta da explicação pela analogia da oportunidade da circuncisão de Cristo, pois se invocam as razões históricas da escolha do dia:*

«Se Portugal se levantara enquanto Castela estava vitoriosa, ou, quando menos, enquanto estava pacífica, segundo o miserável estado em que nos tinham posto, era a empresa mui arriscada, eram os dias críticos e perigosos ; mas como a Providência Divina cuidava tão particularmente de nosso bem, por isso ordenou que se dilatasse nossa restauração tanto tempo, e que se esperasse a ocasião oportuna do ano de quarenta, em que Castela estava tão embaraçada com inimigos, tão apertada com guerras de dentro e de fora ; para que, na diversão de suas impossibilidades, se lograsse mais segura a nossa resolução. Dilatou-se o remédio, mas segurou-se o perigo. Quando os Filisteus se quiseram levantar contra Sansão, aguardaram a que Dalila lhe tivesse presas e atadas as mãos, e então deram sobre ele. Assim o fizeram os Portugueses bem advertidos. Aguardaram a que Catalunha atasse as mãos ao Sansão que os oprimia, e como o tiveram assim embaraçado e preso, então se levantaram contra ele tão oportuna como venturosamente».

Um momento de atenção a este trecho. Ele mostra-nos uma outra faceta de Vieira. Lembremos o chamado Papel Forte, *ou seja a exposição em que procura persuadir à entrega*

de Pernambuco aos Holandeses (Vid. Obras Várias (I) pág. 29 e segs.). *Que atenção ao quotidiano e ao concreto, às realidades do Mundo, neste espírito que às vezes se nos afigura de olhos exclusivamente presos nas letras da Bíblia ou nas estrelas do Céu! É que há um Vieira educado pela Escola e outro formado pela Vida — e ninguém mais apaixonadamente a vive. Este último não permite ao outro uma* evasão completa, *religiosa ou artística. Há sempre uma forte amarra que o prende a este mundo e é ainda na preocupação dos seus problemas que frequentemente rebusca textos e ergue com eles explicações, previsões da realidade que o empolga.*

Bem preso à Vida no que respeita aos seus temas e ao seu discorrer, igualmente o é quanto à forma, quero dizer, quanto às qualidades da sua prosa, às virtudes expressivas da sua linguagem e do seu estilo. A linguagem é clara como veio de água na montanha. Fluida e clara e, como convém ao discurso oral, de cláusulas de curto fôlego, nexos naturais e lógicos, mìnimamente incidentada, como tanto importa à imediata apreensão por quem ouve,

que não pode virar atrás, *para apanhar o que lhe escapou. D. Francisco Manuel de Melo poderia ter essas requintadas elegâncias de falar para* cultos. *Vieira, não. Em primeiro lugar, o seu discorrer, não obstante, do lado do termo prefigurador, normalmente estar ligado ao transcendente, era sempre, do lado do termo prefigurado, muito ajustado às realidades. Em segundo lugar, discorria para ouvintes e para efeitos imediatos. Assim a beleza da sua linguagem está na sua mesma nobre simplicidade, conciso ajustamento, precisão perfeita, natural fluência — arte que emerge da Vida.*

Os elementos ornamentais colhe-os em larga medida no texto sagrado, mas bem se pode dizer que o sertão, o mar, a oficina mais de uma vez invadem o cubículo do eclesiástico, e as imagens neles colhidas se misturam às que florescem nos Livros Santos. Quanta experiência de vida de ar livre surpreendemos nas suas cartas de missionário sertanejo, de viajante das travessias atlânticas, de homem de olhos sempre abertos para a vida e para o mundo circundantes, apesar de sempre suspenso e de tudo suspender do mundo do Além! É ver as alegorias do governador, modestíssimo quando perto de soberano de quem é como a som-

bra, e imensamente ampliado, quando se encontra distante dele:

«A sombra, quando o Sol está no Zénite, é muito pequenina, e toda se vos mete debaixo dos pés; mas quando o Sol está no Oriente ou no Ocaso, essa mesma sombra se estende tão imensamente, que mal cabe dentro dos horizontes». (Pág. 129).

E o governador que exerce a sua magistratura na terra onde nasceu e tem parentes e amigos que influem na sua acção? Que símbolo o poderia melhor representar do que o da estátua formada de plantas? Ao contrário da fundida de metal ou esculpida de pedra, aquela,

«Se o humor das raízes lhe brotar pelos olhos, não poderá ver as cousas, nem ainda olhar para elas sem paixão, que é a que troca as cores às mesmas cousas e faz que se vejam umas por outras. Se lhe tomar e ocupar os ouvidos, não ouvirá as informações com a cautela com que as deve examinar, ou ficará tão surdo que as não ouça, ainda que sejam clamores. Se lhe rebentar pela boca, mandará o que deve proibir e proibirá o que deve mandar, e as suas ordens serão desordens e as suas sentenças agravos. Finalmente, se sair e vicejar pelos braços e pelas mãos, que são as extremidades mais perigosas e onde se experimentam maiores excessos, estenderá os braços onde não chega a sua jurisdição e meterá a mão e encherá as mãos do que não deve tocar». (Pág. 134).

E aqueles outros governadores que não iam ao Brasil senão para o explorar, regressando

logo que terminado o prazo do mandato e recheados os cofres que levavam vazios, admiràvelmente o pregador os representa pela tromba marítima. Atentai:

«Aparece uma nuvem no meio daquela Baía, lança uma manga ao mar, vai sorvendo por oculto segredo da natureza grande quantidade de água, e depois que está bem cheia, depois que está bem carregada, dá-lhe o vento, e vai chover daqui a trinta, daqui a cinquenta léguas. Pois, nuvem ingrata, nuvem injusta, se na Baía tomaste essa água, se na Baía te encheste, porque não choves também na Baía? Se a tiraste de nós, porque a não despendes connosco? Se a roubaste a nossos mares, porque a não restituis a nossos campos? Tais como isto são muitas vezes os ministros que vêm ao Brasil — e é fortuna geral das partes ultramarinas. Partem de Portugal estas nuvens, passam as calmas da Linha, onde se diz que também refervem as consciências, e em chegando, verbi gratia, *a esta Baía, não fazem mais que chupar, adquirir, ajuntar, encher-se (por meios ocultos, mas sabidos), e ao cabo de três ou quatro anos, em vez de fertilizarem a nossa terra com a água que era nossa, abrem as asas ao vento, e vão chover a Lisboa, esperdiçar a Madrid». (Pág. 107-108).*

E como resistir a completar este florilégio sobre o vário modo de exercer o poder, sem a transcrição desta imagem adequadíssima?: Refere-se o orador aos nomes ilustres e pomposos, que muitos entendem deverem ser os preferidos para os altos cargos, e diz, repreendendo tal conceito:

«O mais ilustre dos elementos, o mais alto por lugar, e o mais nobre por qualidade, é o fogo, e dele se acen-

dem os raios no céu e se ateiam os incêndios na terra. O seu natural onde chega é levantar fumaças e fazer cinzas, e não é acomodado instrumento para edificar e conservar cidades o que costuma abrasar Tróias. Os outros elementos servem-nos de graça, e só o fogo à nossa custa, porque para servir há-de ter que queimar, e se não queima, não serve». (Pág. 148).

Mas não é preciso alargar a antologia. Nem, aliás, elas faltam, as antologias de Vieira, porque o escritor continua vivo e modelar. O seu barroquismo consiste na invenção dos argumentos do discurso, jàmais na expressão linguística; é conceptista, não é cultista, pois, quanto à linguagem não a há mais clara, nem mais directa, nem mais sóbria, mais de uma vez familiar, com a agilidade graciosa da fala viva. É assim com perfeita autoridade que ele censura a linguagem dos que se estretinham no púlpito «a motivar desvelos, a acreditar empenhos, a requintar finezas, a brilhar auroras, a derreter cristais, a desmaiar jasmins, a toucar primaveras, e outras mil indignidades.» O seu modelo de pregar é... o céu: Coeli enarrant gloriam Dei — diz ele, decerto tocando o seu auditório da Capela Real pelo imprevisto de uma comparação que parecia surgir com luxo barroco, mas que logo se desenvolvia como clara lição de simplicidade e naturalidade. «O estilo pode ser muito claro

e muito alto; tão claro que o entendam os que não sabem e tão alto que tenham muito que entender os que sabem. O rústico acha documentos nas estrelas para sua lavoura, o mareante para sua navegação e o matemático para as suas observações e para os seus juízos. De maneira que o rústico e o mareante, que não sabem ler nem escrever, entendem as estrelas; e o matemático, que tem lido quantos escreveram, não alcança entender quanto nelas há. Tal pode ser o sermão — estrelas que todos vêem e muito poucos as medem.»

Junte-se a esta clareza na expressão a vivacidade permanente de uma inteligência ao mesmo tempo lúcida e engenhosa; de uma imaginação dotada de todos os recursos para comover, encantar, fazer sorrir; de uma sensibilidade permeável a toda a radiação da beleza das coisas e das palavras e capaz de a captar e transmitir pelo modo mais sugestivo e aliciante; e teremos uma imagem de qual seria a sedução deste mago da palavra! Depois de tudo, faltará ainda o conjunto dos dotes físicos do orador: a sua estatura acima da média, a voz quente com seu leve ressaibo brasílico, o rosto, moreno carregado, linhas regulares e, sobretudo, aqueles olhos enormes

e pretos, porventura uma das suas heranças da avó mulata, cheios de tanta claridade, de tão funda penetração, habituados a contemplar as realidades humanas e as perspectivas divinas, tão atentos às pedras do caminho como às estrelas do Firmamento...

— Que faria se vísseis o monstro? — *dizia Ésquines, quando lia aos discípulos de Retórica os discursos de Demóstenes...*

HERNANI CIDADE

SERMÃO DE SANTO ANTÓNIO

Pregado na igreja e dia do mesmo santo, havendo os Holandeses levantado o sítio que tinham posto à Baía, assentando os seus quartéis e batarias em frente da mesma igreja (1)

Protegam urbem hanc, et salvabo eam propter me, et propter David, servum meum. — IV. Reis, XIX.

I

Este é o lugar, onde por espaço de quarenta dias e noites, como o dilúvio, sustentou a Baía, posta em armas, aquela furiosa tormenta de trovões, relâmpagos e raios marciais, com que a presumida hosti-

---

O conteúdo histórico do sermão:

Este sermão é documento essencialmente histórico, na medida em que, mais do que aos interesses transcendentes das almas, está ligado ao acontecimento político e militar que o suscita — a frustrada tentativa de reconquista da Baía pelos Holandeses.

É sabido que a Holanda, em luta com a Espanha, à data em que o sermão foi pregado — 1638 — ultrapassava Franceses e Ingleses nas tentativas de incursão

(Continua na página seguinte)

---

(1) As indicações que acompanham o título do sermão são as da ed. *Princeps*.

Trad. do tema: *Protegerei esta cidade e salvá-la-ei por mim e por David, meu servo.*

lidade do inimigo, assim como tem dominado em grande parte os membros deste vastíssimo Estado, assim se atreveu a vir combater e quis também conquistar a cabeça. E neste mesmo lugar (bendita
5 seja a bondade e providência divina!) trocados os receios em alegria, as armas em galas e a guerra em triunfo, vemos junta outra vez a mesma Baía, para render a Deus as devidas graças pela honrada e tão importante vitória, com que, desenganado o mesmo
10 inimigo, ocultou de noite a fugida, e de dia o vimos sair tão humilhado e desairoso, por onde tinha entrado tão orgulhoso e soberbo. Semelhantes sítios

---

nos nossos domínios coloniais e no corso contra o nosso comércio marítimo, e já em 1624 a poderosa Companhia das Índias Ocidentais ali organizada para levar a efeito a expansão ultramarina daquele país, tentara e conseguira a conquista da cidade do Salvador, capital da Baía e do Estado Geral. O heroísmo dos habitantes, tendo à frente o bispo da diocese, D. Marcos Teixeira, conseguira libertar a cidade, mas sem desalojar o inimigo da colónia. Estabelecido desde 1630 em Pernambuco, dali continuava a luta pela posse de todo o Brasil, e dificilmente se teria resistido, se à frente das forças holandeses de ocupação e conquista se mantivesse por largo tempo um génio político tal como o Conde de Nassau, que no Recife havia desembarcado em 1637. Tentava o grande chefe holandês submeter todos os núcleos de resistência, e para o Norte e para o Sul realizou incursões, sendo ele próprio a planear e dirigir a que teve como objectivo a conquista da capital.

A 16 de Abril fundeia na baía, ao norte da cidade do Salvador, uma esquadra de 40 velas, com perto de 5.000 homens, entre Europeus e Índios. A cidade não tinha mais para a defender que a guarnição de 1.500 homens, a que se vieram juntar os 1.000 comandados pelo espanhol Conde de Bagnuolo, rechaçado de Sergipe. Por um erro estratégico que nos foi vantajosíssimo, foi na trincheira de Santo António, a que o sermão alude, que a força

e vitórias, e outras muito menores que as semelhantes, se costumam logo estampar na Europa para se fazerem públicas de todo o Mundo. E posto que nós na América carecemos destas trombetas
5 mudas da fama, com que a mandar estampada aos olhos de Sua Majestade, que Deus guarde, e alegrar com ela a Portugal, a Espanha e a toda a Monarquia; nas palavras que propus (que são do *Livro IV dos Reis,* capítulo XIX) me parece temos uma
10 estampa tão própria desta nossa história, que em todas suas principais circunstâncias representadas ao vivo, nem faltaram aos auxílios do Céu as devi-

---

inimiga se concentrou, tornando possível a convergência naquele ponto de todas as energias de resistência, numa luta que teve seu auge a 18 de Maio. No dia seguinte de manhã, propõe Nassau uma trégua, que foi aproveitada para enterrar os mortos — 500 holandeses e 200 portugueses. Estes passaram, a seguir, à ofensiva, que deu em resultado a retirada e o embarque do inimigo, dez dias depois. «Este cheque da Baía foi o primeiro germe das desinteligências entre os directores da Companhia e o Conde» (de Nassau) — escreve Rocha Pombo, na *História do Brasil.*

O sermão celebra esta vitória, e o tecido de fantasia do pregador seiscentista, empenhado em tudo explicar com o ingénuo providencialismo do tempo, adaptando à defesa da Baía, como profecia, o que a Bíblia como história referia de Jerusalém em situação análoga, não altera nem encobre o plano da realidade histórica. É histórica a circunstância das *portas abertas* da cidade, a ineficácia e o número das balas disparadas pelo inimigo, a incorporação das forças de Bagnuolo, superiores em técnica militar, a facilidade com que a cidade foi abastecida de géneros alimentícios; históricos todos os movimentos estratégicos de sitiantes como de sitiados. Só não tem confirmação nos documentos conhecidos o episódio das cartas referido a pág. 37.

das graças, nem à cooperação e valor da Terra os merecidos louvores. O que direi ou repetirei, será, sòmente ponderado, o que todos vimos. E para que nos não falte a assistência da soberana Palas da 5 Cristandade, a quem o primeiro templo que levantou Portugal na Baía, foi com nome da Vitória, dando os vivas à mesma Senhora, digamos: *Ave Maria.*

II

Protegam urbem hanc et salvabo eam propter 10 *me et propter David servum meum:* Tomarei debaixo de minha protecção esta cidade (diz Deus) para a salvar, e esta mercê lhe farei por amor de mim e por amor de David, meu servo. Fala o texto à letra do sítio que com poderoso exército veio pôr 15 sobre Jerusalém Senaqueribe, rei dos Assírios. E posto que as mesmas palavras e a promessa delas se verificam pròpriamente em um e outro caso, não há dúvida que tem muito maior propriedade e energia no nosso: *Protegam urbem hanc et salvabo eam.* 20 Reparemos bem nesta última palavra, em que consiste a promessa e efeito da protecção divina: «Tomarei, diz Deus, debaixo de minha protecção esta cidade para a salvar.» Pudera dizer: para a conservar, para a sustentar, para a defender, para 25 lhe dar vitória de seus inimigos; e porque não diz senão *para a salvar* nomeadamente: *Et salvabo eam?*

---

4. *Palas* era, na mitologia pagã, a deusa da sabedoria. *Palas da Cristandade* é, por analogia, a Virgem Maria.

19. IV *Reis,* XIX, 34.

Porque a Baía é cidade do Salvador; e ainda que o conservá-la, defendê-la e dar-lhe vitória era efeito da mesma protecção, não era conforme o nome da cidade e do seu protector. O efeito, a obra e a acção
5 própria de Salvador, é salvar; pois por isso diz Deus que há-de salvar a cidade: *Et salvabo eam*. A Deus, além dos nomes comuns de Deus e Senhor, umas vezes o invocamos como misericordioso, outras como justo, outras como todo-poderoso, ou com algum
10 dos outros atributos e títulos de Sua Majestade e Grandeza, de que estão cheias todas as Escrituras; mas quando o havemos de invocar para que nos salve, o modo que prescreve e ensina a mesma Escritura é que digamos nomeadamente a Deus:
15 — Salvai-nos, Salvador nosso! — Assim o manda e dispõe no *I Livro do Paralipómeno: Dicite, salva nos, Deus, Salvator noster. E porquê?* — Porque o salvar é efeito próprio de Salvador, e com o nome de Salvador não só inclinamos e empenhamos, mas
20 obrigamos a Deus a que nos salve, porque não seria Salvador se não salvasse. Essa foi a impropriedade com que os discípulos ainda rudes invocaram a Cristo no perigo da tempestade, dizendo: *Magister, salva nos, perimus:* «Mestre, salvai-nos, porque
25 perecemos.» Não haviam de dizer — Mestre, senão — Salvador; porque a obrigação de Mestre é ensinar e não salvar. E se o Cristo então os salvou, não foi como Mestre, senão como Salvador: *Salva nos, Salvator noster*. Este mesmo, pois, foi o título

---

17. I *Paral.*, XVI, 35.
24. *S. Mateus*, VIII, 25; *S. Marcos*, IV, 38; *S. Lucas*, VIII, 24.

com que Cristo na ocasião presente salvou a Baía. Ela é *cidade do Salvador*, e ele salvou a sua cidade. Donde se segue que mais a salvou como sua, que como nossa; e mais a salvou para si, que para nós.
5 É admirável a este propósito o texto de David no Salmo XCVII: *Cantate Domino canticum novum, quia mirabilia fecit: salvavit sibi dextrera ejus et brachium sanctum ejus.* Assim como nas grandes vitórias se costuma celebrar o valor dos capitães e
10 soldados com letras ou cantigas novas, assim exorta David, que se componham e entoem novos cânticos ao Senhor pela admirável vitória com que o seu poderoso braço salvou para si: *Salvavit sibi.* Isto de salvar Cristo para si, é o primeiro reparo de
15 Hugo Cardeal; e o segundo, também seu, não é menos bem fundado. O primeiro funda-se no que diz o Profeta; o segundo no que não diz, porque não diz que salvou, ou a quem. Pois se diz que salvou, e que salvou para si — *Salvavit sibi* — porque não
20 diz o que salvou ou a quem salvou? — Não diz a quem salvou, responde Hugo, porque falava o Profeta de vitória futura; e do sucesso da mesma vitória se havia de entender de quem falava: *Non dixit quid salvavit, sed intelligendum reliquit.* Suposto,
25 pois, que do sucesso e da vitória havemos nós de entender o que Cristo salvou por meio dela, eu entendo e digo que o que salvou foi a Baía. E do

---

6-8. Trad.: *Cantai ao Senhor um cântico novo, pois fez coisas admiráveis; a sua dextra e braço salvaram para si.*

15. Exegeta francês, aut. de *Concordâncias*. Viveu na primeira metade do século XIII.

mesmo texto que excitou a primeira questão, provo a resposta desta segunda.

O texto diz que salvou Cristo para si, *Salvavit sibi;* logo se salvou para si, sinal é que o que salvou,
5 era cousa sua. E como a Baía é *cidade do Salvador*, bem se segue que, *salvando-a, salvou* para si, porque *salvou a sua cidade*. O mesmo Hugo tão claramente como se eu lhe ditara as palavras: *Benedixit sibi, quia ad ipsum, non ad alium pertinebat sal-*
10 *vatio.* Muito bem e muito pròpriamente disse, que salvou para si; porque a ele e não a outrem pertencia salvar o que era seu. A cidade era do Salvador, e ao Salvador pertencia salvar a sua cidade. É verdade que também nós fomos salvos nela, pelo que deve-
15 mos infinitas graças ao mesmo Salvador; mas ele, como dizia, não nos salvou a nós tanto por amor de nós, quanto por amor de si. Não é consideração minha, senão cláusula expressa do mesmo Senhor no nosso tema: *Protegam urbem hanc* — notai
20 agora — *et salvabo eam propter me:* «Tomarei debaixo de minha protecção esta cidade, para a salvar por amor de mim». De maneira que não só diz que há-de salvar a cidade, mas expressa e nomeadamente, que a há-de salvar por amor de si. Nós salvos
25 por amor da cidade, porque somos membros da cidade; mas a cidade salva pelo Salvador, porque é sua, e por amor de si: *Propter me.*

III

Ainda nos resta por declarar a última cláusula do tema, tão breve como a passada, mas não menos admirável, nem menos própria do nosso caso: *Et salvabo eam propter me et propter David servum*

meum: «Salvarei esta cidade, diz o Salvador, por amor de mim e por amor de David, meu servo». Que bom Senhor é Deus! Buscai lá outro que, sendo toda a vitória sua, queira partir a glória dela entre si e um servo! Mas por que razão, tendo Deus tantos outros servos, e tão grandes, assim passados como presentes, esta parte de glória a atribui só a David: *Et propter David servum meum?* No caso do sítio de Jerusalém a razão é manifesta: porque na mesma cidade de Jerusalém havia um monte, o mais forte e inexpugnável de todos, que era o monte Sião, o qual se chamava *civitas David,* cidade de David: e assim como Deus salvou a Jerusalém por amor de si, pelo que tinha de cidade sua, assim a salvou também por amor de David, pelo que tinha de cidade de David: *Propter me et propter David, servum meum.* Passemos agora de Jerusalém à Baía.

O monte Sião da Baía não há dúvida que é este monte em que estamos, posto que ao princípio tão mal fortificado, depois tão forte e inexpugnável, como as batarias e assaltos do inimigo, tanto à sua custa experimentaram. E que o David desta Sião seja Santo António, que nele assentou o solar da sua casa, fàcilmente se pode demonstrar até aos mesmos olhos; porque se do saial lhe fizermos a samarra, da corda a funda, da voz, formidável ao demónio, a harpa, de ser o menor da família de seu pai — a família dos menores — e de ter sempre a Deus junto ao peito, ser aquele de quem disse o

---

27. O patriarca da ordem franciscana, S. Francisco de Assis, a si próprio por humildade se chamava o *menor,* de onde a designação de *menores* dada aos seus religiosos.

mesmo Senhor, que tinha achado um homem conforme ao seu coração, com pouca diferença de cores veremos naquele altar, ou de Santo António formado um David, ou David transformado em Santo António. Deste segundo David, pois, disse Deus no nosso caso: *Protegam urbem hanc et salvabo eam propter me et propter David, servum meum.* E se perguntardes de que modo se repartiu a vitória da Baía entre o Senhor e o servo, entre o Salvador e Santo António, digo que na mesma Baía temos a razão da semelhança, e tão semelhante, que não pode ser mais natural nem mais própria.

A cidade da Baía é cidade do Salvador e Baía de Todos-os-Santos; e assim como, em quanto cidade do Salvador, pertence a defesa da cidade ao Salvador, assim em quanto Baía de Todos-os-Santos, pertencia a defesa da Baía a Santo António. E porquê? Mais admirável é ainda o porquê, que a mesma resposta. Porque sendo a Baía de Todos-os-Santos, a todos os santos pertencia a defesa dela. Logo, se a todos os santos pertencia a defesa da Baía, por isso a defendeu Santo António, porque Santo António, sendo um só, é todos os santos. Ora vede:

Todos os santos do Céu se dividem em seis jerarquias: patriarcas, profetas, apóstolos, mártires, confessores, virgens, e em todas estas jerarquias tem eminente lugar Santo António. Primeiramente é patriarca, sendo filho de S. Francisco, porque muitos dos filhos do mesmo Santo o tomaram a ele por pai, e se chamam religiosos de Santo António, quais são os de toda esta província. Assim se chamaram filhos de Israel os descendentes de Abraão, tomando o nome e reconhecendo por seu imediato patriarca

a Jacob, não só filho, mas neto do primeiro e universal Pai de todos. Foi Santo António profeta, como consta de tantas cousas futuras que anteviu e predisse, não só pertencentes a esta vida, senão
5 também à eterna, revelando-lhe Deus até os segredos ocultíssimos da predestinação das almas. Nem se confirma pouco a verdade deste espírito profético, com a necessária suposição de Deus o haver arrancado da terra onde nascera, porque *nemo pro-*
10 *pheta in patria sua.* Foi apóstolo, e apóstolo de duas províncias tão dilatadas como Itália e França, não só pregando nelas, depois de cristãs, a fé do Evangelho, e confirmando-a com infinitos e portentosos milagres, mas confutando e convencendo os
15 erros, alumiando a cegueira e quebrantando o orgulho, a dureza e contumácia os hereges, por onde foi chamado Martelo das Heresias: *Perpetuus hæreticorum malleus.* Foi mártir, porque foi buscar o martírio a África, e, posto que não derramou o san-
20 gue, tão mártir foi como se o derramara, porque se Deus disse a Abraão que não perdoara a vida a seu filho pela vontade e deliberação que tivera de o sacrificar: *Non pepercisti unigenito filio tuo propter me,* não menos suspendeu Deus o braço e
25 espada de Abraão, para que não executasse o golpe, do que teve mão nos alfanges e cimitarras dos Turcos, para que na garganta e peito aberto de António não empregassem a sua fúria. Que fosse confessor, não há mister prova. Mas a de ser per-
30 pètuamente virgem, é tão milagrosa e sem igual,

10. *S. Lucas,* IV, 24.
24. *Génesis,* XXII, 12.

que sendo necessários a S. Bento os espinhos e a S. Francisco os lagos enregelados para se livrarem das tentações próprias, a túnica que vestia António, só por tocar ou ser tocada na carne virginal daquele
5 corpo mais que angélico, bastava para que dela fugissem todas as tentações contrárias à pureza, e aos pecadores, mais forte e obstinadamente tentados, não só apagasse o fogo infernal, mas gerasse perpétua castidade. E como Santo António em todas
10 as jerarquias dos Santos, com os Patriarcas é patriarca, com os Profetas profeta, com os Apóstolos apóstolo, com os Mártires mártir, com os Confessores confessor e com as Virgens virgem; pertencendo a todos os santos a defesa da Baía de Todos-
15 -os-Santos, e tendo Deus prometido que a glória desta vitoriosa protecção não a havia de repartir com todos seus servos, nem com muitos, senão com um só: *Propter me et propter David, servum meum,* este um não podia ser outro senão Santo António,
20 aquele Santo universal que, sendo um só na pessoa, nos graus e jerarquias da santidade era todos os santos.

Quando Barac, capitão do povo de Deus, alcançou aquela famosa vitória contra Sisara, general dos
25 exércitos de el-rei Jabin, diz o texto sagrado, que «as estrelas do céu, conservando-se todas na sua ordem, pelejaram contra Sisara»: *Stellæ manentes in ordine et cursu suo adversus Sisaram pugnaverunt.* E do mesmo modo concedo eu e confesso, que to-
30 dos os santos do Céu, sem se moverem do lugar, nem da ordem, cada um da sua jerarquia podiam

---

28. *Juízes,* V, 20.

defender a nossa cidade e acudir à protecção em que ela os tinha empenhado com o nome de Baía de Todos-os-Santos. Assim o suponho com o real Profeta, o qual parece que não só tinha profetizado,
5 senão pintado a nossa vitória.

Fala David de todos os santos do Céu dentro no mesmo Céu e diz que «na boca tinham os louvores de Deus e nas mãos as espadas desembainhadas, para com elas se vingarem de seus inimigos, e ren-
10 didos e manietados os meterem debaixo dos pés»: *Exaltationis Dei in gutture eorum, et gladii ancipites in manibus eorum; ad faciendam vindictam in nationibus, increpationes in populis; ad alligandos reges eorum in compedibus et nobiles eorum in ma-*
15 *nicis ferreis.* Que os santos do Céu se empreguem todos em louvores de Deus, essa é a ditosa ocupação daquela Pátria bem-aventurada; mas que juntamente estejam com as espadas desembainhadas nas mãos para pelejarem e vencerem seus inimigos!
20 Que espadas são ou podem ser estas? — São, no caso presente, as mesmas com que os nossos soldados pelejaram e venceram. A espada com que Gedeão pelejou e venceu, chamava-se *Gladius Domini et Gedeonis:* «Espada de Deus e de Gedeão».
25 E porquê? — Porque no mesmo tempo era manejada por duas mãos: visìvelmente pela mão de Gedeão, e invisìvelmente pela mão de Deus. Do mesmo modo no nosso caso: As armas com que

---

5. É este um dos processos da oratória de Vieira e seus contemporâneos — a adaptação mais ou menos hábil do texto bíblico ao objecto do sermão, como se só para tal objecto o texto tivesse sido escrito.

15. *Salmo* CXLIX, 6, 7 e 8.

23. *Juízes,* VII, 20.

vencemos o inimigo, visìvelmente eram manejadas pelas mãos dos nossos soldados na terra, e invisìvelmente pelas mãos de todos os santos no Céu: *Et gladii ancipites in manibus eorum.* E porque es-
5 tas mãos invisíveis de todos os santos eram as que principalmente nos deram a vitória, por isso conclui excelentemente o Profeta, que «a glória da mesma vitória é de todos os santos»: *Gloria hæc est omnibus Sanctis ejus.*

10 Bem suponho eu logo, e devemos supor todos, que todos os santos do Céu por si mesmos podiam defender a nossa ou a sua Baía de Todos-os-Santos. Mas como Deus tinha demitido de si e dedicado a parte desta protecção e desta glória a um só Santo
15 — *et propter David, servum meum* — nenhum outro podia ser, como foi, senão Santo António, pela eminência com que este Santo contém em si as jerarquias e dignidades de todos. E se na universalidade do texto de David seria grande glória de
20 todos os santos, se todos concorressem por si mesmos para a defesa e vitória da Baía de Todos-os-Santos, maior glória foi na singularidade do nosso, que a mesma Baía de Todos-os-Santos a defendesse um só Santo; mas um Santo, que sendo um só, é
25 todos os santos: *Gloria hæc est omnibus Sanctis ejus.*

IV

Temos visto em comum a defesa e vitória da nossa cidade da Baía repartida entre o Salvador e Santo António: entre o Salvador, como cidade do
30 Salvador, e entre Santo António, como Baía de

9, *Salmo* CXLIX, 9.

Todos-os-Santos. Desçamos agora ao particular e alarguemos os ouvidos, com que ouçam com certeza e segurança, o que os olhos testemunharam não sem dúvida e receio. O texto do nosso tema tras-
5 ladado ao cap. XIX do IV *Livro dos Reis,* foi tirado do cap. XXXVII de Isaías, o qual como historiador escreveu o sucesso do sítio de Jerusalém, e como profeta pintou nele o da Baía. E para que não faltasse também ao ofício de comentador
10 e intérprete, no cap. XXVI, cantando a vitória da cidade que tem nome Salvador, diz que, para sua segurança e fortaleza, se porá nela o muro e o antemural: *Urbs fortitudinis nostræ Salvator, ponetur in ea murus et antemurale.* Em frase da milícia
15 antiga, o muro significava a fortificação mais estreita e do recinto da cidade, e o antemural as que hoje se chamam fortificações ou obras exteriores, que a defendem no largo. Assim que pròpriamente no nosso caso, o muro da cidade da Baía foi o
20 Salvador, e o antemural, Santo António. Ouçamos agora com esta mesma divisão, quão seguramente nos defendeu dos inimigos o muro, e quão fortemente os resistiu e rebateu o antemural.

Em três cousas consistiu a segurança que Deus
25 prometeu a Jerusalém na invasão do exército inimigo. Primeira, que ele «não entraria na cidade»: *Non ingredietur urbem hanc;* segunda, que não lançaria dentro nela as suas setas: *Nec mittet in*

---

23. Na sintaxe do tempo, *resistir* pode ser, como *obedecer* e outros, verbo transitivo, construindo-se com complemento directo sem precedência de preposição.

27. IV *Reis,* XIX, 32.

eam sagittam; terceira, que a não poria de cerco: *Nec circumdabit eam munitio;* e tudo se cumpriu com maravilhosas circunstâncias no nosso caso. Primeiramente não entrou o inimigo na nossa ci-
5 dade, antes esteve tão longe de entrar, e nós tão seguros de que ele entrasse, que em todos os quarenta dias do combate, assim de dia como de noite, sempre estivemos com as portas abertas. Nisto mostrou bem a cidade do Salvador, que o seu sal-
10 vador e defensor era Deus, porque só Deus pode impedir e cerrar as entradas com portas abertas. Uma das cousas notáveis que lemos no livro de Job, é que Deus «cerrou as portas ao mar», para que não entrasse pela terra: *Quis conclusit ostiis mare.*
15 E acrescenta o mesmo Deus, que essas portas do mar as tem «muito bem ferrolhadas e muito bem trancadas»: *Circumdedi illud terminis meis, et posui vectem et ostia.*

Agora pergunto: — O mar não está aberto por
20 todas as partes? Entre o mar e a terra há alguma cousa que lhe impida o entrar e passar adiante? — Todos vemos que não. — Que portas são logo estas, e que ferrolhos com que estão tão cerradas e tão seguras? — O mesmo Deus o diz: *Et dixi; usque*
25 *huc venies, et non procedes amplius:* «Eu disse ao mar: até aqui chegarás e não passarás de aqui; e

---

2. *Ibid.*
14. *Job,* XXXVIII, 8.
18, *Ibid.*, 10
21. É a forma regular do conj. Hoje dizemos *impeça* por analogia do verbo *impedir* com o verbo *pedir,* apesar de étimo diferente.
25. *Ibid.,* 11.

esta minha palavra são as portas sem portas, com que, estando aberto o mar em todas as praias do Mundo, o tenho tão fechado e ferrolhado a ele, e a terra tão segura, que por mais bravo que a ameace,
5 não pode dar um passo adiante: *Non procedes amplius.*»

Sabeis, senhores, quem deu tanta segurança à nossa cidade, que combatida do inimigo sempre estivesse com as portas abertas de dia e de noite?
10 Foi ùnicamente aquela poderosa palavra do Salvador, posto que a nós oculta: *Non ingreditur urbem hanc:* Não há-de entrar nesta cidade; e com este seguro da divina protecção estavam as nossas portas abertas, tão forte e tão inexpugnàvelmente cer-
15 radas, que não houve antigamente aríetes, nem há modernamente petardos ou outros instrumentos e máquinas bélicas, que pudessem abrir na sua mesma abertura a menor brecha.

A segunda promessa de Deus foi: *Nec mittet in*
20 *eam sagittam:* que o inimigo «não lançaria dentro na cidade as suas setas». Este género de guerra tem muito mais dificultoso reparo; porque voando as setas por cima dos muros, caem pela parte do céu sobre os que estão dentro. No mesmo livro de Job,
25 pouco antes alegado, faz menção a Escritura Sagrada de guerra chovida: *Pluat super illum bellum suum.* E que guerra chovida é esta? — É aquela cujos tiros vêm pela parte do céu. Destes tiros disse David: *Pluet super peccatores laqueos;* e tais foram
30 os tiros e as balas que choveram sobre a nossa cidade, depois que o inimigo assentou as suas bata-

27. *Job,* XX, 23.
29. *Salmo* X, 7.

rias. As balas que se atiravam às nossas trincheiras por linha tendente e a ponto fixo, ordinàriamente ficavam enterradas nas mesmas trincheiras; mas as que se lançavam contra a cidade, como iam por elevação, voavam por cima dos muros e caíam como chuva do céu, sem nenhum reparo humano, mas com milagrosos efeitos da protecção divina: *Qui habitat in adjutorio Altissimi, in protectione Dei cœli commorabitur:* «Aqueles, diz David, a quem defende o Altíssimo, morarão seguros debaixo da protecção do Deus do Céu.»

Notai a palavra *commorabitur*, que significa morar juntos e fala particularmente dos moradores da cidade. Mas porque chama nesta ocasião o Profeta a Deus o Altíssimo e o Deus do Céu? — Porque ainda que as balas podiam passar por cima dos muros altos, não podiam avançar até o Altíssimo que os defendia: *Qui habitat in adjutorio Altissimi;* e ainda que caíam ou choviam pela parte do céu, não podiam ofender aos que estavam debaixo da protecção do Deus do Céu: *In protectione Dei cœli commorabitur.*

Assim foi. Os tiros da artilharia inimiga que se contaram, foram mais de mil e seiscentos, e chovendo a maior parte deles sobre a cidade, que faziam? — Uns caíam saltando e rodavam furiosamente pelas ruas e praças; outros rompiam as paredes; outros destroncavam os telhados, despedindo outras tantas balas, quantas eram as pedras e as telhas; e foi cousa verdadeiramente milagrosa, que a nenhuma pessoa matassem, nem ferissem, nem

---

9. *Ibid.*, XC, 1.

ainda tocassem dentro da cidade, sendo que chegaram a levar ou despir a algumas ainda as roupas mais interiores, mas sem nódoa, nem sinal nos corpos. E para maior excesso da maravilha, quando
5 as balas que choviam por elevação na cidade, nenhum dano fizeram nos moradores, é certo que as nossas colubrinas, que também jogavam por elevação desde as portas da Sé, caindo no vale onde o inimigo tinha assentado o seu arraial, mataram
10 muitos dos hereges.

Não deixarei de continuar aqui o texto que referi de David, em que já fala nos tiros que chovem do Céu, e declarando-os como se descrevem os da pólvora, diz que é «uma tempestade de fogo e enxofre
15 dada a beber em um corpo»: *Ignis et sulphur et spiritus procellarum pars calicis eorum*. Note-se muito o *calicis eorum*. Estes eram os brindes que o Flamengo fazia à cidade; mas ela lhe respondia muito à portuguesa, porque, recebendo tão pouco
20 dano da chuva das suas balas, como se fosse de água, a nossa o executava neles tão verdadeiro como de fogo e ferro. Eles brindavam à nossa saúde e nós à sua morte.

A terceira cláusula da promessa divina, foi que
25 o inimigo não poria de cerco a cidade: *Nec circumdabit eam munitio;* e assim o vimos cumprido. Se o inimigo queria render a cidade por assédio, porque a não cingiu e cerrou por fora com as linhas de circunvalação? Porque ao menos não intentou
30 fortificar-se nas três eminências que a dominam, mas se reduziu todo a um quartel?

---

16. *Ibid*, X, 7.

Aqui se vê a providência e previdência do nosso divino defensor e como começou a defender e segurar a Baía dentro em Pernambuco. O primeiro lugar em que o inimigo se perdeu, foi a cidade que ele
5 chamou Maurícia, e a primeira acção foi o seu próprio conselho. Pode haver maior erro militar, que impossibilitar primeiro a vitória e depois empreender a guerra? Pois isto é o que fez o general holandês, mais como obediente às disposições do nosso
10 soberano defensor, que como capitão nem soldado. Determina conquistar a Baía, e resolve de arrancar primeiro de Serigipe de El-Rei as relíquias do exército pernambucano que ali estavam alojadas, e constavam de mil e duzentos soldados, endurecidos
15 em tantos trabalhos e campanhas, que eram os ossos da guerra, e por seu valor e experiência merecedores de ser venerados como relíquias. Se Deus não cerrara os olhos a este conselho, veriam os menos cegos no seu mesmo leão bélgico, com as sete setas
20 juntas todas em uma mão, quão poderosas são as forças unidas para resistir. E se as suas mesmas províncias para resistir ao mais poderoso monarca, tomaram o nome de Províncias Unidas, também as nossas milícias, unidas, resistiriam mais fàcilmente
25 à sua, se deixasse em paz a umas e pelejasse com as outras separadas e divididas. Mas não é cousa nova em Deus, quando quer desbaratar os efeitos, corromper os conselhos. Arrancado pois de Serigipe

---

12. Hoje Sergipe cidade brasileira do Estado do mesmo nome.

19. Antes de 1830, em que foi formado o reino da Bélgica, as províncias que o constituem faziam parte da Holanda, a cuja bandeira Vieira se refere.

aquele famoso troço de soldados e cabos, a quem a fortuna adversa na sua roda tinha lavrado como fortíssimos diamantes, e encorporados com os do nosso presídio menos exercitados, mas não menos valerosos, alentada com esta segunda e nova alma a Baía, logo ficou mais certa da vitória que receosa da guerra. Tal foi o estado em que o inimigo achou a nossa cidade, e por isso, conforme a promessa divina, se não atreveu a lhe pôr cerco: *Nec circumdabit eam munitio;* mas ensinado no seu próprio erro, reconhecendo o risco a que se expunha se dividisse as forças, tratou de as conservar unidas.

Mas como poderá a nossa cidade dar as devidas graças a seu Salvador pela abundância com que a sustentou e conservou neste meio cerco, o que não pudera ser, se fosse cerrado? David como tão cortado dos trabalhos e apertos da guerra, o que pedia a Deus e exortava a todos lhe pedissem, é que «desse paz à cidade de Jerusalém, para que nela e suas fortalezas houvesse abundância do necessário»: *Rogate quæ ad pacem sunt Jerusalem, et abundantia diligentibus te; fiat pax in virtute tua et abundantia in turribus tuis*. E a razão destas instâncias tão repetidas de paz e mais paz, era pela experiência do que padeceram na guerra, sitiadas dos inimigos a mesma Jerusalém e outras cidades de Israel, em que chegaram os homens a se sustentar dos couros das arcas e das solas dos sapatos, e de outras cousas que não têm nome, ainda mais indecentes, obrigando a fúria da fome até as mesmas mães a que comessem seus próprios filhos. E nós estivemos tão

---

23. *Ibid.*, CXXI, 6,7.

fora de pedir a Deus paz, para que nos não faltasse a abundância do sustento, que em todo o tempo da guerra não só se sustentaram os que nos sustentavam de carne sempre fresca, nem só abundava a cidade de todos os bastimentos naturais da terra, ainda os mais hortenses e verdes, mas sem figura alguma de encarecimento, posto que sobre todas as da admiração, um só termo me ocorre de se poder declarar a verdade da abundância que lográmos. E qual é? — É dizendo que quanto se acha em Lisboa, desde S. Paulo até a Confeitaria e Ribeira, assim do Reino, como de fora dele, tudo se via aberto e exposto em cada uma das vendas da Baía, sendo tantas, e sem a guerra lhe alterar os preços. Não só tão abundante e superabundantemente proveu o Salvador a sua cidade, mas com tantas prevenções de mimo e regalo, que quando Holanda lhe fazia a guerra, toda Europa a servisse à mesa.

V

Até aqui temos visto a parte da vitória e defesa da cidade que tocou ao Senhor *(propter me)*, que foi o muro. Agora veremos a que tocou ao servo *(et propter servum meum)*, que foi o antemural. Nesta passagem porém do muro ao antemural, a mesma que dos muros a dentro parecia paz, deles afora mudou tanto de semblante e trajo, que a catadura, como verdadeiramente de guerra, era cheia de fereza e de horror, e as roupas, não inteiras, mas rasgadas, tintas todas em sangue. O nosso texto só refere ou promete em suma o sucesso, e diz que o inimigo, desenganado da empresa, «tornará por onde

veio»: *Per viam, qua venit, revertetur*. Isto é o que nós agora mais sossegadamente havemos de ver. E não só veremos o visto, senão também o invisível, porque se verá manifestamente a fortíssima resistência do nosso antemural, e quão a ponto pelejou sempre por nós e connosco o nosso defensor — Santo António.

Eram as horas do meio-dia, quando o inimigo com todo seu poder apareceu em marcha no monte fronteiro a este, não havendo nele outra prevenção de defensa mais que os vestígios de uma trincheira rota; e quando se presumia que, passando adiante, naquele mesmo dia se sentenciasse o pleito em uma bem confusa batalha (porque ainda não estava posta em ordem a confusão), sùbitamente vimos que as bandeiras, que vinham tendidas, nem se avançavam, nem faziam alto, mas voltando o passo no mesmo lugar desciam e se escondiam para o vale, onde assentaram o seu arraial.

Agora pergunto: — Porque não continuou a marcha o inimigo? Se depois que teve as forças mais cansadas e diminuídas nos acometeu com tanta resolução, agora que as traz frescas e inteiras, porque nos não acomete? Se depois que estivemos fortificados, investiu denodadamente as nossas trincheiras e as pretendeu levar à escala e render-nos dentro nelas, agora que nos acha descobertos e sem defensa, porque em vez de avançar se retira?

Antes de responder a esta pergunta, quero fazer outra, não minha, senão de David. Quando os filhos de Israel chegaram às ribeiras do Jordão, o rio,

1. IV *Reis*, XIX, 33.

que levava sua costumada corrente, não só parou, mas voltou atrás. Admiraram-se todos de tão desusado prodígio; e David, que quis examinar a causa, perguntou ao mesmo rio: — *Quid est tibi, mare,*
5 *quod fugisti, et tu, Jordanis, quia conversus es retrorsum?*. Que a parte inferior do rio corra ao mar, isto é natureza; mas que a superior, que se vem precipitando com todo o peso das águas, pare e torne atrás?! Se pára, quem a teve mão? E se
10 torna atrás, quem lhe tirou pelas rédeas? O mesmo Profeta responde: — *A facie Domini mota est terra, a facie Dei Jacob*. Na vanguarda do exército dos Israelitas marchava a Arca do Testamento, e tanto que o rio deu de rosto com a Arca do Deus de
15 Jacob, esta súbita vista lhe infundiu tal respeito e tal temor, que não só parou a corrente, mas voltou atrás: *Jordanis conversus es retrorsum*.

Tem respondido David à sua pergunta, e também à minha. Santo António, por autoridade e canoni-
20 zação do supremo oráculo da Igreja, é a Arca do Testamento. Assim lhe chamou o Sumo Pontífice, reconhecendo pela voz de sua mais que humana eloquência os profundíssimos mistérios da divindade que naquela grande alma estavam encerrados:
25 *Tantamque sui admirationem commovit, ut eum Summus Pontifex aliquando concionantem audiens, Arcam Testamenti appellarit*. Pois assim como o ímpeto do Jordão, tanto que avistou a Arca do Testamento, parou e tornou atrás com a sua corrente,

---

4-6. Trad.: *Que se passou contigo, mar, que fugiste? e tu, Jordão, porque voltaste atrás? Salmo*, CXIII, 5.
12. *Ibid.*, 7.

assim o orgulho do exército inimigo, tanto que do monte oposto descobriu o de Santo António, não só foi obrigado desta vista a fazer alto, mas a voltar a marcha que trazia. É verdade que ele não conheceu, nem podia conhecer a força oculta que o detinha; mas também o Jordão a não conheceu, nem podia conhecer, e contudo é certo que ela o deteve.

Mais fez na tarde deste meio dia Santo António. E tais foram as horas que ela durou, e chegariam até a última fatalidade, se não houvera mão oculta que invisìvelmente a impedisse. Defendiam a marinha nas raízes do monte oposto o Forte do Rosário e o Reduto da Água dos Meninos; mas dominados do sítio superior que pela parte da terra tinha ocupado o inimigo, como incapazes de toda a defensa, rebentada a artilharia que foi possível, lhe ficaram logo sujeitos. Cortados do mesmo modo os dois fortes de Monserrate e S. Bartolomeu, com igual pressa se renderam, sem preceder ao menos a cerimónia militar da resistência, que ainda nas praças condenadas pede a cortesia da guerra. E quem não cuidaria à vista deste desamparo, que o açoute do Brasil, que tínhamos à vista, era meneado pelo braço da divina justiça, a qual nestes primeiros golpes descarregados sobre as costas da Baía, sem movimento seu, mais que os da dor, lhe ameaçava a total e breve ruína?

Mas não era menos digno de admiração, que no mesmo tempo em que as praças fortes artilhadas e presidiadas espontâneamente se entregavam, só a trincheirinha de Santo António, arruinada, aberta e quase rasa com a terra, mostrasse espíritos de resistência! Pusemos em uma das suas aberturas uma única peça assentada sobre a terra nua e desi-

gual, sem esplanada ou outro pavimento fixo em que pudesse correr; e, posto que ao disparar se enterravam as rodas, com este só tiro, que podia parecer reclamo aos contrários, para que a man-
5 dassem render, não só se mostrou o nosso defensor forte contra eles, senão também contra Deus.

São termos de que usou o mesmo Deus, dizendo a Jacob: *Si contra Deum fortis fuisti, quanto magis contra homines prævalebis?* «Se foste forte contra
10 Deus, quanto mais fàcilmente prevalecerás contra os homens!» Na facilidade com que as outras fortalezas se entregaram ao inimigo, mostrou Deus quão fàcilmente lhe podia também entregar as demais, e castigar toda a Baía; na resolução com que a
15 trincheirinha arruinada de Santo António se opôs tão fortemente à resistência, nos assegurou que só o mesmo Santo era poderoso para ter mão no braço de sua justiça, para nos não castigar.

Em uma e outra cousa falo pela boca da Escri-
20 tura. Marchava Saul com um exército de dez mil homens em demanda de David; retirou-se acaso a uma cova e quis a fortuna que nela estava escondido o mesmo David, que tão capaz era. — Eia, David, lhe dizem os companheiros: *Ecce dies de*
25 *qua locutus est Dominus ad te: Ego tradam tibi inimicum tuum:* «Este é o dia em que Deus tem prometido de vos entregar nas mãos o vosso inimigo, para que vos vingueis dos agravos que vos tem feito».
30 Levanta-se David, e que vos parece que faria? — *Præcidit oram chlamydis Saul.* Contentou-se

---

9. *Génesis*, XXXII, 28.
26. I *Reis*, XXIV, 5.
31. *Ibid.*

sòmente com cortar uma nesga da capa de Saul. E para quê? — Para naquele retalho cortado tanto a seu salvo lhe mostrar quão fàcilmente lhe pudera tirar a vida e acabar com ele de uma vez.

5 Porque se entregaram, Senhores, essas outras fortalezas? — Porque se viram cortadas do inimigo. E contentou-se Deus de cortar à Baía essa nesga de terra (que em forma triangular pròpriamente é nesga) para que entendêssemos que, assim como 10 entregou uma parte ao Holandês, sem lhe custar duas onças de pólvora, com a mesma facilidade lhe pudera entregar tudo. Mas se o não executou assim Deus, foi porque Santo António, que nas ruínas da sua trincheira resistia visìvelmente, de si para com 15 o mesmo Deus lhe fez tão forte e poderosa resistência, que lhe teve mão no braço, para que nos não castigasse, como ameaçava e podia, antes em lugar do castigo nos desse a vitória.

Vai a outra Escritura: Quis Deus não castigar, 20 mas destruir cabalmente o povo que se chamava seu; e como por parte do mesmo povo se opusesse Moisés a esta resolução, refere o caso o real Profeta, e são estas as suas palavras: *Dixit ut disperderet eos, si non Moyses electus ejus stetisset in confra-* 25 *ctione, id est, in ruptura muri.* «Decretou Deus e disse que os havia de destruir e acabar a todos; e assim havia de ser, sem dúvida, se Moisés, seu grande valido, lhe não resistisse»; e onde? — *In confractione, in ruptura muri:* «nas ruínas do muro 30 desbaratado e roto».

---

25. *Salmo*, CV, 23.

Pode haver propriedade mais própria? Pois ainda foi mais própria no nosso caso que no de Moisés. Porque no de Moisés é metáfora, e no nosso foi pura e mera realidade. Bem vimos os vestígios da
5 pobre trincheira velha, aberta, desfeita, arruinada, rota. Mas como era de Santo António, dali resistiu o nosso defensor, não digo ao inimigo, senão a Deus, que se não fora meneado por Deus, não era nada o poder do inimigo. De Moisés diz o texto
10 que lhe dizia Deus: *Dimitte me, ut irascatur furor meus:* «Moisés, deixa-me, deixa-me castigar». E se Moisés, que estava prostrado aos pés de Deus, tanto o apertava com as suas resistências, que faria o nosso Santo, que o tem nos braços? O certo é que
15 lhe diria como Jacob: *Non dimittam te, nisi benedixeris mihi;* e a bênção que alcançou, sendo tão forte contra Deus, foi que muito melhor prevaleceria contra os homens, como mostrou o efeito.

VI

Enquanto o inimigo trabalhava nas suas batarias,
20 crescia tanto a nossa trincheira, quanto nele o ciúme de a ver crescer. Determinado de ganhar o posto, a investiu de repente com mais de mil clavinas acompanhadas da escuridade da noite, sempre traidora ao valor que se funda na honra, menos cons-
25 tante onde não é vista. Assim se experimentou na confusão das primeiras cargas; mas acudindo os

---

11. *Êxodo*, XXXII, 10.
16. *Génesis*, XXXII, 26.

de maiores obrigações ao reparo, retirados logo os combatentes, amanheceram com a luz estendidos na campanha os que não puderam retirar consigo. Não podia sofrer a nossa bizarra infantaria, nem os
5 cabos menores e maiores dela, que fôssemos réus onde desejávamos ser autores. Todos clamavam que investíssemos o inimigo nos seus quartéis, onde foi necessária ao governo das nossas armas toda a paciência e prudência de Fábio Máximo, *cujus non*
10 *demicare vincere fuit* — como diz Valério, também Máximo. Obedecendo contudo ao desejo e voz comum, se decretou de público o assalto para a madrugada da Ascensão, mas de secreto se tocou uma arma falsa, com que, fazendo-se entender que
15 os nossos intentos eram descobertos ao inimigo, se desistiu felizmente deles. Havia de ser o mesmo inimigo o agressor, para que, no sucesso da sua perda total, reconhecêssemos o perigo da nossa. Chegou enfim a noite decretória e fatal de 18 de
20 Maio, em que acometeram a requestada trincheira três mil holandeses ajuramentados de ou ganhar ou morrer, dos quais muitos cumpriram a segunda parte do juramento, mas nenhum a primeira. E posto que depois foram socorridos com todo o
25 grosso do exército, sendo já na campanha batalha, o que na trincheira era assalto, e durando a porfia do combate três horas inteiras, foi o sucesso tão desigual, que eles sem escrúpulo de perjuros, em boa consciência se retiraram vencidos, e nós, con-
30 cedendo-lhes que levassem os seus mortos a sepultar em muitas carroçadas, celebrámos com salvas

---

14. *Tocar arma* é o mesmo que *dar rebate*.

e repiques a memorável vitória. Os mesmos Holandeses confessaram, segundo o seu modo de contar, que entre mortos e feridos perderam naquela noite *vinte e oito centos*. Vede se foi memorável!

5 Mas eu também vejo que estais esperando ouvir a parte que nela teve Santo António em um e outro assalto. Sou contente: e não vos há-de faltar a Escritura Sagrada com toda a propriedade do caso.

Levada a Arca do Testamento à cidade de Azoto, 10 puseram-se os Filisteus no templo junto ao seu ídolo Dagon, para que parecesse troféu e despojo do mesmo ídolo. Feito isto de dia, o que a Arca fez de noite foi que amanheceu o ídolo «prostrado por terra diante dela»: *Et ecce Dagon jacebat pronus in* 15 *terra ante arcam Domini*. Admirados e sentidos, mas não desenganados da vaidade do seu erro, os Filisteus tornaram a restituir o ídolo ao seu lugar; porém sobrevindo a noite, se na passada lhe tinha sucedido mal, muito pior lhe sucedeu na seguinte; 20 porque com a luz da manhã, não só apareceu o Dagon prostrado por terra, mas «com a cabeça e as mãos cortadas, e lançadas à porta do templo»: *Invenerunt Dagon jacentem super facem suam coram arca Domini; caput autem Dagon, et duæ* 25 *palmæ manuum ejus abscissæ erant super limen.* De maneira que a Arca e o Dagon tiveram dois combatentes em duas noites diferentes, e em ambas ficou a Arca vencedora, e na segunda com muito maior e total vitória.

---

15. I *Reis*, V, 3.
25. *Ibid.*, 4.

Vamos agora à significação destes dois combates: A Arca do Testamento já sabemos que é Santo António; o Dagon quem será? — Entre todas as nações do Mundo, nenhuma se achará mais representada
5 nele que a holandesa. A figura do ídolo Dagon, como diz Jerónimo e os outros intérpretes, era de meio homem e meio peixe; e tal é a terra de Holanda por sítio, e por exercício e modo de viver, tais são os seus habitadores. Toda a terra é reta-
10 lhada do mar, com que juntamente vem a ser mar e terra, e os homens, a quem podemos chamar marinhos e terrestres, tanto vivem em um elemento como no outro. As suas ruas por uma parte se andam e por outra se navegam, e tanto aparecem
15 sobre os telhados os mastos e as bandeiras, como entre os mastos e as bandeiras, as torres. Sendo tão estéril a terra, que sòmente produz feno, as árvores dos seus navios, secas e sem raízes, a fazem abundante de todos os frutos do Mundo. Em mui-
20 tas partes toma o navio porto à porta do seu dono, amarrando-se a ela, e deste modo vem a casa a ser a âncora do navio e o navio a metade da casa, de que igualmente usam. Aos animais que vivem no mar e na terra, chamaram os Gregos anfíbios; e
25 quem poderá negar que tão anfíbio era o Dagon como os Holandeses, e tão compostos de peixe e

---

9-23. À data a que este sermão foi pregado, ainda Vieira não tinha visitado a Holanda, o que só fez em 1642. Como, porém, só nos últimos anos de vida integralmente o teria escrito, quando preparou a sua obra para a impressão, é de crer que as notas descritivas em que se refere a este país ganhassem, nessa definitiva redacção, o poder expressivo que nos impressiona.

homem os Holandeses, como o Dagon? Estes Dagões, pois, e estes anfíbios, são os que como homens nos queriam tomar a cidade, e como peixes a baía, cuidando que, levando a trincheira, ganhavam am-
5 bas. Mas não advertiram os cegos, que a trincheira era de Santo António, e que, como eles são os Dagões, Santo António é a Arca do Testamento. Na primeira noite e no primeiro combate ficaram postrados por terra, e na segunda, não só postra-
15 dos, mas degolados, e com ambas as mãos cortadas e tão desfeitas, que dizem e tresladam os setenta intérpretes, que cada mão ficou despedaçada em cem partes: *Ambo vestigia manus ejus erant ablata per partes centum.* Vede se tiveram razão de contar
15 os seus feridos e mortos aos centos!

Oh como estou vendo o nosso Santo lembrar-se da porfiada e estrondosa bataria daquela segunda noite, e como Deus nessa ocasião lhe deu o nome de David — *Et propter David servum meum* —,
20 gloriar-se da vitória e triunfar, dizendo com ele: *Circumdederunt me sicut apes, exarserunt sicut ignis in spinis, et in nomine Domini, quia ultus sum in eos:* «Cercaram-me como abelhas, arderam como fogo em espinhas, mas eu em nome do Senhor vin-
25 guei-me deles».

Bem mostram as comparações serem de uma eloquência tão alegórica sempre e erudita, como a que lemos em todos os escritos de Santo António. Mas porque chama aos inimigos na investida e com-
30 bate da sua trincheira abelhas, e diz que arderam como fogo nas espinhas? Não se pudera mais viva-

---

23. *Salmo* CXVII, 12.

mente declarar o que vimos e ouvimos. Pudera chamar abelhas aos Holandeses, pela arte e bom governo que se lhes não pode negar da sua república; e abelhas nesta facção, pelo apetite que cá os
5 trouxe do nosso mel; mas chama-lhes abelhas, que lhes basta ser pequenas, para serem coléricas, pelo ímpeto raivoso e fúria com que acometeram, e mais particularmente, porque é próprio da abelha, em picando, cair morta: *Ponuntque in vulnere vitam.*
10 Assim lhes sucedeu aos que investiram a cortina e traveses que a nossa trincheira já tinha, porque quantos a picaram com os instrumentos que para isso traziam, todos caíram e ficaram sepultados no mesmo fosso.

15 Também vieram armados de infinita munição de granadas e outros artifícios de fogo, que, disparados incessantemente entre a tempestade das cargas, alumiavam a noite, atroavam o ar e choviam raios sobre os que dentro e no alto da fortificação a de-
20 fendiam, presumindo os escaladores que com estes aparatos de horror sacudiriam dela os nossos e franqueariam os dificultosos passos por onde insistiam em subir e a pretendiam ganhar. Mas a toda esta representação de relâmpagos e trovões chama
25 o nosso defensor com maior energia «fogo que arde nas espinhas»: *Exarserunt sicut ignis in spinis;* porque do fogo que se ateia em semelhante matéria, como bem comenta Lorino, é maior o estrondo e o ruído do que são os efeitos: *Spinas ignis corripiens*

---

9. Trad.: *E deixam a vida na ferida.*
28. João de Lorini, escriturário, da Companhia de Jesus (1559-1634), autor, entre outras obras, de 2 vols. de *Commentarii in Psalmos.*

horribili cunctas crepitatione inflammationeque partes pervadit, sed brevi sonus ille flammaque conquiescit. Tão fora estiveram aqueles medos artificiais de enfraquecer ou quebrantar a constância e
5 resistência dos nossos, que as granadas que caíam acesas e inteiras, rechaçadas intrèpidamente, tornavam outra vez para donde vieram; e as que rebentavam entre eles, rara ou nenhuma feria mortalmente. Enfim, conclui o oculto protector do seu
10 terreno, que em nome do Senhor se vingou deles: *Et in nomine Domini, quia ultus sum in eos.* Não diz que venceu, senão que se vingou, porque a vitória responde à guerra e a vingança à injúria. E porque os hereges lha faziam grande, atreven-
15 do-se aos que pelejavam à sombra da sua casa, como a descomedidos profanadores daquele sagrado, não os trata como vencedor, mas como vingativo; e não com o decoro de vencidos, mas com a afronta de sacrílegos e castigados: *Quia ultus sum in eos.*

VII

20 Não debalde depois da noite do segundo combate da Arca, amanheceram as mãos do Dagon não só cortadas, mas postas à porta do templo, para significar, como diz Hugo Vitorino, que aquela vitória não só fora a segunda, senão a última, e que ele
25 desenganado não havia de tratar já de pelejar,

---

23. Hugo de S. Víctor, prof. de Teologia em Paris na primeira metade do séc. XII, autor de *Allegoriarum in utrumque Testamentum libri decem.*

senão de sair e se ir embora. Tanto como isto, depois daquela fatal e felicíssima noite, se mudaram em ambos os arraiais as ideias da guerra; a qual no general inimigo e nos nossos se fazia já
5 só com o pensamento: o do inimigo posto na retirada, e o dos nossos, em que se não pudesse retirar. Como contra as suas duas batarias tínhamos em frente outras duas, e a terceira pelo lado esquerdo, que lhe desquartinava todos os quartéis, só restava
10 a quarta pela retaguarda. E me constou então (donde só podia constar com certeza)que, levantada esta ocultamente entre o bosque da eminência oposta, na manhã em que, cortadas as árvores, aparecesse, tendo-se lançado na campanha de noite
15 dois mil infantes e batendo-se ao mesmo tempo de todas as quatro partes do arraial inimigo, se lhe mandaria recado por um trombeta, que se entregasse, pois já não tinha defensa nem retirada.

Este era o galhardo pensamento dos nossos gene-
20 rais, em que o inimigo de sitiador ficaria sitiado, e nós, com roda de fortuna poucas vezes vista, de sitiados sitiadores. Antecipou-se porém o medo ao valor, a cautela ao perigo e a fuga secreta do inimigo à pública declaração do nosso desígnio, de
25 que quase estou queixoso de Santo António. No texto que acima referimos do poder de todos os santos, os quais nesta defensiva representou a

---

9. O mesmo que *descortinar* do (latim *cortina)*. A forma *desquartinar* parece sugerida a Vieira pela palavra que aqui lhe serve de complemento, significando assim precisamente descobrir os *quartéis* ou os abrigos das peças.

pessoa de Santo António, se afirma com termos bizarros, que eles, quando pelejam, «não só atam as mãos aos inimigos com algemas, senão também os pés com grilhões»: *Ad alligandos reges eorum in compedibus, et nobiles eorum in manicis ferreis.* Pois se o nosso vitorioso defensor lançou as algemas ao inimigo, porque o não pôs também em grilhões? Se lhe atou as mãos, para que não pudesse mais pelejar, porque lhe não atou também os pés, para que não pudesse fugir?

A razão verdadeira, e que não admite outra, é a que já referimos do mesmo texto, o qual, resumindo todo o sucesso desta protecção do Céu, diz que o inimigo «tornaria pelo mesmo caminho por onde veio»: *Per viam qua venit, revertetur.* Assim se cumpriu na fugida de Senaquerib, rei e general do exército com que viera sitiar a cidade de Jerusalém. E se curiosamente quisermos inquirir a razão desta mesma razão, acharemos que a que Deus teve, não foi outra senão querer, em castigo daquele atrevimento, que Senaquerib não só ficasse vencido, mas tornasse a aparecer diante dos seus afrontado.

A prova é evidente. Porque em uma noite matou um anjo cento e oitenta e cinco mil soldados do exército de Senaquerib. Pois se matou a tantos, porque o não matou também a ele? — Porque o morrer na guerra pode ser e comummente é honra; mas o fugir é sempre afronta. Pois para que o soberbo infiel leve da cidade de Deus o merecido castigo de seu atrevimento, escape com a vida, mas

5. *Salmo* CXLIX, 8.
15. IV *Reis,* XIX, 33.

fugindo. Por isso não quis Deus que acometêssemos o inimigo nos seus quartéis, como tanto desejavam os soldados, nem que acabássemos de o sitiar neles, como tinham determinado os generais; mas que, vencido do temor e convencido da própria desesperação, sem nova violência fugisse, e com uma fugida tão precipitada e torpe, deixando artilharia, munições, armas, bastimentos e até o pão cozendo-se nos fornos, e nos ranchos a comida dos soldados ao fogo, para que os negros da Baía tivessem com que banquetear a vitória. Mais ainda: que nas fortalezas rendidas, estando à beira-mar e dominadas dos seus navios, nem das armas levassem um arcabuz, nem da artilharia um bota-fogo, e ficassem tão inteiras em tudo, como as acharam! Mas também este milagre em corsários corria pelas obrigações de Santo António, como tão pontual recuperador do perdido.

Enfim, o inimigo nos deixou tudo o nosso, e parte do seu. Mas não deixarei de advertir na história do nosso texto uma grande diferença daquela fugida a esta. Antes de Senaquerib aplicar o seu exército ao sítio de Jerusalém, ordenou Deus lhe chegassem novas, que Taraca, rei da Etiópia, vinha sobre ele com todo o poder, em socorro da mesma cidade. E posto que a mortandade executada pelo anjo tinha sido de tantos mil, a esta nova atribui o mesmo Deus a sua fugida: *Ecce ego dabo ei spiritum, et audiet nuntium, et revertetur ad terram suam.*

28-30. Trad.: *Eu lhe darei o espírito; e ouvirá o mensageiro, e voltará à sua terra. Isaías,* XXXVII, 7.

Também cá o nosso sitiador nos quis conquistar com novas. Como nunca faltam humores melancólicos e amigos de as darem más, em um navio de Lisboa, que no tempo do sítio tomaram os Holandeses, se acharam algumas cartas (poucas) em que se dizia que lá se falava em armada, mas que cá não esperássemos por ela, porque os muitos empenhos em que de presente se achava Espanha, não permitiam que se diminuísse das forças marítimas. Estas cartas, cotadas à margem, remeteu por um trombeta o general holandês aos nossos com outra sua, em que dizia lhas enviava, para que tivessem entendido que não podiam ser socorridos. Julgava que esta bala era a que maior brecha podia abrir nos corações dos cercados, e por isso se teve em segredo. Mas a resposta foi tão desassustada como discreta: porque depois de satisfazerem, também por escrito, a outros pretextos da embaixada, acabava assim: «E quanto às cartas de Lisboa, que Vossa Senhoria nos enviou, respondemos às que cá vieram, com as que cá ficaram». Assim era, porque todas as outras certificavam que vinha armada, como efectivamente veio. Mas ou a nova fosse falsa ou verdadeira, nem o inimigo aguardou a que viesse o socorro, nem nós o houvemos mister, para que também por esta circunstância a sua fugida fosse menos desculpável e a nossa vitória mais luzida.

Embarcado, finalmente, levou as âncoras na segunda noite, que também lhe não foi favorável, porque lhe faltou o vento; para que a olhos de todos, conforme o nosso texto, se visse voltar por onde veio. Pelas nove e dez horas do dia saiu pela Baía fora a armada, triste, desembandeirada e muda; e se com a sua e nossa artilharia a despediu

a cidade do Salvador com três salvas, nelas publicámos ao céu, ao mar e à terra quão gloriosamente desempenhou o mesmo Salvador com a mesma cidade a sua palavra: *Protegam urbem hanc et*
5 *salvabo eam.*

VIII

Esta é, cidade, milícia e povo da Baía, a vitória de que Deus nos fez mercê, tão gloriosa como sua, e de que todos lhe vimos render as graças, tão obrigados como nossa. Dois amores concorreram da
10 parte de Deus para ela: *propter me*, «por amor de mim», *et propter servum meum*, «por amor de meu servo». E se a este dobrado amor devemos dobrada correspondência, seja a primeira em lhe confessar o todo da glória, que é sua; e a segunda, em lhe atri-
15 buir também a parte que pode parecer nossa.

Se a Baía fora Roma, todos os nossos valerosíssimos capitães e soldados haviam de aparecer hoje neste monte, como no do Capitólio, coroados com três coroas — cívicas, murais e castrenses. Cívicas,
20 porque não só defenderam um cidadão, mas uma tão numerosa e populosa cidade; murais, porque sendo tão fracas as faxinas da nossa trincheira para a sustentar e fortalecer, fizeram dos próprios peitos muros; e castrenses, porque não só desejaram tantas
30 vezes investir o inimigo nos seus próprios arraiais, mas o obrigaram a que ele espontâneamente no-los rendesse. Mas a coroa com que todas estas se coroam, é a de fé (que a ele faltava) oferecendo-as todos, como verdadeiros católicos, e lançando-as aos
30 mesmos triunfantes pés do Salvador e do Santo que o tem em seus braços.

Viu S. João no *Apocalipse* a Deus sobre um trono de grande majestade, e que vinte e quatro anciãos, os quais em roda lhe faziam corte, todos coroados, prostrando-se de joelhos «adoravam profundíssima-
5 mente ao supremo Senhor, e tirando as coroas da cabeça, as lançavam aos pés do seu trono»: *Adorabant viventem in sæcula sæculorum, et mittebant coronas suas ante thronum.* Santo Ambrósio, S. Bernardo, Ruperto e outros expositores perguntam que
10 coroas eram estas e porque as tiravam da cabeça e as lançavam aos pés de Deus? E todos respondem uniformemente, que as coroas eram as das vitórias que neste Mundo tinham alcançado, e que todos as tiravam das próprias cabeças e as lançavam diante
15 do trono de Deus, para as atribuir a seu verdadeiro Autor, reconhecendo que mais eram de Deus que suas.

Cristo, nosso Salvador, é o verdadeiro Deus dos exércitos e das vitórias; o seu trono é Santo Antó-
20 nio, que tão de assento o tem nos braços; e diante deste Deus e deste trono vêm lançar as coroas que mereceram na presente vitória os famosos Martes da nossa milícia, mais gloriosas quando as põem aos pés de Deus, que quando Deus lhas pôs na cabeça.
25 E chama-se Deus nesta ocasião, *viventem in sæcula sæculorum,* porque as vitórias temporais, tão sujeitas à variedade da fortuna, só postas aos seus pés podem ser eternas.

Bem acabava aqui o sermão, se me não faltara a
30 última cláusula, que o nosso agradecimento não deve passar em silêncio. Os que lançaram as coroas aos pés do trono de Deus, eram os anciãos, em que

8. *Apocalipse,* IX, 10.

mais particularmente são significados os veteranos, cabos e soldados da milícia pernambucana, cujas valerosas acções nesta guerra, assim como as admiraram os olhos dos presentes, assim serão perpétuas 5 nas línguas da fama; e nas letras e estampas dos anais as lerá imortalmente a memória dos vindouros.

No meio porém desta mesma alegria universal, não posso deixar de considerar neles um re- 10 morso de dor. À vista dos bens alheios, cresce o sentimento dos males próprios. E tais podem ser as memórias dos desterrados de Pernambuco (como as lembranças de Sião sobre os rios de Babilónia), vendo a Baía defendida, e a sua pátria, pela qual 15 trabalharam muito mais, em poder do mesmo inimigo. Assim o permitiu e ordenou Deus, mas como podemos esperar de sua providência e bondade, para maior glória e consolação de todos.

Serviu Jacob por Raquel sete anos, e ao cabo 20 deles, em vez de lhe darem Raquel, achou-se com Lia. Queixou-se desta diferença, tão sentido como o pedia a razão e o amor, e respondeu-lhe Labão: — «Filho, o que te fiz não é porque te não queira dar a Raquel, mas porque te quis também dar a 25 Lia, e esta primeiro, porque é a irmã mais velha.» O mesmo digo eu agora: Serviram os filhos de Pernambuco pela sua formosa Raquel, pela sua Olinda, outros sete anos, ao cabo dos quais não só a não recuperaram, mas a perderam de todo. Argumento 30 grande de seu valor, que houvessem mister os Holandeses sete anos para conquistar Pernambuco, quando bastaram outros sete aos Mouros para conquistar Espanha. Mas se, ao cabo de tantos trabalhos e serviços, não concedeu Deus aos Pernam-

bucanos a sua Raquel, não foi por lha negar, senão por lhe querer dar também a Lia. Quis-lhe dar primeiro a Baía, como irmã mais velha e cabeça do Estado. E depois de levarem esta glória, de que ela
5 sempre lhes deve ser agradecida, então lhes cumprirá seus tão justos desejos, e com dobrado e universal triunfo os meterá de posse da sua tão amada pátria, como digna de ser amada. Assim o confiamos da bondade de Deus e o esperamos da pode-
10 rosa intercessão do nosso David, não menos interessado naquela perda, nem menos milagrosa a sua virtude para recuperar a Baía, que Pernambuco.

Lembrai-vos, glorioso Santo, dos muitos templos e altares, em que éreis venerado e servido naquelas
15 cidades, naquelas vilas, e em qualquer povoação, por pequena que fosse, e que nos campos e montes onde não havia casa, só vós a tínheis! Lembrai-vos dos empenhos e grandiosas festas com que era celebrado o vosso dia, e sobretudo, da devação e con-
20 fiança com que a vós recorriam todos, em suas perdas particulares, e do prontíssimo favor e remédio com que acudíeis a todos! O mesmo sois, e não menos poderoso para o muito que para o pouco. Apertai com esse Senhor que tendes nos braços, e
25 apertai-o de maneira que, assim como nos concedeu esta vitória, nos conceda a última e total dos nossos inimigos! E nós, como tão faltos de merecimento, a reconheceremos sempre como sua e como vossa: como sua, dada por amor de si; e como vossa,
30 alcançada por amor de vós: *Propter me, et propter David, servum meum.*

SERMÃO PELO BOM SUCESSO DAS ARMAS DE PORTUGAL CONTRA AS DA HOLANDA

Pregado na igreja de N. S. da Ajuda, da cidade da Baía, com o Santíssimo Sacramento exposto, sendo este o último de quinze dias, nos quais em todas as igrejas da mesma cidade se tinham feito sucessivamente as mesmas deprecações, no ano de 1640

Exurge! Quare obdormis, Domine? Exurge et ne repellas in finem. Quare faciem tuam avertis? Oblivisceris inopiæ nostræ et tribulationis nostræ? Exurge, Domine, adjuva nos et redime nos propter nomen tuum. — Salm. XLIII, 23-26.

I

Com estas palavras piedosamente resolutas, mais protestando que orando, dá fim o Profeta Rei ao Salmo XLIII — Salmo que, desde o princípio até

O conteúdo histórico do sermão:

Apesar da vitória exaltada no sermão anterior, e apesar da confiança de Vieira na protecção divina à cidade do Salvador, prenunciada na divina protecção a Jerusalém,

(Continua na página seguinte)

Trad. do tema: *Levanta-te! Porque dormes, Senhor? Levanta-te e não repilas para sempre. Porque voltas a face? Esqueces-te da nossa miséria e da nossa tribulação? Levanta-te, Senhor, ajuda-nos e redime-nos em atenção ao teu nome.*

o fim, não parece senão cortado para os tempos e ocasião presente. O Doutor Máximo S. Jerónimo, e depois dele os outros expositores, dizem que se entende à letra de qualquer reino ou província cató-
5 lica, destruída e assolada por inimigos da Fé. Mas entre todos os reinos do Mundo a nenhum quadra melhor que ao nosso Reino de Portugal; e entre todas as províncias de Portugal a nenhuma vem mais ao justo que à miserável província do Brasil.
10 Vamos lendo todo o Salmo, e em todas as cláusulas dele veremos retratadas as da nossa fortuna: o que fomos e o que somos.

Deus, auribus nostris audivimus, Patres nostri annuntiaverunt nobis: opus, quod operatus es in
15 *diebus eorum, et in diebus antiquis.* «Ouvimos (começa o Profeta) a nossos pais, lemos nas nossas histórias e ainda os mais velhos viram, em parte,

---

a situação da colónia, e da Baía em especial, era tal, que o próprio orador havia dito, num grande desânimo: «Deus não quer a restauração do Brasil.» À data do sermão, pregado na igreja da Ajuda, em 1640, no mar dominavam sem restrições que de nós lhes derivassem, frotas mercantes e forças navais holandesas e, quanto à terra, sucediam-se as devastações naquelas que ainda não possuíam. A cidade, no momento em que o sermão é pregado, encontrava-se na aflitiva situação que nele está implícita e explícita. Lichthardt punha a ferro e fogo o Recôncavo, enquanto os Baianos, privados de quase todos os meios materiais de defesa, pouco mais recursos tinham do que o das forças espirituais para que os pregadores apelavam. Ao fim da quinzena de preces e penitência em todos os templos, Vieira, com a imprevista audácia do espírito habituado à dialéctica barroca e a veemência da sua fé providencialista, que lhe inspirava em Deus uma familiar

15. *Salmo* XLIII, 2.

com seus olhos, as obras maravilhosas, as proezas, as vitórias, as conquistas, que por meio dos Portugueses obrou em tempos passados vossa omnipotência, Senhor.» *Manus tua gentes disperdidit, et*
5 *plantasti eos; afflixisti populos et expulisti eos:* «Vossa mão foi a que venceu e sujeitou tantas nações bárbaras, belicosas e indómitas, e as despojou do domínio de suas próprias terras, para nelas os plantar, como plantou com tão bem fundadas
10 raízes; e para nelas os dilatar, como dilatou e estendeu em todas as partes do Mundo, na África, na Ásia, na América.» *Nec enim in gladio suo possiderunt terram, et brachium eorum non salvavit eos; sed dextera tua et brachium tuum et illuminatio*
15 *vultus tui, quoniam complacuisti in eis:* «Porque não foi a força do seu braço, nem a da sua espada a que lhes sujeitou as terras que possuíram e as

---

confiança de filho injustamente tratado, resolve pregar penitência ao próprio Deus. O discurso proferido considerou-o o P.e Raynal «o mais veemente e extraordinário que se tem ouvido em púlpito cristão». *Extraordinário* em tudo, mas principalmente na atitude que assume perante Deus, quase de acusador que mais lhe pede contas do que lhe implora socorro. O patriota junta suas queixas e dolorosas estranhezas ao católico, e a crença sem restrições em um Deus atento aos destinos do seu segundo *povo eleito*, que se sente incompreensìvelmente preterido a favor do herege holandês, encontra nos profetas bíblicos, cuja fé o jesuíta recebia intacta na substância como na letra, a plena justificação de quanto diz. O texto aqui não é torcido, senão tomado à letra. E o que no sermão há de estranho resulta mais do conceito contemporâneo da Providência e da Divindade, do que da atitude literária da época barroca.

5. *Ibid.*, 3.
15. *Ibid.*, 4.

gentes e reis que avassalaram, senão a virtude de vossa dextra omnipotente e a luz e o prémio supremo de vosso beneplácito, com que neles vos agradastes e deles vos servistes.» Atéqui a relação ou memória 5 das felicidades passadas, com que passa o Profeta aos tempos e desgraças presentes.

Nunc autem repulisti et confudisti nos; et non egredieris Deus in virtutibus nostris: «Porém agora, Senhor, vemos tudo isto tão trocado, que já parece 10 que nos deixastes de todo e nos lançastes de vós, porque já não ides diante das nossas bandeiras, nem capitaniais como dantes os nossos exércitos.» *Avertisti nos retrorsum post inimicos nostros, et qui oderunt nos, diripiebant sibi:* «Os que tão costu- 15 mados éramos a vencer e triunfar, não por fracos, mas por castigados, fazeis que voltemos as costas a nossos inimigos (que como são açoute de vossa justiça, justo é que lhe dêmos as costas), e perdidos os que antigamente foram despojos do nosso 20 valor, são agora roubo da sua cobiça: *Dedisti nos tanquam oves escarum et in gentibus dispersisti nos:* «Os velhos, as mulheres, os meninos que não têm forças nem armas com que se defender, morrem como ovelhas inocentes às mãos da crueldade heré- 25 tica, e os que podem escapar à morte, desterrando-se a terras estranhas, perdem a casa e a pátria».

---

8. *Ibid.*, 10.

14. *Ibid.*, 11.

18. Atente-se no à-vontade com que o pregador, mesmo na comoção que lhe inspira o presente sermão, mantém vivo e ágil o espírito irónico. Não esquecer que eram as *costas* da Província que os Holandeses flagelavam.

Ibid., 12.

Posuisti nos approbrium vicinus nostris, subsannationem et derisum his, qui sunt in circuitu nostro: «Não fora tanto para sentir, se, perdidas fazendas e vidas, se salvara ao menos a honra; mas também
5 esta a passos contados se vai perdendo; e aquele nome português, tão celebrado nos anais da fama, já o herege insolente com as vitórias o afronta, e o gentio de que estamos cercados, e que tanto o venerava e temia, já o despreza».

10 Com tanta propriedade como isto descreve David neste Salmo nossas desgraças, contrapondo o que somos hoje ao que fomos enquanto Deus queria, para que na experiência presente cresça a dor por oposição com a memória do passado. Ocorre aqui
15 ao pensamento o que não é lícito sair à língua; e não falta quem discorra tàcitamente, que a causa desta diferença tão notável foi a mudança da monarquia. Não havia de ser assim (dizem) se vivera um D. Manuel, um D. João o terceiro, ou a fatalidade de um
20 Sebastião não sepultara com ele os reis portugueses. Mas o mesmo Profeta no mesmo Salmo nos dá o desengano desta falsa imaginação: *Tu es ipse rex meus et Deus meus: qui mandas salutes Jacob.* O Reino de Portugal, como o mesmo Deus nos
25 declarou na sua fundação, é reino seu e não nosso: *Volo enim in te et in semine tuo imperium mihi stabilire,* e como Deus é o rei: *Tu es ipse rex meus et Deus meus;* e este rei é o que manda e o que

---

2. *Ibid.*, 14.
23. *Ibid.*, 5.
27. Palavras que a *Crónica de Cister*, de Fr. Bernardo de Brito, põe na boca de Cristo, falando a D. Afonso Henriques, na véspera da batalha de Ourique.

governa: *Qui mandas salutes Jacob,* ele que não se muda, é o que causa estas diferenças, e não os reis que se mudaram. À vista, pois, desta verdade certa e sem engano, esteve um pouco suspenso o nosso
5 Profeta na consideração de tantas calamidades, até que para remédio delas o mesmo Deus, que o alumiava, lhe inspirou um conselho altíssimo, nas palavras que tomei por tema:

Exurge, quare obdormis, Domine? Exurge, et ne
10 *repellas in finem. Quare faciem tuam avertis, oblivisceris inopiæ nostræ et tribulationis nostræ? Exurge, Domine, adjuva nos, et redime nos propter nomen tuum.* Não prega David ao povo, não o exorta ou repreende, não faz contra ele invectivas,
15 posto que bem merecidas; mas todo arrebatado de um novo e extraordinário espírito, se volta não só a Deus, mas piedosamente atrevido contra ele. Assim como Marta disse a Cristo: *Domine, non est tibi curæ?* assim estranha David reverentemente a
20 Deus, e quase o acusa de descuidado. Queixa-se das desatenções de sua misericórdia e providência, que isso é considerar a Deus dormindo: *Exurge, quare obdormis, Domine?* Repete-lhe que acorde e que não deixe chegar os danos ao fim, permissão indigna
25 da sua piedade: *Exurge et ne repellas in finem.* Pede-lhe a razão por que aparta de nós os olhos e nos volta o rosto: *Quare faciem tuam avertis?* e porque se esquece da nossa miséria e não faz caso de nossos trabalhos: *Oblivisceris inopiæ nostræ et*
30 *tribulationis nostræ?* E não só pede de qualquer

---

19. *S. Lucas,* X, 40.

modo esta razão do que Deus faz e permite, senão que insta a que lha dê, uma e outra vez: *Quare obdormis? Quare oblivisceris?* Finalmente, depois destas perguntas, a que supõe que não tem Deus
5 resposta, e destes argumentos com que presume o tem convencido, protesta diante do tribunal de sua justiça e piedade, que tem obrigação de nos acudir, de nos ajudar e de nos libertar logo: *Exurge, Domine, adjuva nos et redime nos.* E para mais obri-
10 gar ao mesmo Senhor, não protesta por nosso bem e remédio, senão por parte da sua honra e glória: *Propter nomen tuum.*

Esta é, Todo Poderoso e Todo Misericordioso Deus, esta é a traça de que usou para render vossa
15 piedade, quem tanto se conformava com vosso coração. E desta usarei eu também hoje, pois o estado em que nos vemos, mais é o mesmo que semelhante. Não hei-de pregar hoje ao povo, não hei-de falar com os homens; mais alto hão-de sair as minhas
20 palavras ou as minhas vozes: a vosso peito divino se há-de dirigir todo o sermão. E este o último de quinze dias contínuos, em que todas as igrejas desta Metrópole, a esse mesmo trono de vossa patente Majestade têm representado suas deprecações; e pois
25 o dia é o último, justo será que nele se acuda também ao último e único remédio. Todos estes dias se consaram debalde os oradores evangélicos em pregar penitência aos homens; e pois eles se não converteram, quero eu, Senhor, converter-vos a vós.
30 Tão presumido venho de vossa misericórdia, Deus meu, que ainda que nós somos os pecadores, vós haveis de ser o arrependido.

O que venho a pedir ou protestar, Senhor, é que nos ajudeis e nos liberteis: *Adjuva nos et redime*

nos. Mui conformes são estas petições ambas ao lugar e ao tempo.

Em tempo que tão oprimidos e tão cativos estamos, que devemos pedir com maior necessidade, senão que nos liberteis: *Redime nos?* E na casa da Senhora da Ajuda, que devemos esperar com maior confiança, senão que nos ajudeis: *Adjuva nos?* Não hei-de pedir pedindo, senão protestando e argumentando; pois esta é a licença e liberdade que tem quem não pede favor, senão justiça. Se a causa fora só nossa e eu viera a rogar só por nosso remédio, pedira favor e misericórdia. Mas como a causa, Senhor, é mais vossa que nossa, e como venho a requerer por parte de vossa honra e glória, e pelo crédito de vosso nome — *Propter nomen tuum* — razão é que peça só razão, justo é que peça só justiça. Sobre este pressuposto vos hei-de arguir, vos hei-de argumentar; e confio tanto da vossa razão e da vossa benignidade, que também vos hei-de convencer. Se chegar a me queixar de vós e a acusar as dilações de vossa justiça, ou as desatenções de vossa misericórdia: *Quare obdormis? quare oblivisceris?* não será esta vez a primeira em que sofrestes semelhantes excessos a quem advoga por vossa causa. As custas de toda a demanda também vós, Senhor, as haveis de pagar, porque me há-de dar a vossa mesma graça as razões com que vos hei-de arguir, a eficácia com que vos hei-de apertar e todas as armas com que vos hei-de render. E se para isto

17. Observa o Dr. Carel, *in-Vieira, sa vie et ses œuvres*, que os sermões do jesuíta dão frequentemente a ideia de ataques. Este é dos que melhor podem provar a verdade da afirmação.

não bastam os merecimentos da causa, suprirão os da Virgem Santíssima, em cuja ajuda principalmente confio.

II

Exurge, quare obdormis, Domine? Querer argu-
5 mentar com Deus e convencê-lo com razões, não só dificultoso assunto parece, mas empresa declaradamente impossível, sobre arrojada temeridade. *O homo, tu qui es, qui respondeas Deo? Nunquid dicit figmentum ei qui se finxit: Quid me fecisti sic?:*
10 «Homem atrevido — diz S. Paulo — homem temerário, quem és tu, para que te ponhas a altercar com Deus? Porventura o barro que está na roda e entre as mãos do oficial, põe-se às razões com ele e diz-lhe: porque me fazes assim?» Pois se tu és
15 barro, homem mortal, se te formaram as mãos de Deus da matéria vil da terra, como dizes ao mesmo Deus: — *Quare? quare?* — Como te atreves a argumentar com a sabedoria divina, como pedes razão à sua Providência do que te faz ou deixa de fazer?
20 *Quare obdormis? Quare faciem tuam avertis?* Venera suas permissões, reverencia e adora seus ocultos juízos, encolhe os ombros com humildade a seus decretos soberanos, e farás o que te ensina a Fé e o que deves à criatura. Assim o fazemos, assim o con-
25 fessamos e assim o protestamos diante de Vossa Majestade infinita, imenso Deus, incompreensível bondade: *Justus es, Domine, et rectum judicium tuum.*

---

9. *Epístola aos Romanos*, IX, 20.
27. *Salmo* CXVIII, 137.

Por mais que nós não saibamos entender vossas obras, por mais que não possamos alcançar vossos conselhos, sempre sois justo, sempre sois santo, sempre sois infinita bondade; e ainda nos maiores
5 rigores de vossa justiça, nunca chegais com a severidade do castigo aonde nossas culpas merecem.

Se as razões e argumentos da nossa causa as houvéramos de fundar em merecimentos próprios, temeridade fora grande, antes impiedade manifesta, que-
10 rer-vos arguir. Mas nós, Senhor, como protestava o vosso Profeta Daniel: *Neque enim in justificationibus nostris, prosternimus preces ante faciem tuam, sed in miserationibus tuis multis:* os requerimentos e razões deles, que humildemente presentamos ante
15 vosso divino conspecto, as apelações ou embargos que interpomos à execução e continuação dos castigos que padecemos, de nenhum modo os fundamos na presunção de nossa justiça, mas todos na multidão de vossas misericórdias: *In miserationibus*
20 *tuis multis*. Argumentamos, sim, mas de vós para vós; apelamos, mas de Deus para Deus — de Deus justo, para Deus misericordioso. E como do peito, Senhor, vos hão-de sair todas as setas, mal poderão ofender vossa bondade. Mas porque a dor quando é
25 grande sempre arrasta o afecto, e o acerto das palavras é descrédito da mesma dor, para que o justo sentimento dos males presentes não passe os limites sagrados de quem fala diante de Deus e com Deus, em tudo o que me atrever a dizer seguirei as pisa-
30 das sólidas dos que em semelhantes ocasiões, guia-

---

13. *Daniel,* IX, 18. O trecho seguinte é a paráfrase do texto de Daniel.

dos por vosso mesmo espírito, oraram e exoraram vossa piedade.

Quando o povo de Israel no deserto cometeu aquele gravíssimo pecado de idolatria,adorando o
5 ouro das suas jóias na imagem bruta de um bezerro, revelou Deus o caso a Moisés, que com ele estava, e acrescentou irado e resoluto, que daquela vez havia de acabar para sempre com uma gente tão ingrata, e que a todos havia de assolar e consumir,
10 sem que ficasse rasto de tal geração: *Dimitte me, ut irascatur furor meus contra eos et deleam eos.* Não lhe sofreu porém o coração ao bom Moisés ouvir falar em destruição e assolação do seu povo; põe-se em campo, opõe-se à ira divina e começa a arrezoar
15 assim: — *Cur, Domine, irascitur furor tuus contra populum tuum?* «E bem, Senhor, por que razão se indigna tanto a vossa ira contra o vosso povo?» Por que razão, Moisés?! E ainda vós quereis mais justificada razão a Deus?! Acaba de vos dizer que
20 está o povo idolatrando; que está adorando um animal bruto; que está negando a divindade ao mesmo Deus e dando-a a uma estátua muda, que acabaram de fazer suas mãos, e atribuindo-lhe a ela a liberdade e triunfo com que os livrou do cativeiro do
25 Egipto, e sobre tudo isto ainda perguntais a Deus, por que razão se agasta: *Cur irascitur furor tuus?!*

— Sim, e com muito prudente zelo; porque ainda que da parte do povo havia muito grandes razões de ser castigado, da parte de Deus era maior a razão
30 que havia de o não castigar: *Ne, quæso,* — dá ra-

10-11. Trad.: *Deixa-me dar largas à minha cólera contra eles, que os quero aniquilar. Êxodo,* XXXII, 10 e 11.

zão Moisés — *ne, quæso, dicant Ægiptii: Callide eduxit eos, ut interficeret in montibus et deleret e terra.* Olhai, Senhor, que porão mácula os Egípcios em vosso ser, e, quando menos, em vossa verdade e bondade. Dirão que, cautelosamente e à falsa fé, nos trouxestes a este deserto, para aqui nos tirardes a vida a todos e nos sepultardes. E com esta opinião divulgada e assentada entre eles, qual será o abatimento de vosso santo nome, que tão respeitado e exaltado deixastes no mesmo Egipto, com tantas e tão prodigiosas maravilhas do vosso poder? Convém logo, para conservar o crédito, dissimular o castigo e não dar com ele ocasião àqueles gentios e aos outros, em cujas terras estamos, ao que dirão: *Ne, quæso, dicant.*

Desta maneira arrezoou Moisés em favor do povo; e ficou tão convencido Deus da força deste argumento, que no mesmo ponto revogou a sentença, e, conforme o texto hebreu, não só se arrependeu da execução, senão ainda do pensamento: *Placatusque est Dominus ne faceret malum quod locutus fuerat adversus populum suum:* «E arrependeu-se o Senhor do pensamento e da imaginação que tivera de castigar o seu povo.»

Muita razão tenho eu logo, Deus meu, de esperar que haveis de sair deste sermão arrependido, pois sois o mesmo que éreis, e não menos amigo agora, que nos tempos passados, de vosso nome: *Propter nomen tuum.* Moisés disse-vos: *Ne, quæso, dicant:* «Olhai, Senhor, que dirão.» E eu digo e devo dizer:

---

3. *Ibid.*, 12.
22. O texto de Vieira é: *Et pœnituit Dominum mali quod cogitaverat facere populo suo.*

Olhai, Senhor, que já dizem. Já dizem os hereges insolentes com os sucessos prósperos, que vós lhes dais ou permitis; já dizem que porque a sua, que eles chamam religião, é a verdadeira, por isso Deus
5 os ajuda e vencem; e porque a nossa é errada e falsa, por isso nos desfavorece e somos vencidos. Assim o dizem, assim o pregam, e ainda mal, porque não faltará quem os creia.

Pois é possível, Senhor, que hão-de ser vossas
10 permissões argumentos contra a vossa Fé?! É possível que se hão-de ocasionar de nossos castigos blasfêmias contra vosso nome?! Que diga o herege (o que treme de o pronunciar a língua), que diga o herege, que Deus está holandês?! Oh não permitais tal,
15 Deus meu, não permitais tal, por quem sois! Não o digo por nós, que pouco ia em que nos castigásseis; não o digo pelo Brasil, que pouco ia em que o destruísseis; por vós o digo e pela honra de vosso Santíssimo Nome, que tão imprudentemente se vê blas-
20 femado: *Propter nomen tuum.* Já que o pérfido calvinista dos sucessos que só lhe merecem nossos pecados faz argumento da religião, e se jacta insolente e blasfemo de ser a sua verdadeira, veja ele na roda dessa mesma fortuna, que o desvanece, de que
25 parte está a verdade. Os ventos e tempestades, que descompõem e derrotam as nossas armadas, derrotem e desbaratem as suas; as doenças e pestes, que diminuem e enfraquecem os nossos exércitos, escalem as suas muralhas e despovoem os seus presí-
30 dios; os conselhos que, quando vós quereis castigar, se corrompem, em nós sejam alumiados e neles enfatuados e confusos. Mude a vitória as insígnias, desafrontem-se as cruzes católicas, triunfem as vossas chagas nas nossas bandeiras, e conheça humi-

lhada e desenganada a perfídia, que só a Fé romana, que professamos, é Fé, e só ela a verdadeira e a vossa.

Mas ainda há mais quem diga: *Ne, quæso, dicant Ægyptii:* Olhai, Senhor, que vivemos entre gentios, uns que o são, outros que o foram ontem; e estes que dirão? Que dirá o Tapuia bárbaro sem conhecimento de Deus? Que dirá o Índio inconstante, a quem falta a pia afeição da nossa Fé? Que dirá o Etíope boçal, que apenas foi molhado com a água do baptismo sem mais doutrina? Não há dúvida que todos estes, como não têm capacidade para sondar o profundo de vossos juízos, beberão o erro pelos olhos. Dirão, pelos efeitos que vêem, que a nossa Fé é falsa, e a dos Holandeses a verdadeira, e crerão que são mais cristãos sendo como eles. A seita do Herege torpe e brutal, concorda mais com a brutalidade do bárbaro; a largueza e soltura da vida, que foi a origem e o fomento da heresia, casa-se mais com os costumes depravados e corrupção do gentilismo; e que pagão haverá que se converta à Fé que lhe pregamos, ou que novo cristão já convertido, que se não perverta, entendendo e persuadindo-se uns e outros que no Herege é premiada a sua lei, e no Católico se castiga a nossa? Pois se estes são os efeitos, posto que não pretendidos, de vosso rigor e castigo, justamente começado em nós, por que razão se ateia e passa com tanto dano aos que não são cúmplices das nossas culpas: *Cur irascitur furor tuus?* Porque continua sem estes reparos o que vós mesmos chamastes furor? e porque não acabais já de embainhar a espada de vossa ira?

Se tão gravemente ofendido do povo hebreu, por um *que dirão* dos Egípcios lhe perdoastes; o que

dizem os Hereges e o que dirão os Gentios, não será bastante motivo, para que vossa rigorosa mão suspenda o castigo e perdoe também os nossos pecados, pois, ainda que grandes, são menores? Os Hebreus
5 adoraram o ídolo, faltaram à Fé, deixaram o culto do verdadeiro Deus, chamaram Deus e Deuses a um bezerro; e nós, por mercê de vossa bondade infinita, tão longe estamos e estivemos sempre de menor defeito ou escrúpulo nesta parte, que muitos
10 deixaram a pátria, a casa, a fazenda, e ainda a mulher e os filhos, e passam em suma miséria desterrados, só por não viver nem comunicar com homens que se separaram da vossa Igreja. Pois, Senhor meu e Deus meu, se por vosso amor e por
15 vossa Fé, ainda sem perigo de a perder ou arriscar, fazem tais firmezas os Portugueses: *Quare oblivisceris inopiæ nostræ et tribulationis nostræ?* porque vos esqueceis de tão religiosas misérias, de tão católicas tribulações? Como é possível que se ponha
20 Vossa Majestade irada contra estes fidelíssimos servos e favoreça a parte dos infiéis, dos excomungados, dos ímpios?

Oh! como nos podemos queixar neste passo, como se queixava lastimado Job, quando, despo-
25 jado dos Sabeus e Caldeus, se viu, como nós nos vemos, no extremo da opressão e miséria: *Nunquid bonum tibi videtur, si calumnieris me et opprimas me opus manuum tuarum et consilium impiorum adjuves?* «Parece-vos bem, Senhor, parece-vos bem
30 isto? Que a mim, que sou vosso servo, me oprimais e aflijais, e aos ímpios, aos inimigos vossos os

---

29. *Job*, X, 3.

favoreçais e ajudeis?» Parece-vos bem que sejam eles os prosperados e assistidos de vossa providência, e nós os deixados de vossa mão? nós os esquecidos de vossa memória? nós o exemplo de vossos rigores? nós o despojo de vossa ira? Tão pouco é desterrarmo-nos por vós e deixar tudo? Tão pouco é padecer trabalhos, pobrezas e os desprezos que elas trazem consigo, por vosso amor? Já a Fé não tem merecimento? Já a piedade não tem valor? Já a perseverança não vos agrada? Pois se há tanta diferença entre nós, ainda que maus, e aqueles pérfidos, porque os ajudais a eles e nos desfavoreceis a nós? *Nunquid bonum tibi videtur:* «a vós, que sois a mesma bondade, parece-vos bem isto?»

III

Considerai, Deus meu — e perdoai-me se falo inconsideradamente — considerai a quem tirais as terras do Brasil e a quem as dais. Tirais estas terras aos Portugueses, a quem no princípio as destes; e bastava dizer a quem as destes, para perigar o crédito de vosso nome, que não podem dar nome de liberal mercês com arrependimento. Para que nos disse S. Paulo, que vós, Senhor, «quando dais, não vos arrependeis»: *Sine pœnitentia enim sunt dona Dei?* Mas deixado isto à parte: tirais estas terras àqueles mesmos Portugueses a quem escolhestes entre todas as nações do Mundo para conquistadores da vossa Fé, e a quem destes por armas como insíg-

24. *Epístola aos Romanos,* XI, 29.

nia e divisa singular vossas próprias chagas. E será bem, Supremo Senhor e Governador do Universo, que às sagradas quinas de Portugal e às armas e chagas de Cristo, sucedam as heréticas listas de 5 Holanda, rebeldes a seu rei e a Deus? Será bem que estas se vejam tremular ao vento vitoriosas, e aquelas abatidas, arrastadas e ignominiosamente rendidas? *Et quid facies magno nomini tuo?* E que fareis (como dizia Josué) ou que será feito de vosso glo- 10 rioso nome em casos de tanta afronta?

Tirais também o Brasil aos Portugueses, que assim estas terras vastíssimas, como as remotíssimas do Oriente, as conquistaram à custa de tantas vidas e tanto sangue, mais por dilatar vosso nome e vossa 15 Fé (que esse era o zelo daqueles cristianíssimos reis), que por amplificar e estender seu império. Assim fostes servido que entrássemos nestes novos mundos, tão honrada e tão gloriosamente, e assim permitis que saiamos agora (quem tal imaginaria 20 de vossa bondade!), com tanta afronta e ignomínia! Oh! como receio que não falte quem diga o que diziam os Egípcios: *Callide eduxit eos, ut interficeret et deleret e terra:* Que a larga mão com que nos destes tantos domínios e reinos não foram mercês 25 de vossa liberalidade, senão cautela e dissimulação de vossa ira, para aqui fora e longe de nossa Pátria nos matardes, nos destruirdes, nos acabardes de todo. Se esta havia de ser a paga e o fruto de nossos trabalhos, para que foi o trabalhar, para que foi o 30 servir, para que foi o derramar tanto e tão ilustre

---

8. *Josué*, VII, 9.
22-23. *Êxodo*, XXXII, 42.

sangue nestas conquistas? Para que abrimos os mares nunca dantes navegados? Para que descobrimos as regiões e os climas não conhecidos? Para que contrastámos os ventos e as tempestades com tanto arrojo, que apenas há baixio no Oceano, que não esteja infamado com miserabilíssimos naufrágios de portugueses? E depois de tantos perigos, depois de tantas desgraças, depois de tantas e tão lastimosas mortes, ou nas praias desertas sem sepultura, ou sepultados nas entranhas dos Alarves, das feras, dos peixes, que as terras que assim ganhámos, as hajamos de perder assim! Oh! quanto melhor nos fora nunca conseguir, nem intentar tais empresas!

Mais santo que nós era Josué, menos apurada tinha a paciência, e contudo, em ocasião semelhante, não falou (falando convosco) por diferente linguagem. Depois de os filhos de Israel passarem às terras ultramarinas do Jordão, como nós a estas, avançou parte do exército a dar assalto à cidade de Hai, a qual nos ecos do nome já parece que trazia o prognóstico do infeliz sucesso que os Israelitas nela tiveram; porque foram rotos e desbaratados, posto que com menos mortos e feridos, do que nós por cá costumamos. E que fazia Josué à vista desta desgraça? — Rasga as vestiduras imperiais, lança-se por terra, começa a clamar ao Céu: *Heu! Domine Deus, quid voluisti traducere populum istum Jordanem fluvium, ut traderes nos in manus Amorrhœi?* «Deus meu e Senhor meu, que é isto? Para que nos mandastes passar o Jordão e nos metestes

10. *Alarves* são os Árabes beduínos.

de posse destas terras, se aqui nos haveis de entregar nas mãos dos Amorreus e perder-nos?» *Utinam mansissemus trans Jordanem!:* «Oh! nunca nós passáramos tal rio!»

5 Assim se queixava Josué a Deus, e assim nos podemos nós queixar, e com muito maior razão que ele. Se este havia de ser o fim de nossas navegações, se estas fortunas nos esperavam nas terras conquistadas: *Utinam mansissemus trans Jordanem!*
10 prouvera a vossa Divina Majestade que nunca saíramos de Portugal, nem fiáramos nossas vidas às ondas e aos ventos, nem conhecêramos ou puséramos os pés em terras estranhas! Ganhá-las para as não lograr, desgraça foi e não ventura; possuí-las
15 para as perder, castigo foi de vossa ira, Senhor, e não mercê, nem favor de vossa liberalidade. Se determináveis dar estas mesmas terras aos piratas de Holanda, porque lhas não destes enquanto eram agrestes e incultas, senão agora? Tantos serviços vos
20 tem feito esta gente pervertida e apóstata, que nos mandastes primeiro cá por seus aposentadores, para lhe lavrarmos as terras, para lhe edificarmos as cidades, e depois de cultivadas e enriquecidas lhas entregardes? Assim se hão-de lograr os Hereges e inimi-
25 gos da Fé, dos trabalhos portugueses e dos suores católicos? *En queis consevimus agros?* «Eis aqui para quem trabalhamos há tantos anos!»

Mas pois vós, Senhor, o quereis e ordenais assim, fazei o que fordes servido. Entregai aos Ho-
30 landeses o Brasil, entregai-lhe as Índias, entregai--lhe as Espanhas (que não são menos perigosas as

---

26. Vieira modificou versos de Virgílio *(Bacólicas,* 71-72).

consequências do Brasil perdido), entregai-lhe quanto temos e possuímos (como já lhe entregastes tanta parte), ponde em suas mãos o Mundo; e a nós, aos Portugueses e Espanhóis, deixai-nos, repu-
5 diai-nos, desfazei-nos, acabai-nos. Mas só digo e lembro a Vossa Majestade, Senhor, que estes mesmos que agora desfavoreceis e lançais de vós, pode ser que os queirais algum dia, e que os não tenhais.

Não me atrevera a falar assim, se não tirara as
10 palavras da boca de Job, que como tão lastimado, não é muito entre muitas vezes nesta tragédia. Queixava-se o exemplo da paciência a Deus (que nos quer Deus sofridos, mas não insensíveis), queixava-se do tesão de suas penas, demandando e alter-
15 cando, porque se lhe não havia de remitir e afrouxar um pouco o rigor delas; e como a todas as réplicas e instâncias o Senhor se mostrasse inexorável, quando já não teve mais que dizer, concluiu assim: *Ecce nunc in pulvere dormiam, et si mane me*
20 *quæsieris, non subsistam.* Já que não quereis, Senhor, resistir ou moderar o tormento, já que não quereis senão continuar o rigor e chegar com ele ao cabo, seja muito embora, matai-me, consumi-me, enterrai-me: *Ecce nunc in pulvere dormiam;* mas só
25 vos digo e vos lembro uma cousa: que «se me buscardes amanhã, que me não haveis de achar»: *Et si mane me quœsieris, non subsistam.* Tereis aos Sabeus, tereis aos Caldeus, que sejam o roubo e o açoute de vossa casa; mas não achareis a um Job
30 que a sirva, não achareis a um Job, que ainda com

20. *Job,* VII, 21. — O que se segue é a paráfrase de V. a este trecho.

suas chagas a não desautorize. O mesmo digo eu, Senhor, que não é muito rompa nos mesmos afectos, que se vê no mesmo estado. Abrasai, destruí, consumi-nos a todos; mas pode ser que algum dia
5 queirais Espanhóis e Portugueses, e que os não acheis. Holanda vos dará os apostólicos conquistadores, que levem pelo Mundo os estandartes da cruz; Holanda vos dará os pregadores evangélicos, que semeiem nas terras dos Bárbaros a doutrina
10 católica e a reguem com o próprio sangue; Holanda defenderá a verdade de vossos Sacramentos e a autoridade da Igreja Romana; Holanda edificará templos, Holanda levantará altares, Holanda consagrará sacerdotes e oferecerá o sacrifício de vosso Santís-
15 simo Corpo; Holanda, enfim, vos servirá e venerará tão religiosamente, como em Amsterdão, Meldeburgo e Flisinga e em todas as outras colónias daquele frio e alagado inferno se está fazendo todos os dias.

IV

20 Bem vejo que me podeis dizer, Senhor, que a propagação de vossa Fé e as obras de vossa glória não dependem de nós, nem de ninguém, e que sois poderoso, quando faltem homens, para fazer das pedras filhos de Abraão. Mas também a vossa sabe-
25 doria e a experiência de todos os séculos nos tem ensinado, que depois de Adão não criastes homens de novo, que vos servis dos que tendes neste Mundo, e que nunca admitis os menos bons, senão em falta dos melhores. Assim o fizestes na parábola
30 do banquete. Mandastes chamar os convidados que tínheis escolhido, e porque eles se escusaram e não

quiseram vir, então admitistes os cegos e mancos, e os introduzistes em seu lugar: *Cœcos et claudos introduc huc.* E se esta é, Deus meu, a regular disposição de vossa providência divina, como a ve-
5 mos agora tão trocada em nós e tão diferente connosco? Quais foram estes convidados e quais são estes cegos e mancos? Os convidados fomos nós, a quem primeiro chamastes para estas terras, e nelas nos pusestes a mesa, tão franca e abundante, como
10 de vossa grandeza se podia esperar. Os cegos e mancos são os Luteranos e Calvinistas, cegos sem fé e mancos sem obras, na reprovação das quais consiste o principal erro da sua heresia. Pois se nós, que fomos os convidados, não nos escusámos nem
15 duvidámos de vir, antes rompemos por muitos inconvenientes em que pudéramos duvidar; se viemos e nos assentámos à mesa, como nos excluís agora e lançais fora dela e introduzis violentamente os cegos e mancos, e dais os nossos lugares aos here-
20 ges? Quando em tudo o mais foram eles tão bons como nós, ou nós tão maus como eles, porque nos não há-de valer pelo menos o privilégio e prerrogativa da Fé? Em tudo parece, Senhor, que trocais os estilos de vossa providência e mudais as leis de
25 vossa justiça connosco.

Aquelas dez virgens do vosso Evangelho todas se renderam ao sono, todas adormeceram, todas foram iguais no mesmo descuido: *Dormitaverunt omnes et dormierunt.* E contudo a cinco delas passou-lhes
30 o esposo por este defeito, e só porque conservaram

---

3. *S. Lucas,* XIV, 21.
29. *S. Mateus,* XXV, 5.

as alâmpadas acesas, mereceram entrar às vodas, de que as outras foram excluídas. Se assim é, Senhor meu, se assim o julgastes então (que vóis sois aquele Esposo Divino), porque não nos vale a
5 nós também conservar as alâmpadas da Fé acesas, que no Herege estão tão apagadas e tão mortas? É possível que haveis de abrir as portas a quem traz as alâmpadas apagadas, e as haveis de fechar a quem as tem acesas? Reparai, Senhor, que não é
10 autoridade do vosso divino tribunal que saiam dele no mesmo caso duas sentenças tão encontradas. Se às que deixaram apagar as alâmpadas se disse: *Nescio vos;* se para elas se fecharam as portas: *Clausa est janua;* quem merece ouvir de vossa boca
15 *Nescio vos* tremendo, senão o Herege, que vos não conhece? E a quem deveis dar com a porta nos olhos, senão ao Herege, que os tem tão cegos? Mas eu vejo que nem esta cegueira, nem este desconhecimento, tão merecedores de vosso rigor, lhes re-
20 tarda o progresso de suas fortunas, antes a passo largo se vêm chegando a nós suas armas vitoriosas, e cedo nos baterão às portas desta vossa cidade...

Desta vossa cidade — disse; mas não sei se o nome do *Salvador,* com que a honrastes, a salvará
25 e defenderá, como já outra vez não defendeu; nem sei se estas nossas deprecações, posto que tão repetidas e continuadas, acharão acesso a vosso conspecto divino, pois há tantos anos que está bradando ao Céu a nossa justa dor, sem a vossa clemência
30 dar ouvidos a nossos clamores.

---

13. Trad.: *Não vos conheço. — Ibid.,* 12.

14. Trad.: *Está fechada a porta — S. Mateus, Ibid.,* 10.

Se acaso for assim (o que vós não permitais), e está determinado em vosso secreto juízo que entrem os hereges na Baía, o que só vos represento humildemente e muito deveras, é que antes da execução da sentença repareis bem, Senhor, no que vos pode suceder depois, e que o consulteis com vosso coração, enquanto é tempo; porque melhor será arrepender agora, que quando o mal passado não tenha remédio. Bem estais na intenção e alusão com que digo isto, e na razão, fundada em vós mesmo, que tenho para o dizer. Também antes do dilúvio estáveis vós mui colérico e irado contra os homens, e por mais que Noé orava em todos aqueles cem anos, nunca houve remédio para que se aplacasse vossa ira. Romperam-se enfim as cataratas do céu, cresceu o mar até os cumes dos montes, alagou-se o Mundo todo; já estará satisfeita vossa justiça. Senão quando, ao terceiro dia, começaram a boiar os corpos mortos, e a surgir e a aparecer em multidão infinita aquelas figuras pálidas, e então se representou sobre as ondas a mais triste e funesta tragédia que nunca viram os anjos, que homens que a vissem não os havia. Vistes vós também (como se o vísseis de novo) aquele lastimosíssimo espectáculo, e posto que não chorastes, porque ainda não tínheis olhos capazes de lágrimas, enterneceram-se porém as entranhas de vossa Divindade, «com tão intrínseca dor»: *Tactus dolore cordis intrinsecus* que, do modo que em vós cabe arrependimento, vos arrependestes do que tínheis feito ao Mundo; e foi tão inteira a vossa contrição, que não só tivestes

---

28. *Génesis*, VI, 6.

pesar do passado, senão propósito firme de nunca mais o fazer: *Nequaquam ultra maledicam terræ propter homines.*

Este sois, Senhor, este sois; e pois sois este, não
5 vos tomeis com vosso coração. Para que é fazer agora valentias contra ele, se o seu sentimento e o vosso as há-de pagar depois? Já que as execuções de vossa justiça custam arrependimentos à vossa bondade, vede o que fazeis antes que o façais, não
10 vos aconteça outra. E para que o vejais com cores humanas, que já vos não são estranhas, dai-me licença que eu vos represente primeiro ao vivo as lástimas e misérias deste futuro dilúvio, e se esta representação vos não enternecer e tiverdes entra-
15 nhas para o ver sem grande dor, executai-o embora.

Finjamos pois (o que até fingido e imaginado faz horror) finjamos que vem a Baía e o resto do Brasil a mãos dos Holandeses; que é o que há-de suceder em tal caso? — Entrarão por esta cidade
20 com fúria de vencedores e de hereges; não perdoarão a estado, a sexo nem a idade; com os fios dos mesmos alfanjes medirão a todos; chorarão as mulheres, vendo que se não guarda decoro à sua modéstia; chorarão os velhos, vendo que se não guarda
25 respeito a suas cãs; chorarão os nobres, vendo que se não guarda cortesia à sua qualidade; chorarão os religiosos e veneráveis sacerdotes, vendo que até as coroas sagradas os não defendem; chorarão finalmente todos, e entre todos mais lastimosamente os
30 inocentes, porque nem a esses perdoará (como em

---

3. Trad.: *Nunca mais amaldiçoarei a terra por causa dos homens. Ibid.*, VIII, 21.

outras ocasiões não perdoou), a desumanidade herética. Sei eu, Senhor, que só por amor dos inocentes, dissestes vós alguma hora, que não era bem castigar a Nínive. Mas não sei que tempos, nem que desgraça é esta nossa, que até a mesma inocência vos não abranda. Pois também a vós, Senhor, vos há-de alcançar parte do castigo (que é o que mais sente a piedade cristã), também a vós há-de chegar.

Entrarão os hereges nesta igreja e nas outras; arrebatarão essa custódia, em que agora estais adorado dos anjos; tomarão os cálices e vasos sagrados, e aplicá-los-ão a suas nefandas embriagueses; derribarão dos altares os vultos e estátuas dos santos, deformá-las-ão a cutiladas, e metê-las-ão no fogo; e não perdoarão as mãos furiosas e sacrílegas, nem às imagens tremendas de Cristo crucificado, nem às da Virgem Maria.

Não me admiro tanto, Senhor, de que hajais de consentir semelhantes agravos e afrontas nas vossas imagens, pois já as permitistes em vosso sacratíssimo corpo; mas nas da Virgem Maria, nas de vossa Santíssima Mãe, não sei como isto pode estar com a piedade e amor de Filho. No Monte Calvário esteve esta Senhora sempre ao pé da cruz, e com serem aqueles algozes tão descorteses e cruéis, nenhum se atreveu a lhe tocar nem a lhe perder o respeito. Assim foi e assim havia de ser, porque assim o tínheis vós prometido pelo Profeta: *Flagellum non appropinquabit tabernaculo tuo*. Pois, Filho da Virgem Maria, se tanto cuidado tivestes então do respeito e decoro de vossa Mãe, como

---

29. Trad.: *O flagelo não se aproximará do teu tabernáculo. Salmo* XC, 10.

consentis agora que se lhe façam tantos desacatos? Nem me digais, Senhor, que lá era a pessoa, cá a imagem. Imagem sòmente da mesma Virgem era a arca do testamento, e só porque Oza a quis tocar,
5 lhe tirastes a vida. Pois se então havia tanto rigor para quem ofendia a imagem de Maria, porque o não há também agora? Bastava então qualquer dos outros desacatos às cousas sagradas, para uma severíssima demonstração vossa, ainda milagrosa. Se
10 a Jeroboão, porque levantou a mão para um Profeta, se lhe secou logo o braço milagrosamente, como aos Hereges, depois de se atreverem a afrontar vossos santos, lhe ficam ainda braços para outros delitos? Se a Baltasar, por beber pelos vasos do
15 templo, em que não se consagrava vosso sangue, o privastes da vida e do reino, porque vivem os Hereges, que convertem vossos cálices a usos profanos? Já não há três dedos que escrevam sentença de morte contra sacrílegos?!

20 Enfim, Senhor, despojados assim os templos e derrubados os altares, acabar-se-á no Brasil a cristandade católica; acabar-se-á o culto divino; nascerá erva nas igrejas, como nos campos; não haverá quem entre nelas. Passará um dia de Natal, e não
25 haverá memória de vosso nascimento; passará a Quaresma e a Semana Santa, e não se celebrarão os mistérios de vossa Paixão. Chorarão as pedras das ruas, como diz Jeremias que choravam as de Jerusalém destruída: *Viæ Sion lugent, eo quod non*
30 *sint qui veniant ad solemnitatem*. Ver-se-ão ermas

---

30. Trad.: *Chorarão as ruas de Sião, porque não há quem venha à solenidade. Trenos,* I, 4.

e solitárias, e que as não pisa a devoção dos Fiéis, como costumava em semelhantes dias. Não haverá missas, nem altares, nem sacerdotes que as digam; morrerão os Católicos sem confissão nem sacramen-
5 tos; pregar-se-ão heresias nestes mesmos púlpitos, e em lugar de São Jerónimo e Santo Agostinho, ouvir-se-ão e alegar-se-ão neles os infames nomes de Calvino e Lutero; beberão a falsa doutrina os inocentes que ficarem, relíquias dos Portugueses; e
10 chegaremos a estado que, se perguntarem aos filhos e netos dos que aqui estão: — Menino, de que seita sois? Um responderá: — Eu sou calvinista; outro: — Eu sou luterano.

Pois isto se há-de sofrer, Deus meu? Quando
15 quisestes entregar vossas ovelhas a São Pedro, examinaste-lo três vezes se vos amava: *Diligis me, diligis me, diligis me?* E agora as entregais desta maneira, não a pastores, senão aos lobos?! Sois o mesmo, ou sois outro? Aos Hereges o vosso rebanho?
20 Aos Hereges as almas? Como tenho dito, e nomeei almas, não vos quero dizer mais. Já sei, Senhor, que vos haveis de enternecer e arrepender, e que não haveis de ter coração para ver tais lástimas e tais estragos. E se assim é (que assim o estão pro-
25 metendo vossas entranhas piedosíssimas), se é que há-de haver dor, se é que há-de haver arrependimento depois, cessem as iras, cessem as execuções agora, que não é justo vos contente antes o de que vos há-de pesar em algum tempo.

30 Muito honrastes, Senhor, ao homem na criação do Mundo, formando-o com vossas próprias mãos,

---

17. *S. João*, XXI, 15.

informando-o e animando-o com vosso próprio alento e imprimindo nele o carácter de vossa imagem e semelhança. Mas parece que logo desde aquele mesmo dia vos não contentastes dele, porque
5 de todas as outras cousas que criastes, diz a Escritura que vos pareceram bem: *Vidit Deus quod esset bonum;* e só do homem o não diz. Na admiração desta misteriosa reticência andou desde então suspenso e vacilando o juízo humano, não podendo
10 penetrar qual fosse a causa por que, agradando-vos com tão pública demonsrtação todas as vossas obras, só do homem, que era a mais perfeita de todas, não mostrásseis agrado. Finalmente, passados mais de mil e setecentos anos, a mesma Escritura,
15 que tinha calado aquele mistério, nos declarou que vós estáveis arrependido de ter criado o homem: *Pœnituit eum quod hominem fecisset in terra;* e que vós mesmo dissestes que vos pesava: *Pœnitet me fecisse eos;* e então ficou patente e manifesto a
20 todos o segredo que tantos tempos tínheis ocultado. E vós, Senhor, dizeis que vos pesa e que estais arrependido de ter criado o homem; pois essa é a causa por que logo desde o princípio de sua criação vos não agradastes dele, nem quisestes que se dis-
25 sesse que vos parecera bem; julgando, como era razão, por cousa muito alheia de vossa sabedoria e providência, que em nenhum tempo vos agradasse nem parecesse bem aquilo de que depois vos havíeis de arrepender e ter pesar de ter feito: *Pœnitet me*
30 *fecisse.*

---

7. *Génesis*, I, 10.
17. *Ibid.*, VI, 6.

Sendo pois esta a condição verdadeiramente divina e a altíssima razão de estado de vossa providência — não haver jamais agrado do que há-de haver arrependimento; e sendo também certo nas
5 piedosíssimas entranhas de vossa misericórdia, que se permitirdes agora as lástimas, as misérias, os estragos que tenho representado, é força que vos há-de pesar depois e vos haveis de arrepender, arrependei-vos, misericordioso Deus, enquanto esta-
10 mos em tempo, ponde em nós os olhos de vossa piedade, ide à mão à vossa irritada justiça, quebre vosso amor as setas de vossa ira, e não permitais tantos danos, e tão irreparáveis. Isto é o que vos pedem, tantas vezes prostradas diante do vosso
15 divino acatamento, estas almas tão fielmente católicas, em nome seu e de todas as deste Estado. E não vos fazem esta humilde deprecação pelas perdas temporais, de que cedem, e as podeis executar neles por outras vias; mas pela perda espiri-
20 tual eterna de tantas almas, pelas injúrias de vossos templos e altares, pela exterminação do sacrossanto sacrifício de vosso corpo e sangue, e pela ausência insofrível, pela ausência e saudades desse Santíssimo Sacramento, que não sabemos quanto tempo
25 teremos presente.

V

Chegado a este ponto, de que não sei nem se pode passar, parece-me que nos está dizendo vossa divina e humana bondade, Senhor, que o fizéreis assim fàcilmente, e vos deixaríeis persuadir e con-
30 vencer destas nossas razões, senão que está clamando por outra parte vossa divina justiça; e como

sois igualmente justo e misericordioso, que não podeis deixar de castigar, sendo os pecados do Brasil tantos e tão grandes. Confesso, Deus meu, que assim é, e todos confessamos que somos grandíssimos pecadores. Mas tão longe estou de me aquietar com esta resposta, que antes esses mesmos pecados muitos e grandes são um novo e poderoso motivo dado por vós mesmo para mais convencer vossa bondade.

A maior força dos meus argumentos não consistiu em outro fundamento até agora, que no crédito, na honra e na glória de vosso santíssimo nome: *Propter nomen tuum*. E que motivo posso eu oferecer mais glorioso ao mesmo nome, que serem muitos e grandes os nossos pecados? *Propter nomen tuum, Domine, propitiaberis peccato meo: multum est enim:* «Por amor de vosso nome, Senhor, estou certo — dizia David — que me haveis de perdoar meus pecados, porque não são quaisquer pecados, senão muitos e grandes:» *Multum est enim*. Oh! motivo digno só do peito de Deus! Oh! consequência que só na suma bondade pode ser forçosa! De maneira que, para lhe serem perdoados seus pecados, alegou um pecador a Deus que são muitos e grandes. Sim; e não por amor do pecador, nem por amor dos pecados, senão por amor da honra e glória do mesmo Deus, a qual quanto mais e maiores são os pecados que perdoa, tanto maior é e mais engrandece e exalta o seu santíssimo nome: *Propter nomen tuum, Domine, propitiaberis peccato meo: multum est enim*. O mesmo David distingue na misericórdia

16. *Salmo* XXIV, 11.

de Deus grandeza e multidão. A grandeza: *Secundum magnam misericordiam tuam;* a multidão: *Et secundum multitudinem miserationum tuarum.* E como a grandeza da misericórdia divina é imensa
5 e a multidão de suas misericórdias infinita; e o imenso não se pode medir, nem o infinito contar; para que uma e outra, de algum modo, tenha proporcionada matéria de glória, importa à mesma grandeza da misericórdia que os pecados sejam
10 grandes e à mesma multidão das misericórdias, que sejam muitos: *Multum est enim.* Razão tenho eu logo, Senhor, de me não render à razão de serem muitos e grandes nossos pecados. E razão tenho também de instar em vos pedir a razão por que
15 não desistis de os castigar: *Quare obdormis? Quare faciem tuum avertis? Quare oblivisceris inopiæ nostræ et tribulationis nostræ?*

Esta mesma razão vos pediu Job quando disse: *Cur non tollis peccatum meum et quare non aufers*
20 *iniquitatem meam?*. E posto que não faltou um grande intérprete de vossas Escrituras que o arguisse por vossa parte, enfim se deu por vencido e confessou que tinha razão Job em vo-la pedir: *Criminis in loco Deo impingis, quod ejus, qui deli-*
25 *quit, non miseretur?* — diz S. Cirilo Alexandrino — «Basta, Job, que criminais e acusais a Deus de que castiga vossos pecados! Nas mesmas palavras confessais que cometestes pecados e maldades; e com as mesmas palavras pedis razão a Deus porque as cas-
30 tiga?!». Isto é dar razão, e mais pedi-la. Os pecados

19-20. Trad.: *Porque não extirpas o meu pecado e porque não acabas com a minha iniquidade? Job,* VII, 21.

e maldades, que não ocultais, são a razão do castigo: pois se dais a razão, porque a pedis? — Porque ainda que Deus para castigar os pecados tem a razão de sua justiça, para os perdoar e desistir do
5 castigo, tem outra razão maior, que é a da sua glória: *Qui enim misereri consuevit, et non vulgarem in eo gloriam habet; ob quam causam mei non miseretur?* Pede razão Job a Deus, e tem muita razão de a pedir, (responde por ele o mesmo santo,
10 que o arguiu) porque, se é condição de Deus usar de misericórdia, e é grande e não vulgar a glória que adquire em perdoar pecados, que razão tem, ou pode dar bastante, de os não perdoar? O mesmo Job tinha já declarado a força deste seu argumento
15 nas palavras antecedentes com energia para Deus muito forte: *Peccavi, quid faciam tibi?*. Como se dissera: «Se eu fiz, Senhor, como homem em pecar, que razão tendes vós para não fazer, como Deus, em me perdoar?» Ainda disse e quis dizer mais:
20 *Peccavi, quid faciam tibi?* «Pequei, que mais vos posso fazer?» E que fizestes vós, Job, a Deus, em pecar? — Não lhe fiz pouco; porque lhe dei ocasião a me perdoar, e perdoando-me, ganhar muita glória. Eu dever-lhe-ei a ele, como a causa, a graça
25 que me fizer; e ele dever-me-á a mim, como a ocasião, a glória que alcançar.

E se é assim, Senhor, sem licença, nem encarecimento; se é assim, misericordioso Deus, que em

---

6-8. Trad.: *Aquele pois que se habituou a compadecer-se e não tem em si glória vulgar, por que razão se não compadece de mim?*
Job, VII, 20.

perdoar pecados se aumenta a vossa glória, que é o fim de todas as vossas acções; não digais que nos não perdoais, porque são muitos e grandes os nossos pecados, que antes porque são muitos e grandes,
5 deveis dar essa grande glória à grandeza e multidão de vossas misericórdias. Perdoando-nos e tendo piedade de nós, é que haveis de ostentar a soberania de vossa majestade, e não castigando-nos, em que mais se abate vosso poder, do que se acredita.
10 Vede-o neste último castigo, em que, contra toda a esperança do mundo e do tempo, fizestes que se derrotasse a nossa armada, a maior que nunca passou a Equinocial. Pudestes, Senhor, derrotá-la; e que grande glória foi de vossa omnipotência, poder
15 o que pode o vento? *Contra folium, quod vento rapitur, ostendis potentiam*. Desplantar uma nação, como nos ides desplantando e plantar outra, também é poder que vós cometestes a um homenzinho de Anatote: *Ecce constitui te super gentes et super*
20 *regna, ut evellas et destruas et disperdas et dissipes et œdifices et plantes*. O em que se manifesta a majestade, a grandeza e a glória de vossa infinita omnipotência, é em perdoar e usar de misericórdia: *Qui omnipotentiam tuam, parcendo maxime, et*
25 *miserando, manifestas*. Em castigar, venceis-nos a nós, que somos criaturas fracas; mas em perdoar,

---

16. Trad.: *Contra a folha que o vento arrebata mostras o teu poder. Job*, XIII, 25.

19-21. Trad.: *Eu te constituí sobre os povos e sobre os reinos, para que arranques, destruas, disperses e dissipes, edifiques e plantes. Jeremias*, I, 10.

24-25. Trad.: *Que manifestas a tua omnipotência perdoando e compadecendo-te.*

venceis-vos a vós mesmo, que sois todo poderoso e infinito. Só esta vitória é digna de vós, porque só vossa justiça pode pelejar com armas iguais contra vossa misericórdia; e sendo infinito o vencido,
5 infinita fica a glória do vencedor. Perdoai pois, benigníssimo Senhor, por esta grande glória vossa: *Propter magnam gloriam tuam:* perdoai por esta glória imensa de vosso santíssimo nome: *Propter nomen tuum.*
10 E se acaso ainda reclama vossa divina justiça, por certo, não já misericordioso, senão justíssimo Deus, que também a mesma justiça se pudera dar por satisfeita com os rigores e castigos de tantos anos. Não sois vós, em quanto justo, aquele justo
15 juiz de quem canta o vosso Profeta: *Deus Judex justus, fortis et patiens, nunquid irastitur per singulos dies?*. Pois se a vossa ira, ainda como de justo juiz, não é de todos os dias nem de muitos, porque se não dará por satisfeita com rigores de
20 anos e tantos anos? Sei eu, Legislador Supremo, que nos casos de ira, posto que justificada, nos manda vossa santíssima Lei que não passe de um dia e que antes de se pôr o Sol tenhamos perdoado: *Sol non occidat super iracundiam vestram.* Pois se
25 da fraqueza humana, e tão sensitiva, espera tal moderação nos agravos vossa mesma Lei, e lhe manda que perdoe e se aplaque em termo tão breve e tão preciso, vós, que sois Deus infinito e tendes um coração tão dilatado como vossa mesma imensidade,
30 e em matéria de perdão vos propondes aos homens

---

17. *Salmo*, VII, 12.
24. *S. Paulo, Epístola aos Efésios*, IV, 26.

por exemplo, como é possível que os rigores de vossa ira se não abrandem em tantos anos e que se ponha e torne a nascer o Sol tantas e tantas vezes, vendo sempre desembainhada e correndo
5 sangue a espada de vossa vingança? Sol de justiça cuidei eu que vos chamavam as Escrituras, porque, ainda quando mais fogoso e ardente, dentro do breve espaço de doze horas, passava o rigor de vossos raios; mas não o dirá assim este Sol material
10 que nos alumia e rodeia, pois que há tantos dias e tantos anos, que, passando duas vezes sobre nós de um trópico a outro, sempre vos vê irado.

Já vos não alego, Senhor com o que dirá a Terra e os homens, mas com o que dirá o Céu e o mesmo
15 Sol. Quando Josué mandou parar o Sol, as palavras da língua hebraica em que lhe falou, foram, não *que parasse,* senão *que se calasse: Sol tace contra Gabaon.* Calar mandou ao Sol o valente capitão, porque aqueles resplandores amortecidos com que
20 se ia sepultar no Ocaso, eram umas línguas mudas com que o mesmo Sol o murmurava de demasiadamente vingativo; eram umas vozes altíssimas, com que desde o Céu lhe lembrava a Lei de Deus, e lhe pregava que não podia continuar a vingança,
25 pois ele se ia meter no Ocidente: *Sol non occidat super iracundiam vestram.* E se Deus, como autor da mesma Lei, ordenou que o Sol parasse, e aquele dia (o maior que viu o Mundo) excedesse os termos da natureza por muitas horas e fosse maior, foi
30 para que, concordando a justa lei com a justa vin-

---

6. *Malaquias,* IV, 2.
18-19. *Josué,* X, 12.

gança, nem por uma parte se deixasse de executar
o rigor do castigo, nem por outra se dispensasse no
rigor do preceito. Castigue-se o Gabaonita, pois é
justo castigá-lo; mas esteja o Sol parado até que se
5 acabe o castigo, para que a ira, posto que justa, do
vencedor, não passe os limites de um dia.

Pois se este é, Senhor, o termo prescrito de vossa
Lei; se fazeis milagres e tais milagres para que ela
se conserve inteira, e se Josué manda calar e emu-
10 decer o Sol, porque se não queixe e dê vozes contra
a continuação de sua ira, que quereis que diga o
mesmo Sol, não parado nem emudecido? Que que-
reis que digam a Lua e as estrelas, já cansadas de
ver nossas misérias? Que quereis que digam todos
15 esses céus criados, não para apregoar vossas justi-
ças, senão para cantar vossas glórias: *Cœli enarrant
gloriam Dei?*.

Finalmente, benigníssimo Jesus, verdadeiro Josué
e verdadeiro Sol, seja o epílogo e conclusão de todas
20 as nossas razões o vosso mesmo nome: *Propter
nomen tuum*. Se o Sol estranha a Josué rigores de
mais de um dia, e Josué manda calar o Sol, porque
lhos não estranhe; como pode estranhar vossa di-
vina justiça que useis connosco de misericórdia,
25 depois da execução de tantos e tão rigorosos casti-
gos continuados, não por um dia ou muitos dias
de doze horas, senão por tantos e tão compridos
anos, que cedo serão doze? Se sois Jesus, que quer
dizer Salvador, sede Jesus e sede Salvador nosso.
30 Se sois Sol e Sol de justiça, antes que se ponha o
deste dia, deponde os rigores da vossa. Deixai já
o signo rigoroso de Leão, e dai um passo ao signo
de Virgem, signo propício e benéfico. Recebei in-
fluências humanas, de quem recebestes a humani-

dade. Perdoai-nos, Senhor, pelos merecimentos da Virgem Santíssima. Perdoai-nos por seus rogos ou perdoai-nos por seus impérios; que, se como criatura vos pede por nós o perdão, como Mãe vos pode
5 mandar e vos manda que nos perdoeis. Perdoai-nos, enfim, para que a vosso exemplo perdoemos; e perdoai-nos também a exemplo nosso, que todos desde esta hora perdoamos a todos por vosso amor: *Dimitte nobis debita nostra, sicut et nos dimittimus*
10 *debitoribus nostris. Amen.*

SERMÃO DA VISITAÇÃO DE NOSSA SENHORA

Pregado no Hospital da Misericórdia da Baía, na ocasião em que chegou àquela cidade o Marquês de Montalvão, Vice-Rei do Brasil

Ut facta est voz salutationis tuæ in auribus meis, exultavit in gaudio infans in utero meo. Luc. I.

I

Viu o Profeta Malaquias em espírito aquela felicíssima jornada que havia de fazer do Céu à Terra o Redentor e Restaurador do Mundo, e, dando as boas novas a todos os homens, como a enfermos
5 pelo pecado de Adão, diz assim: *Orietur vobis Sol justitiæ, et sanitas in pennis ejus:* Alegra-te, en-

---

O conteúdo histórico do sermão:

Este sermão, pregado em Junho de 1640, exprime um reflorir de esperanças na cidade materialmente devastada e moralmente deprimida. Os Holandeses haviam retirado, é verdade, mas deixando após si a ruína e a miséria e levando para Pernambuco forças que de um momento para

(Continua na página seguinte)

Trad. do tema: *Quando soou em meus ouvidos a voz da tua saudação, o menino exultou em júbilo no meu seio.* S. Lucas I.

6. *Malaquias,* IV, 2.

fermo género humano, alegra-te, e começa a esperar melhor de teus males, porque «virá o Sol de justiça e te trará a saúde nas asas».

Cumprida temos hoje esta tão esperada profecia,
5 e cumprida, se eu me não engano, em dois sentidos. Tanto que o divino Sol de justiça, Cristo, se vestiu da nuvem branca de nossa humanidade, tanto que tomou carne o Filho de Deus nas entranhas puríssimas da Virgem Maria, como ele era a inteligência
10 soberana, que movia aquele céu animado, no mesmo ponto, diz o Evangelista S. Lucas, que se partiu a Senhora para as montanhas de Judeia: *Exurgens Maria abiit in montana;* e acrescenta — *cum festinatione* — «com passos mui apressados»,
15 porque nem à delicadeza da Donzela se lhe fizeram ásperas as montanhas, nem à grandeza da Mãe de Deus lhe pareceram desautorizadas as pressas. Que errado que anda o Mundo, e mais o nosso, em julgar e introduzir que os passos vagarosos sejam os

---

o outro poderiam voltar, acrescidas no número e reanimadas no ímpeto. Vieira fez-se porta-voz das saudações ao Vice-Rei, D. Jorge de Mascarenhas, Conde de Castelo Novo e Marquês de Montalvão, que o rei elevara àquela situação para o equiparar em dignidade a Nassau, o grande chefe da colónia holandesa de Pernambuco, mas não deixa de lembrar-lhe também os sofrimentos dos que se bateram, a ganância dos que se locupletaram e locupletam, e até a imperícia ou a cobardia dos que eram considerados os responsáveis dos desastres militares sucessivos. «Sem justiça se começou esta guerra, sem justiça se continuou, e por falta de justiça chegou ao miserável estado em que a vemos.» E todo o sermão é um reclamação de justiça, que não consistirá apenas em premiar exemplarmente, senão também em exemplarmente castigar. E aqui

16. *S. Lucas*, I, 39.

mais autorizados! Se por vagares se perde o Mundo todo, como pode consistir a autoridade dele nos mesmos meios de sua perdição?

Na fábrica deste Universo que vemos, criou Deus
5 o Sol e a Lua ao quarto dia, e não ao primeiro, diz S. Severiano, porque, como ainda então não havia criaturas que influir, nem hemisfério que alumiar, estiveram-se os planetas ociosos e parados, em grave descrédito de seus resplandores; que a
10 quem Deus fez para Sol, não o fez para estar quieto. Foram formadas aquelas duas tochas do Céu, para com alternado império governarem o dia e a noite: *Luminare majus ut præesset diei, luminare minus ut præesset nocti*. E como nasceram para todos,
15 andam sem descansar em perpétua roda; que é gloriosa pensão do bem universal correr e nunca estar

---

o sermão perde toda a unção cristã de voz que desce do púlpito, para assumir a humaníssima vibração de voz que sobe de tribunal.

A leitura da *Epanáfora triunfante*, de D. Francisco Manuel de Melo, do *Valeroso Lucidemo*, de Fr. Manuel Calado, e do *Castrioto Lusitano*, de Fr. Rafael de Jesus, apenas confirmam as palavras de Vieira. Impressionante de verdade, a referência aos homens de Luís Barbalho, que com ele realizam a trágica retirada de Pernambuco para a Baía, através de 400 léguas, que houve de trilhar na extenuação pela fome, pelas enfermidades, pelos ferimentos, pelos combates que não cessavam, através de caminhos cheios de perigos e emboscadas, sob todas as hostilidades do clima tropical, durante quatro meses de martírio e heróica resistência.

7. Vieira, como já em volumes anteriores foi observado, crê na Astrologia, que afirma a influência dos astros nos destinos colectivos e individuais.

14. *Génesis*, I, 16.

parado. Por isso Cristo hoje, assim como o Sol material, tanto que recebeu a investidura dos raios, no mesmo instante partiu de carreira, e começou a fazer velocìssimamente seu curso; assim o divino Sol de justiça, tanto que se vestiu de nossa humanidade nas entranhas da Virgem Mãe, no mesmo ponto arrebatou aquela celestial esfera, e a levou às montanhas com tanta pressa, com tão arrebatado curso, *cum festinatione,* que para o explicar Malaquias na Terra, houve de fingir um monstro do céu: *Orietur vobis Sol justitiæ et sanitas in pennis ejus.* Sol com asas! Quem negará que é uma resplandecente monstruosidade? E acrescenta com muita propriedade o Profeta, que levará o Sol nas asas saúde, porque a dar saúde, e não a outro fim, parte hoje o Redentor com tanta pressa.

Estava a casa de Zacarias nesta ocasião (para que falemos com frase de hospital) feita uma enfermaria de diversos males. O velho Zacarias havia seis meses que emudecera; Santa Isabel sobre os da velhice padecia os achaques de pejada, e, mais mortal que todos, o menino Baptista jazia enfermo do pecado original, relíquias daquele antigo veneno, que dentro em uma maçã proibida deu a serpente a nossos primeiros pais. Se por uma maçã tomada contra vontade de seu dono se perdeu o Mundo todo, que muito se perca tanta parte dele em tempo que se toma tanto? Enfim, chegou a Senhora, que nunca tarda a quem a há mister, e aos primeiros abraços que deu a Santa Isabel, às primeiras palavras de cortesia com que a saudou, ouviu-as o me-

---

11. *Malaquias,* IV, 2.

nino enfermo, e logo ficou são: *Ut facta est vox salutationis tuæ in auribus meis, exultavit in gaudio infans in utero meo.* Oh como quisera que entenderam de aqui as pessoas soberanas, que com abra-
5 ços e boas palavras podem dar vida! Se muitas vezes pela impossibilidade dos tempos é força que estejam as mãos fechadas, porque não estarão os braços abertos? E que avareza pode ser mais cruel que negar a vida a um homem, quem lha pode dar
10 com palavras? Tão alentado, tão alegre ficou o menino Baptista com as da soberana Princesa, que a saltos de prazer começou a inquietar o silêncio das entranhas maternas, e quase a sair de si com alegria: *Exultavit infans in gaudio.* Montanhesa
15 cortesia parece receber a saltos uma Majestade tão soberana, mas acomodou-se o menino à estreiteza do lugar, e não fez pouco, porque fez o que pôde.

Este foi o principal efeito que causou a entrada de Cristo em casa de Zacarias, e semelhante a este
20 é, Excelentíssimo Senhor, o estado em que se acha a Baía, hoje alentada com a boa vinda e alegre com a tão desejada presença de Vossa Excelência. Solenizou-a esta cidade com menos alegrias sumptuosas, com menos festas públicas do que costuma,
25 mas bem desculpa Santa Isabel a falta destes aplausos exteriores, que o prazer de S. João todo foi por dentro, e a alegria verdadeira toda é de entranhas: *Exultavit infans in utero.* Como levantaria arcos triunfais a cabeça de uma província vencida, asso-
30 lada, queimada, e por tantas vezes e de tantas maneiras consumida? Prudente se portou em suas ale-

---

28. *S. Lucas*, I, 44.

grias esta cidade; por não desmentir seu estado, acomodou-se como S. João à estreiteza do tempo e reservou os triunfos para o dia das vitórias que espera. Quanto mais, Senhor, que nunca ninguém
5 entrou por arcos triunfais mais gloriosos, que quem foi recebido nos corações de todos.

Alegre-se pois o enfermo Brasil (e será o segundo sentido das palavras), porque vê também cumprida em si aquela profecia, que havia de vir um Sol de
10 justiça a restaurá-lo, que traria a saúde nas asas. Que maior alegria para um enfermo aflito, que luz e saúde? A nenhum lhe importa mais uma e outra que ao Brasil, porque não sei qual o tem posto sempre em maior perigo, se a enfermidade, se as
15 trevas. As trevas cederam ao Sol, a enfermidade obedecerá à saúde, e como todo este bem nos vem com asas, certa será a melhoria. Curará a diligência o que danou a remissão, e recuperará a pressa o que os vagares perderam. Muitas ocasiões há tido
20 o Brasil de se restaurar, muitas vezes tivemos o remédio quase entre as mãos, mas nunca o alcançámos, porque chegámos sempre um dia depois. Como havia de aproveitar a ocasião a quem a tomou pela calva sempre? E como estamos tão lastimados
25 das tardanças, o primeiro bom anúncio que temos, Senhor, é sabermos que nos vem a saúde nas asas, e que, voando mais que correndo, partiu Vossa Excelência a restaurar este Estado, sem reparar nos novos inconvenientes que da última fortuna sobre-
30 vieram, nem em quão descaído está o Brasil das forças e do poder, com que Vossa Excelência aceitou a restauração dele. Aconteceu-lhe a Vossa Excelência com o Brasil, o que a Cristo com Lázaro. Chamaram-no para curar um enfermo: *Ecce quem*

amas infirmatur; e quando chegou, foi-lhe necessário ressuscitar um morto. Morto está o Brasil, e ainda mal, porque tão morto e sepultado; fumegando estão ainda, e cobertas de suas cinzas,
5 essas campanhas. É verdade que nunca se viu esta província tão autorizada como agora, mas podem-lhe servir os títulos de epitáfios, que pois a vemos levantada a vice-reino entre as mortalhas, bem se pode dizer por ela também que depois de ser morta
10 foi rainha. Mas assim como S. João à voz da Senhora, assim como Lázaro à voz de Cristo, assim ressuscitará também o Brasil à voz e ao império de Vossa Excelência, podendo dizer, vitorioso dentro em pouco tempo, o que disse Paulo Fábio, orando no
15 Senado: *Macedoniam in potestatem populi romani redegi, et quod bellum quatuor ante me consules ita gesserunt, ut semper successori traderent gravius, id ego paucis diebus perfeci:* «Restaurei a Macedónia, reduzindo-a à sujeição do Império Romano,
20 diz o grande Fábio, e acabei felizmente em poucos dias aquela guerra que tinham governado quatro cônsules antes de mim, entregando-a sempre cada um a seu sucessor em pior estado». Quatro generais têm governado a guerra do Brasil depois de ocupado
25 Pernambuco. Grande conjectura de ser a enfermidade mortal, mudarmos tantas vezes a cabeceira! Todos foram capitães famosos, todos se portaram com grande valor e prudência militar, mas é des-

---

9-10. Vieira recorda o verso de Camões sobre D. Inês de Castro, *que depois de morta foi rainha.*

24. Matias de Albuquerque, D. António de Oquendo, D. Luís de Rojas e o Conde da Torre.

graça levar o leme no tempo da tempestade; e quando o castigo é do Céu, como o hão-de resistir braços humanos? Passou-se a fortuna a Holanda; nós a retirar, nós a descair, nós a perder, de sorte
5 que de quatro generais valerosos, nenhum governou a guerra, que a não entregasse a seu sucessor em pior estado do que a recebera. Mas assim como a restauração de Macedónia estava reservada para o grande Fábio, assim espera a sua o Brasil do vale-
10 rosíssimo braço de Vossa Excelência, tantas vezes armado e tantas vitorioso contra inimigos da Fé.

Para que se logrem melhor os felizes auspícios desta tão desejada saúde, representarei eu hoje a Vossa Excelência neste sermão o estado do nosso
15 enfermo Brasil, as causas de sua enfermidade, e, do modo que souber, o remédio dela. E porque nos não saiamos do Evangelho (ainda que os casos grandes escusam qualquer divertimento) irão as enfermidades do Brasil retratadas na doença de
20 S. João, a quem a Virgem Maria hoje foi visitar e dar saúde. Todos sabem que esta saúde foi de graça. Peçamo-la ao divino Espírito por intercessão da mesma Senhora. *Ave Maria.*

II

Ut facta est vox salutationis tuæ in auribus meis,
25 *exultavit in gaudio infans.*

Comecemos por esta última palavra. Bem sabem os que sabem a língua latina, que esta palavra —

---

18. *Divertimento* é o mesmo que *digressão,* que afasta do assunto.

infans (infante) — quer dizer o que não fala. Neste caso estava o menino Baptista quando a Senhora o visitou, e neste esteve o Brasil muitos anos, que foi, a meu ver, a maior ocasião de seus males. Como
5 o doente não pode falar, toda a outra conjectura dificulta muito a medicina. Por isso Cristo nenhum enfermo curou com mais dificuldade e em nenhum milagre gastou mais tempo, que em curar um endemoninhado mudo: *Erat ejiciens dæmonium, et illud*
10 *erat mutum.* O pior acidente que teve o Brasil em sua enfermidade foi o tolher-se-lhe a fala: muitas vezes se quis queixar justamente, muitas vezes quis pedir o remédio de seus males, mas sempre lhe afogou as palavras na garganta ou o respeito ou
15 a violência; e se alguma vez chegou algum gemido aos ouvidos de quem o devera remediar, chegaram também as vozes do poder, e venceram os clamores da razão. Por esta causa serei eu hoje o intérprete do nosso enfermo, já que a mim me coube em sorte;
20 que também S. João não falou por si, senão por boca de Santa Isabel. Na primeira informação da enfermidade consiste o acerto do remédio; e assim procurarei que seja muito verdadeira e muito desinteressada: falaremos, já que nos é lícito, para que
25 se não diga do Brasil o que se disse da cidade de Amidas, que a perdeu o silêncio: *Silentium Amidas perdidit.* E como a causa é geral, falarei também geralmente, que não é razão nem condição minha que se procure o bem universal com ofensas par-
30 ticulares.

---

26. Cidade da Mesopotâmia, conquistada pelos Persas aos Romanos. *Vid.* descrição do cerco notável *in* Ammiano Marcelino — *Rerum gestarum Lib. XIX.*

III

A enfermidade do Brasil, Senhor, é como a do menino Baptista — pecado original. S. Tomás e os teólogos definem o pecado original com aquelas palavras tomadas de Santo Anselmo: *Est privatio*
5 *justitiæ debitæ:* Que o pecado original é uma privação, uma falta da devida justiça. Bem sei de que justiça falam os teólogos, e o sentido em que entendem as palavras; mas a nós, que só buscamos a semelhança, servem-nos assim como soam. É pois
10 a doença do Brasil — *privatio justitiæ debitæ, falta da devida justiça,* assim a justiça punitiva, que castiga maus, como a justiça distributiva, que premia bons. Prémio e castigo são os dois pólos em que se revolve e sustenta a conservação de qual-
15 quer monarquia, e porque ambos estes faltaram sempre ao Brasil, por isso se arruinou e caiu. Sem justiça não há reino, nem província, nem cidade, nem ainda companhia de ladrões que possa conservar-se. Assim o prova Santo Agostinho com auto-
20 ridade de Cipião Africano, e o ensinam conformemente Túlio, Aristóteles, Platão, e todos os que escreveram de república. Enquanto os Romanos guardaram igualdade, ainda que neles não era verdadeira virtude, floresceu seu império e foram
25 senhores do Mundo; porém, tanto que a inteireza da justiça se foi corrompendo pouco a pouco, ao mesmo passo enfraqueceram as forças, desmaiaram os brios e vieram a pagar tributos os que os receberam de todas as gentes. Isto estão clamando todos
30 os reinos com suas mudanças, todos os impérios com suas ruínas, o dos Persas, o dos Gregos, o dos Assírios. Mas para que é cansar-me eu com repetir

exemplos, se prego a auditório católico, e temos autoridades de fé? *Regnum de gente ingentem transfertur propter injustitias,* diz o Espírito Santo, no capítulo X do *Eclesiástico:* Que a causa por que os
5 reinos e as monarquias se não conservam debaixo do mesmo senhor, a causa por que andam passando inconstantemente de umas nações a outras, como vemos, é *propter injustitias* — por injustiças. As injustiças da Terra são as que abrem a porta à justiça
10 do Céu. E como as nações estranhas são a vara da ira divina — *Assur virga furoris mei* — com elas nos priva da pátria; que é mui antiga razão de estado da providência de Deus, quando se não guarde justiça na sua vinha, dá-la a outros lavradores: *Vineam*
15 *suam locabit aliis agricolis.* Pois se por injustiças se perdem os estados do Mundo, se por injustiças os entrega Deus a nações estrangeiras, como poderíamos nós conservar o nosso, ou como o poderemos restaurar depois de perdido, senão fazendo justiça?
20 O contrário seria resistir a Deus e porfiar contra a mesma Fé.

Sem justiça se começou esta guerra, sem justiça se continuou, e por falta de justiça chegou ao miserável estado em que a vemos. Houve roubos, houve
25 homicídios, houve desobediências, houve outros delitos, muitos e enormes que não sei se chegaram a tocar na religião; mas nunca houve castigo, nunca houve um rigor que fizesse exemplo. Muitos bandos se lançaram muito justos, muitas ordens se deram
30 muito acertadas, mas, como disse Aristóteles, as leis não são boas porque bem se mandam, senão porque bem se guardam. Que importa que fossem justos os bandos se não se guardavam mais, que se se mandara o que se proibia? Que importa que fossem

acertadas as ordens, se nunca foi castigado quem as quebrou, e pode ser que nem repreendido? Baste por todo encarecimento nesta matéria, que em onze anos de guerra contínua e infeliz, onde houve tantas
5 rotas, tantas retiradas, tantas praças perdidas, nunca vimos um capitão, nem ainda um soldado, que com a vida o pagasse. Oh! aprendamos, aprendamos sequer de nossos inimigos, que nesta última fortuna tão grande que tiveram, quando com um poder tão
10 desigual nos derrotaram a maior armada que passou a Linha, a dois capitães sabemos, que degolaram no Recife, e a outros inabilitaram com suplícios menos honrosos, só porque andaram remissos em acudir à sua obrigação. Pois se o inimigo quando ganha dá
15 mortes de barato, se quando consegue o intento, se quando se vê vitorioso sabe cortar cabeças; nós, que sempre perdemos, e nem sempre por falta de poder, porque não atalharemos a novas perdas com castigo exemplar de quem for a causa? Porque há-de ser
20 consequência na guerra do Brasil: — se me renderem passarei a Espanha e despachar-me-ei? Há resolução mais indigna de Espanhóis? Há razão mais indigna de Católicos?

Toda esta falta de castigo, toda esta remissão de
25 culpas nasceu de uma razão de Estado, que cá se praticou quase sempre: que se não hão-de matar os homens em tempo que os havemos tanto mister; que não é bem que se perca em uma hora um soldado, que se não faz senão em muitos anos; que

---

19. Alude, sobretudo, ao Conde da Torre, que só depois seria castigado por Filipe IV, pela derrota da armada que comandara.

justiçar um homem porque matou outro é curar uma chaga com outra chaga, e que se não remedeiam as perdas, acrescentando-as; que a primeira máxima do governo é saber permitir, e que se há-de dissi-
5 mular um dano, por o não evitar com outro maior; como se não fora maior dano a destruição de toda a república, que a morte de um particular, como se não fora grande expediente resgatar com uma vida as vidas de todos: *Expedit ut unus moriatur homo,*
10 *ne tota gens pereat.* Ah triste e miserável Brasil, que porque esta razão de Estado se praticou em ti, por isso és triste e miserável! Não é miserável a república onde há delitos, senão onde falta o castigo deles: que os reinos e os impérios não os arruínam
15 os pecados por cometidos, senão por dissimulados. Dissimular com os maus, é mandar-lhes que o sejam, disse Séneca, e mais era gentio: *Qui non vetat peccare, cum possit, jubet.* A conquistar diladíssimas províncias caminhava Moisés, general dos
20 Israelitas, e não duvidou degolar de uma vez vinte e quatro mil homens, como se lê na Escritura, porque entendia, como experimentado capitão, que mais lhe importava no seu exército a observância da justiça, que o número de soldados. Quem pele-
25 jou nunca no Mundo com número mais desigual que Judas Macabeu? E contudo nem os exércitos de Apolónio, nem os ardis de Seron, nem os elefantes de Antíoco o puderam jamais vencer, antes ele saiu sempre carregado de despojos e de vitórias. Por-
30 quê? — Porque primeiro tirava a espada contra os seus e depois contra os inimigos. Pelejava com poucos soldados, e mais vencia, porque poucos com justiça é grande exército. Alagou Deus o Mundo com a dilúvio universal, e para restauração dele não

guardou mais que Noé com três filhos seus em uma arca. Pois, Senhor, parece que pudéramos replicar: quereis restaurar o Mundo, querei-lo restituir ao seu antigo estado, e para uma facção tão grande não
5 guardais mais que quatro homens em um navio? — Sim; que depois de um castigo tão grande, depois de uma justiça tão exemplar, quatro homens e um só navio bastam para restaurar um Mundo inteiro. Vede se nos sobejaram sempre soldados para
10 restaurar o Brasil, se nos não faltara a justiça.

IV

E não só é necessária ao nosso enfermo esta justiça punitiva, que castiga malfeitores, senão a outra parte da justiça distributiva, que premie liberalmente aos beneméritos. Assim como a medicina, diz
15 Filo Hebreu, não só atende a purgar os humores nocivos, senão a alentar e alimentar o sujeito debilitado; assim a um exército ou república não lhe basta aquela parte da justiça, que com o rigor do castigo a alimpa dos vícios, como de perniciosos
20 humores, senão que é também necessária à outra parte, que com prémios proporcionados ao merecimento esforce, sustente e anime a esperança dos homens. Por isso os Romanos, tão entendidos na paz e na guerra, inventaram para os soldados as
25 coroas cívicas e murais, as ovações, os triunfos e outros prémios militares, porque, como o amor da

---

13. Vid. pág. 89, l. 12.
15. Philon, filósofo alexandrino, nascido 30 anos A.C.

vida é tão natural, quem se atreverá a arriscá-la intrèpidamente, senão alentado com a esperança do prémio?

Quando David quis sair a pelejar com o gigante,
5 perguntou primeiro: *Quid dabitur viro, qui percusserit philisthæum hunc?* «Que se há-de dar ao homem que matar este filisteu?» Já naquele tempo se não arriscava a vida senão por seu justo preço, já então não havia no Mundo quem quisesse ser
10 valente de graça. Necessário é logo que haja prémios, para que haja soldados; e que aos prémios se entre pela porta do merecimento; dêem-se ao sangue derramado, e não ao herdado sòmente; dêem-se ao valor, e não à valia; que depois que no Mundo se
15 introduziu venderem-se as honras militares, converteu-se a milícia em latrocínio, e vão os soldados à guerra a tirar dinheiro com que comprar, e não a obrar façanhas com que requerer. Se se guardar esta igualdade, entrará em esperanças o mosque-
20 teiro e soldado de fortuna, que também para ele se fizeram os grandes postos, se os merecer; e animados com este pensamento, os de que hoje se não faz caso serão leões, e farão maravilhas; que muitas vezes debaixo da espada ferrugenta está escondido
25 o valor, como talvez debaixo dos talis bordados anda doirada a covardia. Assim que, é necessário que haja Sauis liberais, para que se levantem Davides animosos; e muito mais necessário que os prémios se dêem a quem disparar a funda e derribar
30 o gigante, e não a quem ficar olhando desde os arraiais.

---

6. I *Livro dos Reis*, XVII, 26.

Nenhuns serviços paga Sua Majestade hoje com mais liberal mão que os do Brasil, e contudo a guerra enfraquece e a reputação das armas cada vez em pior estado, porque acontece nos despachos o de
5 que ordinàriamente se queixa o Mundo, que os valerosos levam as feridas e os venturosos os prémios. Na filosofia bem ordenada primeiro é a potência e o acto, depois o hábito; cá, se olharmos para os peitos dos homens, acharemos muitos hábi-
10 tos e mui pensionados, onde nunca houve acto, nem ainda potência. Desta desigualdade se segue que o efeito dos prémios militares vem a ser contrário a si mesmo, porque em vez de com eles se animarem os soldados, antes se desanimam e desalentam. Como
15 se animará o soldado a buscar a honra por meio das bombardas e dos mosquetes, se vê em um peito o sangue das balas e noutro a púrpura das cruzes? Como se alentará a padecer os trabalhos e perigos de uma campanha, se vê premiado a Jacob, que
20 ficou em casa, e sem prémio a Esaú, que correu os montes? Se às peles de Jacob se dá o morgado, e às setas de Esaú se nega a bênção; se alcança mais este com seu engano, que o outro com a sua verdade, quem haverá que trabalhe? Quem haverá que
25 se arrisque? Quem haverá que peleje? Não há dúvida que à vista de semelhantes mercês, dirão os valerosos que vão errados; terão contrição do que deverão ter complacência; arrepender-se-ão de seus brios, condenarão suas passadas finezas, e se che-
30 garem a pelejar valentemente, será por desespe-

---

10. Reparar no trocadilho com os dois sentidos da palavra *hábito* — *costume* e *galardão* (como *hábito de Cristo*, de *Sant'Iago*, etc.).

ração; que não há cousa que assim desespere os beneméritos como ver os indignos premiados.

Mas muitas graças sejam dadas a Deus, que para remédio deste grande mal não só temos justiça na
5 terra, senão justiça de Sol, como diz Malaquias: *Orietur vobis sol justitiæ*. Sol para alumiar, para conhecer, para distinguir; justiça para premiar com igualdade. Por isso eu lá dizia, que não sei qual lhe fez sempre maior mal ao Brasil, se a enfermidade,
10 se as trevas. Muitas vezes prevaleceu o engano contra a verdade nesta guerra, muitas vezes luziu o que não era ouro, e foi tão injusta a fama, que trocou os nomes às cousas e às pessoas, e soaram pelo Mundo erradamente.

15 O maior escândalo que tenho contra a natureza, é um que cada hora experimentamos na artilharia. Por que razão há de fazer tanto estrondo uma peça que perdeu o pelouro, como outra que empregou o tiro? Há maior injustiça, há maior deformidade da
20 natureza? A peça que acertou, soe muito embora, atroe o Mundo, estremeça a terra com seu estampido; mas a peça que errou, a peça que não fez nada, a peça que não fez mais que empobrecer os armazéns de El-Rei sem proveito, porque há-de
25 soar, porque há-de ser ouvida? Ainda tenho advertido mais nesta matéria. Quando aqui estivemos sitiados no ano de trinta e oito, tirava o inimigo muitas balas ao baluarte de Santo António: os pelouros que acertavam, ficavam enterrados na trin-
30 cheira, os que erravam, voavam por cima, vinham rompendo com os ares com grande ruído, e os que

29. Vid. *Sermão de Santo António*, pág. 24 e segs.

andavam por estas ruas, aqui se abaixava um, acolá se abaixava outro, e muita gente lhes fazia cortesias demasiadas. De sorte que o pelouro que errou, esse fazia os estrondos, a esse se faziam as reverências;
5 e o outro que acertou, o outro que fez a sua obrigação, esse ficava enterrado. Ah quantos exemplos destes se acharam na guerra do Brasil! Quantos foram mais venturosos com seus erros, que outros com seus acertos! Algum que sempre errou, que
10 nunca fez cousa boa, nomeado, aplaudido, premiado; e o que acertou, o que trabalhou, o que subiu a trincheira, o que derramou o sangue, enterrado, esquecido, posto a um canto. Importa pois que não roube a negociação o que se deve ao mere-
15 cimento; que se desenterrem os talentos escondidos, que sepultou a fortuna ou a sem-razão; que não haja benemérito que não seja bem afortunado; que se corte a língua à fama, se for injusta; que se qualifiquem papéis, que se examinem certidões, que nem
20 todas são verdadeiras. Se foram verdadeiras todas as certidões dos soldados do Brasil, se aquelas rumas de façanhas em papel foram conformes a seus originais, que mais queríamos nós? Já não houvera Holanda, nem França, nem Turquia; todo o Mundo
25 fora nosso.

V

Não pretendo dizer com isto que não merecem muito os soldados desta guerra, porque antes tenho para mim, como é opinião de todos, que não há soldados no Mundo, nem que mais valentes sejam,
30 nem que mais sirvam, nem que mais trabalhem, nem que mais mereçam.

Já outra vez tive este pensamento, e agora me torno a confirmar mais nele, que para se despacharem os soldados do Brasil, principalmente os que andam em campanha, não têm necessidade de
5 mais certidão, que tomar o capítulo onze da segunda Epístola de S. Paulo aos Coríntios, firmada e jurada por seus generais, que bem o poderão fazer sem nenhum escrúpulo. Faz ali o Apóstolo uma ladaínha mui comprida de seus serviços e trabalhos, e diz
10 assim: *In laboribus plurimis, in carceribus abundantius, in plagis supra modum, in mortibus frequenter etc.* Dêmo-lo por lido, e vamos aplicando. *In laboribus plurimis:* que soldados padecem no Mundo maiores trabalhos, que os do Brasil? *In car-*
15 *ceribus abundantius:* também muitas vezes são prisioneiros, e nas prisões nenhuns mais cruelmente tratados que eles. *In plagis supra modum*: e quantas sejam as feridas que recebem, e quão contínuas, bem o dizem esses hospitais, bem o dizem essas
20 campanhas, e também os peitos vivos o podem dizer, que apenas se achará algum que não ande feito um crivo. *In mortibus frequenter:* frequentemente mortos, porque não há guerra no Mundo, onde se morra tão frequentemente, como na do Bra-
25 sil, de dia e de noite, no Inverno e no Verão, na trincheira e na campanha, nas nossas terras e nas do inimigo; e agora nesta jornada última e milagrosa, onde se não deu quartel, o mesmo foi ser ferido que morto, deixando os amigos aos amigos,
30 e os irmãos aos irmãos por mais não poderem, ficando os miseráveis feridos nesses matos, nessas

---

10. II *Epístola aos Coríntios*, XI, 23 e seg.

estradas, sem cura, sem remédio, sem companhia, para serem mortos a sangue-frio, e cruelmente despedaçados dos alfanjes holandeses, pelo Rei, pela Pátria, pela honra, pela Religião, pela Fé. Oh vale-
5 rosos soldados, que de boa vontade me detivera eu agora convosco, pregando vossas gloriosas exéquias! Mas vou depressa seguindo aos que vos deixam, perdoai-me. *In itineribus sæpe:* quem andou nunca, nem ainda correu com a imaginação os caminhos
10 que fazem estes soldados? Daqui a Pernambuco, daqui à Paraíba, daqui ao Rio Grande, e mais abaixo, por sertões de trezentas e quatrocentas léguas, levando sempre as munições às costas, e os mantimentos nos ferros dos chuços e nas bocas dos
15 arcabuzes. *Periculis fluminum:* atravessando rios, tantos e tão caudalosos, sem barca, sem ponte mais que os braços e a indústria para os passar. *Periculis latronum:* saindo-lhe os ladrões a cada passo. *Periculis ex genere:* sendo Espanhóis a quem os Holan-
20 deses têm mortal ódio. *Periculis ex gentibus:* arriscados a mil emboscadas do Gentio rebelde. *Periculis in civitate:* com perigos na cidade, como o que tiveram nesta, quando a preço de tantas vidas a defenderam valerosamente. *Periculis in solitudine:* com
25 perigos no deserto, porque são vastíssimos os despovoados que passam, sem casa, sem gente e muitas vezes sem rasto de fera nem de animal, mais que céu e terra. *Periculis in mari:* com perigos no mar, que ainda que até agora os não havia, bem se sabe
30 quão grandes foram os que padeceram na armada, e ainda não se sabe tudo. *Periculis in falsis fratribus:* com perigos de falsos irmãos, porque nem com os nossos Portugueses estão seguros na campanha, que o temor da morte os obriga a descobrir muitas

vezes o que não deveram. *In frigore et nuditate:* nús, despidos, descalços, ao sol, ao frio, à chuva, às inclemências dos ares deste clima, que são os mais agudos que se sabem. *In fame et siti, in jejunis* 5 *multis;* jejuando e padecendo as mais extraordinárias fomes e sedes, que nunca suportaram corpos mortais, sustentando a triste e animosa vida com as ervas do campo, com as raízes das árvores, com os bichos do mato, com as frutas agrestes e venenosas, 10 e tendo-se por muito regalados, se chegavam a alcançar para comer meia libra de carne de cavalo. Há mais invencível paciência? Há mais dura e pertinaz constância? Se isto sabeis, Holandeses, em que fundais vossas esperanças, como não desistis da em- 15 presa? como não desmaiais, como não vos ides?

Tendo os soldados de Júlio César sitiada a cidade de Dyrrachio, chegaram a comer não sei que pão feito de ervas, mas pão enfim; o qual como o visse Pompeu, que era o capitão sitiado, primeiramente 20 disse que ele pelejava com feras e não com homens; e logo mandou que aquele pão não aparecesse, porque, se o vissem seus soldados, sem dúvida desmaiariam e não se atreveriam a resistir a gente de tanta constância e pertinácia. *Ne visa patientia et* 25 *pertinacia hostis, animi suorum fragerentur* — diz Suetónio. Bem digo eu logo, Holandeses, se vedes o pão com que sustentam os nossos soldados, de cujo veneno morreram em uma noite mais de vinte, se vedes esta paciência, esta constância, esta perti- 30 nácia, como vos atreveis a pelejar com tal gente? como se vos não quebram os ânimos, como não

---

17. Dyrrachio é hoje Durazzo, cidade da Albânia.

desististis da empresa? Mas agora o fareis, agora o veremos com o favor divino, que já é chegado o tempo.

Por tudo isto dizia S. Paulo: *Plus omnibus laboravi:* «Que trabalhou mais que todos os Apóstolos»; e pela mesma razão digo eu dos soldados do Brasil: *Plus omnibus laboraverunt:* «Que trabalharam e trabalham mais que todos os soldados do Mundo», e se mais que todos trabalham, bem merecem ser premiados mais que todos. Mas, *o fortuna viris invida fortibus!* — dizia Hércules: «Oh fortuna sempre invejosa aos varões fortes!» Bem experimentam nossos soldados, que se ajuntam poucas vezes valor e fortuna, porque assim como são valentes mais que todos, assim são mais que todos desgraçados. Não há infantaria no Mundo, nem mais mal paga nem mais mal assistida; é possível que hão-de andar descalços e despidos uns corpos tão ricos de valor?! Descalços e despidos os soldados do rei das Espanhas, do mais poderoso monarca do Mundo?! Bem sabemos a quanta estreiteza está reduzida a fazenda real no tempo presente, mas quando El-Rei neste estado não tivera outra cousa, a camisa (como dizem) havia de tirar para vestir tais soldados.

Nenhum monarca do Mundo chegou nunca a tanta pobreza, como Cristo, Redentor nosso, na cruz; e contudo, tanto que se viu com título de rei sobre a cabeça: *Rex Judæorum,* não só os vestidos exteriores, senão a túnica interior deu aos soldados; e não a soldados que defendiam a Fé, senão a soldados que crucificavam a Cristo: *Milites ergo cum crucifixissent eum, acceperunt vestimenta ejus et tunicam.* E que fizeram esses soldados logo? — Tomaram os vestidos do Senhor e puseram-se a jogá-los.

Pois se o verdadeiro Rei se despe para que os soldados tenham que jogar, quanto mais se deve despir, para que tenham que vestir? E mais quando eles são tão valentes e tão briosos, que andando tão rotos e tão despidos, que puderam ter esquecido o vestir, nem por isso se esqueceram do investir.

E certo, senhores, para que digamos e confessemos tudo, não haveria muito de que nos espantar, quando assim o fizeram.

Quando Deus perguntou a Adão, porque se escondera no bosque do Paraíso, respondeu-lhe: *Timui, eo quod nudus essem et abscondi me:* «Senhor, olhei para mim, vi-me despido, por isso temi e me escondi.» O mesmo puderam fazer os soldados desta guerra: temerem e esconderem-se na ocasião, e quando lhes perguntassem porquê? responder: *Timui, eo quod nudus essem, et abscondi me:* Escondi-me em um mato, temi a morte, não quis pelejar com os Holandeses, porque quando olho para mim, vejo-me despido, e não quero dar o sangue por quem me não dá de vestir. Isto puderam dizer os nossos soldados como filhos de Adão, mas como filhos e descendentes daqueles portugueses famosos, pelejam, trabalham, cansam, morrem, e quando olham para si, como andam despidos, vêem-se a si, e fazem como quem são. Há maior fineza? Há maior constância? Há maior fidelidade? Portuguesa, enfim! Já Jacob um dia que se viu mui favorecido de

6. Este jogo verbal completa, saborosamente a amarga ironia de todo o trecho, de perfeita verdade histórica, segundo se pode ver em historiadores como Mirales.

Deus, saiu com um voto, e disse desta maneira: *Si dederit mihi panem ad vescendum et vestimentum ad induedum, erit mihi Dominus in Deum:* Se Deus me der pão para comer e roupa para vestir,
5 eu faço voto a sua divina Majestade de o servir como a meu Senhor. Vós passais pelo descanso da condição, pela valentia da promessa? Pois este era aquele famoso Jacob, a quem lançavam escadas do Céu à Terra, a quem o mesmo Deus vigiava o sono.
10 Para que conheça a Espanha, para que conheça nosso grande Monarca quanto mais deve aos fidelíssimos soldados desta guerra, pois com as obras e com o sangue prometeram sempre a vozes, que haviam de servir a seu Rei, e morrer por ele, ainda
15 que nunca lhes desse de comer nem de vestir.

E se sem vestir e sem comer, obraram até aqui tão valerosamente, agora que a cuidadosa providência do marquês Viso-Rei, que Deus guarde, de nenhuma cousa mais tratou, que de trazer com que
20 vestir e sustentar esta infantaria, que farão ou que não farão? Que não farão agradecidos, se tanto fizeram descontentes? Que não merecerão trabalhando os que tanto trabalharam sem merecer? Não há dúvida que alentados os bens, que serão os mais,
25 com o prémio, e refreados os maus, que serão os menos, com o castigo, entre as resistências do temor e os impulsos da esperança, tornará o Brasil em si, e debaixo das asas de uma e outra justiça, recobrará a perfeita saúde, que tanto lhe desejamos.

VI

Mas como a experiência ensina que, para a saúde ser segura e firme, não basta sobressarar a enfermidade, senão se arrancam as raízes e se cortam as causas dela, é necessário vermos ùltimamente, quais
5 são e quais foram as causas desta enfermidade do Brasil. A causa da enfermidade do Brasil, bem examinada, é a mesma que a do pecado original. Pôs Deus no Paraíso terreal o nosso pai Adão, mandando-lhe que o guardasse e trabalhasse: *Ut opera-*
10 *retur et custodiret:* e ele, parecendo-lhe melhor o *guardar* que o *trabalhar,* lançou mão à árvore vedada, tomou o pomo que não era seu, e perdeu a justiça em que vivia, para si e para o género humano. Esta foi a origem do pecado original, e
15 esta é a causa original das doenças do Brasil — tomar o alheio, cobiças, interesses, ganhos e conveniências particulares, por onde a justiça se não guarda e o Estado se perde.

Perde-se o Brasil, Senhor (digamo-lo em uma
20 palavra), porque alguns ministros de Sua Majestade não vêm cá buscar o nosso bem, vêm cá buscar nossos bens. Assim como dissemos que se perdeu o Mundo, porque Adão fez só a metade do que Deus lhe mandou, em sentido averso — guardar sim, tra-
25 balhar não — assim podemos dizer, que se perde também o Brasil, porque alguns dos seus ministros não fazem mais que a metade do que El-Rei lhes manda. El-Rei manda-os tomar Pernambuco, e eles contentam-se com o *tomar.* Se um só homem que

---

4. *Ùltimamente* é o mesmo que *em último lugar.*

tomou, perdeu o Mundo, tantos homens a tomar, como não hão-de perder um Estado? Este tomar o alheio, ou seja o do Rei ou o dos povos, é a origem da doença; e as várias artes e modos e instrumentos
5 de tomar são os sintomas, que, sendo de sua natureza muito perigosa, a fazem por momentos mais mortal. E senão, pergunto, para que as causas dos sintomas se conheçam melhor: — Toma nesta terra o ministro da justiça? — Sim, toma. — Toma o mi-
10 nistro da fazenda? — Sim, toma. — Toma o ministro da república? — Sim, toma. — Toma o ministro da milícia? — Sim, toma. — Toma o ministro do Estado? — Sim, toma. E como tantos sintomas lhe sobrevêm ao pobre enfermo, e todos
15 acometem à cabeça e ao coração, que são as partes mais vitais, e todos são atractivos e contractivos do dinheiro, que é o nervo dos exércitos e das repúblicas, fica tomado todo o corpo e tolhido de pés e mãos, sem haver mão esquerda que castigue, nem
20 mão direita que premie; e faltando a justiça punitiva para expelir os humores nocivos e a distributiva para alentar e alimentar o sujeito, sangrando-o por outra parte os tributos em todas as veias, milagre é que não tenha expirado.

25 Como se havia de restaurar o Brasil (não falo de hoje nem de ontem, que a enfermidade é muito antiga, ainda mal) como se havia de restaurar o Brasil, se ia o capitão levantar uma companhia pelos lugares de fora, e por não lhe fugirem os solda-

---

13. Já temos visto como Vieira, segundo o gosto do tempo, se compraz nos equívocos, mesmo em momentos graves.

dos, trazia-os na algibeira? E como após este ia logo outro do mesmo humor, que os trazia igualmente arrecadados, houve pobre homem nestes arredores, que, sem sair da Baía, como se quatro vezes fora
5 a Argel, quatro vezes se resgatou com o seu dinheiro. Como se havia de restaurar o Brasil, se os mantimentos se abarcavam com mão de El-Rei, e talvez os vendiam seus ministros ou os ministros de seus ministros (que não há Adão que não tenha a sua
10 Eva), pondo os preços às cousas a cobiça de quem vendia e a necessidade de quem comprava? Como se havia de restaurar o Brasil, se os navios que sustentam o comércio e enriquecem a terra, haviam de comprar o descarregar, e o dar querena, e o
15 carregar, e o partir, e não sei se também os ventos? Como se havia de restaurar o Brasil, se o capitão de infantaria, por comer as praças aos soldados, os absolvia das guardas e das outras obrigações militares, envilecendo-se em ofícios mecânicos, os âni-
20 mos que hão-de ser nobres e generosos? Como se havia de restaurar o Brasil, se o capitão de mar e guerra fazia cruel guerra ao seu navio, vendendo os mantimentos, as munições, as enxárcias, as velas, as antenas, e se não vendeu o casco do galeão, foi
25 porque não achou quem lho comprasse? E como, mais ou menos, por nossos pecados, sempre houve no Brasil alguns ministros destas qualidades, que importava que os generais ilustríssimos fossem tão

---

1. Trazia-os na algibeira, porque recebia por cada um que deixava escapar a paga do suborno.

14. Hoje *carena:* era inclinar o navio para se lhe limpar o fundo.

puros como o Sol e tão incorruptíveis como os orbes celestes? Digo isto, porque sei que o vulgo é monstro de muitas cabeças, que não se governa por verdade nem por razão, e se atreve a pôr a boca no mesmo
5 Céu, sem perdoar nem guardar decoro ainda ao maior planeta. O certo é que muitas cousas se dizem que não são, e há sucessores de Pilatos no Mundo, que por se lavarem as mãos de si, lançam as culpas à cabeça. Que haviam as cabeças de executar, me-
10 neando-se com tais mãos, e obrando com tais instrumentos? Desfazia-se o povo em tributos e mais tributos, em imposições e mais imposições, em donativos e mais donativos, em esmolas e mais esmolas (que até à humildade deste nome se sujeitava a
15 necessidade ou se abatia a cobiça), e no cabo nada aproveitava, nada luzia, nada aparecia. Porquê? — Porque o dinheiro não passava das mãos por onde passava. Muito deu em seu tempo Pernambuco; muito deu e dá hoje a Baía, e nada se logra;
20 porque o que se tira do Brasil, tira-se do Brasil; o Brasil o dá, Portugal o leva.

VII

Com terem tão pouco do Céu os ministros que isto fazem, temo-los retratados nas nuvens. Aparece uma nuvem no meio daquela Baía, lança uma
25 manga ao mar, vai sorvendo por oculto segredo da natureza grande quantidade de água, e depois que está bem cheia, depois que está bem carregada, dá-lhe o vento, e vai chover daqui a trinta, daqui a cinquenta léguas. Pois, nuvem ingrata, nuvem in-

justa, se na Baía tomaste essa água, se na Baía te encheste, porque não choves também na Baía? Se a tiraste de nós, porque a não despendes connosco? Se a roubaste a nossos mares, porque a não resti-
5 tuis a nossos campos? Tais como isto são muitas vezes os ministros que vêm ao Brasil — e é fortuna geral das partes ultramarinas. Partem de Portugal estas nuvens, passam as calmas da Linha, onde se diz que também refervem as consciências, e em che-
10 gando, *verbi gratia,* a esta Baía, não fazem mais que chupar, adquirir, ajuntar, encher-se (por meios ocultos, mas sabidos), e ao cabo de três ou quatro anos, em vez de fertilizarem a nossa terra com a água que era nossa, abrem as asas ao vento, e vão
15 chover a Lisboa, esperdiçar a Madrid. Por isso nada lhe luz ao Brasil, por mais que dê, nada lhe monta e nada lhe aproveita, por mais que faça, por mais que se desfaça. E o mal mais para sentir de todos é que a água que por lá chovem e esperdiçam as
20 nuvens não é tirada da abundância do mar, como noutro tempo, senão das lágrimas do miserável e dos suores do pobre, que não sei como atura já tanto a constância e fidelidade destes vassalos.

Tenho reparado muito, que em nenhum tormento
25 da paixão desceu anjo do Céu a conformar a Cristo, senão quando suou no Horto. Pois porque mais nos suores do Horto, que nos açoutes da coluna, nos tormentos da cruz ou noutro daqueles transes rigorosíssimos? Os porquês de Deus são só a ele mani-
30 festos. Mas o que ele nos revelou daquele caso, é que suou e que suou pela saúde, pela vida e pela glorificação dos homens. E que hajam de viver outros à custa do meu suor! Que haja de suar eu para que outros vivam! Que haja de suar eu para

que outros triunfem! É um ponto tão rigoroso, considerado humanamente, como Cristo então considerava; é um ponto tão rigoroso, é um transe tão apertado, que até o coração de um Homem-Deus
5 parece que há mister que venha um anjo do Céu a o confortar, que não há forças na natureza, nem cabedal para tanto.

Muitos transes destes tens padecido, desgraçado Brasil, muitos te desfizeram para se fazerem, muitos
10 edificam palácios com os pedaços das tuas ruínas, muitos comem o seu pão ou o pão não seu, com o suor do teu rosto: eles ricos, tu pobre; eles salvos, tu em perigo; eles por ti vivendo em prosperidade, tu por eles a risco de expirar. Mas agora alegra-te,
15 anima-te, torna em ti e dá graças a Deus, que já por mercê sua estamos em tempo, que, se concorrermos com o nosso suor, há-de ser para nossa saúde. Pelo que, Senhores, vós os que governais a república, não atenteis só para a fraqueza do en-
20 fermo, que bem vemos quão pouca substância tem, e quão debilitado está, mas olhai muito o bem da saúde e para a importância do remédio. O doente que quer sarar, levado do amor da vida, nada põe por diante, em nada repara; por ásperos que sejam
25 os medicamentos, a tudo fecha os olhos. Bem sei que se hão-de ouvir ais, bem sei que se hão-de ouvir gemidos, e muito justos; mas compadecer e cortar (como seja com a igualdade e moderação devida); que ser nesta parte cruel, é a maior piedade. Ani-
30 me-se, pois, a fidelidade e liberalidade deste nobre povo a se socorrer e ajudar nesta causa tão justa e tão sua, estando mui certo e seguro, que se der o suor, se der o sangue, não há-de ser para que outros vivam e triunfem, senão para que nós vivamos e

triunfemos de nossos inimigos. Tudo o que der a Baía, para a Baía há-de ser: tudo o que se tirar do Brasil, com o Brasil se há-de gastar.

VIII

E porque sei de certo que assim o havemos de
5 ver, como digo, quero acabar este sermão com uma profecia alegre, fundada na mesma verdade, e é que desta vez se há-de restaurar o Brasil. Dêem-me licença para que pondere um lugar, que hoje tudo foram palavras, mas foi necessário dizer muito;
10 outro dia pregaremos pensamentos.

Sacramento eucharistiæ totus mundus subjugatus est, diz Santo Elígio na *Homilia XI*, e é autoridade mui recebida de toda a Igreja, que «com o Santíssimo Sacramento da Eucaristia sujeitou Cristo e
15 restaurou o Mundo.» Na cruz alcançou a primeira vitória; mas com o sacramento de seu corpo e sangue foi restaurado e restituído a seu império quanto o demónio lhe tinha tiranizado. Ora examinemos e saibamos porque mais com o sacramento da Eucaristia,
20 que com outro mistério? Cristo nascido, Cristo morto. Cristo ressuscitado não pudera restaurar o Mundo? Pois porque mais Cristo sacramentado?

1-3. Este e outros passos fazem de Vieira, para alguns escritores brasileiros, o precursor da autonomismo que, pela conspiração de Minas, iria dar à completa emancipação da colónia.

12. Elígio ou Elói, que viveu no século XII, não foi o autor das *Homilias*, que a crítica diz serem escritas no século IX.

Porque se tomou por instrumento desta restauração o mistério sagrado da Eucaristia?

Lavremos um diamante com outro diamante, e expliquemos um santo com outro santo. S. Tomás, 5 falando do Santíssimo Sacramento do altar, nota uma cousa digna de ponderação, e é que, neste soberano mistério, «quanto Cristo recebeu de nós, tudo despende connosco»: *Et hoc insuper quod de nostro assumpsit, totum nobis contulit ad salutem.* Que re- 10 cebeu Cristo de nós na Encarnação? — Recebeu a carne e recebeu o sangue. E que nos dá Cristo na Eucaristia? — Dá-nos essa mesma carne na hóstia, dá-nos esse mesmo sangue no cálice. E este soberano Príncipe é tão justo e tão desinteressado, que 15 quanto recebe de nós, tudo despende connosco, e quanto toma dos homens, tudo gasta com os homens para sua sustentação e proveito: *Quod de nostro assumpsit, totum nobis contulit ad salutem.* Logo, com muito fundamento ao mistério em que exercita 20 esta grande acção, mais que a nenhum outro se deve e se atribui a restauração do Mundo: *Sacramento eucharistiæ totus mundus subjugatus est:* que em se despendendo com os homens tudo o que se recebe dos homens; em se gastando em benefício do povo 25 tudo o que do povo se tira (como daqui por diante se há-de fazer), logo a restauração está certa e a vitória segura.

Tenho provada a minha profecia? Pois ainda a confirmo com outra razão, e vai por conta dos enfer- 30 mos deste hospital, os quais me pediram desse as graças ao Senhor Marquês da piedade tão cristã e zelo tão verdadeiramente de pai de soldados, com que a primeira acção que Sua Excelência fez, em saltando em terra, foi mandar chamar o provedor

e irmãos desta Santa Casa, e, sendo informado do aperto em que estavam os doentes e as misérias que padeciam, ordenar que se fizesse novo hospital, e que com toda a caridade e liberalidade se acudisse
5 à saúde e regalo destes pobres enfermos. Desta acção infiro eu, e confirmo, que é chegada a restauração do Brasil, e vede se o provo. Mandou S. João Baptista uma embaixada a Cristo por dois discípulos de sua escola, em que dizia assim: *Tu es qui venturus*
10 *es, an alium expectamus?* «Sois vós, Senhor, o que haveis de vir restaurar-nos, ou havemos de esperar ainda por outro?» Não puderam perguntar mais a propósito, se nós ditáramos a pergunta. Nenhuma cousa lhes respondeu Cristo de palavra. Manda
15 buscar pela terra os cegos, os surdos, os mancos, os leprosos, enfim, quantos enfermos se puderam achar, e, depois de os curar a todos, virou-se então para os embaixadores, e disse: *Renuntiate Joanni quæ audistis et vidistis:* «Ide, dizei a João o que
20 ouvistes e vistes». Pois, Senhor, com licença vossa, esta resposta parece que não diz com a pergunta. Perguntam-vos se sois o Messias esperado, perguntam-vos se sois vós o que haveis de restaurar o Mundo, e por resposta ponde-vos a curar enfermos?!
25 — Sim, com muita razão, diz S. Cirilo: *Ut congrua ratione summentes fidem ipsius, ad eum revertantur, qui misit eos:* Pôs-se Cristo a curar enfermos diante

---

5. O Prof. Pedro Calmon, anotando este mesmo sermão *(Padre António Vieira — Por Brasil e Portugal —* Brasiliana, Rio de Janeiro) diz que Montalvão parece não ter cumprido as promessas feitas.

25-27. Trad.: *Para que, acreditando nele com justa razão, voltassem para junto de quem os enviou.*

dos embaixadores do Baptista, para que desta acção que lhe viam fazer, cressem e inferissem por boa razão que ele era o Restaurador do Mundo, por quem perguntavam. Este Senhor trata de curar
5 enfermos: *Cæci vident, claudi ambulant, leprosi mundantur?* Logo ele é o que há-de restaurar o Mundo: *Tu es qui venturus es;* porque não há conjectura mais verdadeira, nem consequência mais formal de ser restaurador, que ter grande cuidado
10 dos enfermos e tratar destas obras de misericórdia.
E senão diga-nos o nosso Evangelho, qual foi a primeira acção que fez no Mundo o Redentor e Restaurador dele? — A primeira acção que Cristo fez em pondo o pé em terra foi partir-se para as
15 montanhas de Judeia, a curar, como dissemos, um menino enfermo. Não é frase minha, senão do cardeal Toledo, que fecha e confirma todo este discurso: *Mira Christi et Matris visitatio attulit Joanni peccati medicinam:* «Esta visita de Cristo e sua Mãe
20 Santíssima, foi como visita de Médico soberano, que curou a enfermidade de S. João e lhe trouxe a medicina do pecado». Tão próprio é de quem há-de restaurar mundos, consagrar a primeira acção à cura e ao remédio dos enfermos. Mas como não
25 são menos de Deus os fins que os princípios, e nas profecias e prognósticos humanos nos ensina a Fé a dizer — *Deus sobre tudo,* peçamos à divina Majestade seja servido prosperar-nos estas tão bem fundadas esperanças, e ouvir os suspiros e gemidos
30 já cansados deste enfermo e aflito Brasil. E para

---

17. Francisco de Toledo é comentarista bíblico, autor do *Coment. aos Evang. de S. Lucas e S. João,* etc.

que mais eficazmente alcancemos o desejado despacho desta tão justa petição, tomemos por valedora a Virgem Mãe do mesmo Deus, por quem hoje se começou a dispensar a primeira graça para que nos
5 alcance esta, oferecendo-lhe três ave-marias.

SERMÃO DA DOMINGA VIGÉSIMA SEGUNDA

«POST PENTECOSTEN»

Pregado na ocasião em que o estado do Maranhão se repartiu em dois governos e estes se deram a pessoas particulares, moradoras da mesma terra

Cujus est imago hæc et superscriptio? Dicunt ei: Cæsaris. — Mat. XXII.

I

Não há terra mais dificultosa de governar que a pátria, nem há mando mais mal sofrido, nem mais mal obedecido que o dos iguais. Vivendo os Hebreus governados por Deus, o qual no *Propiciatório*
5 respondia a todas suas consultas e ordenava em

O conteúdo histórico do sermão:

Este sermão não é apenas admirável pela expressividade dos símbolos, é-o igualmente pelo desassombro da crítica aos abusos de toda a ordem praticados pelos que na Baía exerciam o mando e representavam o poder, desde a prepotência ao latrocínio.

Olha Vieira o Brasil como um prolongamento da Pátria e considera seus habitadores como portuguesse, para o uso

(Continua na página seguinte)

Trad. do tema: *De quem é esta imagem e a inscrição?*

4. Placa de ouro que ficava, no templo, por cima da Arca Santa.

voz clara o que se havia de fazer ou não fazer, foram eles tão mal aconselhados que quiseram ser governados por homens, como as outras nações; e sendo tão soberbos que desprezavam a todas em
5 tudo o mais, neste ponto, que era a sua maior prerrogativa, pediram ser semelhantes a elas: *Constitue nobis regem, sicut et universæ habent nationes.* Os primeiros governadores, pois, que Deus lhes concedeu com poder e soberania real foram Saul e
10 David: Saul, que andava buscando as jumentas que se perderam a seu pai, e David, que andava guardando as ovelhas do seu. Não fez Deus diferença das qualidades, porque todos eram filhos de Abraão; nem a fez também dos ofícios, porque todos naquele
15 tempo viviam de suas lavouras e dos seus pastos.

---

dos direitos, como para o cumprimento dos deveres. Assim, aplaude a providência que determina a escolha para as funções públicas de *pessoas particulares moradoras na terra* — o que parece mais um rasgo, a juntar ao que apontamos em nota na pág. 110, a denunciar o jesuíta como o primeiro em quem, posto que vagamente, assoma o espírito autonomista.

Não posso saber a data deste sermão, porque não me foi possível saber a data do diploma que o provoca. Apenas sei dizer que Vieira esteve no Maranhão, em que o pregou, desde 1653 a 1661. Sendo, assim, anterior em data a alguns dos sermões que a seguir se publicam, inserimo-lo neste lugar, porque, sendo os anteriores todos relativos à guerra e à política no Brasil, é este do presente volume, o último que ao Brasil diz respeito.

Esta atenção à vida pública, em seus espectaculosos aspectos políticos e sociais, compreende-se desse evidência à tendência que fez de Vieira o buliçoso conselheiro de D. João IV, perante quem já prega o sermão que a seguir se transcreve. Viera à Metrópole na comissão que trouxera à nova dinastia a adesão da Colónia.

Só teve atenção às pessoas e aos talentos; porque assim Saul como David debaixo do seu saial eram homens de tão grandes espíritos, como logo mostraram as suas obras. Mas quais foram os aplausos
5 com que foi recebida naquela república, depois de tão apertadas instâncias, a eleição destes dois governos? — A terra era a pátria e os eleitos eram iguais (como dizia) e não bastou que um fosse Saul e outro David, para serem bem aceitos. Ale-
10 graram-se os parentes, murmuraram os estranhos, e os demais (que eram quase todos) ficaram descontentes.

Não digo o que disseram, porque as cousas não eram para dizer, nem são para ouvir; só digo que
15 estamos no mesmo caso. Temos repartido este nosso estado em dois governos iguais e debaixo de duas cabeças, ambas naturais da mesma terra, sem ser a *de promissão;* e assim da parte das cabeças como dos membros, assim da parte dos novos governado-
20 res como dos súbditos, se podem recear, como já se temem, não pequenos inconvenientes. O recurso está longe, o remédio não pode chegar senão tarde; entretanto só vos peço que tomeis o melhor conselho. A obrigação dos pregadores, a quem a Escri-
25 tura chama *anjos da paz,* é serem ministros da união e concórdia; e porque esta devemos desejar todos, como bons cristãos, como bons républicos e como bons vassalos, para eu satisfazer à minha obrigação, não me ocorre outro meio mais eficiente,
30 que declarar a uns e a outros as suas. O meu intento será este, o Evangelho a guia, a intercessora para a graça a Virgem, Senhora nossa. Peçamo-la com aquela atenção que requer tão importante matéria. *Ave Maria.*

II

Perguntado Cristo, Senhor nosso, como Mestre da Lei, se era lícito aos Hebreus pagar tributo ao César, imperador dos Romanos, respondeu que lhe mostrassem primeiro a moeda do tributo: *Ostendite mihi numisma census*. E como na moeda estivesse estampada uma figura com certas letras em roda, perguntou mais o Senhor, cuja era aquela imagem e cujo o nome escrito nas letras: *Cujus est imago hæc et superscriptio?*. Responderam que a imagem e o nome eram do mesmo César: *Dicunt ei: Cæsaris*. Isto é o que contêm as palavras que propus. O resto do Evangelho ficará para outra ocasião, e também a moeda. Eu não quero para hoje mais que a imagem do César, porque com as imagens dos Césares hei-de falar.

Cujus est imago hæc? Todos os que governam são imagens de seus príncipes, porque os representam na pessoa e no exercício dos poderes. Começou este nome ou título de imagem no primeiro governo do Mundo, dado não menos que por Deus ao primeiro homem, e não nas provisões do ofício, senão antes da criação dele e do mesmo que o havia de exercitar: *Faciamus hominem ad imaginem et similitudinem nostram, et præsit:* «Façamos o homem — disse Deus — à nossa imagem e semelhança, para que tenha a presidência e governo do Mundo». Sobre estas palavras é grave questão entre os Teólogos, em que consista no homem o ser imagem de Deus? Os hereges andeanos disseram que consistia

29. Sectários de Andeu, herege que, na Mesopotâmia, nos começos do IV século, expôs uma concepção da

na forma e estatura do corpo. E também é heresia política a de alguns príncipes, os quais tanto se deixam levar dessas aparências exteriores, que por elas fazem a eleição das suas imagens. Tão pouco importa para o governo da república a estatura ou gentileza dos corpos — diz Séneca — como para o governo da nau ser o piloto formoso. Resolvem pois todos os Santos e Doutores católicos que a razão da imagem de Deus no homem consiste na alma adornada de três potências, em que representa ao mesmo Deus trino e um. Porém, S. Basílio e S. João Crisóstomo acrescentam que a Adão particularmente deu Deus o título de imagem sua, porque lhe encarregou o governo do Mundo, e que ajuntou à imagem a semelhança — *ad imaginem et similitudinem* — para que no mesmo governo se lembrasse Adão que se devia fazer semelhante, quanto fosse possível, ao Supremo Senhor, a quem representava: *Imaginem dixit ob principatus rationem, similitudinem ut pro viribus humanis similes fiamus Deo.*

Oh quantos e quão excelentes documentos deixou Deus naquela primeira acção aos príncipes, de como deviam fazer e eleger as suas imagens! Todas as outras criaturas mandou-as Deus fazer ou mandou que se fizessem; o homem que o havia de representar como sua imagem e a quem havia de entregar o governo do seu mundo, fê-lo com consulta e conselho, e não de homens, que ainda não havia, nem de anjos, que já eram criados, mas das Três Pessoas

---

divindade, que, segundo se diz, atribuía a Deus formas humanas.

Divinas: *Faciamus hominem ad imaginem et similitudinem nostram;* e para quê? — *Ut præsit piscibus maris et volatilibus cœli, et bestiis, universæque terræ:* «para que governe os peixes do mar, as aves do ar e os animais da Terra». E se para a eleição de quem há-de governar brutos se requer tanto aparato e prevenção de consultas e conselhos, na sabedoria do mesmo Deus, que será para eleger um homem que há-de governar homens? O carácter de imagem sua pô-lo Deus porventura na alma do homem; porque se não há-de entregar o governo a homens sem alma? — Sim, mas não só por isso. Não basta que o que houver de governar seja homem com alma; mas é necessário que seja alma com homem. Se tiver alma e boa alma, não quererá fazer mal; mas se juntamente não tiver actividade e resolução e talento de homem, não fará cousa boa. Deu-lhe Deus memória, entendimento e vontade: a memória, para que se lembre da sua obrigação; o entendimento, para que saiba o que há-de mandar, e a vontade, para querer o que for melhor; e não homens de uma só potência (que por isso fazem impotências) e faltando-lhe a memória e o entendimento, só têm má vontade.

Com todas estas qualidades formou Deus e aperfeiçoou a imagem que no governo do Mundo havia de representar a Majestade Divina, bem assim como representam as majestades humanas os que em seu lugar e com seus poderes governam estas ou outras pequenas partes do mesmo Mundo. A imagem do César não só estava estampada na moeda, senão

---

2. *Génesis*, I, 26.

também, e muito mais, em quem governava a república. Na moeda, era imagem morta; em quem governava, imagem viva; na moeda dava-lhe o cunho o valor; em quem governava, davam-lhe as
5 provisões o poder. E se de qualquer delas se perguntasse: *Cujus est imago hæc?* cuja é esta imagem? de ambas se havia de responder em diferente sentido, mas com a mesma verdade, que era a imagem do César: *Dicunt ei: Cæsaris.*

10 Suposta esta significação, nascida com o Mundo e com a mesma natureza, de que são imagens dos príncipes os que governam em seu nome e os representam; se eu pregara em outra parte, havia de repartir o sermão em três pontos: primeiro, como
15 hão os Césares de fazer as suas imagens; segundo, como hão as imagens de representar os Césares; terceiro, como os súbditos e vassalos dos Césares hão-de reverenciar e obedecer as mesmas imagens. Mas porque o primeiro ponto não pertence a esta
20 terra, nem a este auditório, tratarei sòmente do segundo e do terceiro, que são tão próprios do lugar, como necessários ao tempo.

III

Começando pois pela obrigação das imagens, assim como é grande dignidade haver de representar
25 um príncipe supremo aos olhos do Mundo (ou seja maior ou menor o teatro), assim é mui dificultoso e arriscado o acerto dessa grande representação. Fácil no que toca ao poder, mas no mandar e obrar muito dificultosa e de poucos. Isso quis significar o
30 provérbio dos Antigos, quando disseram que a ima-

gem de Mercúrio não se faz de qualquer madeiro: *Non ex quolibet ligno fit Mercurius.* E porque mais a imagem de Mercúrio que a de Júpiter, que era entre os Deuses a primeira e mais alta soberania?
5 — Porque Júpiter era Deus do poder, Mercúrio da sabedoria e prudência; e a majestade do poder qualquer a pode representar fàcilmente; as acções, porém, da sabedoria e prudência são mui poucos os que sejam capazes de as compor e exercitar,
10 como elas requerem. Mais fácil é parecer Júpiter que Mercúrio.

Quando S. Paulo e S. Barnabé entraram em Licaónia, admirados aqueles gentios do que viam em ambos, disseram que os Deuses em semelhança de
15 homens tinham descido do Céu à sua cidade, e a Barnabé chamavam Júpiter e a Paulo Mercúrio: *Vocabant Barnabam Jovem, Paulum vero Mercurium.* Mas se Paulo, por tantas e tão excelentes prerrogativas, era maior que Barnabé, porque de-
20 ram a Barnabé e não a Paulo o nome de Júpiter, e a Paulo e não a Barnabé o de Mercúrio? Porque Barnabé excedia na estatura e majestade da pessoa, Paulo na eloquência, na sabedoria e na doutrina: *Quoniam ipse erat dux verbi;* e a representação da
25 sabedoria requer muito maior cabedal e muito maior homem que a da majestade.

Subamos das deidades fabulosas à verdadeira, e ela nos dará a razão desta diferença. O Verbo Eterno, como Filho natural de Deus Padre, é ima-
30 gem perfeitíssima do mesmo Deus. E porque no ser divino até os gentios consideravam duas eminências superlativas, uma de suma bondade e outra de suma grandeza, por onde chamavam a Deus Óptimo Máximo; declarando Salomão no livro da Sabedoria

a suma perfeição com que no Verbo se representam uma e outra, diz que é espelho sem mácula da majestade de Deus e imagem de sua bondade: *Speculum sine macula Dei majestatis et imago bonitatis*
5 *illius*. O que aqui só reparo é que uma e a mesma representação, em quanto é da majestade se chama espelho: *Speculum majestatis;* e em quanto é da bondade se chama imagem: *Imago bonitatis illius*. E a razão desta diferença, deixando por agora a
10 teológica, e buscando sòmente a moral, qual é ou pode ser? É a mesma que experimentámos na facilidade das imagens que vemos no espelho e na dificuldade das que se mostram e representam em si mesmas. As imagens que se representam em si mes-
15 mas, ou são de pintura ou de escultura. As de pintura fazem-se com muitos debuxos, muitas cores, muitas sombras, muitos claros, muitos escuros; as da escultura com muito bater, muito cavar, muito polir, muitos cheios, muitos vazios; e umas e outras
20 com muita arte, muita aplicação, muito trabalho. Pelo contrário, as imagens que se representam no espelho, elas se pintam sem tinta e se entalham sem ferro e aparecem perfeitas em um momento sem mais trabalho ou artifício que uma reflexão natural.
25 Pois por isso as das majestades se representam no espelho, porque a majestade e o poder, e a ostentação e execução dele é muito fácil; porém, as da bondade, que são as do bem mandar e bem obrar e bem fazer a todos, representam-se nas outras ima-
30 gens, ou pintadas ou esculpidas, porque estas são muito dificultosas e trabalhosas e requerem muita

---

31. Na ed. de 1689 ocorre: *e que requerem...*

arte, muita sabedoria, muita proporção, muita regra. As imagens de escultura fazem-se, tirando; as de pintura, pondo: para este tirar, é necessário muito desinteresse; para este pôr e acrescentar, muita igualdade; e para uma cousa e outra, muita prudência, muita justiça, muita inteireza, muita constância, e outras grandes virtudes, que mais fàcilmente faltam todas, do que se acham juntas.

Nas duas imagens de Júpiter e Mercúrio, que se atribuíram aos dois Apóstolos, temos o exemplo de tudo. A imagem de Júpiter pintava-se com um raio na mão, a de Mercúrio com um báculo entre duas serpentes. E aqui se via bem quão fácil é uma representação e quão dificultosa outra. Fulminar raios, estremecer o Mundo com trovões, escalar torres, derribar casas, matar homens, fender de alto a baixo cedros, ciprestes, enzinhas, e todas as outras violências e danos que causam os raios, tudo é muito fácil ao poder, em quem abusar dele. Porém, meter o bastão entre as serpentes discordes e venenosas, e fazer que não se mordam nem se espedacem; domar ferezas, amansar rebeldias e reduzir a que vivam conforme a razão os que por natureza e costume não têm uso dela, esta é a dificuldade grande em toda a parte, e, na terra em que estamos, maior que em nenhuma outra. Menos há de cinquenta anos que nesta terra se não conhecia o nome de rei, nem se tinha ouvido o de lei; e que dificuldade será fazer obedecer e guardar nela as leis dos reis? Desde o mesmo tempo se sustentam os que a conquistaram, não dos pastos de animais domésticos, senão da caça e montaria de homens; e que dificuldade será ainda maior manter em paz e justiça os que só se mantêm da guerra injusta? Esta

é pois a primeira dificuldade geral deste governo, mas esta a obrigação e ofício dos que nele representam a imagem do César.

IV

A segunda dificuldade que mais ainda impede e
5 quase impossibilita a boa representação destas imagens é que as imagens e o César estão muito distantes. Quando responderam a Cristo que aquela imagem era do César, o César estava em Roma e a imagem em Jerusalém. Que será onde o César e o
10 rei está na Europa e as imagens na América? O rei em um mundo, e os que o representam em outro? Até Deus se temeu destes longes, não porque não esteja em toda a parte e veja tudo, mas porque vê sem ser visto. Assim o mandou notificar ao Mundo
15 pelo Profeta Jeremias: *Putas ne Deus e vicino ego sum, et non Deus de longe?:* «Cuidais que eu sou Deus só de perto e não de longe?» Enganais-vos; porque ainda que no Céu tenha a minha corte, «tanto assisto na Terra como no Céu»: *Cœlum et*
25 *terram ego impleo*. Houve contudo homens tão ignorantes que, interpretando mal o verso de David: *Cœlum cœli Domino, terram autem dedit filliis hominum,* cuidaram, porque Deus pusera a sua corte no Céu, demitira de si o domínio da Terra e o
30 dera aos homens.

---

16. *Jeremias,* XXIII, 23.
20. *Ibid.,* 24.
23. *Salmo,* CXIII, 16.

Não creio que os que governam as conquistas cuidem o mesmo, mas é certo que muitos as dominam tão despòticamente como se o cuidaram. Tão senhores se fazem delas, como se elas e eles não tiveram outro senhor. Tanto atrevimento lhes dá estar o príncipe longe, o recurso longe, o remédio longe, e até a verdade não só escurecida, mas oprimida dos mesmos longes! A rainha Sabá chamava bem-aventurados os que serviam a el-rei Salomão em sua presença. E desta bem-aventurança se privam em tempo de tão bons e tão justos reis como os nossos, os que por serviço seu e de Deus se expõem não só às inclemências dos climas, que é muito menos, mas às fúrias dos longes, e a ver e chorar de perto as perdas temporais e eternas de que eles são causa.

Diz a parábola do Evangelho que partiu um rei para muito longe a conquistar um novo reino, e entretanto deixou encomendada a sua fazenda a três criados, para que negociassem com ela. Destes três criados um não negociou, mas não roubou; e os dois deram tão boa conta da sua negociação, que dobraram o cabedal do rei e mereceram dele grandes mèrcês. Ditoso tempo em que de três criados de que fez confiança um rei, servindo não à sua vista, senão muito longe dele, os dois lhe acrescentaram a fazenda em dobro, e o menos diligente, posto que a não acrescentou, nem um ceitil furtou dela! Achar-se-á hoje um par e meio de criados semelhantes a estes? Nem em três, nem em trinta, nem em trezentos. E qual é a razão? O mesmo texto a deu narrativamente, em bem clara prova do que imos dizendo. Diz o texto que foi o rei «muito longe do seu reino a conquistar outro, mas para tornar

outra vez»: *Abiit in regionem longinquam accipere sibi regnum, et revertit.* Quando os reis vão do seu reino às conquistas e das conquistas tornam ao reino, ainda que as conquistas estejam muito longe,
5 aqueles longes têm depois seus pertos; e por isso os criados na ausência servem com tal respeito ou tal medo, que na presença dão boa conta de si. Porém, quando os reis não vão às conquistas ou elas são tão remotas que não podem lá ir; como os
10 longes sempre são longes, quão longe está o rei dos criados, tão longe se põem eles das suas obrigações. Quando o rei vai do reino às conquistas e das conquistas torna ao reino, é rei do reino e mais das conquistas; mas quando o rei fica no reino e às
15 conquistas manda só os criados, os criados são os reis das conquistas, e não o rei. O rei fá-los suas imagens, e eles fazem-se reis.

E quem lhes dá estes azos, ou estas asas, senão aquelas que os levam e põem tão longe? De Roma
20 a Jerusalém ainda tinham algum vigor os respeitos de César: *Sic hunc dimittis, non es amicus Cæsaris.* Mas de Lisboa à Índia e ao Brasil, com todo o mar Oceano em meio? A fé, a obrigação, a obediência, o respeito, tudo se esfria, tudo se mareia, tudo
25 referve. Vendo-se tão longe de quem os manda, como lá podem o que querem, não se contentam com querer o que podem. Levam os poderes de imagens e tomam as omnipotências de Césares; e não de Augustos ou Trajanos, para conservação e au-

---

2. *S. Lucas,* XIX, 12.

19. Por *aquelas* entenda-se *asas* — as asas da ambição própria e do favoritismo alheio, por exemplo.

21, Trad.: *Se lhe perdoas, não és amigo de César. S. João,* XIX, 12.

mento da monarquia, mas de Tibérios, de Calígulas, de Neros, destruidores dela; para que nos não admiremos das ruínas da nossa, nem lhe busquemos outra causa.

5 Porque perdeu Adão com o paraíso a monarquia do Universo? — Porque se não contentou com ser imagem de Deus, mas quis ser como o mesmo Deus que o fizera sua imagem. A tentação com que o fez apostatar o demónio, foi com lhe dizer que seria
10 como Deus. Mas se Adão já era como Deus, pois era a sua imagem, que lhe prometeu de mais o Demónio naquele *sicut: eritis sicut dii?* O equívoco do *sicut* foi verdadeiramente diabólico. Adão, em quanto imagem de Deus, já era como Deus na
15 representação; mas não era como Deus na soberania, e isto é o que lhe prometeu o Demónio. E como Adão se não contentou de ser como Deus só na representação, que era o que tinha por imagem, e quis ser como Deus na soberania, que era o que lhe
20 vedava a obediência e o preceito, por isso quebrou o preceito e negou a obediência a Deus. E isto que fez Adão na Ásia, é o que fazem na mesma Ásia e na nossa América os que, não se contentando com ser imagens dos reis, excedem tão exorbitantemente
25 toda a medida e proporção de imagens, como agora veremos.

V

Antes de haver no Mundo a arte da pintura (que começou depois do incêndio de Tróia), diz Plínio que se retratavam os homens cada um pela sua som-
30 bra. Punha-se o homem em pé, fazia sombra com

---

12. *Génesis*, III, 25.

o corpo interposto à luz do Sol, e aquela sombra cortada pela mesma medida era a sua imagem. E como se podia conhecer a imagem, se não tinha feições por onde se distinguisse? Diz o mesmo Plí-
5 nio, que para se conhecer, lhe escreviam ao pé o nome de quem era: *Omnes umbra hominis circumducta: ideo et quos pingerent adscribere institutum.* Faziam-se os retratos naquela rudeza da arte, como em Portugal os que chamam *ricos feitios,* nos quais
10 as imagens se não conheceriam pela figura, se o não dissesse o rótulo. E é lástima que, proibindo Alexandre que ninguém pudesse pintar a sua imagem senão Apeles, cá nos apareçam algumas figuras tão dessemelhantes dos soberanos originais, que mais
15 parecem *ricos feitios* que verdadeiras imagens do que há-de crer a nossa fé que representam. Mas ainda tinham outra maior impropriedade as imagens cortadas pela medida da sombra, porque, segundo o lugar em que estivesse o Sol, seriam sem
20 nenhuma proporção muito maiores que os mesmos a quem representavam. E isto é o que se vê, como eu dizia, na Ásia e na América, nas Índias Orientais, onde nasce o Sol, e nas Ocidentais, onde se põe. Não pode haver semelhança mais própria.
25 A sombra, quando o Sol está no Zénite, é muito pequenina, e toda se vos mete debaixo dos pés; mas quando o Sol está no Oriente ou no Ocaso, essa mesma sombra se estende tão imensamente, que mal cabe dentro dos horizontes. Assim nem
30 mais nem menos os que pretendem e alcançam os

6-7. Trad.: A todos circunscrevia a própria sombra, e de aí o costume de escrever o nome dos desenhados.

governos ultramarinos. Lá onde o Sol está no Zénite, não só se metem estas sombras debaixo dos pés do príncipe, senão também dos de seus ministros. Mas quando chegam àquelas Índias, onde nasce o Sol, ou a estas, onde se põe, crescem tanto as mesmas sombras, que excedem muito a medida dos mesmos reis de que são imagens.

É cousa muito notável, e que porventura não tendes advertido, quando excedeu a medida de Nabucodonosor à grandeza daquela imagem que ele mandou fazer depois que viu em sonhos a da sua estátua. Diz a História Sagrada que tinha de altura ou comprimento sessenta côvados: *Nabuchodonosor rex fecit statuam auream, altitudine cubitorum sexaginta.*

Agora pergunto: E quanto vinha a ser a maior grandeza desta imagem, que a estatura do mesmo rei a quem representava? Segundo as regras de Vitrúvio e a simetria e proporções de um corpo humano, o dedo menor da mão, a que vulgarmente chamamos meminho, contém a décima oitava parte do mesmo corpo. E que se segue daqui? — Cousa verdadeiramente não sei se mais para admirar, se para rir. Segue-se que todo Nabucodonosor cabia dentro do dedo meminho da sua imagem. Já não é grande a insolência de Roboão em dizer que era mais grosso o seu dedo meminho, que el-rei Salomão seu pai pela cintura. Mas qual será a daqueles vassalos que, sendo sòmente imagens dos seus reis, se fazem tanto maiores que eles, cá onde o Sol se

---

19. Escritor latino do século III, autor do livro *De Architectura.*

põe, ou lá onde o Sol nasce, quanto é o excesso imenso com que a sombra se estende, sem outra medida, sem outra proporção, nem outro limite mais que o que no mar ou na terra fecha os horizontes! A imagem de Nabuco era de ouro, as suas são de sombra: mas como as artes que vêm ou vão exercitar, são as da sólida e verdadeira alquimia, eles sabem converter essa sombra em ouro e fazer-se melhor adorar que o mesmo Nabuco. A imagem de Nabuco para os seus adoradores não tinha prémios, e para os que não adoravam tinha fornalhas. Lá e cá não é assim. Os que adoram e os que não adoram, todos ardem, porque todos por diversos modos ficam abrasados e consumidos.

Ainda resta a maior dor e o maior escândalo. E qual é? — É que, quando estas imagens tornam para donde vieram, são tais as bulas de canonização que levam consigo, que merecem ser colocadas sobre os altares. Oh quem lhes pusera também diante as insígnias dos seus milagres! Vede que Xavieres da Índia e que Anchietas do Brasil! E o pior é que, se algum os não imitou, nem teve imitadores, esse é recebido sem aplauso e está sepultado sem culto. Mas não deixemos em silêncio os milagres dos aplaudidos.

Nesses famosos santuários da Europa, onde se veneram imagens milagrosas, ali se vêem penduradas as mortalhas, as muletas, as cadeias, as amarras, os pés, os braços, os olhos, as línguas, os corações dos que protestam naqueles votos dever-lhes miraculosamente todos estes benefícios. Deixadas pois as outras terras mais remotas, que também podem testemunhar neste caso, vós que me ouvis, que direis da vossa? Que milagres vistes nos já

mortos? (que não falo, nem quero que faleis nos vivos). E quais seriam as merecidas insígnias ou troféus dos mesmos milagres, com que a verdade sem lisonja e a memória ainda com horror lhe ador-
5 naria as sepulturas? Também ali se veriam mortalhas, não de poucos que ressuscitassem, mas de infinitos e sem número a quem tiraram a vida. Também se veriam cadeias, não dos que libertaram do cativeiro, mas das nações e povos inteiros, que,
10 sendo livres, fizeram cativos. Também se veriam amarras, não dos navios que salvaram, mas dos que fizeram naufragar e perder, sendo eles no mar e na terra a maior tormenta. Também se veriam muletas, não dos estropiados que sarassem, mas dos
15 que sendo ricos e abastados, os deixaram mendigando por portas e sem remédio. Também se veriam braços e pés, dos que, sendo poderosos, só porque o eram, os enfraqueceu, derrubou e oprimiu o seu injusto poder, sem mais razão que a violência.
20 Também se veriam, finalmente, os olhos que fizeram cegar com lágrimas e os corações que afogaram em tristezas, em lástimas e desesperações; e as línguas que emudeceram sem poderem falar, nem dar um ai, por lhes não ser lícito clamar à Terra, nem
25 ainda gemer ao Céu. Estes e outros são milagres daquelas canonizadas imagens, que, chegando aqui despidas e toscas, tornaram estofadas de brocado e ouro e pintadas com as falsas cores com que enganaram a fama; por ela são recebidas em andores
30 e frequentadas com romarias.

VI

Até agora tenho representado aos nossos novos governadores e naturais, o que não devem imitar nos estranhos. Nem creio lhes será dificultosa a abominação de tão perniciosos exemplos, não só como experimentados em todos, mas também como feridos e magoados. Saibam porém que neles, como naturais, concorre outra terceira dificuldade, que nos estranhos não tem lugar. Porquê? — Porque ainda que uns e outros são imagens, eles são imagens com as raízes na terra. As imagens não só são obra dos estatuários e pintores, senão também dos jardineiros. Uma das cousas mais curiosas que se vê nos jardins, onde as terras se cultivam mais primorosamente que nesta nossa, são várias figuras de murta, ou de outras plantas formadas com tal artifício, proporção e viveza de membros, que tirada a cor verde, em tudo o mais se não distinguem do natural que representam. Mas esta mesma representação é muito dificultosa de conservar. As outras imagens, ou sejam fundidas em metal ou esculpidas em pedra, ou entalhadas em madeira, ou pintadas nos quadros, ou tecidas nos tapizes, sem mais diligência nem cuidado, sempre conservam e representam a figura que lhes deu o artífice. Porém, as que são formadas de plantas, como têm as raízes na terra, donde recebem o humor, crescendo naturalmente os ramos, fàcilmente se descompõem e se fazem monstros. Isto mesmo sucede, ou pode suceder, aos que têm o governo da sua própria pátria, e não por outra razão ou fundamento, senão porque têm raízes na terra. Ali têm os parentes, ali os amigos, ali os inimigos, ali os interesses da

fazenda, da família, da pessoa; e qualquer destes humores ou respeitos, e muito mais todos juntos, podem descompor de tal sorte a imagem e representação de quem governa, que nem aparência lhe fique do que deve ser, e em tudo obre e seja o contrário do que é obrigado. Se o humor das raízes lhe brotar pelos olhos, não poderá ver as cousas, nem ainda olhar para elas sem paixão, que é a que troca as cores às mesmas cousas e faz que se vejam umas por outras. Se lhe tomar e ocupar os ouvidos, não ouvirá as informações com a cautela com que as deve examinar, ou ficará tão surdo que as não ouça, ainda que sejam clamores. Se lhe rebentar pela boca, mandará o que deve proibir e proibirá o que deve mandar, e as suas ordens serão desordens e as suas sentenças agravos. Finalmente, se sair e vicejar pelos braços e pelas mãos, que são as extremidades mais perigosas e onde se experimentam maiores excessos, estenderá os braços onde não chega a sua jurisdição e meterá a mão e encherá as mãos do que não deve tocar.

Por certo que, se os que tomaram sobre si estes encargos, se aconselharam, não digo comigo, senão com as mesmas plantas que têm raízes na terra, ainda que os governos foram de maior suposição e autoridade, os não haviam de aceitar. O primeiro apólogo que se escreveu no Mundo, (que é fábula com significação verdadeira) foi aquele que refere a Sagrada Escritura no capítulo IX dos *Juízes*. Quiseram — diz — as árvores fazer um rei que as governasse, e foram oferecer o governo à oliveira, a qual se escusou, dizendo que não queria deixar o seu óleo, com que se ungem os homens e alumiam os deuses. Ouvida a escusa, foram à figueira; tam-

bém a figueira não quis aceitar, dizendo que os seus figos eram muito doces, e que não queria deixar a sua doçura. Em terceiro lugar foram à vide, a qual disse que as suas uvas comidas eram o sabor e bebidas a alegria do Mundo, e a quem tinha tão rico património, não lhe convinha deixá-lo para se meter em governos. De sorte que assim andava o governo universal das árvores, como de porta em porta, sem haver quem o quisesse. Mas o que eu noto nestas escusas, é que todas convieram em uma só razão, e a mesma, que era não querer cada uma deixar os seus frutos. E houve alguém que dissesse ou propusesse tal cousa a estas árvores? Houve alguém que dissesse à oliveira que havia de deixar as suas azeitonas, nem à figueira os seus figos, nem à vide as suas uvas? — Ninguém. Sòmente lhes disseram e propuseram que quisessem aceitar o governo. Pois se isso foi só o que lhes disseram e ofereceram, e ninguém lhes falou em haverem de deixar os seus frutos, porque se escusaram todas com os não quererem deixar? — Porque entenderam, sem terem entendimento, que quem aceita o governo de outros, só há-de tratar deles e não de si; e que se não deixa totalmente o interesse, a conveniência, a utilidade e qualquer outro género de bem particular e próprio, não pode tratar do comum.

Saibamos agora, e não de outrem, senão das mesmas árvores, se este bom governo, do modo que elas o entenderam, se pode conseguir e exercitar com as raízes em terra. Assim as que o ofereceram, como as que o não aceitaram, todas concordaram que não. Que disseram as que ofereceram o governo? — Disseram a cada uma das outras: *Veni,*

et impera nobis: «Vinde, e governai-nos». Logo, se elas haviam de ir, haviam-se de arrancar do lugar onde estavam e deixar as suas raízes. E cada uma das que não aceitaram, que respondeu? — Respon-
5 deu que não podia ir, porque, movendo-se, havia de deixar as suas raízes, e sem raízes não podia dar fruto: *Nunquid possum deserere pinguedinem meam et venire ut inter ligna promoveat?* De maneira que, governar e governar bem, não pode ser com as raí-
10 zes na terra. Governar mal, e para destruição do bem comum, isso sim. E na mesma história o temos, que ainda vai por diante.

Vendo as árvores que as três a que tinham oferecido o governo o não quiseram aceitar, diz o texto
15 que se foram ter com o espinheiro, e lhe fizeram a mesma oferta. E que respondeu o espinheiro? É resposta muito digna da sua ponderação. A proposta das árvores foi a mesma: *Veni et impera super nos;* e ele respondeu não só como espinheiro, senão
20 como espinhado: *Si vere me regem vobis constituistis, venite, et sub umbra mea requiescite; si autem non vultis, egrediatur ignis de rhamno et devoret cedros Libani:* «Se verdadeiramente me doais o império, vinde todas deitar-vos a meus pés e pôr-
25 -vos à minha sombra; e se houver alguma que repugne, sairá tal fogo do espinheiro, que abrase os mais altos cedros do Líbano».

Não sei se reparais na diferença. As árvores que lhe ofereceram o governo, disseram-lhe: *Veni;* e ele

1. *Juízes,* IX, 12.
23. *Ibid.,* 9.
8. *Ibid.,* 15.

disse-lhes: *Venite*. Não sou eu o que hei-de deixar as minhas raízes, senão vós as vossas. Em conclusão, que quem há-de governar bem, deixa as suas raízes, e quem governa mal, arranca as dos súbditos 5 e só trata de conservar as suas.

VII

Esta é a particular dificuldade e o grande perigo em que estão de se não conformarem com o soberano original que representam as imagens que têm as raízes na terra. É necessário, para se conserva- 10 rem nesta nova representação e para governarem como devem, que se apartem das suas próprias raízes. Olhai para todas as varas, desde a maior à menor, com que se governa a república. Aquelas varas não tiveram também raízes? — Sim, tiveram. 15 Mas para governarem e terem jurisdição, todas foram primeiro cortadas das mesmas raízes, e por isso todas são varas secas. Que remédio logo para que as novas varas que nos governam, tendo como têm as raízes na terra, conservem a imagem do 20 César que representam? — O melhor e antecipado remédio houvera sido escusarem-se, como fizeram as árvores bem entendidas; mas a escusa já não tem lugar. O receio de poderem ser como o espinheiro, que prometeu sombras e ameaçou raios, 25 também me não dá cuidado, porque todos conhecemos a moderação e modéstia dos que aceitaram o governo. Mas porque os mesmos governos antes costumam mudar as condições dos homens, que conservá-las, o mais seguro meio de todos seria 30 cortar as raízes. E quando a resolução de algum

fosse tão animosa que assim o fizesse, eu me atreveria a lhe prometer, da parte de Deus, que nem por isso lhe fariam falta. A vara de Arão não tinha raízes na terra, e contudo reverdeceu, floresceu e deu em meio dia o fruto que as raízes lhe não podiam dar em menos de um ano.

Mas deixados os milagres a Deus e recolhendo-nos aos limites da natureza, só vos aconselho que façais com toda a aplicação o que pode a diligência e a indústria. Que faz o jardinheiro para conservar a representação das suas imagens, por mais que tenham as raízes na terra? — Traz sempre os olhos postos na figura que representam, e contra todo o ímpeto do humor que as mesmas raízes naturalmente comunicam à planta, já endireitando, já dobrando, já ligando, já decotando, conserva neles a imagem tão proporcionada, inteira e sem mudança, como se a tivera lavrado em mármore ou fundido em bronze.

Tudo isto é necessário a quem há-de retratar ou transfigurar em si, não outra, nem menor ou menos sagrada imagem, que a da mesma pessoa real a quem representa. Há-de endireitar, há-de dobrar, há-de ligar, há-de cortar, e como? — Há-de endireitar a intenção, tendo-a sempre muito recta de servir só a Deus e ao rei. Há-de dobrar a vontade, para que sempre se incline e siga o juízo e ditames da verdadeira razão. Há-de ligar e atar o apetite, que junto com o poder, é muito violento e rebelde, para que se não desenfreie. E, finalmente, se algum destes afectos quiser brotar no que não é decente a tão soberana representação, decotá-lo-á logo, e cortá-lo-á para que a não descomponha; e se acaso se sente por dentro, não apareça fora. A figura que

haveis de trazer sempre diante dos olhos, é o mesmo rei de quem sois imagem; e não como ausente, senão como presente, nem como invisível, senão como visto. Mas como pode isto ser, se ele está tão 5 distante?

— Muito fàcilmente, se não tirardes os olhos do seu regimento, no qual vereis ao mesmo rei tão natural e vivamente retratado em sua própria figura, como se a tivéreis presente. Dir-me-eis que no 10 vosso regimento ledes, sim, as palavras e firma do rei, mas não lhe vedes a figura. Ora abri melhor os olhos, e logo a vereis; mas é necessário levantar o pensamento. S. Paulo diz que o Verbo Eterno é a figura da própria substância do Padre: *Qui cum sit* 15 *splendor gloriæ et figura substantiæ ejus*. E que é ou quer dizer o Verbo? — É e quer dizer a palavra. Pois a palavra de Deus é a figura da sua própria substância? *Figura substantiæ ejus?* — Sim. Porque toda a sua substância e todo o seu ser imprimiu e 20 exprimiu Deus na sua palavra, como própria, natural e perfeitíssima figura de si mesmo. E assim como Deus imprime e exprime a sua figura na sua palavra, assim os reis, que são os deuses da terra, se imprimem e estampam nas suas. De maneira que 25 quem lê as palavras, a firma e as ordens do rei nos seus regimentos, vê a própria figura do rei, ou vê ao rei em sua própria figura. Nunca o pincel de Apeles retratou tão felizmente a Alexandre, e o representou aos olhos tão próprio e tão vivo, como 30 os reis no que escrevem e ordenam se retratam, ou reproduzem a si mesmos: *Sapiens in verbis producet*

---

15. *Epístola aos Hebreus*, I, 3.

seipsum; diz o Espírito Santo. Mas ouçamos a um rei:

No tempo em que os Godos dominaram a Itália, um dos reis que tiveram a fortuna de escrever com a pena de Cassiodoro, despachando seus regimentos a alguns ministros ausentes, que nunca o tinham visto, diz assim. *Tenete speculum cordis, speculum voluntatis, ut quibus non sum facie notus, fiam morum qualitate recognitus:* Quando chegarem a vossas mãos estas minhas letras, «recebei-as como um espelho do meu coração, da minha vontade e de mim mesmo; das quais, pois me não conheceis pelo rosto, me conhecereis pelo ânimo.»

Notai agora o que acrescenta com juízo verdadeiramente real e discrição e agudeza mais que de rei: *In hac me potius parte conspicite quæ latet præsentes; non est vobis damnum absentiæ meæ; utilius est mente nosse, quam corpore:* «Folgai — diz — de me ver antes no que vos escrevo, que em minha própria pessoa, entendendo que me vedes melhor do que os que na minha corte estão presentes; porque vereis o que eles não vêem e sabereis de mim o que eu lhes encubro a eles; assim que, por este modo, nenhum dano recebereis da minha ausência, nem a minha presença vos fará falta, porque na presença, como os demais, ver-me-eis o rosto, e na ausência, pelo que vos ordeno, ver-me-eis a alma.»

Mas não deixemos sem ponderação chamar o rei às suas ordens escritas espelhos de si mesmo: *Tenete speculum cordis, speculum voluntatis.* A mais per-

1. *Eclesiastes*, XX, 19.

4. Refere-se a Teodorico, de quem Cassiodoro foi ministro.

feita figura que inventou a natureza e não pode imitar a arte, é a que se vê no espelho. Porque o que se vê nas cortes da pintura ou no vulto das estátuas, é só uma semelhança e representação das pessoas, porém no espelho não se vê semelhança ou representação, senão a mesma pessoa por reflexão das espécies. O espelho não é outra cousa que o impedimento das espécies com que vemos, o qual não as deixa passar, e tornam para os olhos. E assim como o espelho, sendo impedimento da vista por meio da reflexão, melhora a mesma vista, assim na ausência, que também é impedimento da vista, por meio da escritura, fica a mesma vista melhorada. Sem escritura, é a ausência impedimento; com escritura, é espelho. Este espelho pois dos reis, em que mais vivamente se representa a sua mesma pessoa que na sua própria figura, é o que hão-de trazer sempre diante dos olhos os que têm por obrigação e ofício ser imagens do rei, entendendo que, enquanto observarem as ordens do seu regimento, serão imagens do César; e pelo contrário, no ponto em que se não conformarem com elas, perderão a semelhança, a figura e o ser de imagens suas.

Perguntam os Teólogos se Adão pela desobediência perdeu o ser que tinha da imagem de Deus? E respondem geralmente que não ; porque não perdeu a memória, entendimento e vontade, em que consistia a semelhança de Deus trino e um, a que o mesmo Deus o tinha criado. Mas esta resposta tem necessidade de distinção. O mesmo homem de dois modos era imagem de Deus: um como imagem natu-

8. *Espécies* são, na física do tempo, as imagens da luz ou a imagens do som, etc.

ral, outro como imagem política. Em quanto criatura racional com a soberania do livre alvedrio em três potências, era imagem que naturalmente representava a Deus, a qual de nenhum modo podia
5 perder, porque nela consistia a sua própria essência. Porém em quanto senhor do Mundo com o governo de todos os animais, era loco-tenente do mesmo Deus e imagem política sua; e esta não só a podia perder Adão, senão que de facto a perdeu. Mas
10 quando e como?

— Tinha-lhe Deus dado por regimento, que guardasse o Paraíso, e que nem ele nem sua mulher comessem do fruto da árvore vedada. E enquanto Adão guardou este regimento, (que não se sabe ao
15 certo por quanto tempo foi) conservou inteiramente em si esta segunda imagem de Deus, sendo venerado e reconhecido por senhor e obedecido no ar, no mar e na terra de tudo quanto vivia nestes três elementos. Porém, depois que faltou à observância
20 do mesmo regimento, antes o quebrantou em tudo, não guardando o Paraíso, porque deixou entrar nele a serpente, nem se abstendo da árvore proibida, porque consentiu que Eva comesse, comendo também ele, logo perdeu a imagem em que repre-
25 sentava a Deus pollticamente; e os animais que já não viam nem reconheciam nele a imagem que tinha perdido, por instinto natural se rebelaram e lhe negaram a obediência.

Vistes — diz elegantemente neste passo S. Cri-
30 sóstomo — vistes a sujeição com que o vosso cão vos reconhece, a prontidão com que, chamado, acode, o amor com que vos segue, e alvoroço natural com que, vindo de fora, vos sai a receber e a saltos vos festeja; e, pelo contrário, se vos disfar-

çastes e cobristes o rosto com uma máscara, esse mesmo cão, ladrando, remete a vós, e como estranho ou inimigo dá rebate contra vós em vossa própria casa? Pois isso mesmo sucedeu a Adão com todos os animais, depois que, desobedecendo, mudou a figura e perdeu a imagem de Deus, que era o carácter visível do domínio do Universo que nele tinha delegado. Tanto vai de guardarem ou não guardarem o regimento e ordens do supremo príncipe os que ele substituiu em seu lugar, para que como imagens suas o representem.

Eu não me queixo das imagens emascaradas, porque sei muito bem as cores com que honesta e modestamente se sabem tingir e fingir, enquanto assim lhes importa a suas pretensões; mas a minha queixa e de todos é que, depois que se vêem feitas ou enfeitadas em imagens, então tiram a máscara e mostram descobertamente o que eram e sempre foram. Assim que não há outro meio certo e seguro de se conservarem na inteira representação de imagens do César, os que por mercê e autoridade sua têm esse nome, senão a verdadeira e exacta observância de suas ordens, e verem-se e comporem-se e retratarem-se em seus regimentos como em espelhos.

VIII

O dito até aqui basta (quando não sobeje) para que os nossos novamente eleitos tenham entendido o modo com que podem e devem satisfazer as obrigações de imagens de César, em que sem outro exemplo se vêem de presente constituídos, que era o primeiro ponto da nossa proposta. O segundo pertence aos súbditos e vassalos do mesmo César, e é

como devem obedecer a reverenciar as mesmas imagens, em que todas as dificuldades que no primeiro discurso apontámos, estão facilitadas, e por isso será este muito breve.

5 Primeiramente nos súbditos não ocorre a dificuldade do acerto na indiferença ou resolução do que se há-de obrar; porque esta só pertence a quem manda e não a quem só deve obedecer; sendo privilégio singular da obediência que, podendo errar 10 quem manda, e errando muitas vezes, só o que obedece, ainda seguindo esses mesmos erros, sempre acerta. Do mesmo modo não estão expostos os súbditos àquela terrível tentação, em que mete as imagens dos Césares o estar longe deles; porque se as 15 imagens que os representam estão longe, os que se devem conformar com elas, ainda que elas sejam disformes, sempre as têm à vista. Finalmente, o serem imagens, que têm as raízes na terra tão fora está de ser inconveniente, que é o que mais con- 20 vém a toda a república. Os que nasceram ou se criaram na mesma terra, como as qualidades de cada uma são diferentes e diferentes os climas e influências do céu que nelas dominam, e conhecem as inclinações e costumes, ou bons ou viciosos, dos 25 que as habitam e de tudo têm larga experiência, assim como podem suavemente promover o bem, assim sabem os meios eficazes e mais provados com que se pode obviar o mal. E de todas estas propriedades e notícias, não só importantes, mas total- 30 mente necessárias, carecem os que vêm de novo e de fora, sem lhes valer, como inexpertos, nenhuma ciência, discurso ou juízo, por agudo e bem instruído que seja. Adão e Eva tinham ciência infusa, e sabendo, como não podiam ignorar, que as cobras

não falavam, por informação duma delas, tendo-os Deus posto no Paraíso para governarem o Mundo, o Mundo e o Paraíso tudo perderam em poucas horas.

5 Pelo contrário, quis Deus acudir ao perigo de se perder totalmente, em que o povo de Israel estava no Egipto; e a quem escolheu para esta grande empresa, de o conservar e livrar de tão poderosos inimigos? — A pessoa que escolheu foi a de Moisés, 10 o qual, posto que vestido de peles e com um cajado na mão, guardava ovelhas em um deserto, não tinha menos que quarenta anos de vida e experiência do mesmo Egipto. No Egipto nascera, entre os Egípcios se criara, e nas escolas do Egipto apren- 15 dera quanto eles sabiam; e por isso não com outros instrumentos, senão com o mesmo cajado, venceu todas as dificuldades e conseguiu felizmente a empresa, obrando os maiores milagres que jamais tinha visto nem viu o Mundo.

20 Então queremos que remedeie os cativeiros do Egipto, e faça milagres no Egipto, quem nunca viu o Egipto?! O profeta Habacuc, quando Deus lhe mandou que fosse a Babilónia socorrer a Daniel, que estava no lago dos leões, prudentìssimamente se 25 escusou, dizendo que nunca vira a Babilónia, nem sabia onde estava o tal lago: *Babylonem non vidi, et lacum nescio*. E se foi a Babilónia e tornou a Judeia e fez em meio dia pelo ar o que um diligente caminheiro não pudera em meio ano, foi porque o 30 mesmo anjo que lhe deu o recado da parte de Deus, o levou e trouxe, e lhe mostrou o que nunca vira e ensinou o que não sabia. Suposto, pois, que os que

27. *Daniel*, XIV, 34.

vêm de mil léguas a esta nossa terra, tão nova para eles como Babilónia para o Profeta, nem trazem nem são trazidos de anjos, em suprimento das experiências que nos têm; e quando começam a decorar
5 os primeiros rudimentos delas, se voltam outra vez para onde vieram, muito melhor providos estão hoje os lugares que eles haviam de ocupar, nos que com tanta capacidade de conhecimento, juízo, talento e verdadeiro amor da mesma terra, a cultivaram como
10 própria e não desfrutaram como alheia. E quando do seu cuidado e trabalho colham algum fruto, esse, quando menos, ficará onde nasceu, que é o mesmo que semear-se de novo e não dá-lo à terra para que o leve o mar.

15 Todas estas razões de conveniência e utilidade persuadem no presente governo a pronta sujeição e alegre obediência dos súbditos, respeitando estas novas imagens do César com tanta maior propensão e vontade, quanto mais têm de naturais, domésticas
20 e suas. Mas é tal a protérvia da condição humana e vício tão próprio da Pátria, que por serem naturais, domésticas e suas as mesmas imagens, em vez de conciliarem maior veneração, obediência e respeito, degeneram em desprezo, desobediência e
25 rebeldia. Assim lhe sucedeu a Saul e David, sendo ambos eleitos por Deus e os mais dignos do governo da sua pátria. Uns obedeceram, outros se rebelaram, e em alguns durou a rebeldia não menos que sete anos inteiros, até que a experiência do seu erro
30 os sujeitou à razão.

E se buscarmos as raízes a este vício, acharemos que todo ele nasce da igualdade das pessoas, presumindo cada um que a ele se devia a eleição do lugar e a preferência. A eleição do sumo sacerdócio

na pessoa de Arão, foi tão mal recebida de muitos, que Datan, Abiron e Coré levantaram tal tumulto no povo, que para Deus o sossegar e castigar os rebeldes se abriu sùbitamente a terra, e vivos foram
5 sepultados no Inferno com todas suas casas e famílias, e abrasados com fogo do céu mais de catorze mil homens que seguiram a mesma rebelião. E porque a seguiram? — Porque muitos deles eram iguais e parentes de Arão e não sofriam que lhes fosse
10 preferido. Mas tanto sente Deus e tão severamente castiga a cegueira de semelhantes ambições, tendo dado por lei ao mesmo povo, que quando em algum tempo houvessem de eleger quem os governasse a todos, não fosse outrem senão de seus irmãos, e de
15 nenhum modo homem estranho: *Non poteris alterius gentis hominem regem facere, qui non sit frater tuus*. Finalmente, se, como diz Cristo, Senhor nosso, o bom pastor é aquele que conhece as suas ovelhas e as suas ovelhas o conhecem a ele: *Ego sum Pastor*
20 *bonus, et cognosco oves meas et cognoscunt me meæ,* como as poderá governar e encaminhar bem o estranho, (e mais se for mercenário) que nem ele as conhece a elas, nem elas a ele?

IX

Mas contra tudo isto se levanta aquela política
30 mais seguida pelo costume que aprovada pelos exemplos, o qual tem persuadido ao Mundo que só olhe ou se deixe cegar do resplandor das imagens,

---

2. Vid. *Números* XVI, I, 2, 30.
18. *Deuteronómio,* XVIII, 15.
21. *S. João,* X, 14.

sem advertir que a representação em que elas consistem, posta em qualquer matéria, sempre é a mesma. Quem verdadeiramente crê em Cristo, tanto o adora em um crucifixo de ouro, como em outro de
5 chumbo. Querem contudo os lisonjeiros e os lisonjeados que só se devam os governos e só sejam aptos para eles os nomes pomposos e apelidos ilustres; como se as acções e feitos honrosos se não hajam de esperar com maior razão daqueles que
10 querem adquirir a honra, que dos que cuidam e dizem que já a têm. O mesmo ilustre dos ilustres lhes tira o temor e os enche ou incha de imunidades, que lhes dão confiança para grandes ousadias; e das ousadias grandes nascem maiores ruínas. O mais
15 ilustre dos elementos, o mais alto por lugar, e o mais nobre por qualidade, é o fogo, e dele se acendem os raios no céu e se ateiam os incêndios na terra. O seu natural onde chega é levantar fumaças e fazer cinzas, e não é acomodado instrumento para
20 edificar e conservar cidades o que costuma abrasar Tróias. Os outros elementos servem-nos de graça, e só o fogo à nossa custa, porque para servir há-de ter que queimar, e se não queima, não serve. Tal é a luz do mais ilustre elemento, e tal muitas vezes
25 o governo dos mais ilustres. Não era ilustre David, e foi ilustríssimo seu filho Salomão; e o reino que sustentou e amplificou o que não era ilustre, perdeu e desbaratou o ilustríssimo.

---

7. Os *nomes pomposos*, como se vê, servem ao mesmo tempo de sujeito a *sejam* e de compl. indir. a *devam*, com a elipse da preposição *a*.

27-28. *O que não era ilustre* sustentou e amplificou o reino; e o *ilustríssimo* perdeu-o e desbaratou-o.

No apólogo que referimos da Escritura Sagrada, em que as árvores buscaram e elegeram quem as governasse, é muito para notar que aquelas a que ofereceram o governo, foram a oliveira, a figueira
5 e a vide, sem entrar outra nos pelouros desta eleição. Reparai agora nos apelidos de figueira, vide e oliveira, que todos são honrados, mas da nobreza do meio. E porque não fizeram as árvores este mesmo oferecimento aos cedros, às palmeiras e aos
10 ciprestes? Não são estas árvores entre todas as mais altas, as mais celebradas, as mais ilustres? Pois porque não entraram em consideração para querer a verde e florente república das plantas, que elas a governassem? — Por isso mesmo; porque eram as
15 mais altas e as mais ilustres. O alto e o ilustre é bom para o bizarro e ostentoso, mas não para o útil e necessário. As árvores não as fez Deus para bandeiras dos ventos, senão para sustento dos homens. Que importa que a sua altura ou a sua
20 altivez seja muita, se o seu fruto é pouco? A quem sustentaram jamais os cedros, as palmas ou os ciprestes? Pelo contrário, a figueira é a que saboreia o Mundo, a oliveira a que o alumia, a vide a que o alegra; e todas entre as plantas as que mais o sus-
25 tentam. O que diz a Escritura das outras três árvores altíssimas e ilustríssimas, é que todas buscam a sua exaltação nos montes mais levantados: *Quasi cedrus exaltata sum in Libano et quasi cypressus in monte Sion: quasi palma exaltata sum in cades.*
30 Honrem-se embora com essas árvores os seus montes, que os nossos vales não hão mister quem pro-

---

29. *Eclesiastes,* XXIV, 17 e 18.

cure a sua exaltação, senão quem trate do nosso remédio. Os cedros, as palmas e os ciprestes são os gigantes das árvores; e o que trouxeram os gigantes à terra, não foi menos que o dilúvio. Oh que
5 duro seria o governo daquele soberbo triunvirato: no forte do cedro, inflexível; no rugoso da palma, áspero; e no funesto do cipreste, triste! Porém, o das outras árvores de meã estatura, seria igual, seria moderado, seria suave, que por isso todas
10 alegaram a sua doçura. E isto é pelas mesmas razões o que devemos esperar do nosso.

Sendo pois tão particulares as conveniências dc novo governo nas imagens que temos presentes dc nosso felicíssimo César, que Deus guarde, seja tam-
15 bém a nova e mais exacta que nunca a sujeição, respeito e reverência, com que todos os vassalos da mesma majestade os venerem e obedeçam, não só como se a real pessoa estivera presente, senão em certo modo ainda muito mais. Tenho observado,
20 assim no céu como na terra, que mais estimam os supremos monarcas os obséquios que se fazem a suas imagens que a suas próprias pessoas. Lembra-me haver lido em Santo Agostinho, no livro dos seus *Comentários sobre os Salmos*, que, residindo
25 em Roma, no tempo em que ainda não estava desterrada de todo a idolatria, se admirava muito que os homens fossem ao templo do Sol, de que hoje se vêem não pequenos vestígios, e que ali de dia e não de noite adorassem a imagem do mesmo Sol
30 com as costas muitas vezes voltadas a ele! Pois se tinham o Sol presente, porque não adoravam ao Sol, senão a sua imagem? — Porque entendeu a religião ou superstição dos Romanos, governada pelos primores da sua própria política que muito

maior majestade era do monarca dos planetas ser venerado de tão longe em sua imagem, do que adorado em si mesmo, posto que visto. Ao menos assim é certo que o julgou a soberania de Nabuco-
5 donosor, quando se reputava sua soberba, não só senhor, mas Deus de todo o Mundo. Fez aquela estátua de ouro de tão desmedida grandeza, como sabemos, e com as fornalhas acesas contra os que a não adorassem, mandou que ao som de trombetas
10 todos dobrassem os joelhos diante dela. Pois se Nabucodonosor estava presente, porque não mandou que o adorassem a ele, senão a sua estátua? — Porque era maior ostentação e glória da sua que chamava omnipotência, ser venerado e adorado na
15 imagem que o representava, que em sua própria pessoa.

Só em uma circunstância obrou Nabuco como desconfiado, que foi em fazer a mesma imagem de ouro. Faze-a, rei, de pedra, e serão as suas
20 adorações para ela muito mais reverentes e para ti muito mais gloriosas. Na estátua de ouro pode parecer que adoram a matéria e não a forma, o preço do metal e não a representação da imagem. Onde a matéria das imagens é menos preciosa, ali está
25 a fé e a reverência mais fina. E esta é a fineza do nosso caso, adorando, respeitando e obedecendo o original soberano do nosso César, não nas imagens de ouro, que até agora cá se mandavam, senão nos mármores naturais e domésticos da nossa mesma

---

5. *Sua soberba* em vez de *em sua soberba?* Ou ocorre aqui *sua soberba* em construção análoga à de *sua senhoria,* por exemplo? O texto reproduz o da edição de 1689.

terra. Se o efeito for qual se espera, e eu me estou prometendo desta mudança da mão do Altíssimo, o presente governo será tão aceito a Deus e ao Rei, que Sua Majestade o confirme e faça perpétuo, com
5 menos despesa sua, com grandes utilidades nossas e com tão conhecidas melhoras e aumento do serviço real e divino, que com suma paz, quietação e concórdia se verifique em todo este estado o que Cristo respondeu à pergunta que hoje lhe fizeram no
10 Evangelho, isto é, que a Deus se dê o de Deus, e o de César a César: *Reddite quæ sunt Cæsaris, Cæsari, et quæ sunt Dei, Deo.*

SERMÃO DOS BONS-ANOS

Pregado em Lisboa, na Capela Real, no ano de 1642

Postquam consummati sunt dies octo, ut circumcideretur puer, vocatum est nomen ejus Jesus, quod vocatum est ab angelo, priusquam in utero conciperetur. — Luc. II.

I

Em um Mundo tão avarento de bens, onde apenas se encontra com um bom-dia, ter obrigação de dar bons-anos, dificultoso empenho! Deus, que é autor de todos os bens, os dê a Vossas Reais Ma-
5 jestades felicíssimos (mui altos e mui poderosos Reis

O conteúdo histórico do sermão:

O acesso de Vieira ao púlpito da Capela Real não podia deixar de ser fácil a quem voltava a Portugal precedido de uma fama de pregador que os sermões de S. Roque apenas confirmavam. Assim, ei-lo pela primeira vez naquela alta tribuna, *para os raros apenas*, no dia de Ano-Bom de 1642.

Quando o trono da dinastia brigantina ainda se encontrava inseguro, por dificuldades internas e exteriores,

(Continua na página seguinte)

Trad. do tema: *Depois que passaram oito dias, como o menino fosse circuncidado, foi chamado Jesus, nome posto pelo Anjo antes que fosse concebido no seio,* S. Lucas, II.

e Senhores nossos) com a vida, com a prosperidade, com a conservação e aumento de estados, que as esperanças do Mundo publicam, que o bem da Fé Católica deseja, que a Monarquia de Portugal há
5 mister e que eu hoje quisera prometer e ainda assegurar.

Em um Mundo, digo, tão avarento de bens, onde apenas se encontra com um bom-dia, ter obrigação de dar bons-anos, dificultoso empenho! E na minha
10 opinião cresce ainda mais esta dificuldade, porque isto de dar bons-anos, entendo-o de diferente maneira do que comummente se pratica no Mundo. Os bons-anos não os dá quem os deseja, senão quem os assegura. A quantos se desejaram nesta
25 vida, a quantos se deram os bons-anos, que os não

Vieira prega a confiança ao mesmo tempo na protecção de Deus e na política do rei. Deus, segundo a sua convicção, que era a geral, assistiria no futuro ao povo a quem tinha assistido no passado, a quem acabava de assistir no movimento restaurador, em que todos criam realizar-se a vontade divina, profèticamente expressa desde a própria fundação do Reino. Em toda a floração lendária referente à Restauração e recolhida pelo P.e João de Vasconcelos em seu livro *Restauração de Portugal Prodigiosa*, Vieira acredita sem qualquer restrição.

Notável neste sermão a diligência posta pelo jesuíta na demonstração de que é D. João IV o verdadeiro *Encoberto*. O pregador acreditara que o era D. Sebastião e sabia muito bem como era grande o partido dos que comungavam na fé sebastianista, de que ele havia apostatado. De aí o esforço para conquistar para o trono ainda oscilante o apoio desse grande sector da opinião pública. E é notável de habilidade a analogia que estabelece entre o caso do povo português em demanda do seu rei, e a página evangélica em que se conta a procura de Cristo por Madalena.

lograram bons, senão mui infelizes? Segue-se logo, própria e rigorosamente falando, que não dá os bons-anos quem só os deseja, senão quem os faz seguros. Esta é a dificuldade a que me vejo empe-
5 nhado hoje, que o tempo e o Evangelho fazem ainda maior. Em todo o tempo é dificultosa cousa segurar anos felizes; mas muito mais em tempo de guerras e em tempo de felicidades. Se o dia dos bens é véspera dos males; se para merecer uma
10 desgraça, basta ter sido ditoso, quem fará confiança em glórias presentes, para esperar prosperidades futuras? Se a campanha é uma mesa de jogo onde se ganha e se perde; se as bandeiras vitoriosas mais firmes seguem o vento vário que as meneia, quem
15 se prometerá firmeza na guerra, que derruba muralhas de mármore? E como a guerra e a felicidade são dois acidentes tão vários; como a Fortuna e Marte são dois árbitros do Mundo tão inconstantes, como poderei eu seguramente prometer bons-anos a
20 Portugal, em tempo que o vejo por uma parte com as armas nas mãos, por outra com as mãos cheias de felicidade? Se apelo para o Evangelho, também parece que promete ameaças, mais que esperanças; porque nos aparece nele um cometa abrasado e san-
25 guinolento, *ut circumcideretur puer,* e os cometas desta cor sempre foram fatais aos reinos e formidáveis às monarquias.

Terret fera regna cometes sanguineum spargens ignem — disse lá Sílio. A matéria dos cometas
30 são os vapores, ou exalações da terra subidas ao

---

29. Sílio Itálico, poeta latino (1.º século da era cristã) autor do poema épico *Punica*.

céu; e como no mistério da Encarnação subiu ao Céu a terra de nossa humanidade, que outra cousa parece Cristo hoje com o sangue da circuncisão, senão um cometa abrasado e sanguinolento, e por
5 isso funesto e temeroso? Ora com isto se representar assim, com o Evangelho e o tempo parecer que nos prometem poucas esperanças de felizes anos, do mesmo tempo e do mesmo Evangelho hei-de tirar hoje a prova e segurança deles. Será pois a matéria
10 e empresa do sermão esta: *Felicidades de Portugal, juízo dos anos que vêm.* Digo dos anos, e não do ano, porque quem tem obrigação de dar bons-anos, não satisfaz com um só, senão com muitos. Funda-me o pensamento o mesmo Evangelho, que pa-
15 rece o desfavorecia; porque toda a matéria e sentido dele é um prognóstico de felicidades futuras.

Toda a matéria do brevíssimo Evangelho que hoje canta a Igreja vem a ser a circuncisão de Cristo e o nome santíssimo de Jesus. E destes dois
20 grandes mistérios se compôs uma constelação benigníssima, que tomada no horizonte oriental de Cristo, foi figura de todo o bem e remédio do Mundo, que o Senhor havia de obrar em seus maiores anos.

1-2. Julgavam-se então os cometas emanações da Terra. Só três anos depois seriam publicados os *Principia Philosophiae,* de Descartes, que os considerava sóis que se extinguem; e só em 1658 seria conhecido o livro de Gassendi — *De rebus coelestibus comentarium* — que os supunha planetas. Mas já em 1641 Kepler, que cita mais de uma vez, considerava-os *matéria celeste,* derivada de astros, e já em 1641 tinha toda a obra publicada. Kepler só interessa a Vieira na medida em que lhe podia apoiar a utopia do V Império...

S. Cirilo: *Vocatum est nomen ejus Jesus, quod interpretatur Salvator; editus enim fuit ad totius mundi salutem, quam sua circumcisione præfiguravit.* Grande palavra! De sorte que circuncidar-se
5 Cristo e chamar-se Jesus no dia de hoje, foi levantar figura — *præfiguravit* — aos sucessos dos anos seguintes, à salvação e felicidades futuras de todo o género humano: *Totius mundi, salutem, quam sua circumcisione præfiguravit.* Nem desfaz
10 esta verdade a representação do sanguinolento, com que parece nos atemorizava Cristo nos efeitos da circuncisão; porque aquele belo infante não é cometa, é planeta; não é terra subida ao céu, é céu descido à terra. E o céu, quando se põe de verme-
15 lho, que prognostica? — O mesmo Cristo o disse, que não é menos que sua esta matemática: *Serenum erit, rubicundum est enim cælum.* Quando o céu se veste de vermelho, prognostica serenidade. Sempre a serenidade foi título natural das púrpuras. E como
20 aquele Céu animado, como aquele Rei celestial se veste da púrpura de seu sangue, serenidades e felecidades grandes nos prognostica, que nas acções do tempo e nas palavras do Evangelho iremos discorrendo por partes.

---

6. *Levantar figura* é linguagem da astrologia e significa marcar no papel as posições dos astros, no momento de que interessa fazer o horóscopo.

17, *Mat.* XVI, 2.

II

Postquam consummati sunt dies octo, ut circumcideretur puer, vocatum est nomen ejus Jesus, quod vocatum est ab angelo, priusquam in utero conciperetur. Comecemos por estas últimas palavras.

5 Diz S. Lucas que, passados os oito dias, termo da circuncisão, lhe puseram a Cristo por nome Jesus; e nota, antes manda notar o Evangelista, que este nome foi anunciado pelo Anjo, antes que o Senhor fosse concebido: *Quod vocatum est ab*
10 *angelo, priusquam in utero conciperetur.* Dá razão desta advertência a glossa interlineal, e diz que foi: *Ne homo videretur machinator hujus nominis:* «Para que não parecesse este glorioso nome maquinado por invento de homens», senão mandado,
15 como era, pela verdade de Deus. Entrou Cristo no Mundo a reduzi-lo com nome de Salvador e Libertador, que isso quer dizer Jesus; pois para que esta apelidada liberdade não a possa julgar alguém por invenção e obra humana, seja profetizada e reve-
20 lada primeiro por um ministro da Providência Divina: *Quod vocatum est ab angelo, priusquam in utero conciperetur.*

Não quero referir profecias do bem que gozamos, porque as suponho mui pregadas neste lugar e mui
25 sabidas de todos; reparar sim, e ponderar o intento delas quisera. Digo que ordenou Deus que fosse a liberdade de Portugal, como os venturosos sucessos dela, tanto tempo antes e por tão repetidos oráculos profetizada, para que, quando víssemos estas mara-
30 vilhas humanas, entendêssemos que eram disposições e obras divinas, e para que nos alumiasse e confirmasse a fé onde a mesma admiração nos em-

baraçasse. (Falo de fé menos rigorosa, quanta cabe em matérias não definidas, posto que de grande certeza). Alega Cristo um texto do Salmo XL, em que descreve David o meio extraordinário por onde
5 os procedimentos injustos de um mau homem dariam princípio à redenção de todos, como seria traído o Redentor, como o pretenderiam derrubar por engano do seu estado; e intimando o Senhor o caso aos discípulos, disse estas particulares pala-
10 vras: — *Dico vobis antequam fiat, ut cum factum fuerit credatis, quia ego sum:* «Eu sou este de quem aqui fala David (que assim explicam o lugar Santo Agostinho, Ruperto, Teofilato e outros); e digo-vos isto antes que aconteça, para que depois de acon-
15 tecer o creiais».

Notável teologia, por certo! Se o Senhor dissera: Digo-vos estas cousas para que creiais, antes que aconteçam, fàcilmente dito estava; isso é fé — crer o que não se vê; mas dizer as cousas antes que se
20 façam, a fim de que se creiam depois de feitas: *Ut cum factum fuerit credatis?!* O que está feito, o que se vê, o que se apalpa necessita de fé?! — Algumas vezes sim; porque sucedem casos no Mundo, como este de que Cristo falava, tão novos e inau-
25 ditos; sucedem cousas tão raras, tão prodigiosas e por meios de proporção tão desigual e muitas vezes tão contrários ao mesmo fim, que, ainda depois de vistas com os olhos, ainda depois de experimentadas com as mãos, não basta a evidência dos sen-
30 tidos para as não duvidar, é necessário recorrer aos motivos da fé para lhes dar crédito: *Dico vobis ante-*

---

11. *S. João* XIII, 19.

quam fiat, ut cum factum fuerit, credatis. Tais considero eu os sucessos nunca imaginados de nosso Portugal, que, como excessivamente nos acreditam, assim excedem todo o crédito.

Quis Deus que fossem tantos anos antes e tão vulgarmente profetizados estes sucessos, não tanto para os esperarmos futuros, quanto para os crermos presentes; não para nos alentarem a esperança antes de sucederem, mas para nos confirmarem a fé depois de sucedidos. Haviam de suceder as cousas de Portugal, como sucederam, de tão prodigiosa maneira, que, ainda depois de vistas, parece que as duvidamos; ainda depois de experimentadas, quase as não acabamos de crer: pois profetize-se esta venturosa liberdade e ainda o nome felicíssimo do libertador, muito tempo antes — *priusquam in utero conciperetur* —, para que entre as dúvidas dos sentidos, entre os assombros da admiração, peçam os olhos socorro à fé e creiam o que vêem por profetizado, quando o não creiam por visto.

Por duas razões se persuadem mal os homens a crer algumas cousas: ou por muito dificultosas, ou por muito desejadas; o desejo e a dificuldade fazem as cousas pouco críveis. Era Sara de idade de noventa anos, sobre estéril; promete-lhe um anjo que Deus lhe daria fruto de bênção; e diz a Escritura que se riu e zombou muito disso Sara; e ainda depois de ter um filho chamou-lhe Isac, que quer dizer riso: *Risum fecit mihi Deus.* Estava S. Pedro em poder de el-rei Herodes preso, e com apertada

---

29. *Génesis,* XXI, 6.

guarda; apareceu-lhe outro anjo, que lhe quebrou as cadeias e o livrou; e diz o texto sagrado: *Existimabat autem se visum videre:* que «cuidava Pedro que aquilo era sonho e ilusão.» Pois Pedro, pois Sara, que incredulidade é esta? Vê-se Sara com um filho nos braços, e chama-lhe riso?! Vê-se Pedro com as cadeias fora das mãos, e chama-lhe sonho?! — Assim havia de ser, porque ambas eram cousas muito dificultosas e ambas muito desejadas. Desejava Sara um filho, como a sucessão de sua casa; desejava Pedro a liberdade, como a mesma liberdade bem da Igreja. A sucessão de Sara estava em poder de noventa anos; a liberdade de Pedro estava em poder de Herodes e de seus soldados; e como a dificuldade era tão grande e o desejo igual à dificuldade, ainda que viam com seus olhos e tinham nas mãos o que desejavam, a Sara, parecia-lhe cousa de riso, a Pedro parecia-lhe cousa de sonho. Que Sara estéril haja de ter filho! Que a prosápia real portuguesa, esterilizada e atenuada na décima-sexta geração, haja de ter descendente que lhe suceda! Que Sara, depois de noventa anos, que a coroa de Portugal, depois de sessenta, o que não teve quando estava na flor de sua idade, o que não teve quando estava com todas as suas forças, o viesse alcançar depois de tão envelhecida e quebrantada! Muito desejávamos, muito suspirávamos por este bem, mas quanto maior era o desejo, tanto mais parecia, e quase parece ainda cousa de riso: *Risum fecit mihi Deus.* Que Pedro em poder de el-rei Herodes; que Portugal em poder não de um, senão de muitos reis

---

3. *Actos,* XII, 9.

que o dominavam, lhes houvesse de escapar das mãos tão fàcilmente! Que Pedro cercado de guardas — *Quator quaternionibus militum;* que Portugal, presidiado de infantaria em tantos castelos, em tan-
5 tas fortalezas, sem se arrancar uma espada, sem se disparar um arcabuz, conseguisse em uma hora sua liberdade! Era empresa esta tão dificultosa, representava-se tão impossível ao discurso humano, que ainda agora parece que é sonho e ilusão: *Existi-*
10 *mabat se visum videre.* Assim lhes aconteceu aos filhos de Israel, quando se viram livres do cativeiro de Babilónia: *In convertendo Dominus captivitatem Sion facti sumus* (lê o hebreu) *sicut somniantes:* que incrédulos, de admirados, «tinham a verdade
15 por imaginação, e cuidavam que estavam sonhando o que viam com os olhos abertos.» E como os sucessos de nossa restauração eram matérias de tão dificultoso crédito, que, ainda depois de vistos, parecem sonho e quase se não acabam de crer, ordenou Deus
20 que fossem tanto tempo antes, como tão singulares circunstâncias e com o nome do mesmo libertador profetizadas, para que a certeza das profecias desfizesse os escrúpulos da experiência; para que, sendo objecto da fé, não parecesse ilusão dos sentidos;
25 para que, revelando-as tantos ministros de Deus, se visse que não eram inventos dos homens: *Ne homo videretur machinator hujus nominis, quod vocatum est ab angelo, priusquam in utero conciperetur.*

---

3. *Actos,* XII, 4.
10. *Ibid.,* 9.
13. *Salmo* CXXV, 1. Vieira parafraseia.

III

Temos considerado o *priusquam,* vamos agora ao *postquam: Postquam consummati sunt dies octo, ut circumcideretur puer.* O que aqui pondera e sente muito a piedade dos santos, principalmente S. Ber-
5 nardo, é que, nascido de oito dias, sujeitasse o Senhor aquele corpozinho tenro ao duro golpe da circuncisão. Tão depressa?! Aos oito dias já derramando sangue?! Desta pressa se espantam os Doutores; mas eu não me espanto senão deste vagar.
10 Que venha Cristo a remir — e que espere dias?! E que espere horas?! E que espere instantes?! Quem cuida que é pouco tempo oito dias, mal sabe o que é esperar pela Redenção.

Quando Cristo se encontrou com os discípulos de
15 Emaús, iam eles contando a história de seu Mestre e a causa que os levava peregrinos por esse Mundo, e disseram estas notáveis palavras: *Nos autem sperabamus, quia ipse esset redempturus Israel; et nunc super hæc omnia tertia dies est hodie:* «Nós
20 esperávamos que este nosso Mestre havia de remir o povo de Israel; e no cabo de tudo isto, vemos agora que já se vão passando três dias.» Três dias?! Pois que muito é isso? Que espaço de tempo são três dias para uns homens desmaiarem? Para uns
25 homens se entristecerem? Para uns homens se desesperarem tanto? — Não se desesperavam, porque eram três dias, senão porque eram três dias de esperar pela Redenção. Esperavam aqueles discípulos que o Senhor havia de remir a Israel: *Nos*
30 *autem sperabamus quia ipse esset redempturus*

---

19. *S. Lucas,* XXIV, 21.

Israel. E para quem está cativo, para quem espera pela Redenção, três dias é muito tempo: *Et nunc super hæc omnia:* como se foram passadas três eternidades: *Tertia dies est hodie:* Já se vão passando 5 três dias; é muito tempo para quem espera pela Redenção, quanto mais tempo seriam os oito dias que se dilatou a circuncisão de Cristo, pois esperava o Mundo neles, que começasse o Senhor a derramar o sangue e dar o preço com que o remiu!

10 Não há dúvida que foi muito cedo para a dor, mas não foi muito cedo para o remédio; foram poucos dias para quem vivia, mas muitos para quem esperava. Bem o entendeu assim o Evangelista; porque, havendo de contar estes oito dias, veja-15 -se o aparato de palavras com que o faz: *Postquam consummati sunt:* «depois que foram consumados»; parece que armava a dizer oito séculos, ou oito mil anos, segundo a grandeza vagarosa e a ponderação das palavras; e no cabo disse — *dies octo* — 20 oito dias, que, como eram dias de esperar Redenção, ainda que não foram mais que oito, pareciam uma duração muito comprida, e que não acabavam de chegar, segundo tardavam: *Postquam consummati sunt.*

25 E se oito dias de esperar pela redenção, e ainda três dias, é tanto tempo; quanto seria, ou quanto pareceria, não três dias, nem oito dias, não três anos, nem oito anos, senão sessenta anos inteiros, nos quais Portugal esteve esperando sua redenção, 30 debaixo de um cativeiro tão duro e tão injusto! Não me paro a o ponderar; porque em dia tão de festa, não dizem bem memórias de tristezas, ainda que os males passados, parte vêm a ser de alegria. O que digo é que nos devemos alegrar com todo o

coração e dar imortais graças a Deus, pois vemos tão felizmente logradas nossas esperanças. Nem nos pese de ter esperado tão longamente; porque se há-de recompensar a dilação da esperança com a
5 perpetuidade da posse.

Perguntam os Teólogos como São Tomás na terceira parte, porque se dilatou tanto tempo o mistério da Encarnação, porque não desceu o Verbo Eterno a remir o Mundo, senão depois de tantos anos?
10 Várias razões dão os Doutores: a de Santo Agostinho é muito própria do que queremos dizer: *Diu fuit expectandus, semper tenendus:* Quis o Verbo Eterno que esperassem os homens e suspirassem tantos séculos por sua vinda, porque era bem que
15 fosse muito tempo esperado um bem que havia de ser sempre possuído. Haviam os homens de gozar para sempre a presença de Cristo, havia o Verbo de ser homem perpètuamente; porque — *Quod semel assumpsit nunquam demisit* — o que uma vez
20 tomou, nunca mais o largou; seja pois este bem por muito tempo esperado, pois há-de ser por todo o tempo possuído, e mereça com as dilações da esperança a perpetuidade da posse: *Diu fuit expectandus, semper tenendus.*

25 Não necessita de acomodação o lugar; de firmeza sim, pelas dependências que tem no futuro; mas um espírito profético e português nos fiará a conjectura desta tão gostosa verdade. S. Frei Gil, religioso da sagrada ordem de S. Domingos, naquelas suas tão
30 celebradas profecias, diz desta maneira: *Lusitania sanguine orbata regio diu ingemiscet:* «A Lusitânia,

---

30-31. Cita estas palavras a *Rest. de Portugal Prodigiosa,* do P.e Vasconcelos. S. Fr. Gil é biografado por Fr. L. de Sousa, na *Hist. de S. Domingos.*

o reino de Portugal, morrendo seu último rei sem filho herdeiro, gemerá e suspirará por muito tempo». *Sed propitius tibi Deus:* «Mas lembrar-se-á Deus de vós, ó Pátria minha» — diz o Santo; *Et insperate*
5 *ab insperato redimeris:* «e sereis remida não esperadamente por um rei não esperado». E depois de assim remido, depois de assim libertado Portugal, que lhe sucederá? — *Africa debellabitur:* Será vencida e conquistada África. *Imperium ottomanum*
10 *ruet:* O império otomano cairá sujeito e rendido a seus pés. *Domus Dei recuperabitur:* A casa santa de Jerusalém será finalmente recuperada. E por coroa de tão gloriosas vitórias, *Ætas aurea reviviscet:* «Ressuscitará a idade dourada». *Pax ubique*
15 *erit:* «Haverá paz universal no Mundo». *Felices qui viderint:* «Ditosos e bem-aventurados os que isto virem!».

Até aqui S. Frei Gil profetizando. De sorte que, assim como antes da Redenção houve suspirar e
20 gemer, assim depois da Redenção haverá possuir e gozar; e assim como os suspiros e gemidos duraram por tantos anos, assim as felicidades e bens permanecerão sem termo e sem limite. O muito, quer Deus que não custe pouco, e era justo que a tanta
25 glória precedesse tanta esperança, e que quem havia de gozar sempre, suspirasse muito: *Lusitania diu ingemiscet. Diu fuit expectandus, semper tenendus.*

E já que vai de esperanças, não deixemos passar sem ponderação aquelas palavras misteriosas da pro-
30 fecia: *Insperate ab insperato redimeris.* De propósito reparei nelas, para refutar com suas próprias armas alguma relíquia, que dizem que ainda há daquela seita ou desesperação dos que esperavam por el-rei D. Sebastião, de gloriosa e lamentável

memória. Diz a profecia: *Insperate ab insperato redimeris:* «Que seria remido Portugal não esperadamente por um rei não esperado». Segue-se logo, evidentemente, que não podia el-rei D. Sebastião
5 ser o libertador de Portugal, porque o libertador prometido havia de ser um rei não esperado: *Insperate ab insperato;* e el-rei D. Sebastião era tão esperado vulgarmente, como sabemos todos. Assim que os mesmos sequazes desta opinião, com seu esperar,
10 destruíram sua esperança; porque quanto o faziam mais esperado, tanto confirmavam mais que não era ele o prometido; podendo-se-lhe aplicar pròpriamente aquelas palavras que S. Paulo disse de Abraão: *Contra spem in spem credidit;* que «creram
15 em uma esperança contrária à sua mesma esperança»; porque pelo mesmo que esperavam, tinham obrigação de não esperar.

IV

Mas ainda que concedamos que os Portugueses não souberam esperar, não lhes neguemos que sou-
20 beram amar, e com muita ventura; que talvez buscando a um rei morto, se vêm a encontrar com um vivo. Morto buscava a Madalena a Cristo na sepultura, e a perseverança e amor com que insistiu em o buscar morto, foi causa de que o Senhor lhe enxu-
25 gasse as lágrimas e se lhe mostrasse vivo. Grande exemplar temos entre mãos! Assim como a Mada-

---

14, *Ep. aos Romanos.* IV, 18.

lena, cega de amor, chorava às portas da sepultura de Cristo, assim Portugal, sempre amante de seus reis, insistia ao sepulcro de el-rei D. Sebastião, chorando e suspirando por ele; e assim como a Mada-
5 lena no mesmo tempo tinha a Cristo presente e vivo, e o via com seus olhos e lhe falava e não o conhecia, porque estava encoberto e disfarçado, assim Portugal tinha presente e vivo a el-rei nosso senhor, e o via e lhe falava e não conhecia. Porquê? — Não
10 só porque estava, senão porque ele era o *encoberto*. Ser o encoberto e estar presente, bem mostrou Cristo neste passo que não era impossível. E quando se descobriu Cristo? Quando se manifestou este Senhor encoberto? Até esta circunstância não faltou
15 no texto. Disse a Madalena a Cristo: *Tulerunt Dominum meum:* «Levaram-me o meu Senhor»; e o Senhor não lhe deferiu. *Nescio ubi posuerunt eum:* queixou-se que não sabia onde lho puseram; e dissimulou Cristo da mesma maneira. *Si tu sustulisti*
20 *eum:* «Se vós, Senhor, o levastes, *dicito mihi*, dizei-mo»; e ainda aqui se deixou o Senhor estar encoberto sem se manifestar. Finalmente, alentando-se a Madalena mais do que sua fraqueza permitia, e tirando forças do mesmo amor, acrescentou:
25 — *Et ego eum tollam:* «E eu o levantarei». E tanto que disse — eu o levantarei: *Ego eum tollam*, então se descobriu o Senhor, mostrando que ele era por quem chorava; e a Madalena o reconheceu e se lançou a seus pés.

---

16. *S. João*, XX, 13.
17. *Ibid.*
20. *Ibid.*, 15.
25. *Ibid.*

Nem mais nem menos Portugal, depois da morte de seu último rei. Buscava-o por esse Mundo, perguntava por ele, não sabia onde estava, chorava, suspirava, gemia, e o rei vivo e verdadeiro deixa-
5 va-se estar encoberto e não se manifestava, porque não era ainda chegada a ocasião; porém, tanto que o Reino, animoso sobre suas forças, se deliberou a dizer resolutamente: *Ego eum tollam:* eu o levantarei e sustentarei com meus braços, então se des-
10 cobriu o encoberto Senhor, porque então era chegado o tempo, dizendo-nos aos Portugueses o que diz S. Gregório que disse Cristo à Madalena manifestando-se: *Recognosce eum, a quo recognosceris:* «Reconhecei a quem vos reconhece»; reconhecei por
15 rei, a quem vos reconhece por vassalo. Então sim, e não antes; então sim, e não depois; porque aquele e não outro era o tempo oportuno e determinado de dar princípio à nossa redenção.

Recebeu Cristo o golpe da circuncisão e deu prin-
20 cípio à Redenção do Mundo, não antes nem depois, senão pontualmente aos oito dias: *Dies octo, ut circumcideretur puer.* Pois porque antes, ou porque não depois? Não se circuncidara ao dia sétimo? Não se circuncidara ao dia nono? Porque não antes nem
25 depois, senão ao oitavo? — A razão foi porque as cousas que faz Deus e as que se hão-de fazer bem feitas, não se fazem antes, nem depois, senão a seu tempo. O tempo assinalado nas Escrituras para a circuncisão era o dia oitavo, como se lê no *Génesis*
30 e no *Levítico: Die octavo circumcideretur infantulus.* E por isso se circuncidou Cristo, sem se an-

23. *Levítico,* XII, 3.

tecipar, nem dilatar aos oito dias: *Postquam consummati sunt dies octo;* porque como o Senhor remiu o género humano por obediência aos decretos divinos, o tempo que estava assinalado na lei para
5 a circuncisão era o que estava predestinado para dar princípio à redenção do Mundo. Da mesma maneira se deu princípio à redenção e restauração de Portugal em tais dias e em tal ano, no celebradíssimo de 40, porque esse era o tempo oportuno
10 e decretado por Deus; e não antes nem depois, como os homens quiseram. Quiseram os homens que fosse antes, quando sucedeu o levantamento de Évora; quiseram os homens que fosse depois, quando assentaram que o dia da aclamação fosse o 1.º de Janeiro,
15 hoje faz um ano; mas a Providência Divina ordenou se antecipasse, para que pontualmente se desse princípio à restauração de Portugal a seu tempo: *Postquam consummati sunt dies octo.*

V

Daqui fica tàcitamente respondida uma não mal
20 fundada admiração, com que parece podíamos reparar os Portugueses, em que os sereníssimos duques de Bragança vivessem retirados todos estes anos, sem acudirem à liberdade do Reino, como legítimos herdeiros que eram dele. Respondido está;
25 declaro mais a resposta: Cristo, Redentor nosso, ainda em quanto homem, como provam muitos Doutores, era legítimo herdeiro da coroa de Israel: *Dabit illi Dominus Deus sedem David Patris ejus: et regnabit.* Tinha tiranizado este reino Herodes,

29. *S. Lucas*, I, 32.

homem estrangeiro, a quem por este e por muitos
outros títulos não pertencia; e como, sobre ter usurpado o Reino, lhe quisesse tirar a vida a Cristo, diz
o texto, que o Senhor se lhe não opôs, antes se
5 retirou para o Egipto: *Secessit in Ægyptum.* Notável acção! Não sois vós, Senhor, o verdadeiro Rei
de Israel, como legítimo herdeiro seu, que, ainda
que não empunhais o ceptro, Rei sois e Rei nascestes, e assim o confessam as nações e reis estran-
10 geiros: *Ubi est qui natus est Rex Judæorum?* Pois
como vos retirais agora, como vos não opondes à
tirania de Herodes, como ides viver ao Egipto, e
tantos anos? Não vedes o que padecem tantos inocentes? Não ouvis que já chegam ao Céu as vozes
15 da lastimada Raquel, que chora seus filhos: *Vox
in Rama audita est, ploratus et ululatus multus,
Raquel plorans filios suos?* Pois se a vós, como a
Rei natural, incumbe a restauração do Reino, como
vos retirais da empresa? Nem me aleguem em con-
20 trário os poucos dias que tinha o Senhor de vida
ou de idade, depois dos oito da circuncisão, porque
na mesma circuncisão e na mesma retirada do
Egipto tinha e lhe sobejava tudo o que era necessário para livrar do cativeiro os que nele tinham a
25 esperança da liberdade. Ou Cristo os havia de remir
com o sangue próprio, ou com o alheio: se com o
próprio, bastava uma só gota do sangue da circuncisão, para remir não só o reino de Israel, senão

---

5, *S. Mateus,* II, 14.
10, *Ibid.,* 2.
17, *Ibid.,* 18.

todo o Mundo. Se com o sangue alheio, o mesmo anjo que disse a S. José: *Fuge in Ægyptum*, podia fazer a Herodes e a todos seus presídios e soldados, o que o outro anjo fez aos exércitos de el-rei Senaquerib, matando em uma noite oitenta e cinco mil dos que sitiavam a mesma Jerusalém. Pois se isto era não só possível, mas fácil, ao legítimo e verdadeiro Rei de Israel, porque o não executou então? — Porque não era ainda chegado o tempo, diz excelentemente S. Pedro Crisólogo: *Cedens tempori, non Herodi.* Tinha decretado e disposto, que o tempo da Redenção fosse dali a trinta e três anos; e se a Providência Divina, que tudo pode, espera pelas disposições e circunstâncias do tempo; quanto mais a providência humana, a qual o não seria, se com toda a atenção e vigilância as não observasse, aguardando pelas mais convenientes e oportunas que Deus e o mesmo tempo lhe oferecesse! Assim que, podiam responder aqueles príncipes, como legítimos e naturais senhorios e herdeiros da coroa de seus avós, o que em semelhante caso disseram os famosos Macabeus, assim antes como depois de restituídos ao seu próprio património: *Neque alienam terram sumpsimus, neque aliena detinemus, sed hæreditatem patrum nostrorum, quæ injuste ab aliquo tempore ab inimicis nostris possessa est; nos vero tempus habentes vindicamus hæreditatem patrum nostrorum.*

E foi de tanta importância esperar pela oportunidade do tempo, que por esta dilação se veio a lograr aquela primeira máxima de toda a razão de

2. *Ibid.*, 13.
28. I *Macabeus*, XV, 33 e 34.

estado, assim da Providência Divina, como da providência humana, que é saber concordar estes dois extremos: conseguir o intento e evitar o perigo. Já perguntámos que razão teve Cristo para receber a
5 circuncisão ao oitavo dia conforme a Lei. Agora pergunto: que razão teve a Lei para mandar que a circuncisão se fizesse ao oitavo dia? A circuncisão naquele tempo era o remédio do pecado original, como hoje o é o baptismo, bem que com diferente
10 perfeição. Pois se na circuncisão consistia o remédio do pecado original, e a liberdade das almas cativas pelo pecado; porque não mandava Deus que se circuncidassem os meninos logo quando nasciam, ou ao terceiro ou ao quarto dia, senão ao oitavo?
15 — A razão literal foi, diz o Abulense, porque quis Deus aplicar o remédio de tal maneira, que se evitasse o perigo: *Quia ante octo dies potest esse vitæ periculum*. Quando os meninos nascem, em todos aqueles primeiros sete dias correm grande perigo
20 de vida, porque são dias críticos e arriscados, como dizem Aristóteles e Galeno; pois ainda que o remédio dos recém-nascidos e sua espiritual liberdade consistia na circuncisão, não se circuncidem, diz a Lei, senão ao oitavo dia, passados os sete, que essa
25 é a excelente razão de estado da providência de Deus saber dilatar o remédio, para escusar o perigo: dilate-se o remédio da circuncisão até o oitavo dia, para que se evite o perigo da vida, que há do primeiro ao sétimo: *Quia ante octo dies potest*
30 *esse vitæ periculum*.

---

15. Natural de Ávila. É assim conhecido D. Afonso de Madrigal Tostado de Rivera, bispo desta cidade e escritor notável.

Se Portugal se levantara enquanto Castela estava vitoriosa, ou, quando menos, enquanto estava pacífica, segundo o miserável estado em que nos tinham posto, era a empresa mui arriscada, eram os dias críticos e perigosos; mas como a Providência Divina cuidava tão particularmente de nosso bem, por isso ordenou que se dilatasse nossa restauração tanto tempo, e que se esperasse a ocasião oportuna do ano de quarenta, em que Castela estava tão embaraçada com inimigos, tão apertada com guerras de dentro e de fora; para que, na diversão de suas impossibilidades, se lograsse mais segura a nossa resolução. Dilatou-se o remédio, mas segurou-se o perigo. Quando os Filisteus se quiseram levantar contra Sansão, aguardaram a que Dalila lhe tivesse presas e atadas as mãos, e então deram sobre ele. Assim o fizeram os Portugueses bem advertidos. Aguardaram a que Catalunha atasse as mãos ao Sansão que os oprimia, e como o tiveram assim embaraçado e preso, então se levantaram contra ele tão oportuna como venturosamente.

Mas vejo que me dizem os lidos na Escritura, que é verdade que os Filisteus se levantaram contra Sansão, mas que ele soltou as ataduras, voltou sobre eles e desbaratou-os a todos. Primeiramente muito vai de Sansão a Sansão e de Filisteus a Filisteus. Mas dado que em tudo fora a semelhança igual, esta mesma réplica confirma mais o meu intento. Não tiveram bom sucesso os Filisteus, porque ainda que nós os imitámos em parte, eles não nos deram exemplo em tudo. Intentaram, mas não conseguiram; porque as diligências que fizeram não as aplicaram a tempo. As diligências que fizeram os Filisteus contra Sansão, foi atarem-lhe as mãos

e cortarem-lhe os cableos; mas não aproveitaram estes efeitos, ainda que se obraram; porque, devendo-se fazer ao mesmo tempo, fizeram-se em diversos. Quando lhe ataram as mãos, deixaram-lhe ficar os cabelos, com que teve força para se desatar; quando lhe cortaram os cabelos, deixaram-lhos crescer outra vez, com que teve mãos para se vingar. Pois que remédio tinham os Filisteus para se livrarem de todo e acabarem de uma vez com Sansão? — O remédio era fazerem como nós fizemos e como nós fazemos e como nós havemos de fazer: enquanto Sansão está com as mãos atadas, cortar-lhe os cabelos no mesmo tempo, e acabou-se Sansão. Assim o podiam vencer os Filisteus com muita facilidade, que doutra maneira não seria tão fácil. Porque se lhe não cortassem os cabelos, teria forças para desatar as mãos, e se desatassem as mãos, seria necessária muita força para lhe cortar os cabelos. Tanto como isto importa executar os remédios a tempo, como nós, por mercê de Deus, o temos feito até agora tão felizmente, conseguindo a maior empresa e evitando o menor perigo; porque soubemos esperar pelos dias oportunos, como mandava a Lei esperar pelos da circuncisão: *Dies octo, ut circumcideretur puer.*

VI

Ut circumcideretur puer, vocatum est nomen ejus Jesus. Tanto que se circuncidou o Menino, logo se chamou Salvador. Mas com que consequência? — pergunta S. Bernardo: *Circumciditur puer et vocatur Jesus; quid sibi vult ista connexio?* Que paren-

tesco tem o nome com a acção? Que combinação tem o salvar com o circuncidar-se? Três razões acho nos santos; duas repito, uma só pondero. S. Bernardo e Eusébio Emisseno, dizem que foi a circuncisão de Cristo: *Totius superfluitatis abjectio:* Uma estreita e mui reformada privação de todo o supérfluo. Vinha Cristo como Rei e Redentor do Mundo a remi-lo e restaurá-lo, e a primeira cousa que fez, como a mais necessária e importante, foi estreitar-se em sua Pessoa, cercear demasias, cortar superfluidades e fazer uma pragmática geral com seu exemplo: *Totius superfluitatis abjectio.* Muitas graças sejam dadas a Deus, que para confirmação ou imitação desta grande razão de estado divina, não temos necessidade de cansar a memória, senão de abrir os olhos; não de resolver escrituras antigas, senão de venerar e amar exemplos presentes. Assim obra quem assim reina; assim sabe libertar quem assim se sabe estreitar: *Ut circumcideretur puer, vocatum est nomen ejus Jesus.*

A segunda razão é de Santo Epifânio, e diz que foi: *Ut confirmaret circumcisionem, quam olim instituerat ejus adventui servientem:* «Que quis o Redentor confirmar desta maneira e honrar a circuncisão, pelo que antes da sua vinda tinha servido». Bem advertido, mas muito melhor imitado. Parece que os decretos do Governo de Portugal e os decretos da Providência Divina correram parelhas (quanto pode ser) na sua e na nossa redenção. Decretou Deus que à circuncisão se lhe confirmas-

---

4. Bispo de Emessa († 359), escriturário fecundo, se são autênticas as obras que lhe são atribuídas.

sem suas antigas honras, havendo respeito ao bem que tinha servido; e o mesmo decreto se passou cá, e com muita razão: *Ut confirmaret circumcisionem ejus adventui servientem.* Tinha servido a circuns-
5 cisão no tempo passado e na Lei Velha, pois honre-se no tempo presente e premie-se na Lei Nova; que não é bem que a felicidade geral venha a ser infortúnio dos que serviram. Que a circuncisão, que tinha tantos anos de serviços, que a circuncisão, que
10 tinha derramado tanto sangue, houvesse de ser desgraçada, porque o mundo foi venturoso, não estava isso posto em razão. Pois baixe um decreto que lhe confirme efectivamente todas as honras passadas: *Ut confirmaret circumcisionem, quam*
15 *olim instituerat;* que é bem que a Lei da Graça premie não só os serviços seus, senão os da Lei Antiga, para mostrar, nisso mesmo, que é Lei da Graça.

Oh! que grande política esta, assim humana,
20 como divina! El-rei Assuero mandava ler as histórias e crónicas do reino, para fazer mercês aos que em tempo de seus antecessores tinham servido. El-rei Salomão sustentava de sua própria mesa aos filhos de Berzelai, por serviços feitos em tempo e
25 à pessoa de David; e o Rei dos reis, Cristo Redentor nosso, quando no Monte Tabor desembargou suas glórias (que também pode ser expediente estarem embargadas por algum tempo), repartiu-as a três que serviam e a dois que tinham servido; a
30 S. Pedro, a S. João e a Santiago, porque actualmente serviam; e a Moisés e a Elias, um vivo e outro defunto, porque tinham servido em tempos passados. Assim recebe Cristo e autoriza hoje a circuncisão, conforme as honras do tempo antigo, não

porque se quisesse servir dela, que já estava muito envelhecida e a queria aposentar, senão pelo bem que dantes tinha servido: *Ejus adventui servientem.*

A terceira e última razão é de Santo Ambrósio, 5 de Santo Agostinho, de S. João Crisóstomo, de Santo Tomás e ainda de S. Paulo, ou quando menos fundada em sua doutrina, e é esta (alego tantos Doutores pela dificuldade da razão): *Ea ratione pro nobis circumcisus est, ut circumsionem auferret:* 10 «Recebeu Cristo a circuncisão, porque, como autor da Lei Nova, queria tirar do Mundo a circuncisão». Estranha sentença! Pois porque Cristo queria tirar do Mundo a circuncisão, por isso recebe e executa em si a mesma circuncisão?! Antes parece que para 15 a tirar do Mundo havia de entrar condenando-a, desterrando-a, proibindo-a sob graves penas, e não a admitindo por nenhum caso.

Pouco sabe das razões verdadeiras de estado quem assim discorre. Circuncida-se Cristo para tirar 20 do Mundo a circuncisão, porque quem entra a introduzir uma lei nova, não pode tirar de repente os abusos da velha. Há-de permitir com dissimulação, para tirar com suavidade; há-de deixar crescer o trigo com cizânia, para arrancar a cizânia, 25 quando não faça mal às raízes do trigo. Todo o zelo é mal sofrido, mas o zelo português mais impaciente que todos. A qualquer relíquia dos males passados, a qualquer sombra das desigualdades antigas, já tomamos o céu com as mãos, porque não 30 está tudo mudado, porque não está emendado tudo. Assim se muda um reino? Assim se emenda uma monarquia? Tantos entendimentos assim se endireitam? Tantas vontades tão diferentes assim se temperam? Rei era Cristo, e Rei Redentor, e ne-

nhuma cousa trazia mais diante dos olhos, que extinguir os usos da Lei Velha e renovar e introduzir os preceitos da Nova; e com ter sabedoria infinita e braços omnipotentes, ao cabo de trinta 5 e três anos de reino, muitas cousas deixou como as achara, para que seu sucessor S. Pedro as emendasse. Já Cristo não estava vivo, quando se rasgou o véu do templo, figura da Lei Antiga. E que cousa se podia representar mais fácil, que romper um ta- 10 fetá em trinta e três anos? Pouco e pouco se fazem as cousas grandes, e não há melhor arbítrio para as concluir com brevidade, que não as querer acabar de repente.

Instituiu Cristo, Redentor nosso, o sacramento da 15 Eucaristia, e instituiu-o na mesma mesa em que estava o cordeiro legal. Pois, Senhor meu, que combinação é esta, ou que companhia? O cordeiro com o sacramento?! As cerimónias da Lei Velha com os mistérios da Nova na mesma mesa?! — Sim, que 20 assim era necessário que fosse, para que viesse a ser o que era necessário. Queria Cristo introduzir o sacramento e lançar fora o cordeiro da Lei, e para isso permitiu que o cordeiro estivesse embora na mesma mesa com o sacramento, que desta maneira 25 se desterram com suavidade as sombras das leis velhas, e se vão introduzindo e conciliando os resplendores das novas. Estejam agora juntos o sacramento e o cordeiro, que amanhã irá fora o cordeiro, e ficará o sacramento. Com este vagar faz Deus as 30 cousas, e assim quer que as façam os que estão em seu lugar (quando elas o sofrem); e tenha mais paciência o zelo, não seja tão estreito de coração. Mais dói aos reis que aos vassalos dissimular com algumas cousas; mas por força se hão-de fazer

assim, para se não fazerem por força. Muito lhe doeu a Cristo, gotas de sangue lhe custou contemporizar com a circuncisão; mas foi necessário dissimular com dor, para remediar com sucesso. Não é o mesmo permitir que aprovar, antes o que se permite já se supõe condenado. A benevolência e dissimulação, como são afectos da mesma cor, equivocam-se fàcilmente nas aparências; e quantas vezes se choraram ruínas, os que se invejaram favores! Vem a ser indústria no príncipe, o que é razão de estado no lavrador, que as espigas que há-de cortar, essas abraça primeiro. Assim abraçou Cristo a circuncisão, porque a queria cortar e arrancar do Mundo: *Ea ratione circumcisus est, ut circumcisionem auferret,* mostrando na suavidade desta razão, e nas outras cousas por que se circuncidou, quão bem se proporcionava com os meios o nome que lhe puseram de Salvador: *Ut circumcideretur puer, vocatum est nomen ejus Jesus.*

Mas porque se chamou Salvador? Porque não tomou outro nome? Que o não tomasse de algum atributo de sua divindade, bem está, pois vinha a ser homem! mas ainda em quanto homem tinha Cristo a maior dignidade da terra, que era a de rei. Pois já que havia de tomar o nome do ofício e não da pessoa, porque não se chamou Rei, porque se chamou Salvador? — A razão deu-a Tertuliano: *Gratius illi erat pietatis nomen, quam majestatis:* Deixou Cristo o nome de rei e tomou o de Salvador, porque «estimava mais o nome de piedade, que o título de majestade». O nome de Rei era nome majestoso, o nome de Salvador era nome piedoso; o nome de Rei dizia imperar, o nome de Salvador dizia libertar; e fazendo o Senhor a eleição pela

estimação, tomou o de nosso remédio, deixou o de sua grandeza. Por isso os anjos, na embaixada que deram aos pastores, puseram primeiro o nome de Salvador e depois o de Ungido: *Quia natus est vobis*
5 *hodie Salvator, qui est Christus Dominus.* E por isso no título da cruz se chamou o Senhor Jesus Rei, e não Rei Jesus: *Jesus Nazarenus, Rex Judæorum;* para mostrar no princípio e no fim da vida, que estimava mais o exercício de nossa liberdade,
10 que a grandeza de sua majestade: *Gratius illi erat pietatis nomen, quam majestatis.*

Se os corações puderam discorrer sensìvelmente, quanto melhor falaram neste passo, do que os poderá copiar a língua? Isto que Tertuliano disse pelo
15 primeiro Libertador do género humano, pudéramos nós dizer com acção de graças pelo segundo libertador de Portugal, o qual nesta felicíssima e verdadeiramente real acção mostrou bem quanto mais estimava o nome da piedade, que o título da majes-
20 tade; pois convidado tantas vezes para a grandeza, rejeitou generosamente o ceptro; e agora chamado para o remédio, aceitou animosamente a coroa: *Gratius illi erat pietatis nomen, quam majestatis.* Rei não por ambição de reinar, senão por compai-
25 xão de libertar; rei verdadeiramente imitador do Rei dos reis, que sobre todos os títulos de sua grandeza estimou o nome de Libertador e Salvador: *Vocatum est nomen ejus Jesus.*

---

5. *S. Lucas,* II, 11.
8. *S. João,* XIX, 17.

VII

Acabou-se o Evangelho, e eu tenho acabado o sermão. Mas vejo que me estão caluniando e arguindo, porque não provei o que prometi. Prometi fazer neste sermão um juízo dos anos que vêm, e
5 eu não fiz mais que referir os sucessos dos anos passados. Mostrei a razão das profecias, as dilações da esperança, a oportunidade do tempo, o acerto dos decretos, a propriedade e merecimento do nome, e tudo isto é história do que foi, e não prognóstico
10 do que há-de ser. Ora, ainda que o não pareça, eu me tenho desempenhado do que prometi, e todo este discurso foi um prognóstico certo e um juízo infalível dos anos que vêm. Tudo o que disse, ou foram profecias cumpridas, ou benefícios manifestos
15 da mão de Deus; e em profecias e benefícios começados, o mesmo é referir o passado, que prognosticar e segurar o futuro.

Partiu Cristo desterrado a Egipto, e diz o Evangelista S. Mateus: *Ut impleretur, quod dictum est*
20 *per prophetam: ex Ægypto vocavi Filium meum:* que aqui «se cumpriu a profecia do profeta Oseas, em que dizia Deus, que havia de chamar e tirar do Egipto a seu Filho».

Dificultoso lugar! Argumento assim: as profecias
25 não se cumprem, senão quando sucedem as cousas profetizadas: Cristo não voltou do Egipto senão daí a sete anos; logo, não se cumpriu então, nem se podia cumprir esta profecia de Oseas. Se dissera o Evangelista, que se cumpria a profecia de Isaías:

---

20. *S. Mateus*, II, 15.

Ecce Dominus ascendet super nubem levem et ingredietur Ægyptum, claro estava; mas dizer, quando entrou no Egipto, que então se cumpriu a profecia de quando saiu, que não foi senão daí a tantos anos, 5 como pode ser? Reparo foi este de Ruperto Abade, o qual satisfaz à dúvida com uma razão mística; mas a literal, e que nos serve, é esta: Como as profecias, quanto à evidência, se qualificam pelos efeitos, e na execução do que prometem têm a 10 canonização de sua verdade; é consequência tão infalível, cumpridas as primeiras profecias, haverem-se de cumprir as segundas, que quando se mostra o cumprimento de umas, logo se podem dar por cumpridas as outras. Por isso o Evangelista, ainda 15 discursando humanamente, quando viu que se cumpria a profecia de Cristo entrar no Egipto, deu logo por cumprida também a profecia de haver de voltar para a pátria; e assim disse: *Ut impleretur quod dictum est per prophetam:* que então se cumpriu 20 o que tinha profetizado Oseas, não quanto à execução, senão quanto à evidência; porque o cumprimento da profecia passada, era nova e certa profecia de se cumprir a futura; que se numa parte não faltou o efeito, como poderia faltar na outra? Mui- 25 tas felicidades tem logo que ver Portugal nos anos seguintes e muitas lhe tenho eu prognosticado neste sermão; porque, como as mesmas profecias que prometeram o que vemos cumprido, prometem ainda

---

2. *Isaías,* XIX, 1.

5. Era abade do Mosteiro Beneditino de Deutz, perto de Colónia. A sua obra principal é *De Trinitate et ejus operibus* (✝ 1135).

outros maiores aumentos a este Reino ou a este Império, como elas dizem, o mesmo foi referir o desempenho felicíssimo das profecias passadas, que prognosticar, antes segurar com firmeza o cumpri-
5 mento infalível das que estão por vir. Se as nossas profecias na parte mais dificultosa foram profecias, na parte mais fácil, que resta, porque o não serão?

Sete cousas profetizou o Anjo embaixador à Virgem Maria: *Ecce concipies in utero, et paries Fi-*
10 *lium, et vocabis nomen ejus Jesum. Hic erit magnus, et Filius Altissimi vocabitur, et dabit illi Dominus Deus sedem David Patris ejus et regnabit in domo Jacob in æternum, et regni ejus non erit finis:* que «conceberia; que pariria um filho; que lhe
15 poria por nome Jesus; que seria grande; que se chamaria Filho de Deus; que Deus lhe daria o trono de David seu Pai; que reinaria na casa de Jacob para sempre; e que seu Reino não teria fim». E destas sete profecias, vendo cumprida Santa Isabel só
20 a primeira, pelos efeitos dela julgou que se haviam de cumprir todas as mais: *Quoniam preficientur ea, quæ dicta sunt tibi a Domino.* O mesmo discurso fiz eu, e o devemos fazer todos os Portugueses, se não queremos ser hereges da boa razão e de uma
25 fé mais que humana, dando todos o parabém a Portugal e chamando-lhe mil vezes feliz: *Quoniam perficientur ea, quæ dicta sunt tibi a Domino.* Porque como se começaram a cumprir as profecias em sua restauração, assim as levará Deus por diante e
30 lhes dará o cumprimento gloriosíssimo que elas

14. *S. Lucas,* I, 31 e seg.
27. *Ibid.,* 45.

prometem. Até agora era necessária pia afeição para dar fé às nossas profecias, mas já hoje basta o discurso e boa razão, porque os efeitos presentes das passadas são nova profecia dos futuros; bem assim
5 como (para que até aqui nos não falte o Evangelho) a imposição do nome de Jesus, que hoje chamaram a Cristo — *Vocatum est nomen ejus Jesus* — foi cumprimento do que estava profetizado e profecia do que estava por cumprir. Foi cumprimento do
10 que estava profetizado, porque profetizado estava que se chamaria Jesus o Filho da Virgem: *Paries Filium et vocabis nomen ejus Jesum.* Foi profecia do que estava por cumprir, porque o nome de Jesus, que quer dizer Salvador, era profecia que havia de
15 salvar Cristo e remir o género humano: *Vocabitur nomen ejus Jesus: ipse enim salvum faciet populum suum a peccatis eorum.*

VIII

Nos benefícios passa o mesmo. Muitos lugares pudera trazer; um só digo, que pela propriedade do
20 nome tem privilégio de se preferir a todos. Nasceu S. João Baptista, e assentaram consigo os vizinhos daquelas montanhas, que havia de ser o menino pessoa notável e que esperavam grandes venturas em seus maiores anos: *Posuerunt in corde sua, di-*
25 *centes: Quis, putas, puer iste erit?* Pois de onde o tiraram estes homens? Que fundamento tiveram para se resolverem tão assentadamente nas grande-

17. *S. Mateus,* I, 21.
25. *S. Lucas,* I, 66.

zas de João e em seus aumentos? — O fundamento que os moveu, eles mesmos o disseram, ou o Evangelista por eles: *Quis, putas, puer iste erit? Etenim manus Domini erat cum illo.* Viam os milagres, viam as maravilhas, viam as mercês extraordinárias que Deus com mão tão liberal fazia a João logo em seus princípios, e do *erat*, tiraram o *erit;* das experiências do que era, inferiam evidências do que havia de ser; porque aqueles benefícios de Deus presentes, eram prognósticos das felicidades futuras: *Etenim manus Domini erat cum illo.* Assim como a quiromância humana, quando quer dizer a boa-ventura, olha para as mãos dos homens, assim a quiromância divina, a arte de adivinhar ao celeste, olha para as mãos de Deus, e como a mão de Deus estava tão liberal com João: *Etenim manus Domini erat cum illo,* na disposição destas primeiras liberalidades, como em caracteres expressos, estavam lendo a sucessão das futuras; e das grandezas maravilhosas que já eram, julgavam as que, correndo os anos, haviam de ser: *Quis, putas, puer iste erit? Etenim manus Domini erat cum illo.*

Ora grande simpatia tem a mão de Deus com o nome de João. Bem o mostrou o Senhor na feliz aclamação de Sua Majestade, que Deus nos guarde, como há-de guardar muitos anos, pois aos ecos do nome de João, despregou da cruz o braço o mesmo Cristo, assegurando-nos que, assim como a mão de Deus estivera com o primeiro João da Judeia,

---

4. *Ibid.*
15. Entenda-se: *ao modo celeste.*
27. O milagre é referido pelo P.e João de Vasconcelos, já citado.

assim estava e havia de estar sempre com o quarto de Portugal: *Etenim manus Dominis erat cum illo.* Bem experimentámos esta assistência nos sucessos que referi, e em todos os felicíssimos do ano pas-
5 sado, que em todas as cousas que Sua Majestade pôs a mão, pôs também a Divina a sua. E se estes ou semelhantes efeitos da mão de Deus foram bastantes prognósticos para uns montanheses rústicos, assaz claro foi o modo de prognosticar que segui,
10 falando entre cortesãos tão entendidos. Nem aqui também nos faltou o Evangelho; porque, se nos confirmou a primeira razão com o mistério do nome de Jesus, agora nos prova a segunda com o da circuncisão, da qual dizem comummente os Douto-
15 res, que aquele pouco sangue que o Senhor derramou hoje no presépio, foi sinal e como penhor de haver de derramar todo na cruz; que, como Deus é liberal com omnipotência e bom sem arrependimento, o mesmo é fazer um benefício menor, que
20 penhorar-se a outros maiores. E se estes benefícios que da divina mão temos recebido, se podem chamar menores, os maiores quão grandes serão!

Nem nos desconfiem estas esperanças os temores que propusemos ao princípio da variedade
25 dos sucessos da guerra, da inconstância das felicidades do Mundo; porque só as felicidades que vêm por mão dos homens, são inconstantes; mas as que vêm por mão de Deus, são firmes, são permanentes. Quando Josué, à entrada da Terra de Promissão,
30 venceu aquelas primeiras e milagrosas batalhas,

---

23. O sentido é: *Que os temores que propusemos... não nos façam desconfiar destas esperanças...*

mostrando os inimigos mortos aos soldados, lhes disse o que eu também digo a todos os Portugueses: — *Confortamini et estote robusti, sic enim faciet Dominus cunctis hostibus vestris, adversum quos*
5 *dimicatis:* Grande ânimo, valentes soldados, grande confiança, valorosos Portugueses, que assim como vencestes felizmente estes inimigos, assim haveis de vencer todos os demais; que, como são vitórias dadas por Deus, este pouco sangue que derramastes
10 em fé de seu poderoso braço, é prognóstico certíssimo do muito que haveis que derramar vencedores; não digo sangue de católicos, que espero em Deus que se hão-de desapaixonar muito cedo nossos competidores, e que em vosso valor e em seu desen-
15 gano hão-de estudar a verdade de nossa justiça; mas sangue de hereges na Europa, sangue de mouros na África, sangue de gentios na Ásia e na América, vencendo e sujeitando toda as partes do Mundo a um só império, para todas em uma coroa
20 as meterem gloriosamente debaixo dos pés do sucessor de S. Pedro. Assim o contam as profecias, assim o prometem as esperanças, assim o confirmam estes felizes princípios, que a divina bondade se sirva de prosperar até os fins felicís-
25 simos que desejamos, que são os com que remata um sermão deste dia S. Bernardo, cujas palavras tantas vezes têm sido profecias a Portugal: *Multiplicabitur sane ejus imperium, ut merito Salvator dicatur pro multitudine etiam salvandorum, et pacis*
30 *non erit finis.*

---

5. *Josué*, X, 25.

21. É o sonho do *Quinto Império*, que dominou desde muito cedo até a morte o pensamento de Vieira

Para que nossas orações comecem a obrigar a Deus, não peço três ave-marias, senão três petições do Padre nosso: *Sanctificetur nomen tuum; Adveniat regnum tuum; Fiat voluntas tua.* Santificado e glorificado seja, Senhor, vosso nome; por-
5 que ao nome santíssimo de Jesus, como o primeiro e principal Libertador, reconhecemos dever a liberdade que gozamos. *Adveniat regnum tuum:* «Venha a nós, Senhor, o vosso Reino»; vosso, porque vosso é o Reino de Portugal, que assim nos fizestes mercê
10 de o dizer a seu primeiro fundador el-rei D. Afonso Henriques: *Volo in te et in semine tuo imperium mihi stabilire.* E por isso mesmo *adveniat,* venha; porque como há-de ser Portugal um tão grande Império, posto que tem já vindo todo o Reino que
15 era, ainda o Reino que há-de ser não tem vindo todo. E para que nossas más correspondências não desmereçam tanto bem, *Fiat voluntas tua:* Fazei, Senhor, que façamos inteiramente vossa santa vontade; porque assim como, nos prognósticos huma-
20 nos, para advertir sua contingência, se diz: Deus sobre tudo, assim eu neste divino, para assegurar sua certeza, digo também: Deus sobre tudo; porque se sobre tudo amarmos a Deus, cumprindo perfeitamente sua vontade, sem dúvida se inclinará o
25 Senhor a ouvir e satisfazer os afectos da nossa, perpetuando a sucessão de nossas felicidades na perseverança de sua graça: *Quam mihi et vobis, etc.*

---

13. São palavras da profecia que se disse Cristo haver feito a D. Afonso Henriques, na véspera da Batalha de Ourique. A historiografia do tempo, que a recebera de Fr. Bernardo de Brito (Vid. *Chronica de Cister,* p. 242) não a punha em dúvida, e Vieira — já o sabemos — faz dela uma das bases do seu sonho do *Quinto Império.*

SERMÃO DE SANTO ANTÓNIO

Na festa que fez ao Santo na Igreja das Chagas de Lisboa, aos catorze de Setembro de 1642, tendo-se publicado as cortes para o dia seguinte

Vos estis sal terræ. — Mat. V.

I

À Arca do Testamento (que assim lhe chamou Gregório IX), ao Martelo das Heresias (que este nome lhe deu o Mundo), ao defensor da Fé, ao lume da Igreja, à maravilha de Itália, à honra de
5 Espanha, à glória de Portugal, ao melhor filho de Lisboa, ao querubim mais eminente da religião seráfica, celebramos festa hoje. Necessário foi que o advertíssemos, pois o dia o não supõe, antes parece que diz outra cousa. Celebramos festa hoje,
10 como dizia, ao nosso português Santo António; e

O conteúdo histórico do sermão:

O Rei convocara as Cortes para Setembro de 1642, e esperava-se que elas o habilitassem com o que se julgava indispensável para prosseguir na luta com Espanha — dois milhões e quatrocentos mil cruzados, para sustentar os quatro mil cavalos e os vinte mil infantes necessários à defesa da fronteira.

Concordaram os três estados em que as décimas seriam o melhor processo de percepção daquela quantia, mas os procuradores do povo insistiam por que a sua parte fosse

(Continua na página seguinte)

Trad. do tema: *Vós sois o sal da terra.*

se havemos de reparar em circunstâncias de tempo, não é a menor dificuldade da festa o celebrar-se hoje. Hoje?! Em quatorze de Setembro Santo António?! Se já celebrámos universalmente suas sagra-
5 das memórias em treze de Junho, como torna agora em quatorze de Setembro? Entendo que não vem Santo António hoje por hoje, senão por amanhã. Estavam publicadas as cortes do Reino para quinze de Setembro; vem Santo António aos quatorze,
10 porque vem às Cortes. Como há dias que o Céu está pela Coroa de Portugal, manda também seu procurador o Céu às cortes do Reino. Algumas sombras disto havemos de achar entre as luzes do Evangelho. Com três semelhanças é comparado
15 Santo António, ou com três nomes é chamado neste

---

paga em separado, «para que se soubesse o que cada um dos três (estados) dispendia e não viesse a cair no povo, como menos poderoso, o maior peso.» Clero e nobreza não aceitaram a proposta e só pôs termo à divergência uma ordem real, para que o pagamento se efectuasse sem separação, — e deu o próprio Rei o exemplo, pagando os novecentos mil cruzados, obtidos com o património real e as consignações que lhe pertenciam.

Vieira, que prega às Cortes na véspera da reunião da assembleia, realiza uma peça oratória que o Rei decerto comovido aplaudiria, como óptimo serviço prestado pelo seu servidor, não apenas com todo o poder da sua eloquência, senão também com toda a *lábia,* como ele lhe chamava, do seu talento político, que não deixou nenhum dos estados a quem se dirigiu — clero, nobreza e povo — sem a eficácia aliciante de uma lisonja. O aproveitamento da analogia do sal, combinação, segundo a química do tempo, de fogo, ar e água, deve ter tido todo o poder impressionante do a-propósito e da forma, de tão clara beleza.

Evangelho. É chamado sal da terra: *Vos estis sal terræ;* é chamado luz do Mundo: *Vos estis lux mundi;* é chamado cidade sobre o monte: *Non potest civitas abscondi supra montem posita.* Esta 5 última semelhança me faz dificuldade.

Que Santo António se chame sal da terra, sua grande sabedoria o merece; que se chame luz do Mundo, os raios de sua doutrina, os resplandores de seus milagres o aprovam; mas chamar-se cidade 10 Santo António! *Non potest civitas abscondi!* Um santo chamar-se uma cidade! — Sim. Em outro dia fora mais dificultosa a resposta; mas hoje, e no nosso pensamento, é muito fácil. Chama-se cidade Santo António, porque os procuradores de cortes 15 são cidades: são cidades pela voz, são cidades pelo poder, são cidades pela representação; e assim dizemos que vêm às Cortes as cidades do Reino; e não vêm elas, senão seus procuradores. E como os procuradores de cortes são cidades por esta 20 maneira, muito a proposito vem Santo António hoje representado em uma cidade, porque é cidade por representação. Mas que cidade? — *Civitas supra montem posita:* «cidade posta em cima ou acima dos montes». Clara está a descrição, se a interpre- 25 tamos misticamente. Cidade acima dos montes, não há outra senão a Jerusalém do Céu, a cidade da glória: *Civitas, de qua dicitur: gloriosa dicta sunt de te, civitas Dei* — comenta Hugo Cardeal. E por parte desta cidade do Céu temos hoje na terra a 30 Santo António.

Na igreja de Santo António se costumam cá fazer as eleições dos procuradores de cortes; e também no Céu se fez a eleição na pessoa de Santo António. E foi a eleição do Céu com toda a propriedade;

porque, ainda humanamente falando, e pondo Santo António de parte o hábito e o cordão, parece que concorrem nele com eminência as partes e qualidades necessárias para este ofício público. As qualidades que constituem um perfeito procurador de cortes, são duas: ser fiel e ser estadista. E quem se podia presumir mais fiel e ainda mais estadista que Santo António? Fiel como português, Santo António de Lisboa; estadista como italiano, Santo António de Pádua. Deu-lhe a fidelidade a terra própria; a razão de estado as estranhas. Isto de razão de estado, como ser tão necessária aos reinos, nunca se deu muito no nosso (culpa de seu demasiado valor); e os Portugueses que a usam e praticam com perfeição, mais a devem à experiência das terras alheias, que às influências da própria. E como Santo António andou tantas e tão políticas em sua vida — Espanha, França, Itália — ainda nesta parte ficava muito acertada a eleição de sua pessoa, quanto mais crescendo sobre estes talentos os outros maiores de seu zelo, de sua sabedoria, de sua santidade.

Só fará escrúpulo nesta matéria o génio tão conhecido de Santo António, segundo o qual parece que era mais conveniente sua assistência em cortes que se fizessem em Castela, que nestas que celebramos em Portugal. Os intentos de Castela, são recuperar o perdido; os intentos de Portugal, são conservar o recuperado. E como deparar cousas perdidas, é o génio e a graça particular de Santo António, a Castela parece que convinha a assistência de seu patrocínio, que a nós por agora não. Quem nos ajude a conservar o ganhado, é o que havemos mister. Ora, Senhores, ainda não conhecemos bem

a Santo António? Santo António para os estranhos é recuperador do perdido; para com os seus é conservador do que se pode perder. Caminhava o pai de Santo António a degolar (assim o dizem muitas
5 histórias, inda que alguma fale menos nobremente), e chegando já às portas da Sé e às suas, eis que apareceu o santo milagrosamente, fez parar os ministros da justiça, ressuscita o morto, declara-se a inocência do condenado, e fica livre. Pergunto: Por-
10 que não esperou Santo António que morresse seu pai e depois de morto lhe restituiu a vida? Não é menos fundada a dúvida que no exemplo de Cristo, Senhor nosso, de quem diz o texto de S. João que, avisado da enfermidade de Lázaro, de propósito se
15 deteve e o deixou morrer, para depois o ressuscitar. *Distulit sanare, ut posset resuscitare* — ponderou o Crisólogo: que «lhe dilatou a saúde, porque lhe quis ressuscitar a vida». Pois se é mais gloriosa acção e mais de Cristo ressuscitar uma vida que impedir
20 uma morte, porque o não fez assim Santo António? Não fora maior milagre, não fora mais bizarra maravilha acabar o verdugo de passar o cutelo pela garganta do pai, e no mesmo ponto aparecer sobre o teatro o filho, ajuntar a cabeça ao tronco, levan-
25 tar-se o morto vivo, pasmarem todos e não crerem o que viam, ficando só da ferida um fio subtilmente vermelho, para fiador do milagre? Pois porque o não fez Santo António assim? Se tinha virtude milagrosa para ressuscitar; se ressuscitou ali um outro;
30 se ressuscitou outros muitos em diversas ocasiões; porque não esperou um pouco para ressuscitar também a seu pai? Porquê?

— Porque era seu pai. Aos estranhos ressuscitou-os, depois de perderem a vida; a seu pai defen-

deu-lhe a vida, para que não chegasse a perdê-la; aos estranhos remedeia, mas ao seu sangue preserva. Cristo, Senhor nosso, foi Redentor universal do género humano, mas com diferença grande.
5 A todos os homens geralmente livrou-os da morte do pecado, depois de incorrerem nele, mas a sua Mãe preservou-a, para que não incorresse; aos outros deu-lhes a mão, depois de caírem; a sua Mãe teve-a mão, para que não caísse; dos outros foi
10 Redentor por resgate, de sua Mãe por preservação. Assim também Santo António. Aos estranhos ressuscitou-os depois de mortos, a seu pai conservou-lhe a vida, para que não morresse; que essa diferença faz o divino português dos seus aos estranhos.
15 Para com os estranhos é recuperador das cousas perdidas; para com os seus é também preservador de que se não percam. Por isso com bem ocasionada propriedade se compara hoje no Evangelho ao sal: *Vos estis sal terræ*. O sal é remédio da corrupção,
20 mas remédio preservativo: não remedeia o que se perdeu, mas conserva o que se pudera perder, que é o de que temos necessidade.

Suposto isto, nenhuma parte lhe falta a Santo António, antes todas estão nele em sua perfeição,
25 para o ofício que lhe consideramos de procurador do Céu nas nossas Cortes. Como tal dirá o Santo hoje seu parecer a respeito da conservação do Reino — e esta será a matéria do sermão. Santo António é o que há-de pregar, e não eu. E cuido que desta
30 maneira ficará o sermão mais de Santo António, que nenhum outro; porque nos outros tratamos nós dele, neste trata ele de nós. Mas como eu sou o que

---

9. O mesmo que *teve-lhe mão, amparou-a.*

hei-de falar, para que o discurso pareça de Santo António, cujo é, e não meu, muita graça me é necessária. *Ave Maria.*

II

Já Santo António tem dito seu parecer. Nestas
5 quatro palavras breves, nestas seis sílabas compendiosas: *Vos-es-tis-sal-ter-ræ,* se resume todo o arrezoado de Santo António em ordem ao bem e conservação do Reino. E ninguém me diga que disse estas palavras Cristo a Santo António, e não Santo An-
10 tónio a nós; porque como a retórica dos do outro Mundo são os exemplos, e o que obraram em vida é o que nos dizem depois da morte, dizer Cristo a Santo António o que foi, é dizer-nos Santo António o que devemos ser. *Vos estis sal terræ* — disse
15 Cristo a Santo António por palavra; *Vos estis sal terraæ* — diz Santo António aos Portugueses por exemplo. Entendamos bem estas quatro palavras, que estas bem entendidas nos bastam.

Vos estis sal terraæ. O primeiro fundamento que
20 toma para seu discurso Santo António, é supor que devemos e havemos de tratar de nossa conservação. Isso quer dizer (conforme a exposição de todos os Doutores) *Vos estis sal terræ:* «Vós sois sal da terra». Quem diz sal, diz conservação; e a que
25 Cristo encomendava no original destas palavras tem grandes circunstâncias da nossa. Muito tenho reparado em que primeiro chamou Cristo aos Apóstolos pescadores, e ao depois chamou-lhes sal: *Faciam vos fieri piscatores hominum: Vos estis sal terræ.*

---

29. *Marc.*, I, 17.

Se pescadores, porque sal juntamente? — Porque importa pouco o ter tomado, se se não conservar o que se tomou. Chamar-lhes pescadores, foi encomendar-lhes a pescaria; chamar-lhes sal, foi encar-
5 regar-lhes a conservação. Sois pescadores, Apóstolos meus, porque quero que vades pescar por esse mar do Mundo; mas advirto-vos que sois também sal; porque quero que pesqueis, não para comer, senão para conservar. Senhores meus, já fomos pescado-
10 res; ser agora sal é o que resta. Fomos pescadores astutos, fomos pescadores venturosos; aproveitámo--nos da água envolta, lançámos as redes a tempo, e ainda que tomámos sòmente um peixe rei, foi o mais formoso lanço que se fez nunca, não digo nas
15 ribeiras do Tejo, mas em quantas rodeiam as praias do Oceano. Pescou Portugal o seu Reino, pescou Portugal a sua Coroa; advirta agora Portugal, que não a pescou para a comer, senão para a conservar. Foi pescador, seja sal. Mas isto não se discorre;
20 supõe-se.

Porém, *Si sal evanuerit, in quo salietur?* «Se o sal não for efectivo; se os meios que se tomarem para a conservação, saírem vãos e ineficazes, que remédio?» Esta é a razão de se repetirem; e esta é a maior
25 dificuldade destas segundas Cortes. As primeiras Cortes foram de boas vontades; estas segundas podem ser de bons entendimentos. Nas primeiras tratou-se de remediar o Reino; nestas trata-se de remediar os remédios. Dificultosa empresa, mas impor-
30 tantíssima. Quando os remédios não têm bastante eficácia para curar a enfermidade, é necessário curar os remédios, para que os remédios curem ao enfermo. Assim o fez o mesmo Cristo, Deus e Senhor nosso, sem dispêndio de sua sabedoria, nem

erro de sua providência. Não se pode acertar tudo da primeira vez.

Trabalhava Cristo para sarar e converter o seu povo com os remédios, ordinários da doutrina e 5 pregação evangélica; e vendo que se não seguia a desejada saúde, que fez? — Tratou de remediar os remédios, para que os remédios remediassem os enfermos. Em próprios termos o disse Santo Astério, 10 falando da ressurreição da filha de Jairo: *Ut vidit Judeæos ad sermones obsurdescere, factis ipsos instituit, ac medicinæ medicinam accommodat:* «Vendo Cristo que estava a enfermidade rebelde, e os ouvintes surdos a seus sermões, ajuntou às palavras 15 obras, ajuntou à doutrina milagres, e tomou por arbítrio melhorar os remédios, para que os remédios melhorassem os enfermos»: *Ac medicinæ medicinam accommodat.* Aplicou umas medicinas a outras medicinas, para que os que eram remédios fracos, 20 fossem valentes remédios. Este é o fim de se repetirem cortes em Portugal. Arbitraram-se nas passadas vários modos de tributos, para remédio de conservação do Reino; mas como estes tributos não foram efectivos, como estes remédios saíram inefi- 25 cazes, importa agora remediar os remédios.

III

Mas perguntar-me-á, ou perguntara eu a Santo António: — Que remédio teremos nós para remediar os remédios? — Muito fácil — diz Santo António: *Vos estis sal terræ.* Para se curar uma enfer- 30 midade, vê-se em que peca a enfermidade; para se curarem os remédios, veja-se em que pecaram os

remédios. Os remédios, como diz a queixa pública, pecaram na violência; muitos arbítrios, mas violentos muito. Pois modere-se a violência com a suavidade, ficarão os remédios remediados. Foram ineficazes os tributos por violentos; sejam suaves, e serão efectivos. *Vos estis sal terræ:* Duas propriedades tem o sal, diz aqui Santo Hilário: conserva, e mais tempera; é o antídoto da corrupção e lisonja do gosto; é o preservativo dos preservativos e o sabor dos sabores: *Sal incorruptionem corporibus, quibus fuerit aspersus, impertit, et ad omnem sensum conditi saporis aptissimus est.* Tais como isto devem ser os remédios com que se hão-de conservar as repúblicas. Conservativos sim, mas desabridos não. Obrar a conservação e saborear, ou ao menos não ofender o gosto, é o primor dos remédios. Não tem bons efeitos o sal, quando aquilo que se salga fica sentido. De tal maneira se há-de conseguir a conservação, que se escuse quanto for possível o sentimento. Tirou Deus uma costa a Adão para a fábrica de Eva; mas como a tirou? — *Immisit Deus soporem in Adam,* diz o texto sagrado: «Fez Deus adormecer a Adão», e assim dormindo lhe tirou a costa.

Pois porque razão dormindo, e não acordado? — Disse-o advertidamente o nosso português Oleastro, e é o pensamento tão tirado da costa de Adão, como das entranhas dos Portugueses:

---

24. *Génesis*, II, 21.

27. Fr. Jerónimo Oleastro, um dos mais célebres teólogos do Concílio de Trento. Professou no Convento da Batalha. Escreveu vários *Comentários* aos Livros Santos, um dos quais publicado em Paris, outro em Antuérpia († 1583).

Ostendit, quam difficile sit ab homine auferre, quod etiam in ejus cedit utilitatem: quam ob rem opus est ab eo surripere, quod ipse concedere negligit. A costa de que se havia de formar Eva, tirou-a
5 Deus a Adão dormindo e não acordado, para mostrar quão dificultosamente se tira aos homens, e com quanta suavidade se deve tirar, ainda o que é para seu proveito. Da criação e fábrica de Eva dependia não menos que a conservação e propagação
10 do género humano; mas repugnam tanto os homens a deixar arrancar de si aquilo que se lhes tem convertido em carne e sangue, ainda que seja para bem de sua casa e de seus filhos, que por isso traçou Deus tirar a costa a Adão, não acordado, senão
15 dormindo; adormeceu-lhe os sentidos, para lhe escusar o sentimento. Com tanta suavidade como isto, se há-de tirar aos homens o que é necessário para sua conservação. Se é necessário para a conservação da Pátria, tire-se a carne, tire-se o san-
20 gue, tirem-se os ossos, que assim é razão que seja; mas tire-se com tal modo, com tal indústria, com tal suavidade, que os homens não o sintam, nem quase o vejam. Deus tirou a costa a Adão, mas ele não o viu nem o sentiu; e se o soube, foi por reve-
25 lação. Assim aconteceu aos bem governados vassalos do imperador Teodorico, dos quais por grande glória sua dizia ele: *Sentimus auctas illationes, vos addita tributa nescitis:* «Eu sei que há tributos, porque vejo as minhas rendas acrescentadas; vós
30 não sabeis se os há, porque não sentis as vossas diminuídas». Razão é que por todas as vias se acuda à conservação; mas como somos compostos de carne e sangue, obre de tal maneira o racional, que tenha sempre respeito ao sensitivo. Tão ásperos

podem ser os remédios, que seja menos feia a morte que a saúde. Que me importa a mim sarar do remédio, se hei-de morrer do tormento?

Divina doutrina nos deixou Cristo desta moderação na sujeita matéria dos tributos. Mandou Cristo a S. Pedro que pagasse o tributo a César, e disse-lhe que fosse pescar, e que na boca do primeiro peixe acharia uma moeda de prata, com que pagasse. Duas ponderações demos a este lugar o dia passado; hoje lhe daremos sete a diferentes intentos. Se Deus não faz milagres sem necessidade, porque o fez Cristo nessa ocasião, sendo, ao parecer, supérfluo? Pudera o Senhor dizer a Pedro que fosse pescar, e que do preço do que pescasse pagaria o tributo. Pois porque dispõe que se pague o tributo, não do preço, senão da moeda que se achar na boca do peixe? — Quis o Senhor que pagasse S. Pedro o tributo, e mais que lhe ficasse em casa o fruto de seu trabalho, que este é o suave modo de pagar tributos. Pague Pedro o tributo, sim, mas seja com tal suavidade e com tão pouco dispêndio seu, que, satisfazendo às obrigações de tributário, não perca os interesses de pescador. Coma o seu peixe como dantes comia, e mais pague o tributo que dantes não pagava. Por isso tira a moeda não do preço senão da boca do peixe: *Aperto ore ejus, invenies staterem. Aperto ore.* Notai: Da boca do peixe tirou o dinheiro do tributo; porque é bem que para o tributo se tire da boca. Mas esta diferença há entre os tributos suaves e os violentos: que os suaves tiram-se da boca do peixe; os violentos,

27. *S. Mateus,* XVII, 26.

da boca do pescador. Hão-se-de tirar os tributos com tal traça, com tal indústria, com tal invenção, — *Inveniens staterem* — que pareça o dinheiro achado e não perdido; dado por mercê da ventura
5 e não tirado à força da violência. Assim o fez Deus com Adão; assim o fez Cristo com S. Pedro; e para que não diga alguém que são milagres a nós impossíveis, assim o fez Teodorico com seus vassalos. A boa indústria é suplemento da omnipotência, e
10 o que faz Deus por todo poderoso, fazem os homens por muito industriosos.

IV

Sim. Mas que indústria poderá haver para que os tributos se não sintam, para que sejam suaves e fáceis de levar? Que indústria?—*Vos estis sal terræ.*
15 Não se mete Santo António a discursar arbítrios particulares, que seria cousa larga e menos própria deste lugar, posto que não dificultosa: um só meio aponta o Santo nestas palavras, que transcende universalmente por todos os que se arbitrarem, com
20 que qualquer tributo, se for justo, será mais justo, e se fácil, muito mais fácil e mais suave: *Vos estis sal terræ.* Nota aqui S. João Crisóstomo a generalidade com que falou Cristo aos discípulos. Não lhes chamou sal de uma casa, ou de uma família,
25 ou de uma cidade, ou de uma nação, senão sal de todo o Mundo, sem exceptuar a ninguém. *Vos estis sal terræ, non pro una gente, sed pro universo mundo* — comenta o santo Padre. Queremos, Senhores, que o sal, qualquer que for, não seja desa-
30 brido? Queremos que os meios da conservação pa-

reçam suaves? — *Non pro una gente, sed pro universo mundo.* Não sejam os remédios particulares, sejam universais; não carreguem os tributos sòmente sobre uns, carreguem sobre todos. Não se
5 trate de salgar só um género de gente: *Non pro una gente;* reparta-se e alcance o sal a terra: *Vos estis sal terræ.* Convida Cristo aos homens para a aceitação e observância de sua Lei, e diz assim: *Venite ad me omnes, qui laboratis et onerati estis*
10 *et ego reficiam vos:* «Vinde a mim todos, que tão consados e molestados vos traz o Mundo, e eu vos aliviarei». *Tollite jugum meum super vos, et invenietis requiem animabus vestris:* «Tomai o meu jugo sobre vós, e achareis descanso para a vida»; *Jugum*
15 *enim meum suave est et onus meum leve:* «Porque o jugo de minha lei é suave e o peso dos meus preceitos é leve.»

Ora se tomarmos bem o peso à Lei de Cristo, havemos de achar que tem alguns preceitos pesa-
20 dos, e, segundo a natureza, assaz violentos. Haver de amar aos inimigos; confessar um homem suas fraquezas a outro homem; bastar um pensamento para ofender gravemente a Deus e ir ao Inferno; estes e outros semelhantes preceitos não há dúvida
25 que são pesados e dificultosos; e por tais os estimou o mesmo Senhor, quando lhes chamou *cruz nossa: Tollat crucem suam et sequatur me.* Pois se os preceitos da Lei de Cristo, ao menos alguns, são cruz

---

10. *S. Mateus,* XI, 28.
13. *Ibid.,* 29.
15. *Ibid.,* 30.
27. *Ibid.,* XVI, 24.

pesada, como lhes chama o Senhor jugo suave e carga leve? *Jugum enim meum suave est, et onus meum leve?*

Antes de o Senhor lhes chamar assim, já tinha dito a causa: *Venite ad me omnes*. A Lei de Cristo é uma Lei que se estende a todos com igualdade e que obriga a todos sem privilégio: ao grande e ao pequeno; ao alto e ao baixo; ao rico e ao pobre, a todos mede pela mesma medida. E como a Lei é comum sem excepção de pessoas e igual sem diferença de preceito, modera-se tanto o pesado no comum e o violento no igual, que, ainda que a lei seja rigorosa, é jugo suave; ainda que tenha preceitos dificultosos, é carga leve: *Jugum meum suave est et onus meum leve*. É verdade que é jugo, é verdade que é peso, nem Cristo o nega; mas como é jugo que a todos iguala, o exemplo o faz suave; como é peso que sobre todos carrega, a companhia o faz leve. Clemente Alexandrino: *Non prætergrediendа est æqualitas, quæ versatur in distributionibus honorando justitiam: propterea Dominus, tollite, inquit, jugum meum super vos, quia benignum est et leve.*

O maior jugo de um reino, a mais pesada carga de uma república são os imoderados tributos. Se queremos que sejam leves, se queremos que sejam suaves, repartam-se por todos. Não há tributo mais pesado que o da morte, e contudo todos o pagam, e ninguém se queixa, porque é tributo de todos. Se uns homens morreram e outros não, quem levara em paciência esta rigorosa pensão da imortalidade? Mas a mesma razão que a estende, a facilita; e porque não há privilegiados, não há queixosos. Imitem as resoluções políticas o governo natural do

Criador: *Qui solem suum oriri facit super bonos et malos, et pluit super justos et injustos.* Se amanhece o Sol a todos aquenta; e se chove o céu, a todos molha. Se toda a luz caíra a uma parte e toda a
5 tempestade a outra, quem o sofrera?

Mas não sei que injusta condição é a deste elemento grosseiro em que vivemos, que as mesmas igualdades do céu, em chegando à terra, logo se desiguala. Chove o céu com aquela igualdade
10 distributiva que vemos; mas em a água chegando à terra, os montes ficam enxutos e os vales afogando-se; os montes escoam o peso da água de si, e toda a força da corrente desce a alagar os vales. E queira Deus que não seja teatro de recriação para
15 os que estão olhando do alto, ver nadar as cabanas dos pastores sobre os dilúvios de suas ruínas! Ora guardemo-nos de algum dilúvio universal, que quando Deus iguala desigualdades, até os mais altos montes ficam debaixo da água. O que importa é
20 que os montes se igualem com os vales, pois os montes são a quem principalmente ameaçam os raios; e reparta-se por todos o peso, para que fique leve a todos. Os mesmos animais de carga, se lha deitam toda a uma parte, caem com ela; e a muitos
25 navios meteu nas mãos dos piratas a carga, não por muita, mas por descompassada. Se se repartir o peso com igualdade de justiça, todos o levarão com igualdade de ânimo: *Nullus enim gravanter obtulit, quod cum æquitate persolvitur:* Porque nin-
30 guém toma pesadamente o peso que se lhe distribuiu com igualdade — disse o político Cassiodoro.

---

2. *S. Mateus*, V, 45.

V

Boa doutrina estava esta, se não fora dificultosa, e, ao que parece, impraticável. Bom era que nos igualáramos todos; mas como se podem igualar extremos que têm a essência na mesma desigual-
5 dade? Quem compõe os três estados do Reino, é a desigualdade das pessoas. Pois como se hão-de igualar os três estados, se são estados porque são desiguais? Como? — Já se sabe que há-de ser: *Vos estis sal terræ*. O que aqui pondero é que não diz
10 Cristo aos Apóstolos: vós sois semelhantes ao sal; senão: *Vos estis sal:* «Vós sois sal». Não é necessária filosofia para saber que um indivíduo não pode ter duas essências. Pois se os Apóstolos eram homens, se eram indivíduos de natureza humana, como lhes
15 diz Cristo que são sal? *Vos estis sal?*

Alta doutrina de Estado! Quis-nos ensinar Cristo, Senhor nosso, que pelas conveniências do bem comum se hão-de transformar os homens, e que hão-de deixar de ser o que são por natureza, para
20 serem o que devem ser por obrigação. Por isso, tendo Cristo constituído aos Apóstolos ministros da Redenção e conservadores do Mundo, não os considera sal por semelhança, senão sal por realidade: *Vos estis sal;* porque o ofício há-se de transformar
25 em natureza, a obrigaão há-se de converter em essência, e devem os homens deixar de ser o que são, para chegarem a ser o que devem. Assim o fazia o Baptista, que, perguntado quem era, respondeu: *Ego sum vox:* «eu sou uma voz». Calou o

---

29. *S. João*, I, 23.

nome da pessoa e disse o nome do ofício; porque cada um é o que deve ser, e senão, não é o que deve. Se os três estados do Reino, atendendo a suas proeminências, são desiguais, atendam a nossas con-
5 veniências, e não o sejam. Deixem de ser o que são, para serem o que é necessário, e iguale a necessidade os que desigualou a fortuna.

A mesma formação do sal nos porá em prática esta doutrina. Aristóteles e Plínio reconhecem na
10 composição do sal o elemento da água e do fogo: *Sal est igneæ et aquæ naturæ, continens duo elementa, ignem et aquam* — diz Plínio. A glosa ordinária e S. Cromácio acrescentam o terceiro elemento do ar (prova seja a grande humanidade deste
15 misto); e diz assim S. Cromácio: *Natura salis per aquam, per calorem solis, per flatum venti constat et ex eo, quod fuit, in alteram speciem commutatur:* «A matéria ou natureza do sal são três elementos transformados, os quais, tendo sido fogo, ar e água,
20 se uniram em uma diferente espécie e se converteram em sal».

Grande exemplo da nossa doutrina! Assim como o sal é uma junta de três elementos — fogo, ar e água — assim a república é uma união de três esta-
25 dos — eclesiástico, nobreza e povo. O elemento do fogo representa o estado eclesiástico, elemento mais levantado que todos, mais chegados ao Céu e apartado da Terra; elemento a quem todos os outros sustentam, isento ele de sustentar a ninguém.
30 O elemento do ar representa o estado da nobreza, não por ser a esfera da vaidade, mas por ser o elemento da respiração; porque os fidalgos de Portugal foram o instrumento felicíssimo por que respiramos, devendo este Reino eternamente à resolução

de sua nobreza os alentos com que vive, os espíritos com que se sustenta. Finalmente, o elemento da água representa o estado do povo: *(Aquæ sunt populi*, diz um texto do Apocalipse) e não, como
5 dizem os críticos, por ser elemento inquieto e indómito, que à variedade de qualquer vento se muda, mas por servir o mar de muitos e mui proveitosos usos à terra, conservando os comércios, enriquecendo as cidades e sendo o melhor vizinho,
10 que a natureza deu às que amou mais.

Estes são os elementos de que se compõe a república. De maneira, pois, que aqueles três elementos naturais deixam de ser o que eram, para se converterem em uma espécie conservadora das cousas:
15 *Ex eo, quod fuit, in alteram speciem commutatur:* assim estes três elementos políticos hão-de deixar de ser o que são, para se reduzirem unidos a um estado que mais convenha à conservação do Reino. O estado eclesiástico deixe de ser o que é por imuni-
20 dade, e anime-se a assistir com o que não deve. O estado da nobreza deixe de ser o que é por privilégios, e alente-se a concorrer com o que não usa. O estado do povo deixe de ser o que é por possibilidade, e esforce-se a contribuir com o que pode.
25 E desta maneira, deixando cada um de ser o que foi, alcançarão todos juntos a ser o que devem, sendo esta concorde união dos três elementos eficaz conservadora do quarto. *Vos estis sal terræ.*

---

4. *Apocalipse* XII, 15.

VI

Amplifiquemos este ponto, como tão essencial, e falemos particularmente como cada um dos três estados. Primeiramente o estado eclesiástico deixe de ser o que é por imunidade, e seja o que convém
5 à necessidade comum. Serem isentas de pagar tributo as pessoas e bens eclesiásticos, o direito humano o dispõe assim, e alguns querem que também o divino. No nosso passo o temos. Indo propor S. Pedro a Cristo que os ministros reais lhe
10 pediam o tributo, respondeu o Senhor, que fosse pescar, como dissemos, e que na boca do primeiro peixe acharia o didracma ou moeda.

Dificulto. Suposto que o tributo se havia de pagar do dinheiro milagroso e não do preço do
15 peixe, para que vai pescar S. Pedro? Não era mais barato dizer-lhe Cristo que metesse a mão na algibeira, e que aí acharia com que pagar? Para Cristo tão fácil era uma cousa como a outra; para S. Pedro mais fácil esta segunda. Pois porque lhe manda
20 que vá ao mar, que pesque e que do dinheiro que achar por esta indústria, pague o tributo? — A razão foi porque quis Cristo contemporizar com o tributo de César, e mais conservar em seu ponto a imunidade eclesiástica. Pague Pedro (como se
25 dissera Cristo), mas pague como pescador, não pague como apóstolo; pague como oficial do povo, e não como ministro da Igreja. Deixe Pedro, por representação, de ser o que é, e torne, por repre-

---

13. O orador dá mais de uma vez a certos passos dos seus sermões aspectos de discussão escolástica. *Dificulto* queria dizer: *Oponho uma dificuldade.*

sentação, a ser o que foi; deixe de ser eclesiástico
e torne a ser pescador; e então pague por obriga-
ção do ofício, o que não deve pagar por privilégio
da dignidade. *Ita Christus tributum solvere voluit,*
5 *ut nec publicanos offenderet, nec suum perderet*
privilegium — diz o doutíssimo Maldonado de sen-
tença de S. Cristóvão e de Eutímio. A sua razão é:
Dum non ex suo, sed ex invento solveret: «porque
pagou do dinheiro achado, e não do seu».

10 Mas a mim mais fácil me parece distinguir na
mesma pessoa diferentes representações, que admi-
tir, receber e dar sem consideração de domínio.
O pensamento é o mesmo; escolha cada um das
suas razões a que mais lhe contentar. E como a
15 matéria era de tanta importância, ainda por outra
cláusula a confirmou e ratificou o Senhor, para que
este exemplo lhe não prejudicasse: *Da eis pro me*
et te: «Dai, Pedro, por mim e por vós». *Dá:* aqui
reparo. Quando lhe vieram perguntar a Cristo se
20 era lícito pagar o tributo a César, respondeu o
Senhor: *Reddite quæ sunt Cæsaris, Cæsari, et quæ*
sunt Dei, Deo: Pagai o de César a César, e o de
Deus a Deus. Pergunta Teofilato: — *Quare «red-*
dite» et non «date»? Porque diz Cristo *pagai,* e
25 não diz *dai?* A mesma questão faço eu aqui: *Da*
eis pro me et te: quare «da» et non «redde»? Por-
que diz *dai* e não diz *pagai?* Se lá diz Cristo *pagai*
e não *dai,* porque cá diz o mesmo Senhor *dai* e

---

6. Jesuíta espanhol (1534-1583), célebre teólogo.
7. Santo Eutímio — Arquimandrita grego (377-
-473).
18. *S. Mateus,* XVII, 26.
23. *Ibid.,* XXII, 21.

não *pagai?* — A razão é porque lá falava Cristo com os seculares, cá falava com os eclesiásticos; e quando uns e outros concorrem para os tributos, os seculares *pagam* e os eclesiásticos *dão*. Os seculares *pagam*, porque *dão* o que devem; os eclesiásticos *dão*, porque *pagam* o que não devem. Por isso Cristo usou da cláusula «*Da*» com grande providência; para que este acto tão contrário à imunidade eclesiástica não cedesse em prejuízo dela, declarando que o tributo que um e outro estado paga promìscuamente, nos seculares é justiça, nos eclesiásticos é liberalidade; nos seculares é dívida, nos eclesiásticos é dádiva: *Da, Reddite*.

Tanta é a imunidade das pessoas e bens eclesiásticos! Mas estamos em tempo em que é necessário cederem de sua imunidade, para socorrerem a nossa necessidade. Não digo que *paguem* os eclesiásticos, mas digo que dêem; não digo *reddite*, mas digo *da*. Liberalidade peço e não justiça, ainda que a ocasião presente é tão forçosa, que justiça vem a ser liberalidade. Com nenhum doutor alegarei nesta matéria, que não seja ou sumo pontífice, ou cardeal, ou bispo; para que com o desinteresse em causa própria se qualifique ainda mais a autoridade maior.

Quando el-rei de Israel, Saul, tratava de tirar a vida a David, rei também de Israel, que havia naquele tempo dois que se intitulavam reis do mesmo reino: um, rei injusto, outro santo; um, rei escolhido por Deus, outro reprovado por ele; neste tempo (que parece neste tempo) foi ter David

---

30-31. *Neste tempo* (o tempo em que ocorreu o episódio da história hebraica) que parece *neste* (o tempo em

com o sacerdote Aquimelec, ou Abiatar, e com licença sua tomou do altar os pães da proposição e repartiu-os a seus soldados. Acção foi esta que tem contra si um texto expresso no capítulo vinte
5 e quatro de Levítico, desta maneira: *Eruntque (panes propositionis) Aaron et filiorum ejus, ut comedant eos in loco sancto: quia sanctum sanctorum est sacrificiis Domini jure perpetuo:* Quer dizer que «os pães da proposição seriam perpètuamente
10 de Arão e seus descendentes, e que os comeriam os sacerdotes e não outrem, por ser pão santo e consagrado a Deus». Esta é a verdadeira inteligência do texto, conforme a glosa de fé no capítulo sexto de S. Lucas. Pois se os pães da proposição eram
15 próprios dos sacerdotes e nenhum homem secular podia comer deles lìcitamente, como os deu a David um sacerdote tão zeloso como Aquimelec, e como os tomou para seus soldados um rei tão santo como David?

20 Não temos menor intérprete ao lugar, que o Sumo Pontífice Cristo, autor e expositor de sua mesma Lei. Aprova Cristo esta acção de David no capítulo segundo de S. Marcos, e diz assim: *Nunquam legistis, quid fecerit David, quando necessitatem habuit?*
25 *Quomodo introivit domum Dei et panes propositionis manducavit, quos non licebat manducare nisi sacerdotibus et dedit eis, qui cum eo erant?:* «Nunca lestes o que fez David, quando teve necessidade, como entrou no Templo de Deus, como tomou os

---

que o orador falava e se parecia com o outro pela existência do rei escolhido por Deus — D. João IV, — e do reprovado por Ele — D. Filipe IV).

27. *S. Marcos*, II, 25 e 26.

pães, que não era lícito comer senão aos sacerdotes, e os deu a seus soldados?» De maneira que a total razão por que aprova Cristo entrar David no Templo e tomar o pão dos sacerdotes é porque o fez
5 o rei, *quando necessitatem habuit* — «quando teve necessidade»; porque quando estão em necessidade os reis, é bem que os bens eclesiásticos os socorram e que tirem os sacerdotes o pão da boca para o sustentarem a ele e a seus soldados. Assim declara
10 Cristo que precede o direito natural ao positivo, e que pode ser lícito pelas circunstâncias do tempo, o que pelas leis e cânones é proibido.

E verdadeiramente que quando a nenhum rei deveram os eclesiásticos esta correspondência, os
15 reis de Portugal a mereciam; porque, se atentamente se lerem as nossas crónicas, apenas se achará templo ou mosteiro em todo Portugal, que os reis portugueses com seu piedoso zelo ou não fundassem totalmente, ou não dotassem de grossas rendas, ou
20 não enriquecessem com preciosas dádivas. Impossível cousa fora deter-se em matéria tão larga e inútil, e tão sabida. Concorram pois as igrejas a socorrer a seus fundadores, a sustentar a quem as enriqueceu e a oferecer parte de suas rendas às
25 mãos de cuja realeza receberam todas. Mais é isto justiça que liberalidade; mais é obrigação que benevolência; mais é restituição que dádiva.

Tirou el-rei Ezequias do Templo, para se socorrer em uma guerra, os tesouros sagrados e as mesmas
30 lâminas de ouro com que estavam chapeadas as portas; e justificam muito esta resolução assim o texto como os Doutores, por três razões: de necessidade, em respeito do Reino; de conveniência, em respeito do Templo; e obrigação, em respeito do

rei. «Por razão de necessidade em respeito do Reino — diz o Cardeal Caetano —, porque quando o Reino tinha chegado a termos que se não podia conservar nem defender de outra maneira, justo era que em falta dos tesouros profanos substituíssem os sagrados, e que se empenhassem e vendessem as jóias da Igreja, para remir a liberdade pública»: *Omni exceptione maius est exemplum hoc Ezechiæ, ut pro redemptione vexationis ab infidelibus liceat, exhaustis publicis thesauris, ex ecclesiæ totalibus subvenire publicæ libertati christianorum.* «Por razão de conveniência em respeito do Templo — diz o bispo S. Teodoreto — porque mais convinha ao Templo conservar-se pobre que não se conservar; e é certo que na perda ou defensa da cidade consistia juntamente a sua, porque, fazendo-se senhor da cidade Senaquerib, também arderia com a cidade o Templo»: *Quando non sufficiebant thesauri regis, mos erat in hujusmodi necessitatibus sacros etiam thesauros consumere; necessitas autem effecit, ut etiam constaret portas æneas, ne si belo superior fuisset Senacherib, et urbem et templum incenderet.* Finalmente, por razão de obrigação em respeito do mesmo rei; porque, como nota o texto, *confregit Ezechias valvas templi et laminas auri, quas ipse affixerat.*

As lâminas de ouro, que Ezequias arrancou das portas do Templo, ele mesmo as tinha dado, e era justa correspondência, que em tal ocasião as portas se despissem de suas jóias e restituíssem generosamente o seu ouro a um rei, que com tanta libera·

---

26. *IV Reis*, XVIII, 16.

lidade as enriquecera. Os templos são armazéns das necessidades; e os reis que oferecem votos, depositam socorros. Quando David se viu no deserto desarmado e perseguido, nenhum socorro achou senão
5 a espada do gigante, que consagrara a Deus no Templo; que as dádivas que dedicaram aos templos os reis vitoriosos, bem é que as restituam os templos aos reis necessitados. Isto é o que deve fazer o estado eclesiástico de Portugal, e em primeiro
10 lugar os primeiros dele; que por isso pagou o tributo não outro dos Apóstolos, senão S. Pedro.

VII

O estado da nobreza também é isento por seus privilégios de pagar tributos: *Capita stipendio censa ignobiliora* — disse lá Tertuliano; donde Jeremias,
15 falando de Jerusalém: *Princeps provinciarum facta est sub tributo*. Contrapôs o tributo à nobreza e exagerou a Jerusalém senhora, para a lamentar tributária. No passo que nos fez o gasto temos também isto. Quando os ministros de César pediram o
20 tributo a S. Pedro, perguntou-lhe Cristo: *Quid tibi videtur, Simon?*: «Que vos parece, Pedro, neste caso?» *Reges terræ a quibus accipiunt tributum: a filiis an ab alienis?* «Os reis da terra de quem recebem tributo: dos filhos ou dos estranhos?» — *Ab*
25 *alienis:* «Dos estranhos» — respondeu S. Pedro. —

16. *Threnos*, I, 1.
21. *S. Mateus*, XVII, 24.
23. *Ibid.*
25. *Ibid.*, 25.

Ergo liberi sunt filii: «Logo isentos somos nós de pagar tributos» — diz Cristo. Eu, porque sou Filho do Rei dos reis; e vós, porque sois domésticos e criados de minha casa; que os que têm foro ou
5 filiação na casa real, isentos e privilegiados são de pagar tributos. *Hoc exemplum probat* — diz o doutíssimo Tanero — *etiam familiares ipsius Christi a tributo liberos esse, cum et in humana politia non tantum filius ipse regis, sed etiam familia ejus a tri-*
10 *butis libera esse soleat.* Isto resolveu Cristo *de jure.* Mas *de facto* que resolveu? — *Ut autem non scandalisemus eos, vade et da eis pro me et te.* Resolveu que, sem embargo de serem privilegiados, pagassem o tributo; porque seria matéria de escândalo,
15 que quando pagavam todos, não pagassem eles. Pois se nos casos comuns lhe parece bem a Cristo que paguem tributos os nobres, a quem isentam as leis; quanto mais em um caso tão extraordinário e maior que pôde acontecer em um Reino, em que
20 se arrisca a conservação do mesmo Reino, do mesmo Rei e a mesma nobreza?

Por duas razões principalmente me parece que corre grande obrigação à nobreza de Portugal de concorrer com muita liberalidade para os subsídios
25 e contribuições do Reino. A primeira razão é porque as comendas e rendas da Coroa, os fidalgos deste Reino são os que as logram e lograram sempre; e é justo que os que se sustentam dos bens da Coroa, não faltem à mesma Coroa com seus próprios bens:

---

1. *Ibid.*
7. Matias Tanner S. J. (1630-1692). (Nota da 1.ª edição).
12. *S. Mateus,* XVII, 26.

Quæ de manu tua accepimus, dedimus tibi. Não há tributo mais bem pago no Mundo, que o que pagam os rios ao mar. Contìnuamente estão pagando este tributo, ou em desatados cristais, ou em prata
5 sucessiva (como dizem os cultos) e vemos que, para não faltarem a esta dívida, se desentranham as fontes e se despenham as águas. Pois quem deu tanta pontualidade a um elemento bruto? Porque se despendem com tanto primor umas águas irra-
10 cionais? Porquê? — Porque é justo que tornem ao mar águas que do mar saíram. Não é o pensamento de quem cuidais, senão de Salomão. *Ad locum, unde exeunt, flumina revertuntur:* «Tornam os rios perpètuamente ao mar (e em tempos tempestuosos com
15 mais pressa e muito tributo), porque, mais ou menos grossas, do mar recebem todas suas correntes.» Que injustiça fora da Natureza e que escândalo do Universo, se crescendo caudalosos os rios e fazendo-se alguns navegáveis com a liberalidade do mar,
20 represaram avarentos suas águas e lhe negaram o devido tributo! Tal seria, se a nobreza faltasse à Coroa com o ouro que dela recebe. E é muito de advertir aqui uma lição que a terra nos dá, se já não for repreensão, com seu exemplo. A água que
25 recebe a terra é salgada; a que torna ao mar é doce. O que recebe em ondas amargosas, restitui-o em doces tributos.

Assim havia de ser, Senhores, mas não sei se

---

5. Refere-se aos que em literatura praticavam o *cultismo,* ou seja o preciosismo de metáforas da invulgaridade destas de Vieira.

12. *Eclesiastes,* I, 7.

25. Assim o julgavam no tempo de Vieira homens da sua cultura, como D. Francisco M. de Melo.

acontece pelo contrário. A todos é cousa muito doce o receber; mas tanto que se fala em dar, grandes amarguras! Pois consideremos a razão, e parecer-nos-á imitável o exemplo. A razão por que as águas
5 amargosas do mar se convertem em tributos doces, é porque a terra por onde passam, recebe o sal em si: *Vos estis sal terræ.* Portugueses, entranhe-se na terra o sal; entenda-se que o que se dá, é o sal e conservação da terra; e logo serão os tributos doces,
10 ainda que pareçam amargosas as águas.

A segunda razão por que a nobreza de Portugal deve servir com sua fazenda a El-Rei, nosso Senhor, que Deus guarde, mais que nenhuma outra nobreza a outro rei, é porque ela o fez. Já que a fidalguia
15 de Portugal saiu com a glória de levantar o Rei, não deve querer que a leve outrem de o conservar e sustentar no Reino. Fazer e não conservar, é insuficiência de causas segundas inferiores: os efeitos das causas primeiras dependem delas *in fieri et con-*
20 *servari.* É verdade que muitas vezes tem maiores dificuldades o conservar, que o fazer; mas quem se gloria da feitura, não deve recusar o peso da conservação. Pecou Adão; decretou o Eterno Padre que não havia de aceitar menor satisfação, que o
25 sangue de seu unigénito Filho. Notificou-se este decreto ao Verbo (digamo-lo assim), e que vos parece que responderia? *Ego feci, ego feram:* «Eu o fiz, eu o sustentarei» — diz por Isaías. A razão com que o Filho de Deus se animou à conservação
30 tão dificultosa e tão penosa de Adão, foi com se lembrar que ele o fizera: *Ego feci, ego feram.* Para se persuadir a ser Redentor, lembrou-se que fora Criador; e para conservar a Adão com todo o sangue, lembrou-se que o fizera com uma palavra,

Nobreza de Portugal, já fizestes ao Rei; conservá-lo agora é o que resta, ainda que custe: *Ego feci, ego feram.* Muito foi fazer um rei com uma palavra; mas conservá-lo com todo o sangue das veias será
5 a coroa de tão grande façanha. Sangue e vidas é o que peço; que a tão ilustres e generosos ânimos, petição fora injuriosa falar em fazenda.

VIII

Resta que obrigação absoluta de pagar tributos, só o terceiro estado a tenha. E assim o diz o nosso
10 passo, que, como até agora nos acompanhou, ainda aqui nos não falta. Da boca do peixe tirou S. Pedro a moeda para o tributo; mas perguntará algum curioso: — que peixe era este, ou como se chamava? Poucos dias há que eu me não atrevera a
15 satisfazer à dúvida; mas fui-a achar decidida em um autor estrangeiro de nossa Companhia, chamado Adamus Conthzem; pode ser que seja mais conhecido dos políticos que dos escriturários, mas em uma e outra cousa é muito douto. Diz este autor, falando
20 do nosso peixe: *Piscis est apud Plinium, qui Faber dicitur, et piscis Sancti Petri Christianis:* Que «é este um peixe a que hoje os Cristãos chamam peixe de S. Pedro, e Plínio na sua «História Natural» lhe chama *Faber*».
25 Notável cousa! *Faber* quer dizer oficial. De sorte que ainda no mar, quando se há-de pagar um tributo, não o pagam os outros peixes, senão o peixe oficial. Não pagou o tributo um peixe fidalgo, senão um peixe mecânico. Não o pagou um peixe que se
30 chamasse rei ou delfim, ou outro nome menor de

nobreza, senão um peixe que se chamava oficial: *Faber*. Sobre os oficiais, sobre os que menos podem, caem de ordinário os tributos; não sei se por lei, se por infelicidade; e melhor é não saber porquê.
5 Seguia-se agora, segundo a ordem que levamos, exortar o povo aos tributos; mas não cometerei eu tão grande crime. Pedir perdão aos que chamei povo, isso sim. Em Lisboa não há povo. Em Lisboa não há mais que dois estados — eclesiástico e no-
10 breza. Vassalos que com tanta liberalidade despendem o que têm, e ainda o que não têm, por seu Rei, não são povo.

Vai louvando o Esposo divino as perfeições da Igreja em figura de Esposa, e admirando o ar,
15 garbo e bizarria, com que punha os pés no chão, chama-lhe filha de príncipe: *Quam pulchri sunt gressus tui in calceamentis, filia principis!*. Não há dúvida que no corpo político de qualquer monarquia os pés, como parte inferior, significam o povo.
20 Pois se o Esposo louva o povo da monarquia da Igreja, com que pensamento, ou com que energia lhe chama neste louvor filha de príncipe: *Filia principis?* A versão hebreia o declarou ajustadamente: *Filia principis, id est, filia populi sponte offerentis.*
25 Onde a Vulgata diz — *filha de príncipe*, tem a raiz hebreia — *filha do povo, que oferece voluntária e liberalmente*. E povo que oferece com vontade e liberalidade, não é povo, é príncipe: *Filia populi sponte offerentis: filia principis*. Bem dizia eu logo,

---

4. Faz honra a Vieira o atentar nesta injustiça, posto que sobre ela se não atreva a discorrer.

17. *Cântico dos Cânticos*, VII, 1.

que em Lisboa não há três estados, senão dois — eclesiástico e nobreza. E se quisermos dizer que há três, não são eclesiástico, nobreza e povo, senão, eclesiástico, nobreza e príncipes. E a príncipes quem os há-de exortar em matéria de liberalidade?

Só digo por conclusão, e em nome da Pátria o encareço muito a todos, que ninguém repare em dar com generoso ânimo tudo o que se pedir (que não será mais do necessário), ainda que para isso se desfaça a fazenda, a casa, o estado e as mesmas pessoas; porque se pelo outro caminho deixarem de ser o que são, por este tornarão a ser o que eram: *Vos estis sal terræ*. A água, deixando de ser água, faz-se sal, e o sal desfazendo-se do que é, torna a ser água. Neste círculo perfeito consiste a nossa conservação e restauração. Deixem todos de ser o que eram, para se fazerem o que devem; desfaçam-se todos como devem, tornarão a ser o que eram. Este é em suma o espírito das nossas quatro palavras: *Vos, estis, sal, terræ.*

IX

Temos acabado o sermão. E Santo António? Parece que nos esquecemos dele; mas nunca falámos de outra cousa. Tudo o que dissemos neste discurso foram louvores de Santo António, posto que desconhecidos, por irem com o nome mudado. Chamámos-lhe propriedade do sal, e eram virtudes do Santo. E senão, arribemos brevemente sobre elas e vamo-las discorrendo. Se a primeira propriedade do sal é preservar da corrupção, que espírito apostólico houve que mais trabalhasse por conservar incorrupta a Fé católica com a verdade de sua dou-

trina, com a pureza de seus escritos, com a eficácia de seus exemplos e com a maravilha perpétua de seus prodigiosos milagres? Se a segunda propriedade do sal, é, sobre preservativo, não ser desabrido, que santo mais afável, que santo mais benigno, que santo mais familiar, que santo, enfim, que tenha uns braços tão amorosos, que, por se ver neles, Deus desceu do Céu à Terra, não para lutar como Jacob, mas para se regalar docemente? Se a terceira propriedade do sal apostólico era não ser de uma, senão de toda a Terra, quem no Mundo mais sal da terra que Santo António? De Lisboa, deixando a Pátria, para Coimbra; de Portugal, com desejo de martírio, para Marrocos; da arribada de Marrocos, para Espanha; de Espanha, para Itália; de Itália, para França; de França, para Veneza; de Veneza outra vez a França, outra a Itália, com repetidas jornadas; com os pés andou a Europa e com os desejos a África, e se não levou os raios de sua doutrina a mais partes do Mundo, foi porque ainda as não tinham descoberto os Portugueses.

Se a quarta propriedade do sal foi ser sujeito das transformações dos elementos, em que santo se viram tantas metamorfoses, como em Santo António, transformando-se do que era, para ser o que mais convinha? De Fernando se mudou em António, de secular em eclesiástico, de clérigo em religioso, e ainda de um hábito em outro hábito, para maior glória de Deus tudo, sendo o primeiro em quem foi crédito a mudança e a inconstância virtude. Finalmente, se a última propriedade do sal é conseguir o seu fim, desfazendo-se; quem mais bizarra e animosamente que Santo António se tiranizou a si mesmo, desfazendo-se com penitências,

com jejuns, com asperezas, com estudos, com caminhos, com trabalhos padecidos constante e fervorosamente por Deus; até que em trinta e seis anos de idade (sendo robusto por natureza) deixou de ser 5 temporalmente ao corpo, para ser por toda a eternidade à alma, onde vive e viverá sem fim?

SERMÃO PELO BOM SUCESSO DAS NOSSAS ARMAS

Pregado no ano de 1645, na Capela Real, com o Santíssimo Sacramento exposto, tendo El-Rei D. João IV passado a Alentejo

Erige brachium tuum sicut ab initio, et allide virtutem illorum in virtude tua; cadat virtus eorum in iracundia tua [...] *Non enim in multitudine est virtus tua, Domine, neque in equorum viribus voluntas tua est* [...] *Deus Cœlorum, Creator aquarum, et Dominus totius creaturæ, exaudi me miseram deprecantem, et de tua misericordia præsumentem. Memento, Domine, testamenti tui.* — Judit, cap. IX, 11, 16, 17.

I

Divina e humana Majestade, Rei dos reis, Senhor dos exércitos! Posto em campo o de Nabucodonosor, à vista da cidade e Betúlia, com estas palavras

O conteúdo histórico do sermão:

Uma carta de D. João IV, datada de Outubro de 1645, para o Governador do Reino dos Algarves, noticia-lhe que vai passar ao Alentejo, para pessoalmente dirigir a

(Continua na página seguinte)

Trad. do tema: *Levanta o teu braço como no princípio e quebra com a tua a energia deles; caia a sua força na tua ira* [...] *Com efeito, não está a tua força na multidão, nem, Senhor, a tua vontade no poder da cavalaria* [...] *Deus dos Céus, criador das águas, escuta-me, mísera suplicante, confiada na tua misericórdia. lembra-te, Senhor, do teu testamento.*

fez oração à vossa divina misericórdia a famosa Judit de Israel, tão famosa pelo excesso de seu valor, como pelo extremo de sua santidade; e com

---

defesa de Olivença. Assim o faz; mas, a meio caminho, desiste do projecto. A 6 de Dezembro data ainda uma carta de Montemor-o-Novo, mas passa de ali a Setúbal, «a ordenar a fortificação daquela praça; deteve-se poucos dias e entrou em Lisboa, a 17 de Setembro — diz Ericeira. O regresso do Rei resultara, segundo o mesmo historiador, do desencontro dos pareceres dos chefes militares convocados em Conselho de Guerra naquela vila alentejana. Ficavam assim pairando as ameaças do Marquês de Leganés, que João Mendes de Vasconcelos dizia preparado para acções militares decisivas; e o insucesso da empresa de Badajoz, que se tentara conquistar, não podia deixar de as tornar mais temíveis, tanto mais que desembarcara em Cádis a frota das Índias, que não podia deixar de trazer consideráveis reforços ao exército inimigo.

Vieira, no lance, aconselha esforços que levantem na Europa mais interessada pela situação da Península a *opinião* a nosso respeito, e repele o optimismo dos que diminuem a importância da conquista e destruição duma ponte (a de Olivença) ou se consolam com a fracassada investida contra uma aldeia (Juromenha) e amesquinham a conquista de uma atalaia (Atalaia da Terrinha), em que um alferes e quinze soldados (dez, na versão do orador) resistem aos numerosos assaltantes. Apesar de tudo — diz ele, referindo-se ao conjunto das operações — é possível a opinião de que «*o exército Espanhol entrou sem resistência e se recolheu sem oposição; e basta que entrasse e saísse, para nos não deixar a casa airosa.*»

Vieira, com seu providencialismo de sempre, e em altura em que o Rei, indo ainda a caminho do terreno das operações, não podia opor-lhe a lição da sua desistência, tenta inspirar animosa confiança em empreendimentos guerreiros que pareciam contraindicados pela inferioridade das nossas forças e pela própria quadra invernosa que se atravessava. Tenta-o, porque entende que só com

as mesmas ora também, na ocasião presente, prostrada a real Coroa aos pés de vossa divina Majestade, a soberana Judit de Portugal, senão menos

---

grandes êxitos militares se poderá conquistar a *opinião* de que depende a confiança de Roma, da Dieta da Alemanha, da França, da Holanda, e se poderá provocar o temor da própria Espanha. Ericeira atribui a João Mendes de Vasconcelos um parecer que coincide com o de Vieira nesta necessidade da *opinião,* apenas, mais prático em cousas de guerra, entende que, por então «o que só convinha era adiantar-se com todo o calor as prevenções da campanha futura, e que, tanto que entrasse a Primavera, para satisfação da França se fizessem contínuas entradas por todas as províncias, porque devíamos contemporizar com os príncipes aliados, sem arriscar a nossa conservação» *História de Portugal Restaurado,* I vol., pág. 118 da ed. de Álvaro Dória).

Todo o sermão emerge, como se vê, da realidade do momento histórico, com pormenores como a alusão ao cerco de Santo Aleixo, aldeia alentejana heròicamente defendida por João Carrusco Pimenta, à conservação em nossa posse das duas praças fortes — Salvaterra, na Galiza e Valverde, na Extremadura espanhola. Vieira não contesta a gravidade da situação, mas procura inspirar confiança nas preces da Rainha — nova Judit — e na resolução do Rei: «Ficar o Rei na corte é diligência para ser vencido; sair o Rei à campanha, é certeza de ser vencedor.» E preconiza a guerra ofensiva: «Como o exército filisteu, posto que o seja em respeito de nós, vindo a Portugal nos não acometeu nas nossas praças, e espera que nós o busquemos nas suas, razão temos e bom anúncio de o fazer assim e entrar confiadamente, porque isso é sinal que Deus os quer entregar nas nossas mãos».

Os exemplos bíblicos jamais faltam a inspirar confiança, como não faltam as alusões às lendas que são para Vieira factos indiscutíveis, demonstrativos da assistência de Deus ao seu segundo povo eleito: neste sermão, o do milagre de Cristo desprendendo o braço da Cruz, na procissão que lhe agradecia a restauração, e a do milagre que em Ourique nos deu a vitória.

valerosa, nem menos pia, mais poderosa hoje para obrigar vossa infinita clemência. A Judit de Israel orava como pessoa particular, ainda que pelo bem comum; a Judit de Portugal ora como Rainha e Senhora nossa, pelo bem e conservação de seus vassalos, cuja oração, como pública, sempre teve lugar na aceitação de vosso acatamento divino. A Judit de Israel alegava exemplos antigos, quando a virtude de vosso braço omnipotente assistiu aos Hebreus contra os Egípcios; a Judit de Portugal alega o exemplo do que vimos com nossos olhos no primeiro dia da restauração deste Reino. E assim diz com mais propriedade que a outra Judit: *Erige brachium tuum sicut ab initio!* «Levantai, Senhor, vosso poderoso braço como no princípio», e confundi o poder que temos contra nós, com a virtude da vossa despregada mão! Os outros afectos da oração de Judit são todos aqueles que, nas circunstâncias do caso presente, podem alentar nossa esperança e obrigar vossa misericórdia. Para que eu os saiba ponderar e acerte a os persuadir como convém, desse trono do diviníssimo Sacramento, que é a fonte de todas as graças, sede servido, Senhor, de alentar a tibieza de minhas palavras, com aquela eficácia de espírito, e dispor os corações dos que me ouvem, com aquele conhecimento da verdade que pede a importância de causa tão grande e tão vossa.

---

11. Alusão ao milagre de Cristo desprender um dos braços da Cruz, na procissão que lhe agradecia a restauração da independência.

II

Grande causa, Senhora, é a que põe hoje a Vossa Majestade aos pés de Cristo; grande causa, Portugueses, é a que nos chama hoje a este lugar; tão grande, que não pode ser maior; tão grande, que
5 ainda é maior do que parece. O que nesta matéria vêem os olhos, é muito; o que discorre o entendimento, é tudo. É tão grande o empenho desta empresa, que não sei como declarar o que entendo dele. Deus nos dê o sucesso que esperamos, porque
10 vejo nesta jornada empenhado todo o Reino em corpo e em alma. Já acertei a o dizer; explicar-me-ei agora.

Primeiramente está empenhado o Reino com todo o corpo; porque não só se abalou a cabeça, não só
15 temos em campanha a El-Rei, que Deus guarde, que basta para pôr o Mundo em grande expectação, como a nós em grande cuidado. Mas para ser total o empenho, seguirão o exemplo e a cabeça, por união natural, todos os membros da Monarquia, os
20 grandes, os títulos, a nobreza, a casa real, a Corte, os requerentes, os letrados, as universidades inteiras, as pessoas particulares de todas as cidades e vilas, os auxiliares das comarcas, os presídios das províncias, enfim, tudo. De maneira que havemos
25 de considerar que temos em campanha, não um exército de Portugal, senão Portugal em um exército. De tal sorte é esta causa comum, que toca a todos em particular e no mais particular de cada um. Lá vão os pais, lá os filhos, lá os maridos, lá
30 as casas, lá os herdeiros, lá os corações, lá o remédio de todos. Os que cá ficamos, estamos fora do exército para o trabalho, mas marchamos com os

demais para o perigo. Assim que todo o corpo do Reino temos empenhado nesta empresa; e para que ao corpo lhe não faltasse o sangue, considerai as grandes despesas públicas e particulares que se têm
5 feito, e quanta desgraça seria ficarem mal logradas.

Menos fora estar empenhado o corpo do Reino, se não levara também nesta ocasião empenhada consigo a alma, que no juízo dos que adiantam os olhos ao futuro, importa mais que tudo. A alma dos
10 reinos, principalmente em seus princípios, é a opinião. Esta vai hoje buscar a Castela o nosso exército. Dificultosa empresa em que não imos só conquistar as forças de um reino e muitos reinos, senão os juízos do Mundo. Este ponto é o que nos
15 deve pôr em maior cuidado que a mesma guerra.

Quando Cristo, Senhor nosso, profetizou as guerras, que da sua até a nossa idade têm inquietado todos os séculos, disse que «se haviam de levantar umas nações contra outras nações, e uns reinos contra
20 outros reinos»: *Surget gens contra gentem, et regnum adversus regnum;* e para encarecer o perigo das mesmas guerras que anunciava, acrescenta (cousa muito digna de se notar) que então «não só havia de haver batalhas, senão também as opiniões
25 das mesmas batalhas»: *Audituri enim estis prælia et opiniones præliorum.*

A mais perigosa consequência da guerra e a que mais se deve recear nas batalhas, é a opinião. Na perda de uma batalha arrisca-se um exército; na
30 perda da opinião arrisca-se um reino. Salomão, o

11. *A opinião* era, neste caso, a reputação do Reino, a que dependia da vitória que se queria obter.
21. *S. Lucas*, XXI, 10.
26. *S. Mateus*, XXIV, 5.

rei mais sábio, dizia que «melhor era o bom nome, que o óleo com que se ungiam os reis»: *Melius est bonum nomen, quam oleum unctionis, quo ungebantur capita regum;* porque a unção pode dar rei-
5 nos, a opinião pode tirá-los. E senão, vede a quanto mais nos empenha a reputação do Reino, do que nos empenhou a restituição do Rei. Para aclamar o Rei, bastou a resolução de poucos homens; para reputar o Reino, ajuntamos exércitos de tantos mil.
10 Para o primeiro, bastaram poucos corações e poucas vozes; para o segundo, são necessários tantos braços e tantas vidas. Oh que grande peso de consequências se abala hoje com o nosso exército! O respeito dos inimigos, a inclinação dos neutrais, a firmeza
15 dos aliados, tudo isto está hoje tremulando nas nossas bandeiras: *Spectaculum facti sumus mundo.* A batalha será nos campos de Badajoz; o sucesso está suspendendo os olhos e as atenções de todo o Mundo. Roma, Holanda, Castela, França, todas
20 estão à mira com a mesma atenção, posto que com intentos diversos. Roma, se há-de receber; Holanda, se há-de quebrar; Castela, se há-de desistir; e até França, em cujo amor e firmeza não pode haver dúvida, está suspensa com os sobressaltos de amiga
25 e interessada, que ainda que não façam mudança no coração, causam alteração no cuidado. A Dieta

3. *Eclesiastes,* VII, 9, a versão de Caldeu.
16. *S. Paulo,* I *Epístola aos Coríntios,* IV, 9
19. ... *se há-de receber* o embaixador que D. João IV lhe enviara — Dr. Nicolau Monteiro, prior de Cedofeita. O Papa recusava-se a reconhecer outro rei de Portugal que não fosse Filipe IV de Espanha.
26. A *Dieta* era, na Alemanha, uma espécie de assembleia política com poder deliberativo sobre negócios internos como externos.

de Alemanha não é a que menos observa este sucesso, para fundar os respeitos de suas resoluções, que por mais que o nosso direito seja tão evidente e a nossa causa tão justa, os reinos não os pesa a
5 justiça na balança, mede-os na espada.

Esta opinião tão importante é a que vai buscar o nosso exército; e para que deste lugar da verdade a confessemos, não só a vai buscar, senão também a recuperá-la, pelo sucedido na próxima campanha.
10 Bem sei, e tenho ouvido a subtileza dos discursos com que os nossos políticos querem negar à mesma campanha o nome de vitoriosa, como se as sentenças de Marte se fundaram em discursos ou arrezoados. Custar-lhe — dizem — uma ponte de Por-
15 tugal um exército, antes é desengano que esperança. Cortar o passo aos rios, antes é desconfiar da defensa que aspirar à conquista. Fazer-se a guerra às pedras e não aos homens, antes foi acção de receio que de poder. Se nos quis entreprender uma aldeia,
20 as armas de que ficou semeado o terreno provam a pressa com que se recolheram; e o sangue e corpos mortos, o valor com que resistimos. Renderam-nos uma atalaia em que vigiavam dez soldados; mas entre os seus houve quem disse, que antes quisera
25 ser tão bizarramente vencido, que com tanta desigualdade vencedor. Oito mil homens eram os que sitiaram tão poucos, e depois de não admitirem embaixadas, depois de se não renderem a batarias, depois de rebaterem duplicados assaltos, tendo-lhe
30 levado um caso grande parte de tão pequeno número, primeiro desprezaram a morte, querendo ser

14. Refere-se à ponte de Olivença, a que o inimigo havia destruído dois arcos.

23. Trata-se da Atalaia da Terrinha.

voados, do que consentiram a vida, aceitando partidos. Enfim, as armas agressoras, sem oposição ofensiva, campearam livremente, e nem por isso nos deixaram com grandes danos ou se recolheram com
5 grandes vantagens.

Mas as matérias da opinião são muito delicadas, e a consciência da honra não admite escrúpulos. É certo que o seu exército entrou sem resistência e se recolheu sem oposição; e basta que entrasse e
10 saísse, para que nos não deixasse a casa airosa. As batalhas são desafios grandes, e ter aguardado no posto nunca deixa acreditado a quem não saiu. Destruir e edificar são dois grandes argumentos de poder. Por estes termos explicou Deus o poder que
15 dava ao profeta Jeremias: *Ut destruas et dissipes et ædifices et plantes*. Vede se terão ocasião para blasonar que entraram em Portugal vitoriosos os que deixam um forte demolido e outro edificado. Um arco triunfal edificou Saul pela vitória de Ama-
20 lec; e quantos arcos levantarão as trombetas da sua fama por dois que nos quebraram de uma ponte? Que escreverão, que publicarão pelo Mundo? Se de duas aldeias que nos entraram, fizeram suas gazetas duas grandes cidades, muito havemos mister para
25 nos livrar de suas penas, posto que nos desembaracemos de suas mãos. Esta é a injustiça da fama, que tanto desacredita com o presumido, como

---

1. *Voados* é o mesmo que atirados ao ar pela artilharia.

19. *Jeremias*, I, 10.

21. Refere-se à ponte de Olivença, atacada em 1645, pelo marquês de Leganés, que destruiu parcialmente, o que se remediou «com quatro barcas que se puseram em Juromenha» — diz Ericeira — *Ibid.* p. 123.

ofende com o verdadeiro. Doze bandeiras acharam em um carro comboiado de lavradores, que levaram e têm em seu poder; e posto que não foram tomadas em guerra, quem há-de distinguir nelas
5 o que é tafetá, do que é insígnia? Quem há-de provar ao Mundo que foram roubo e não vitória? São hoje estas bandeiras de Portugal como a capa de José nas mãos da egípcia. Ali estava a fraqueza da parte de quem mostrava a capa, e o valor da parte
10 de quem a perdera. Mas José padecia os desaires da opinião, e a egípcia lograva os aplausos da fama que não merecia; porque quem pode mostrar em sua mão os despojos, sempre tem por si a presunção da vitória; e mais quando não podemos negar
15 aos olhos do Mundo a grande desigualdade dos compassos, com que a geometria mede nos mapas as suas e as nossas fronteiras.

III

E como os empenhos da ocasião presente são tão grandes, com muita razão trata hoje a piedade da
20 Rainha, nossa senhora, de segurar o sucesso com Deus e render o Céu com orações, enquanto o nosso exército defende a terra com as armas. A el-rei David lhe aconselharam os seus que não saísse à

---

9. Refere-se ao episódio bíblico da capa abandonada por José nas mãos da mulher de seu senhor, Pútifar, capitão das guardas de Faraó, no Egipto, quando fugia à concupiscência dela. Por despeito, a egípcia acusou-o de tentar seduzi-la e mostrou como prova a capa. *Génesis*, XXXIX.

campanha em certa ocasião de guerra, persuadidos — como diz Lirano — que «mais os podia ajudar ausente com as orações, que presente com as armas»: *Plus enim poterat adjuvare existentes in prælio suis orationibus absens, quam viribus præsens.* Assim o fez David, mas não o fez assim El-Rei, que Deus guarde. Dividiu-se entre as orações e as armas, porque, se está ausente na campanha, também o temos presente na melhor e a mais prezada parte de si mesmo. Lá, como Josué, assistindo ao governo dos exércitos; cá, como Moisés, levantando as mãos a Deus. De El-Rei D. Afonso V lemos que quando entrou por Castela, tinha consigo nos arraiais a Rainha D. Joana e o Príncipe D. João; e o sucesso foi que, ficando vencido o troço do exército que governava El-Rei, o que pertencia à Rainha e ao Príncipe ficou vitorioso. O que eu espero na ocasião presente é que se não há-de dividir a fortuna, mas que se há-de unir a vitória. Serão vencedoras as armas de Barac, mas atribuir-se-á o triunfo às orações de Débora: *Hac vice victoria non reputabitur tibi, quia in manu mulieris tradetur Sisara.*

E para que se conheça a prudência da nossa valerosa e santa Judit nesta sua oração, vejamos nas

2. Lirano é Fr. Nicolau de Lira, autor de *Postilla in Psalmos et Cantica.*

9. *A mais prezada parte de si mesmo* é a Rainha, que o substituía.

17. Assim o refere a *Crónica de El-Rei D. Afonso V*, de Rui de Pina. Celebrados em Palência os esponsais de D. Afonso V com sua sobrinha D. Joana, a Beltraneja, e jurado ele como rei de Lião, Castela e Portugal, «moveu logo o rei com a rainha em arraial caminho de... Touro...»

23. *Juízes*, IV, 9.

palavras que propus como acode a todas as circunstâncias que hoje nos podem inquietar o cuidado. Três dificuldades se nos podem representar nesta empresa. A primeira, aquela razão geral de pelejar Portugal contra Castela, o menor poder contra o maior; a segunda, ser este superior na sua cavalaria, que na campanha faz mui desigual o partido; a terceira, ser inverno, em que as chuvas e inundações dos rios podem atalhar o passo e impedir as operações ao exército. A todas estas dificuldades está satisfazendo Judit nas palavras da sua oração, falando com Deus como se falara connosco.

IV

É verdade que sai a pelejar o menor poder contra o maior; mas a isso responde Judit: *Non enim in multitudine est virtus tua, Domine:* que «as vitórias de Deus não dependem da multidão, nem do número dos soldados». É prática mui ordinária entre os políticos que sempre Deus se põe da parte dos mais mosqueteiros. Esta proposição nasceu nas guerras de Flandres, e não é muito que seja herética. Dias há que a desejo tomar entre mãos, para a confutar; agora o farei brevemente. Dizer que Deus ordinàriamente se põe da parte dos mais, não só é ignorância das histórias humanas, mas heresia formal contra as Escrituras Sagradas. Quem isto diz é herege. Vão os textos.

No I *Livro dos Reis,* cap. XIV, diz assim a Escritura: *Non est Domino difficile salvare, vel in multis,*

15. *Judit,* IX, 16.

vel in paucis. No II *Livro do Paralipomenon*, cap. XIV: *Domine, non est apud te ulla distantia, utrum in paucis auxilieris, an in pluribus*. No I *Livro dos Macabeus*, cap. III: *Facile est concludi multos in manus paucorum, nec est diferentia in conspectu Dei Cæli liberare in multis et in paucis*. Todos estes textos querem dizer conformemente que Deus, para dar as vitórias, não atenta para o número dos soldados, e que com tanta facilidade faz vencedores aos poucos como aos muitos. Assim que dizer e entender o contrário é erro, é impiedade, é heresia. E para que esta verdade lance firmes raízes em nossos corações e nos resolvamos de uma vez, que pode Portugal prevalecer e vencer, ainda que sejamos menos em número, vamos aos exemplos.

El-rei Roboão pôs em campo contra o reino de Judá oitenta mil homens; saiu-lhe ao encontro el-rei Abias só com quarenta mil. E quem venceu? — Sendo o exército do reino de Judá ametade menor, inclinou Deus para a parte dos menos, e ficou Abias com a vitória. Contra Acab, rei de Israel, veio Benadad, rei da Síria, a quem acompanhavam outros trinta e dois reis, e eram tantos os soldados em seus exércitos, que disse o soberbo Benadad que em toda Samaria não havia um punhado de terra para cada um. Não tinha el-rei Acab na sua corte mais que sete mil duzentos e trinta e dois homens, e com estes, confiado em Deus, saiu fora dos muros, e ensinou a Benadad que havia bastante terra em Samaria para sepultura de seus exércitos. Mas ainda nestas vitórias se contavam os soldados por milhares. Vamos a menor número. Só com quatrocentos soldados venceu David o exército vitorioso

dos Amalecitas, não ficando vivos mais que quatrocentos, que fugindo escaparam. Só com trezentos e dezoito homens de sua casa venceu Abraão em batalha a cinco reis. E só com trezentos, e esses
5 desarmados, desbaratou Gedeão os exércitos orientais dos Madianitas, que não cabiam nos campos. Há maior desigualdade? Pois ainda aqui os vencedores se contam a centenas.

Vamos a unidades. Armaram os Filisteus contra
10 el-rei Saul tão poderoso exército, que só os carros (em que naquele tempo se pelejava) eram trinta mil, e a gente de pé tanta em número, que, diz a Escritura, igualava às areias do mar. Que poder vos parece que seria bastante para vencer tal exército?
15 Acometeu-o uma noite o Príncipe Jónatas, acompanhado só do seu pajem da lança, e porque Deus os ajudava, bastaram só dois homens para meter em confusão e pôr em fugida a tantos mil. Chama a Escritura a isto não milagre, senão «quase mila-
20 gre»: *Et accidi quasi miraculum a Deo;* porque é Deus tão costumado a se pôr da parte dos menos, que ainda em semelhantes maravilhas não excede as leis ordinárias de sua providência. Ainda não disse tudo. Menos é que dois homens um homem;
25 menos é que um homem uma mulher; e um só David com uma funda venceu o exército dos Filisteus e uma só Jael com um cravo desbaratou o poder de Jabin. E como Deus, e não o número dos soldados, é o que dá as vitórias, bem pode Portugal,

---

20. *I Reis*, XIV, 15.

29. O episódio é contado no livro dos *Juízes*, IV, 17 e segs. Jael matou com um prego da sua tenda a Siraca, general de Jabin, a quem os Judeus estavam sujeitos.

posto que menor, fiado no braço de Deus, sair a campo, não só com parte do poder contrário, senão com todo. Acontecer-nos-á nos campos da Estremadura o que nos de Ourique com os Mouros, e nos
5 de Aljubarrota com os mesmos Castelhanos, que vencer com número igual nem é vitória de Deus, nem de Portugueses: *Non enim in multitudine est virtus tua, Domine.*

A segunda consideração que podia dificultar esta
10 empresa, era o número superior da cavalaria, em que somos excedidos. Mas a isso acode também Judit na sua oração, dizendo: *Neque in equitibus voluntas tua est:* «A vossa vontade, Senhor, com que dais a vitória a quem sois servido, não está
15 posta em cavalos nem em cavaleiros». Isto mesmo tinha dito David muito tempo antes, como experimentado; e o que é mais para a nossa confiança, o mesmo tinha prometido como profeta para os tempos vindouros: *Non in fortitudine equi volunta-*
20 *tem habebit, neque in tibiis viri beneplacitum erit ei.* A maior fortaleza dos exércitos, diz David, consiste na cavalaria; e a maior fortaleza da cavalaria consiste «em cavalos fortes e em homens fortes a cavalo»: *In fortitudine equi, in tibiis viri;* mas como
25 Deus é o Senhor dos exércitos e dá as vitórias a quem quer, e quer que só a ele se atribuam; pelo mesmo caso «não põe ou porá jamais nem a sua vontade na fortaleza dos cavalos, nem o seu beneplácito na dos cavaleiros»: *Non in fortitudine equi*
30 *voluntatem habebit, neque in tibiis viri beneplacitum erit ei.*

---

21. *Salmo CXLVI, 10.*

E para que não vamos mais longe, na mesma cavalaria do exército de Holofernes e no mesmo caso de Judit temos a prova. A cavalaria do exército de Holofernes, que sitiava os muros de Betúlia, 5 constava de vinte e dois mil cavalos: *Equitum viginti duo millia* — diz o texto sagrado. E com que venceu Deus toda esta cavalaria? Com mais e melhores tropas? Com mais e melhores cabos? Com mais e melhores soldados, mais bem montados e 10 armados? — Não. Com uma só mulher a pé. E já pode ser que esse foi o mistério e a energia com que notou o mesmo texto, que os pés de Judit foram os que renderam a Holofernes: *Sandalia ejus rapuerunt oculos ejus,* querendo mostrar Deus que 15 para vencer muitos milhares de homens a cavalo, basta uma só mulher, e essa a pé.

Esta é a cavalaria, e estas são as cavalarias de Deus. Agora entendo eu um lugar dos *Cantares,* que não sei se o entendem todos: *Equitatui meo in* 20 *curribus Pharaonis assimilavi te, amica mea*: «Sabeis com que vos pareceis, amiga minha? — diz Deus; pareceis-vos com a minha cavalaria»: *Equitatui meo assimilavi te.* Pois com a sua cavalaria compara Deus uma mulher? — Sim. Porque para 25 desfazer vinte e dois mil cavalos, como os que estavam sobre Betúlia, parece que era necessário grande número de cavalaria, e o que havia de obrar toda essa cavalaria, obrou só Judit em uma surtida que fez a pé, porque era amiga de Deus: *Equitatui* 30 *meo assimilavi te, amica mea.*

Mas é muito mais dificultoso neste passo que não fala Deus de qualquer cavalaria sua, senão da

---

30. *Cântico dos Cânticos,* I, 8.

cavalaria com que desbaratou o exército de el-rei Faraó no Mar Vermelho: *Equitatui meo in curribus Pharaonis assimilavi te.* Deus, quando venceu a Faraó, não pelejou com cavalaria, porque o seu povo vinha fugitivo do cativeiro, todos a pé, ninguém a cavalo. Pois se não havia cavalos da parte do povo, por quem Deus pelejou e venceu, que cavalaria é esta sua? *equitatui meo?* — Responde Ruperto abade (e é a razão literal), que a cavalaria de Deus nesta vitória foi a vara de Moisés, porque com ela abriu caminho ao povo pelo Mar Vermelho, e com ela se suspenderam as ondas que sepultaram a Faraó e seus carros. Pois uma vara é a cavalaria de Deus? — Sim, uma vara; porque dependem tão pouco as vitórias de Deus da mais ou menos cavalaria dos exércitos, que uma vara que pudera servir, quando muito, para açoutar um cavalo, bastou para romper e desbaratar toda a cavalaria do Egipto.

Façamos por ter a Deus por nós, e seja embora o poder que temos contra nós, superior na sua cavalaria. Quem tem por si o braço de Deus, não lhe são necessários, para vencer, muitos cavalos, nem um só cavalo. Com uma queixada de um animal, que não chegava a ser cavalo, *in mandibula asini,* venceu Sansão exércitos inteiros, porque tinha por sua parte a cavalaria de Deus, que é a sua vontade: *Neque in equitibus voluntas tua est.*

A terceira dificuldade é o Inverno tão entrado. Mas que bem acode a esta dificuldade na sua oração a nossa Judit! *Domine Deus Cæli, creator aquarum:* «Senhor Deus do Céu, criador das águas». Parece que só para esta ocasião foram feitas estas palavras. Porque chama Judit a Deus criador das águas, e não se lembra dos outros elementos? Por-

que lhe não chama criador da terra, criador do ar, e muito mais, criador do fogo, que na guerra é o mais activo e mais poderoso instrumento? — A razão é porque os inimigos tinham quebrado os aque-
5 dutos de Betúlia, os canais por onde se comunicavam as fontes à cidade, para que os sitiados se entregassem obrigados da sede. E como os inimigos queriam fazer a guerra com água, por isso particularmente alegava Judit a Deus ser criador e
10 senhor deste elemento: *Domine Deus cœli, creator aquarum.* Com o mesmo elemento, posto que por diferente traça, nos querem hoje fazer a guerra as disposições contrárias bem conhecidas. Esperam pelas inundações do Guadiana para sitiar as nossas
15 praças, e têm quebrado a ponte, para impedir o passo aos nossos socorros. Mas se Deus é o Senhor e o criador das águas, que importa que com elas nos determine fazer a guerra, quem, por grande que seja o seu império, o não tem sobre as nuvens?
20 Que importa que espere contra nós pelos dilúvios de Noé, se Portugal tem a chave de Elias, para fechar ou abrir as fontes do céu? Bem se vê em todos estes meses, e bem se viu o ano passado no intentado sítio de Elvas, pois precedendo antes e
25 seguindo-se depois um Verão extraordinário de muitos dias, só nos oito em que o exército sitiador aturou a campanha, foram tais as lanças de água que contìnuamente estava chovendo o céu, que ele, mais que a nossa artilharia, o fez retirar com tanta
30 perda de gente e reputação, como vimos.

---

15. Novas referências à ponte de Olivença, sobre o Guadiana.

A Job perguntou Deus uma hora, «se tinha entrado nos seus armazéns da neve e chuva, que ele tem reservado para o tempo da guerra»: *Nunquid ingressus es thesauros nivis et grandinis, quos servavi mihi in tempus pugnæ, et in diem belli?*. As chaves destes armazéns parece que as tem Deus dado a Portugal, pois tanto se serve destas armas em suas vitórias. Os reis de Portugal são senhores do Mar Oceano, direito contra o qual se têm composto tantas apologias nas nações estrangeiras. E assim servir o elemento da água aos nossos reis não é maravilha, senão obrigação. Bem se tem visto e experimentado na ocasião presente, em que o mar tanto a seu tempo nos veio trazer os tributos para esta guerra. Aquela chuva tão rara do dia da coroação de El-Rei, que a muitos pareceu prodigiosa, foi oferecer-se desde então o elemento da água a militar debaixo de nossas bandeiras.

E não tenhais por encarecimento ou lisonja esta interpretação; porque os reis dados por Deus costumam trazer a seu soldo este elemento. Quando Absalão fez guerra a David, rebelando-se tantos de

---

5. *Job*, XXXVIII, 22.

8-10. Discutiu-se entre os juristas estrangeiros o direito *primi possidentis*, com que nós proclamávamos o Atlântico *mar nosso (mare nostrum)*. Fr. Serafim de Freitas, professor português da Universidade de Valladolid, defendeu contra Grócio o nosso direito.

15. O socorro que nos veio do Ultramar, sobretudo do Brasil, por ocasião das Guerras da Restauração, foi posto em evidência por trabalho de Jaime Cortesão já citado — *Obras Várias* ([1]), p. 67. Sobretudo se verificou depois da organização da frota por iniciativa e diligências de Vieira. *O Mercúrio Português* periódico do tempo, refere-se-lhe de modo muito despressivo.

seus vassalos contra um rei ungido e dado por Deus, sempre o elemento da água lhe foi fiel e propício. É caso notável. Quis Chusai, confidente de David, avisá-lo secretamente do conselho de Achitofel para
5 que se pusesse em salvo. E para este recado de tanta importância e risco, diz o Texto que achou a Jónatas e Achimaas «junto da fonte de Rogel»: *Juxta fontem Rogel.* Foram vistos estes dois embaixadores por uma espia; e para escaparem, entraram em uma
10 casa e «meteram-se em um poço»: *Descenderunt in puteum.* Chegaram os soldados de Absalão para os prender, respondeu o dono da casa que ali chegaram aqueles homens, mas que «não fizeram mais que beber um púcaro de água e passarem»: *Tran-*
15 *sierunt gustata paululum aqua.* Finalmente, chegou o recado a David, o qual, «passando da outra banda do rio Jordão, ficou em salvo ele e todos os seus soldados»: *Transierunt Jordanem, et ne unus residuus fuit, qui non transisset fluvium.* De sorte que
20 de quatro modos se apostou o elemento da água a salvar e favorecer a David: Favoreceu-o a água nos rios: *Transierunt Jordanem;* favoreceu-o a água nas fontes: *Juxta fontem Rogel;* favoreceu-o a água nos poços: *Descenderunt in puteum;* favoreceu-o a água
25 nas mãos e na boca: *Gustata paululum aqua.* Assim serve o elemento da água aos reis dados por Deus; assim serviu a David, assim serve e assim há-de servir ao nosso Rei nesta ocasião. Já nos serviu no mar, há-nos de servir no rio, há-nos de servir nas

---

8. II *Reis,* XVII, 17.
11. *Ibid.* 18.
15. *Ibid.* 20.
19. *Ibid.* 22.

nuvens, há-nos de servir na terra; que ainda que o tempo promete chuvas e inundações, Deus é Senhor dos céus e criador das águas: *Dominus cœli, creator aquarum.*

V

5 E como o fim da presente empresa, sempre dificultoso e contingente em qualquer poder humano, só na virtude do braço divino pode estar seguro, por isso a nossa Judit, tão pia como prudentemente, na sua oração, não fazendo conta das forças huma-
10 nas, põe toda a sua confiança na misericórdia divina: *Exaudi me miseram deprecantem, et de tua miseridorcia prœsumentem.*

Mas ou estas palavras as entendamos de Judit, quanto à letra, ou de nós, quanto à ocomodação;
15 parece que entre o rendido da piedade envolvem o pusilânime da desconfiança. A cidade de Betúlia estava prevenida de fortificações, provida de bastimentos e aparelhada à defensa. Pois porque se chora tanto Judit, e não duvida de representar a
20 Deus o seu estado com o nome ínfimo de miséria: *Exaudit me miseram deprecantem?* Em nós serão ainda mais de estranhar estes termos; porque verdadeiramente neste caso, falando do Céu abaixo, temos as maiores razões que pode haver, para estar muito
25 confiados e esperar uma grande vitória. E senão discorrei um pouco comigo, antes que responda.

Primeiramente, que exército entrou nunca em campanha com a confiança mais bem fundada no valor de seus soldados e muito mais na qualidade
30 deles, que o nosso? A Josué disse Moisés que esco-

lhesse e não que ajuntasse exércitos: *Elige viros, et egressus, pugna contra Amalec.* O número faz multidão, o valor e exercício faz exército. Assim que, posto que sejam tantos mil, não havemos de estimar
5 os nossos soldados, por quantos, senão por quais são. São aqueles exercitados soldados, que, tendo dilatado a pátria em suas conquistas, hão-de mostrar agora quanto mais é pelejar nela e por ela. São aqueles valerosos Portugueses, que nos mesmos om-
10 bros em que tomaram o Reino, há cinco anos que sustentam as armas, tendo já tanto a guerra por exercício, como a vitória por costume. São aqueles, (para deixar exemplos maiores) que, sitiados por um exército, sessenta em Santo Aleixo, primeiro
15 renderam todos a vida que a praça, e acometidos por outro exército, oitenta em Juromenha, defenderam a dez assaltos a praça e mais as vidas. Para que entendam os exércitos de Castela, ainda que foram de Romanos, (o que nós não podemos negar
20 nem ao seu valor, nem à sua ciência militar, nem ao seu grande poder, nem ao nosso mesmo respeito, com que tudo isto reconhecemos) para que entendam, digo, que a menor aldeia de Portugal, quando se rende, é Numância, e quando se defende, Car-
25 tago.

Ao passar do rio Pado contra Aníbal, para meter em confiança Cipião aos seus, lembrou-lhes que os

---

2. *Êxodo,* XVII, 9.

14-16. Os dois episódios de Santo Aleixo e Juromenha são contados por Ericeira, *ibid,* I vol., págs. 70 e 125. A tentativa da conquista desta última localidade foi no ano em que o sermão foi pregado — 1645; a outra ocorrera no ano anterior.

soldados com que iam pelejar, «eram aqueles que tantas vezes tinham vencido e de quem já tinham por prémio da guerra Sicília e Serdenha»: *Cum iis est vobis, milites, pugnandum, a quibus capta belli*
5 *præmia Siciliam et Sardiniam habetis.* Daqui inferiu o famoso capitão: *Erit igitur in hoc certamine in vobis illisque animus, qui victoribus et victis esse solet;* e a mesma confiança pode levar por consequência o nosso exército. Vão pelejar os
10 Portugueses com aqueles que muitas vezes, em tempos passados, e algumas já nos presentes, têm vencido e de quem possuem por reféns da vitória duas praças fortes, conquistadas e conservadas em suas próprias terras. Finalmente, os nossos soldados são
15 todos portugueses; os contrários, de nações diversas; e vai muito de pelejar com corações amorosos a resistir com braços comprados. A David disse Saul que lhe daria a desejada posse de Michol, a quem muito amava, se lhe trouxesse cem braços de Filis-
20 teus. Entrou na batalha, e como pelejava com amor, trouxe duzentos. Que português haverá que não seja David, se para cada um a pátria é a sua Michol? Neles se cumprirá o que disse Platão, que, se se formasse um exército de namorados, seria inven-
25 cível.

Esta só consideração bastava para segurar a nossa confiança de todo receio. Mas o que direi da nobreza, e tanta nobreza, de que se compõe e ilustra o nosso exército? Quando David se ofereceu para

---

5. Tito Lívio, *Década* III, Liv. 1.

13. As praças a que Vieira se refere são Salvaterra, na Galiza, e Villa Nueva del Fresno, fronteira a Mourão, ambas conquistadas em 1643.

sair a desafio com o gigante, perguntou el-rei Saul a Abner, de que geração era aquele moço: *Ex qua stirpe descendit hic adolescens?*. E que importava a geração para o desafio? — Importava muito; por-
5 que cada uma obra como quem é; e para Saul julgar se sairia vencedor, quis-se informar se era honrado. Já David tinha dito a Saul que partira ursos e desqueixara leões; e sobre tudo isto pergunta-lhe ainda o rei pela geração, porque era me-
10 lhor fiador da vitória o sangue nobre que tinha, que o sangue bruto que derramara. Os homens de inferior condição, ainda que sejam valerosos, pelejam sós; o nobre sempre peleja acompanhado, porque peleja com ele a lembrança de seus maiores,
15 que é a melhor companhia. Em Ascânio pelejava Eneas e Heitor; em Pirro pelejava Aquiles e Peleu; nos Décios, nos Fábios, nos Cipiões, pelejavam os famosos primogenitores de seus apelidos; e com tão animosos lados quem não há-de ser valente?
20 A S. José disse o anjo, quando o viu temeroso, que se lembrasse que era filho de David: *Joseph, fili David, noli timere*. Como há-de ter medo no coração, quem tem a David nas veias? Até Cristo, quando houve de tirar a capa para entrar na bata-
25 lha, diz o Texto que se lembrou de quem era filho:

---

3. *I Reis*, XVII, 55.

7. *Honrado* tem o significado de aristocrata.

15-16. Ascânio, filho de Eneas e neto de Anquises, era também aparentado com Heitor, da família de Príamo, de quem Anquises era filho. Pirro era filho de Aquiles e neto de Peleu, pai deste último. Todos eles são personagens da Mitologia e heróis dos poemas de Homero e Virgílio.

22. *S. João*, XIII, 3e 4.

Sciens quia a Deo exivit, ponit vestimenta sua. E como Cristo entrou na campanha com esta consideração, ainda que o amor da vida lhe fez seus protestos no Horto, enfim, pelejou, derramou o
5 sangue, morreu; mas, morrendo, triunfou da morte. Grandes premissas de confiança tem logo Portugal nesta ocasião, pois tem toda a sua nobreza empenhada na glória desta empresa. Com os ossos do grande Afonso de Albuquerque dizia el-rei
10 D. João o III, que tinha segura a Índia. E se estava segura a Índia com os ossos mortos de um capitão, quão seguro estará Portugal com o sangue vivo de tantos! Todos os que morreram nas conquistas de Portugal, vivem hoje no sangue dos que assistem
15 à defensa dele.

Acrescenta imensamente esta esperança, como razão da maior e mais alta esfera, a presença e assistência de Sua Majestade, que Deus guarde, que para dar calor e alento a suas armas, as quis gover-
20 nar de mais perto. Quando o exército de el-rei David houve de dar batalha ao de Absalão, diz o Texto que se deixou o rei ficar na corte e que não saiu à campanha, como costumava. Pois David, que era tão belicoso e não perdia ocasião de guerra, porque
25 não quis esta vez dispor a batalha, e que o exército se governasse por suas ordens? Divinamente Santo Ambrósio: *David metuebat vincere.* David nesta batalha «tinha medo de sair com vitória», por isso não saiu.

30 Notai: Esta batalha era contra Absalão, filho do mesmo David; e como os pais sentem mais as perdas dos flihos que as suas próprias, ainda que David mandava dar a batalha, como rei, temia que Absalão ficasse vencido, como pai. E porque Da-

vid antes temia que desejava a vitória, por isso nesta ocasião se deixou ficar na corte, e não quis sair em campanha. Ficar o rei na corte, é diligência para ser vencido; sair o rei à campanha, é certeza
5 de haver de ser vencedor. E como temos a El-Rei na campanha e não na corte, bem nos podemos prometer a vitória. Temos tudo o que os Israelitas desejavam, quando pediram rei a Deus: *Egredietur ante nos, et pugnabit bella nostra pro nobis.* Grave
10 caso é que, tendo aqueles homens a Deus, que os governava na paz e na guerra, se não dessem por contentes, e que sobre isto instassem ainda e pedissem um rei que saisse com eles às batalhas; mas o motivo que tiveram foi porque, ainda que conhe-
15 ciam que Deus é o Senhor das vitórias, parecia-lhes que humanamente desta maneira as seguravam melhor. Ter a Deus no Céu e o rei no campo, é ter a primeira causa e mais as segundas.

Sobre tudo vai connosco e marcha no nosso exér-
20 cito a justiça da nossa causa. Não sei se tendes reparado que o primeiro homem que morreu neste Mundo fosse Abel. A morte é de fé que entrou no Mundo em castigo do pecado: *Per peccatum mors* — diz S. Paulo. Suposto isto, parece que o primeiro
25 morto havia de ser o primeiro pecador e não o primeiro inocente. Pois se Abel era o primeiro inocente e Adão o primeiro pecador, porque não quis Deus que fosse o primeiro morto Adão, senão Abel? — A razão foi — diz S. Basílio de Selêucia — porque

9. *I Reis*, VIII, 20.

na injustiça com que a morte se introduziu no Mundo, traçava Deus a vitória, com que a havia de lançar dele. O fim para que Deus veio ao Mundo foi vencer a morte: se a morte se introduzia por Adão, fazia guerra justa aos homens; pois por isso dispôs Deus que a morte começasse tirânicamente pela inocência de Abel, para que, sendo da parte da morte injusta a guerra, ficasse da parte de Cristo segura a vitória. Tão certa é a vitória na justiça da causa, que o mesmo Deus parece que não podia vencer a morte, se ela nos fizera guerra justa.

Oh que seguro temos nesta parte o bom sucesso de nossas armas! Não há guerra mais justa que a que hoje fazemos, justa pelo legítimo direito do Reino, justa pela satisfação dos danos passados, justa pela defensa natural e antecipada prevenção do futuro e mais justa ainda, na presente ocasião, por sermos provocados. Como poderá logo faltar a vitória a tantas razões de justiça? Assim o assegurava S. Bernardo aos cavaleiros templários e assim o podemos nós assegurar aos de Cristo, Santiago e Avis, e ao Grão-Mestre de todos.

Finalmente, os dois últimos fundamentos que temos para esperar vitória, são as acções contrárias e as nossas. Isto que agora direi parece que toca em arte de adivinhar; mas se é mágica, a Sagrada Escritura ma ensinou. Primeiramente digo que os nossos opositores hão-de ficar vencidos; porque quando vieram com o seu exército, ficaram da banda de além e não passaram o rio. Vai a prova.

Estava Timóteo, capitão general dos Amonitas, com o seu exército da banda de aquém de um rio esperando pelo exército de Judas Macabeu, que marchava contra ele; e disse assim a seus capitães:

Cum appropinquaverit Judas, et exercitus ejus ad torrentem aquæ: «quando Judas e seu exército chegar à ribeira», *si transierit ad nos prior, non poterimus sustinere eum:* «se passar desta banda do rio,
5 é sinal que lhe não poderemos resistir»; *si autem timuerit transire et posuerit castra extra flumen:* «porém, se ele recear passar e aquartelar o seu exército da outra parte», *transfretemus ad eos, et poterimus adversus illos:* «passemos o rio da outra
10 banda, porque é sinal que os havemos de vencer». Assim o disse Timóteo e assim aconteceu; porque, passando Judas primeiro o rio, foram vencidos os Amonitas. Pois se não se atrever o inimigo a passar o exército da banda de aquém do rio, é sinal de
15 haver de ficar vencido, vede se tem bons prognósticos a nossa vitória, pois ele esteve tão fora de passar o seu exército a esta parte, que antes impossibilitou a passagem, quebrando a ponte. E assim como não passar ele o rio é sinal de haver de ficar
20 vencido, assim irmo-los nós buscar a ele, é sinal de havermos de ser vencedores.

Como a matéria é tão nova e ao parecer difícil, quero ajuntar segunda nova. Quando Jónatas estava à vista do exército dos Filisteus, disse ao seu pajem
25 da lança desta sorte: Se os inimigos nos disserem: *Manete donec veniamus:* «esperai que nós imos», não os acometamos; porém, se disserem: *Ascendite ad nos:* «vinde-nos buscar a nós», em tal caso, *ascen-*

---

2. *I Macabeus*, V, 40.
4. *Ibid.*, 41.
6. *Ibid.*
26. *I Reis*, XIV, 9.
28. *Ibid.*, 10.

damus, quia tradidit eos Dominus in manibus nostris, hoc erit nobis signum: «acometamos animosamente, porque isto é que nos quer Deus entregar ao inimigo em nossas mãos». Da maneira que Jónatas
5 o disse, sucedeu; porque, esperando os Filisteus que ele os fosse buscar, acometeu Jónatas, e ajudado da noite e da confusão, alcançou a mais prodigiosa vitória que viu o Mundo.

O mesmo digo no nosso caso. Como o exército
10 filisteu, posto que o seja em respeito de nós, vindo a Portugal, nos não acometeu nas nossas praças, e espera que nós o busquemos nas suas; razão temos e bom anúncio de o fazer assim e entrar confiadamente, porque isto é sinal que Deus os quer entregar
15 nas nossas mãos: *Ascendamus, quia Dominus tradidit eos in manibus nostri: hoc nobis signum.*

VI

Pois se Portugal (torne agora a nossa dúvida), se Portugal nesta ocasião tem tantas e tão bem fundadas razões para confiar no poder do exército, no
20 valor dos soldados, na nobreza e obrigações dos que o seguem, na assistência do Rei, na justiça da causa e ainda nas mesmas acções contrárias e nossas; como se representa a nossa Judit, diante de Deus, com tantas desconfianças humanas, como as que
25 pudera ter no caso do maior desamparo e da maior miséria: *Exaudi me miseram deprecantem, et de tua misericordia præsumentem?* Oh que prudente ora-

---

2. *Ibid.*

ção! Atègora vos falei, Senhores, como a Portugueses, agora e daqui por diante, como a Cristãos. Em todas as razões que tenho dito, tiradas pela maior parte da vossa boca, posto que as tenhais por verdadeiras, nenhum fundamento havemos de fazer senão confiar sòmente da misericórdia de Deus: *De tua misericordia præsumentem,* porque esses aparatos, esses exércitos, essas forças humanas, sem a misericórdia divina tudo é miséria: *Exaudi me miseram deprecantem.*

David, aquele rei que de ambas as fortunas da guerra deixou ao Mundo os maiores exemplos, estava em uma ocasião de batalha com exército superior em tudo ao de seus inimigos; e, prostrado diante de Deus, fez esta oração: *Domine Deus meus, in te speravi, salvum me fac ex omnibus persequentibus me, et libera me, ne quando rapiat ut leo animan meam, dum non est qui redimat, neque qui salvum faciat:* «Deus meu, e Senhor meu — diz David — só em vós espero; defendei-me e livrai-me de meus inimigos, para que me não espedacem e tirem a vida como leões; pois vedes que não tenho quem me ajude nem me defenda». Repara muito S. Crisóstomo nesta última cláusula da oração de David, e contra ela e contra ele replica assim: *Collegit exercitum, et multos secum habuit: quomodo ergo non est qui redimat, neque qui salvum faciat?* «Se David tinha feito as maiores levas de gente; se David tinha consigo o mais florente e poderoso exército; se David (que isso só bastara) se tinha a si mesmo, o seu valor, a sua experiência, a

19. *Salmo* VIII, 2 e 3

sua espada, como diz, que não tem quem o ajude nem o defenda?» Bem diz David, responde Crisóstomo: *Quoniam ne universum quidem orbem terrarum auxilii loco habet, nisi opem divinam fuerit assequutus.* Sabia David como santo e como soldado, que ainda que tivesse consigo conjuradas e unidas todas as forças do Mundo, se não tivesse a Deus de sua parte, nada lhe podiam valer; por isso cercado de guardas e de batalhões, e no meio do mais poderoso exército, diz e protesta a Deus com muita razão que não tem quem o livre, nem o defenda: *Dum non est qui redimat, neque qui salvum faciat.* Assim entendia David as matérias da guerra e assim as devemos nós entender, se queremos ter bom sucesso.

De tua misericordia præsumentem. Ponhamos toda a nossa confiança na misericórdia divina, e façamo-nos dignos dela, se queremos sair com vitória. Humilhemo-nos diante de Deus; reconheçamos que de sua omnipotente mão depende todo o nosso remédio; reverenciemos com temor seus ocultos juízos; lembremo-nos de quantos reinos e monarquias se perderam em um dia e em uma batalha; pesemos bem quão ofendida temos a infinita bondade, depois de tantas mercês; consideremos e considere cada um quanto está provocando sua divina justiça o desconcerto de nossas vidas; e procuremos todos com verdadeiro arrependimento e firme propósito de emenda, aplacar e pôr da nossa parte o Céu. Se

---

3-5. Trad.: *Porquanto, na verdade, se não conseguir o auxílio divino, nem a posse de todo o orbe terráquio lhe condicionaria o auxílio.*

assim o não fizermos, (o dia é de falar com toda a clareza) se assim o não fizermos, temamos e tremamos, que nos poderá castigar a ira divina justìssimamente, e dar-nos um muito infeliz sucesso. Não nos fiemos em exércitos, nem em valor, nem em experiência, nem em vitórias passadas, nem ainda na justiça da causa; e o que é mais, nem nos favores do Céu e milagres da nossa restauração; porque quanto maior é da nossa parte o empenho, tanto mais geral pode ser a desgraça, e quanto mais conhecidas são as mercês do Céu, tanto será mais justificado o castigo.

Maior exército era que o nosso o dos filhos de Israel, que constava de seiscentos mil soldados; e porque ofenderam a Deus com as Madianitas, foram vencidos de bem poucos homens. Mais valeroso e mais experimentado capitão, sem fazer agravo aos nossos, era David que eles; e pelo adultério de Betsabé e homicídio de Urias, permitiu Deus que fugisse de um rapaz com umas gadelhas louras. As mais prodigiosas vitórias com que nenhum homem assombrou o Mundo, foram as que Sansão tinha alcançado dos Filisteus; e depois andava moendo em uma atafona, preso e arrancados os olhos, porque se deixou prender e cegar do amor de Dalila. Ninguém fez nunca guerra tão justa como Josué, quando entrou pela Terra de Promissão; porque as escrituras de que constava ser sua, eram as mesmas Escrituras Sagradas, e por um soldado se atrever aos despojos de Jericó, que estavam consagrados a Deus, foi vencido o exército nos muros de Hai.

Nenhuma liberdade foi confirmada com mais evidentes milagres, nem continuada com maiores

favores do Céu, que a dos filhos de Israel quando saíram do cativeiro de Faraó; e porque foram ingratos a estes benefícios divinos, só dois homens, de tantos mil, entraram na Terra de Promissão. Eis aqui como não há razões humanas, nem ainda divinas, em que possamos fundar seguramente a esperança de uma vitória, se nossos pecados a desmerecerem. Muitas prendas temos de Deus para esperar um grande sucesso, mas muito mais cousas temos em nós para temer um grande castigo.

Confiamo-nos em que a nossa restauração é obra de Deus, e que Deus, que o fez, o há-de conservar; e eu assim o creio e o espero; mas Deus é o mesmo agora que foi desde o princípio do Mundo. Quisera que me respondera Portugal a dois exemplos: Também Deus tinha posto a Adão no Paraíso, e porque foi desobediente, o lançou dele em três horas. Também Deus tinha libertado o povo do cativeiro do Egipto, e porque lhe foi ingrato, o sepultou todo em um deserto. Pois se Deus é este e nós não somos melhores, que vã confiança é a nossa? Nós não nos mudamos e queremos que se mude Deus?! Cuidamos que há-de dispensar Deus connosco no atributo de sua justiça?! Cuidamos que para nós e por nós há-de mudar as leis da sua providência?! Dizei-me (que o não quero perguntar a outrem): qual foi a razão da parte de Deus e qual a causa da parte nossa, por que nos tirou o mesmo Deus o rei e a liberdade e nos teve cativos sessenta anos? Todos dizemos e confessamos que pelos pecados de Portugal. Pois se Portugal se tem emendado tão pouco,

---

12. *O fez* refere-se pelo sentido ao *reino* a favor do qual Deus realizou a *obra da restauração*.

como vemos; se os pecados são hoje os mesmos e pode ser que maiores que dantes, como queremos que nos favoreça hoje Deus pelas mesmas culpas por que ontem nos castigava? Cuidamos que a jus-
5 tiça divina não tem mais que um castigo? Sete vezes libertou Deus o povo de Israel no tempo dos Juízes, e sete vezes o tornou a cativar, porque sete vezes reincidiram em seus pecados. Oh Portugal, que o não temo de Castela, senão de ti mesmo! Pôs Deus
10 a Adão no Paraíso: *Ut operaretur et custodiret illum*: «para que trabalhasse e o guardasse». E de quem o havia de guardar? — pergunto eu. Dos homens? Não, porque os não havia. Dos animais? Não, porque lhe eram sujeitos. Pois de quem
15 havia de guardar Adão o Paraíso? Sabeis de quem? De si mesmo. E porque ele o não guardou de si, por isso o perdeu. Todos nos cansamos em guardar Portugal dos Castelhanos, e devêramo-nos cansar mais em o guardar de nós. Guardemos o nosso Reino de
20 nós, que nós somos os que lhe fazemos a maior guerra. Por um pecado perdeu Adão o Paraíso; por um pecado perderam os anjos o Céu; por um pecado perdeu Saul o reino; por um pecado perdeu Absalão o exército; e nós cuidamos que com tantos
25 pecados temos a conservação segura! Entramos por Castela com confiança de grandes vitórias, e não sabemos quão grandes exércitos e quão poderosos lá estão prevenidos e armados contra nós! El-Rei pôs um exército em Portugal contra Castela, e cada um
30 de nós tem posto um exército em Castela contra Portugal.

---

11. *Génesis*, II,15.

E que exércitos são estes? — Os pecados de todos e os de cada um. Não são isto conceitos nem encarecimentos, senão verdades de fé. E se Deus nos abrira os olhos, nós veríamos os montes cobertos
5 destes exércitos, como os viu Giezi onde os não imaginava. *Circumdederunt me mala, quorum non est numerus, comprehenderunt me iniquitates meæ, et non potui, ut viderem:* «Eu — diz o rei penitente — estava cercado de inumeráveis exércitos, que
10 eram os pecados meus, e de meus vassalos; mas tão cego que os não via». Estes são os exércitos que temos contra nós em Castela: os pecados de cada um de nós, os pecados de toda Lisboa, os pecados de todo Portugal.

15 Mas vejo que me dizeis que, se da parte de Castela estão contra nós os pecados de Portugal, também da parte de Portugal estão contra eles os pecados de Castela. A razão e paridade é muito boa, porque a justiça divina é muito igual; mas contudo
20 não me consola. Se da parte de Castela, como da parte de Portugal, há pecados, também da parte de Portugal, como da parte de Castela, haverá castigos. Antigamente estavam unidos os reinos de Israel e de Judá debaixo do mesmo rei, como nós o está-
25 vamos; dividiu-se do reino de Judá o de Israel, como nós também fizemos, seguindo as partes de Roboão. E que se seguiu daí? — Seguiu-se que um e outro começaram a ter guerras entre si, e como em ambos os reinos havia pecados, castigava-os
30 Deus a ambos, não com exércitos estrangeiros, senão a um com o outro. A Judá castigava-o com

8. *Salmo* XXXIX, 13.

Israel e a Israel castigava-o com Judá. Isto é o que eu receio: que, como em Castela e Portugal há pecados, queira Deus castigar a Castela com Portugal e a Portugal com Castela. E nós estamos tão confia-
5 dos, que, não sendo o que era Judit, esperamos de Deus o que ela pedia. Notai: Judit, para si e para os seus, pedia misericórdia: *De tua misericordia præsumentem;* e para os inimigos pedia ira: *cadet virtus eorum in iracundia tua;* e a sua petição era
10 muito justa, porque os inimigos eram grandes pecadores e os de Betúlia estavam muito arrependidos. Porém que Portugal, tendo tantos pecados como Castela, para Castela peça a ira e para si a misericórdia, é querer que Deus seja injusto. Se Deus
15 está castigando pecados em Castela, queremos que premie pecados em Portugal?! Se ambos temos pecados, teremos castigos. E acrescento eu que mais deve temer Portugal dos seus pecados, do que Castela dos seus. E porquê? — Porque os pecados de
20 Castela são pecados de gente castigada, e os pecados de Portugal de gente desagradecida. E estes provocam muito mais a ira divina. Tantas ingratidões sobre tantos benefícios! Tantos esquecimentos de Deus sobre tantas mercês de Deus! Deus quebrando
25 as leis da natureza e fazendo milagres por nós, e nós faltando a todas as leis da razão, cometendo tantas ofensas contra Deus! Não conhece a Deus quem o não teme em tal estado. Que importa que Cristo despregasse o braço, se nós lho tornamos
30 a pregar com nossos pecados?: *Iterum crucifigentes Filium Dei.*

---

29. *Vid.* nota da pág. 227.

VII

Este é, Senhores, sem afectação e com a sinceridade devida a este lugar, o perigo em que estamos. Se o queremos remediar, como devemos querer todos, o remédio é um só, mas que está em nossa
5 mão. E que remédio é este? Emendar a vida, arrepender e chorar muito de coração nossos pecados. Se matarmos estes inimigos, logo venceremos os outros. Cessem as paixões malditas da carne, que tantos exércitos têm perdido; cessem os ódios,
10 cessem as invejas, cessem as guerras intestinas da emulação; amemo-nos como próximos, com uma caridade muito verdadeira e muito cristã. Ajudemos as armas dos nossos soldados com as da penitência, do jejum, da oração, da esmola. Suas
15 Majestade e o Reino façam algum voto a Deus, à imitação dos santos reis antigos, que por este meio propiciaram a misericórdia divina. Sobretudo, façamos pazes com o mesmo Deus e ponhamo-nos todos em sua graça com resolução e firmíssimos
20 propósitos de o não ofender mais. E se assim o fizermos, eu prometo de aqui em seu nome que nos há-de dar a vitória e feliz sucesso que desejamos. Não é este empenho meu, senão da mesma verdade e palavra divina, que não pode faltar, e assim o
25 tem prometido no capítulo XXVI do *Levítico: Si in præceptis meis ambulaveritis et mandata mea custodieritis* [...] *persequemini inimicos vestros, et corruent coram vobis:* «Se fizerdes a minha vontade

---

28. *Levítico,* XXVI, 3 e 7. Na 1.ª ed. (1692) ocorre *fizéreis.*

— diz Deus — e guardardes os meus preceitos, vencereis a vossos inimigos e cairão vencidos a vossos pés». E se o não fizermos assim? Ouvi agora e tremei: *Quod si non audieritis me et non feceritis*
5 *omnia mandata mea, ponam faciem meam contra vos; corruetis coram hostibus vestris; et subjiciemini his, qui oderunt vos:* «E se não obedecerdes nem guardardes minha lei, sereis vencidos dos vossos inimigos e ficareis sujeitos e cativos daqueles
10 que tanto ódio vos têm». Todas estas palavras são de fé: vede se podem faltar, tanto pela parte da promessa, como do ameaço.

Pelo que, fiéis Portugueses, se o amor da Pátria, se o amor do Rei, se o amor das prendas, que todos
15 tendes naquele exército — os irmãos, os pais, os filhos; se estes e os outros parentescos ainda mais estreitos vos merecem alguma cousa, não sejamos tão cruéis contra eles e contra nós mesmos, que com os nossos pecados estorvemos as misericórdias
20 divinas. Em nossas mãos está a vitória, pois em nossa liberdade está o não ofender a Deus. Amemos a Deus ao menos por amor de nós; e tomemos por devoção todos, para que Deus nos dê vitória, não o ofender mortalmente jamais e, muito particular-
25 mente, em quanto andar o nosso exército em campanha. Quem há tão imprudente que ofenda aquele de quem depende e no mesmo tempo em que mais depende? Pois se nesta ocasião dependemos tanto de Deus, porque nos atreveremos a ofendê-lo? Se

---

1. Na ed. de 1692 ocorre *guardáreis e* como (1-8) *obedecêreis* e *guardáreis;* mas em correlação com *cairão* (2) e com *sereis vencidos* (8), só se compreendem as formas verbais do futuro do conjuntivo.

fazemos pazes com Holanda, para nos defender de Castela, porque não faremos pazes com Deus, para que o tenhamos por nós na mesma guerra? Façamos estas pazes que não têm as dificuldades das outras
5 e estão na nossa mão. Ponhamo-nos todos na graça e debaixo da protecção deste único Senhor dos Exércitos e nenhum haja de nós que, nesta hora, com todo o coração e toda a alma, não capitule esta paz e amizade perpétua, com o propósito muito
10 firme e irrevogável de nunca mais ofender a Deus e sempre o amar e servir.

Mas porque não é segura confiança a que se põe em corações humanos, ainda que se funde nos interesses da sua própria conservação, quero, Senhor,
15 tornar-me só a vós, como Judit, e esperar só em vossa infinita misericórdia e obrigá-la com vossas mesmas palavras, que são as últimas da sua e nossa oração. *Memento, Domine, testamenti tui:* «lembrai-vos, Senhor, do vosso testamento»; lembrai-vos
20 de vossas promessas. Hoje faz quatrocentos e cinquenta e dois anos que acabou a vida mortal el-rei D. Afonso Henriques, fundador do reino de Portugal; e hoje faz cinco anos (sem se advertir em tal concurso de tempo) que foi recebido nesta corte
25 e começou a reinar El-Rei D. João IV, o restaurador do mesmo Reino. Dia é este, Senhor, muito para vos trazer à memória as promessas que então fizestes ao primeiro rei e nele ao último, que também agora é o primeiro. Prometestes a el-rei D. Afonso
30 (como ele testemunhou e jurou no seu testamento) que, «depois de atenuada sua descendência, poríeis os olhos de vossa misericórdia na décima-sexta geração sua»: *Usque ad decimam sextam generationem, in qua attenuabitur proles, et in ipsa sic*

attenuata ego respiciam et videbo. Sendo, pois, o rei por quem nos restaurastes a mesma geração décima-sexta, tempo é, Senhor, de pordes nele e em nós os olhos da vossa divina misericórdia, se 5 não por nossos merecimentos, pelos muitos e grandes daquele santo rei que tanto vos soube servir então e obrigar para o futuro. Ponde os olhos, Senhor dos Exércitos, no nosso exército; e lembrai-vos que todo é daqueles Portugueses que no mesmo 10 testamento escolhestes para conquistadores de vossa Fé e para, debaixo de suas armas, levarem o vosso santíssimo nome às gentes tão remotas e estranhas, que antes de nós o não conheciam: *Ut portent nomen meum in exteras nationes.* Este é, Senhor, o 15 vosso testamento, e testamento é também o nosso, que assim lhe chamastes, este diviníssimo Sacramento em que estais presente. Sobre o testamento de vossa palavra, lembrai-vos também do testamento de vosso amor: *Memento, Domine, testa-* 20 *menti tui;* e mereça-nos esta lembrança, quando em tudo o mais nos falte o merecimento, o muito que esta cidade e este Reino, entre todos os do Mundo e em todas as partes dele se assinala na veneração e culto desse soberano mistério. Em virtude desse 25 Sagrado Pão, sendo visto descer do Céu, foi tão forte a espada de Gedeão, que venceu os exércitos sem número dos Madianitas. E este mesmo foi o exemplo com que animastes o primeiro rei na mesma hora em que vos mostrastes descoberto a seus olhos

---

1, O passo latino é, segundo a *Crónica de Cister,* de Fr. Bernardo de Brito, extraído da promessa de Cristo a D. Afonso Henriques, na véspera da batalha de Ourique.

e lhe mandastes tomar a coroa, cuja perda e restituição logo então lhe anunciastes. Os soldados e capitães que a defendem, todos vão armados com esse divino escudo que levam dentro do peito, dele
5 só esperam a fortaleza e o valor e a ele só prometem referir a vitória. Vossos são e vosso o Reino por que pelejam. E pois o Rei que está em campanha é o mesmo ascendente de quem dissestes: *Volo in te et in semine tuo imperium mihi stabilire,* para
10 estabelecimento e conservação deste Reino, até que chegue à grandeza que lhe promete o nome de império vosso: *Memento, Domine, testamenti tui.*

INDICE

CORRECÇÕES E ADITAMENTOS

Além de outras incorrecções que não vale a pena indicar, como as de pontuação, excessivamente abundante em vírgulas, e outras como *os* por *dos* (p. 10, l. 16), *E* por *E'* (48, 21), *que* por *quem* (62, 3), *à* por *a* (93, 20), *Ecclesiastes* por *Ecclesiasticus* (149, nota), *Touro* por *Toro* (234 nota), *despressivo* por *expressivo* (242 nota), *nostri* por *nostris* (252, 16), para estas sobretudo chamamos a atenção:

Pág. 18 linha 15 *corpo* em vez de *copo*.
» 64 » 15 *nescio* em vez de: um *Nescio*.
» 141 » 3 *cortes* em vez de *cores*.
» 149 » 29 *cades* em vez de *Cades*.
» 252 » 3 *é que* em vez de *é sinal que*.

Na nota da pág. 116 confessa-se não se saber a data do sermão; mas, atentando melhor, não é difícil estabelecer que deveria ser no primeiro ano da estadia de Vieira no Maranhão, onde chegou em Janeiro de 1653, alguns meses depois da divisão da capitania em dois governos, pelo diploma de 27 de Abril de 1652. Passada a oportunidade da efectivação do decreto, que deveria ter sido bem antes da chegada do jesuíta, que incidente o terá determinado a pregar o sermão? Ignoro-o.

Na nota à página 217, é preciso desfazer uma confusão: D. Francisco Manuel, como Vieira, acreditava que o

sal sobe do mar com o vapor que forma as nuvens; mas, enquanto o orador julgava que descia com a chuva a entranhar-se na terra, M. de Melo cria que ele *ficava no coração da nuvem:* «Olhai cá, senhores, — diz Lípsio no *Hospital das Letras* — o homem sábio se há-de haver com as disciplinas como as nuvens com as águas; é bem, porque as nuvens bebem as águas salgadas do Oceano, as venham assim chover com o seu próprio sal sobre a terra? Então fora a nuvem assolação e não fecundidade. O sal há-de ficar no coração da nuvem e a água se há-de estilar à terra.» *Apólogos Dialogais* (Bibliot. de Clássicos Portug.), pág. 105.

Se Vieira tivesse lido o *Cursus Philosophicus,* do seu irmão em religião P.e Francisco Soares, p. 364 do tomo I, não teria errado neste ponto. Ali se refere o que se passa nas salinas, para se concluir: *sane quod evaporatur non est salsum, quod relinquitur salsum est.*